



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Carlos Henrique Pereira de Souza

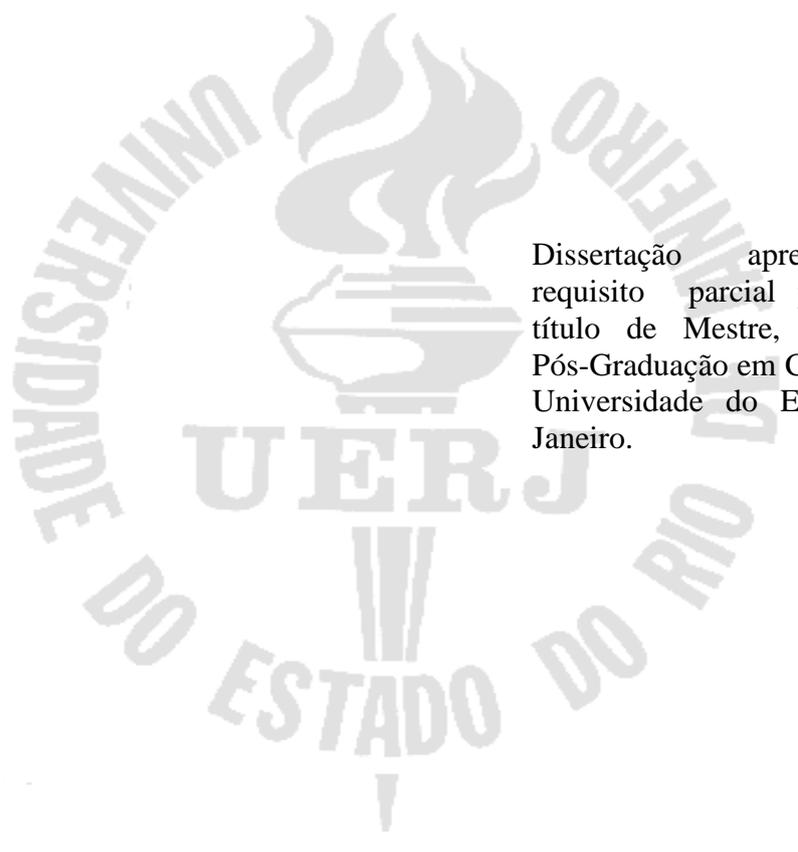
**Entre a capela e a catedral: tensões e reinvenções da identidade religiosa
na experiência do protestantismo histórico atual**

Rio de Janeiro

2013

Carlos Henrique Pereira de Souza

**Entre a capela e a catedral: tensões e reinvenções da identidade religiosa na
experiência do protestantismo histórico atual**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Dra. Cecília Loreto Mariz

Rio de Janeiro

2013

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/ BIBLIOTECA CCS/A

S729 Souza, Carlos Henrique Pereira.

Entre a capela e a catedral: tensões e reinvenções da identidade religiosa na experiência do protestantismo histórico atual / Carlos Henrique Pereira Souza. – 2013. 236 f.

Orientadora: Cecília Loreto Mariz.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Bibliografia.

1. Protestantismo – Rio de Janeiro (RJ) – Teses. 2. Pentecostalismo – Rio de Janeiro (RJ) – Teses I. Mariz, Cecília Loreto. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 284

Autorizo apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Carlos Henrique Pereira de Souza

Entre a capela e a catedral: tensões e reinvenções da identidade religiosa na experiência do protestantismo histórico atual

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 26 de março de 2013.

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Cecília Loreto Mariz (Orientadora)

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Prof.^a Dra. Márcia de Vasconcelos Contins Gonçalves

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

Prof. Dr. Waldemar Figueiredo Filho

Escola Superior de Propaganda e Marketing

Rio de Janeiro

2013

AGRADECIMENTOS

Nenhum escritor é uma ilha. Um texto traz mundos, retoma tempos, refaz caminhos e ressuscita cenas e pessoas. Este trabalho não teria sido possível sem a presença de muita gente. É preciso com isso mencionar e agradecer-las.

A Capes pela bolsa concedida que possibilitou esta pesquisa.

Meu obrigado para a Prof^a Cecília Mariz, minha orientadora, quem acompanhou meu trajeto desde os primeiros passos no curso, ainda como ouvinte. Obrigado pela generosidade, compromisso e cuidado que teve até o último instante.

Aos professores Valdemar Figueredo e Márcia Cotins pela participação e contribuições feitas. Igualmente aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, pelo incentivo, colaboração e pelas experiências durante o curso que ampliaram os horizontes deste iniciante no mundo das Ciências Sociais. Aos funcionários Francisco, Sônia e Wagner, sempre atenciosos conosco. Meu carinho.

Aos amigos que fiz durante o curso, apesar da correria dos dias, sempre deixam sua marca em nós: Alexander, Cláudia, Clemir, Elisa, Márcia, Ronald, Vanessa e Janine. Obrigado.

Aos meus pais, que sempre me apoiaram em todas as minhas decisões. Obrigado pelo amor dedicado de vocês. Obrigado pela paciência e por perdoarem minha ausência em alguns momentos. Para minha irmã Amanda e ao Eduardo, que sempre estão ao meu lado em tudo. Sem me esquecer da pequena Maria Eduarda, pelo riso que acompanhou minhas horas de estudo e escrita, pela bagunça que faz com meus livros.

Ao amigo Edu, esse espírito inquieto de quem eu gastei muito a paciência. Na angústia nasce um irmão. Também à Alice, Danyel, Cheila, Cinthya e Diego. Presentes cada um do seu jeito, mas sempre presentes.

Para a querida Esther Kuperman, quem incentivou o primeiro trabalho sobre protestantismo na graduação, e se tornou uma grande amiga ao longo dos anos. A culpa é sua. E a professora e amiga também, Marize Bastos, amizade pulsante que cresceu nas músicas e ideias compartilhadas sobre o mundo e a vida.

Aos amigos Josias, Marriel, Clayton e Edson. Saudades do Bennett, nossos papos, aulas e tudo o que se passou. Estamos juntos!

À comunidade da Catedral Metodista do Catete, seus pastores e lideranças assim como toda a comunidade e pessoas com quem convivi durante a pesquisa de campo e que colaboraram com este trabalho de forma tão especial. Vocês estão presentes não só nos nomes

e palavras, mas na forma de compreender e de ter surpreendido meu olhar durante aqueles domingos. Obrigado pelo carinho de vocês.

Terminando, um agradecimento especial à professora Clara Mafra (in memoriam), que participou da qualificação. O carinho e apoio dela, seu profissionalismo e competência nas aulas, indicações de leituras, conversas de corredor e brincadeiras sempre estarão na lembrança de seus alunos.

Porque na muita sabedoria há muito enfado; e o que aumenta em conhecimento, aumenta em dor.

Qoelet, Eclesiastes, cap. 1,18

RESUMO

SOUZA, Carlos Henrique Pereira de. *Entre a capela e a catedral: tensões e reinvenções da identidade religiosa na experiência do protestantismo histórico atual*. 2013. 236 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

O trabalho analisa as transformações ocorridas nas igrejas protestantes históricas no campo religioso atual. A partir da análise de um estudo de caso feito em uma igreja histórica no Rio de Janeiro, a pesquisa busca compreender que elementos podem ser identificados na experiência religiosa desta comunidade, que indicam transformações em sua identidade religiosa. A reflexão parte de uma discussão sobre a própria noção de pentecostalização, que no contexto do campo religioso evangélico, tem sido utilizada como elemento que simboliza a disputa de identidade entre os grupos ligados ao protestantismo histórico e os movimentos pentecostais. O texto faz uma análise sobre as tensões existentes entre grupos tradicionais, ligados ao que foi chamado aqui de intelectualidade protestante, que faz uso do termo como categoria acusatória, ou seja, a pentecostalização para estes setores seria uma espécie de degeneração da tradição das igrejas históricas. A pesquisa visa repensar essa categoria que aparece no campo religioso, discutindo aspectos teóricos sobre a acusação aos pentecostais e sua influência no campo como uma religiosidade mágica que é enfrentada pela religiosidade intelectualizada presente na tradição histórica do protestantismo. A noção de pentecostalização utilizada na pesquisa aponta que para além dessa dicotomia magia (pentecostais) e religião (históricas), estão ocorrendo mudanças importantes na identidade religiosa evangélica, onde as igrejas históricas estão dialogando e resignificando elementos da matriz pentecostal com o objetivo de resignificar essas práticas a fim de dialogar com as mudanças ocorridas no campo evangélico atual, principalmente diante do crescimento do movimento pentecostal.

Palavras-chave: Protestantismo histórico. Pentecostalismo. Pentecostalização.

ABSTRACT

SOUZA, Carlos Henrique Pereira de. *Between the chapel and the cathedral: tensions and reinventions of religious identity the experience of current historical protestantism*. 2013. 236 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

The paper analyzes the changes occurring in the mainline Protestant churches religious field current. From the analysis of a case study in a historic church in Rio de Janeiro, the research seeks to understand which elements can be identified in the religious experience of this community, which indicate transformations in their religious identity. The reflection part of a discussion of the notion of Pentecostalization, which in the context of the religious evangelical, has been used as an element that symbolizes the struggle between identity groups linked to historical Protestantism and Pentecostal movements. The text makes an analysis on the tensions between traditional groups, linked to what was here called Protestant intelligentsia, which makes use of the term as accusatory category, ie Pentecostalization for these sectors would be a kind of degeneration of the tradition of the historic churches. The research aims to rethink this category that appears in the religious field, discussing the theoretical aspects of the charge to the Pentecostals and their influence on the field as a religious magic that is faced by religion in this intellectualized historical tradition of Protestantism. The notion of Pentecostalization used in this research indicates that beyond this dichotomy magic (Pentecostal) and religion (historical), there are important changes in the evangelical religious identity, where the historic churches are talking and redefining the matrix elements for the purpose of Pentecostal resignificar these practices to dialogar with the changes in the evangelical field day, especially given the growth of the Pentecostal movement.

Keywords: Historic protestantism. Pentecostalism. Pentecostalization

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	O PROTESTANTISMO HISTÓRICO E A IDEIA DE PENTECOSTALIZAÇÃO.....	24
1.2	Religião e magia: A tensão entre a religiosidade pentecostal e as concepções teológico-intelectuais sobre o campo religioso.....	26
1.2.1	<u>A pentecostalização e a dança das identidades: O trânsito das identidades entre igrejas históricas, pentecostais e neopentecostais no atual campo evangélico.....</u>	31
1.2.2	<u>A invenção da tradição reformada e acusação dos movimentos pentecostais: O protestantismo histórico no Brasil e sua herança reformada diante da perspectiva modernizadora da noção de cultura como elementos diferenciadores entre históricos e pentecostais.....</u>	34
1.3	Hoje a gente é somente evangélico e crente: A reação da inteligência protestante brasileira e a pentecostalização como processo de degeneração.....	39
1.3.1	<u>A inteligência protestante brasileira: Área impuramente acadêmica.....</u>	42
1.3.2	<u>As primeiras impressões: A influência do movimento pentecostal na Igreja Metodista no Rio de Janeiro.....</u>	45
1.4	Os tipos protestantes históricos do Brasil: Visões sobre o protestantismo brasileiro e sua repercussão sobre a leitura do movimento pentecostal e da pentecostalização das igrejas históricas.....	47
1.4.1	<u>Émile G. Leonard e o protestantismo brasileiro.....</u>	51
1.4.2	<u>Rubem Alves e o protestantismo da reta doutrina.....</u>	58
1.4.3	<u>Antônio Gouvêa Mendonça e o protestantismo pietista no Brasil....</u>	61
2	TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO MOVIMENTO METODISTA - EMOCIONALISMO, RELIGIOSIDADE POPULAR E A GENEALOGIA DO PROTESTANTISMO DE MISSÃO.....	64
2.1	Entre a racionalidade e a emoção: O metodismo e a transição da racionalidade para o emocionalismo no protestantismo moderno...	66

2.2	O movimento metodista e a religiosidade das missões protestantes: Conflitos entre o engajamento social e o surgimento do conservadorismo.....	73
2.3	O pentecostalismo: Origem e principais características.....	77
2.4	O pentecostalismo no Brasil.....	79
2.5	As similaridades entre o movimento metodista e o pentecostalismo: O ethos fundador da religiosidade evangélica brasileira a partir do movimento metodista e pentecostal.....	81
2.6	Catedral do Catete e o metodismo no Brasil entre a tradição e a renovação carismática: Tensões entre a religiosidade intelectual e a experiência religiosa popular.....	84
3	ENTRE A CAPELA E A CATEDRAL – FORMAS DE AGENCIAMENTO E RESIGNIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS RELIGIOSAS NO PROTESTANTISMO HISTÓRICO ATUAL.....	97
3.1	Análise dos elementos dos cultos: Arranjos e rupturas na litúrgia a partir das diferentes religiosas dos cultos da Catedral.....	102
3.1.1	<u>O culto de 8h30: Aspectos da tradição e religiosidade protestante histórica no metodismo.....</u>	103
3.1.2	<u>O Culto de Adoração (11h): O culto tradicional.....</u>	107
3.1.3	<u>O culto das 17h: A experiência da capela histórica.....</u>	115
3.1.4	<u>O culto do avivamento (19h): Catedral e o diálogo entre o protestantismo histórico e a cultura contemporânea.....</u>	118
3.1.5	<u>Culto Culto de Libertação às quintas-feiras: Um exemplo de resignificação dos elementos de cura e libertação pela religiosidade protestante histórica.....</u>	127
4	A ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL (EBD): ESPAÇO DA TRADIÇÃO BÍBLICA-ASCÉTICA DO PROTESTANTISMO BRASILEIRO.....	132
4.1	A classe de bíblia: A presença do ideário civilizador do protestantismo de missão diante da religiosidade pentecostal.....	133
4.2	A classe dos jovens e o diálogo com elementos da cultura contemporânea: Expressão corporal, música e pentecostalismo....	139
4.3	A classe dos homens e o metodismo carismático.....	141
5	O DISCURSO SOBRE A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE: A	

	PROSPERIDADE À MODA METHODISTA.....	146
5.1	Análise dos sermões: Resignificação do discurso da prosperidade através da atribuição ética e moral na relação fiéis dos fiéis com Deus.....	152
5.2	A experiência religiosa: Uma análise dos diferentes discursos sobre a identidade religiosa dos fiéis.....	156
6	A JUVENTUDE E AS MUDANÇAS NA CATEDRAL: A CONQUISTA DO ESPAÇO ATRAVÉS DA SACRALIZAÇÃO DA CULTURA CONTEMPORÂNEA.....	162
7	TENSÕES EM CAMPO: A IDENTIDADE METHODISTA ATUAL E OS CONFLITOS COM A RELIGIOSIDADE INTELECTUAL.....	168
8	CONCLUSÃO.....	177
	REFERÊNCIAS.....	184
	ANEXO A – Entrevistas.....	194
	ANEXO B – Questionário.....	229
	ANEXO C - Boletim e Liturgia.....	231
	ANEXO D - Carnê da campanha.....	232

INTRODUÇÃO

É interessante como algumas imagens são capazes de retornar ao presente. Era uma igreja histórica em um bairro do subúrbio. Durante os cultos o pastor falava ao público sobre o “privilégio” ainda hoje, participar de um culto com coral e liturgia. O coral cantava um hino antes da homilia. A música trazia sempre uma mensagem relacionada ao texto bíblico, preparando o clima para o sermão. Elementos como coral, homilia e liturgia eram motivo de satisfação daquele pastor. Indicavam que a igreja ainda mantinha viva a sua tradição histórica. Era “uma das poucas igrejas do bairro que mantinham a herança reformada”, comparando com outras igrejas que estavam mudando. Que mudanças eram estas? O que estava dizendo com isso? Esta imagem ilustra algumas questões desta pesquisa.

O que levava este pastor a se orgulhar e destacar com algo extraordinário sobre os aspectos litúrgicos da sua igreja? É sobre estas e outras perguntas que esta pesquisa foi desenvolvida. Considerando as transformações ocorridas no protestantismo histórico atual e o avanço do pentecostalismo, esta dissertação traz a seguinte questão: Estaria o protestantismo histórico brasileiro passando por um processo de “*pentecostalização*”? Como este fenômeno tem sido tematizado?

A partir destas perguntas o presente estudo tem como objetivo analisar as transformações ocorridas no protestantismo histórico brasileiro através das transformações da identidade no campo religioso atual. A proposta é refletir de que forma o tema da “*pentecostalização*” traz implicações na discussão sobre as identidades religiosas dos evangélicos atuais e especificamente, da identidade atual do protestantismo histórico e sua relação com o movimento pentecostal. Com isso também será necessário refletir sobre os conflitos de poder e identidade em torno do uso da expressão “*pentecostalização*”, como ela é abordada neste estudo.

Sendo assim, é importante apresentar como o uso desta expressão se reflete campo religioso. Inicialmente ela tem sido identificada como um fenômeno ocorrido com as igrejas históricas na década de 1960. Alguns autores acadêmicos ligados ao campo religioso identificaram a origem da “*pentecostalização*” com o surgimento das igrejas “históricas renovadas”. Conforme classificação feita por pesquisa do ISER (Instituto Superior de Estudos de Religião), essas igrejas surgiram com a ruptura de grupos carismáticos nascidos no interior das denominações históricas (FERNANDES et. al., 1998; CAMPOS, 2011). Estas rupturas

ocorriam a partir da disputa entre os grupos carismáticos em conflitos com a identidade histórica, causando a expulsão ou saída de grupos que fundavam novas igrejas com o nome “renovadas”. Este seria o processo indicando que estas igrejas já traziam indícios de uma “pentecostalização” em curso. Como o relato da entrevista com professor e pastor Luiz Longuini¹ (2011). Segundo o entrevistado este é um processo que vem ocorrendo nas igrejas históricas, e que tem se manifestado desde as rupturas dos anos 1960 com as “renovadas”. Assim, grupos tradicionais estariam aderindo a práticas da experiência pentecostal, como ministérios de louvor, cultos de cura e libertação assim como manifestações de êxtase.

Contudo, outro fenômeno está ocorrendo trazendo novas perspectivas. Recentemente a ideia de pentecostalização vem ganhando novos contornos e apontando transformações nas igrejas históricas. Alguns artigos² e eventos acadêmicos³ estão utilizando a expressão pentecostalização para afirmar que as igrejas históricas estão aderindo aos elementos da identidade pentecostal. Ao contrário das rupturas causadas pelas “renovadas”, agora são as igrejas históricas que estão se renovando. Alguns autores destacam a pentecostalização como um processo que ocorre na forma de “num gradiente”, onde o fenômeno varia de acordo com a “denominação, a congregação ou o próprio indivíduo” (SMIRDELE, 2011, p. 78). Em artigo⁴ recente, Valdermar Figueredo (2012) destacou que as igrejas históricas estão passando por um processo de transformação que também foi identificado como pentecostalização. Este fenômeno estaria provocando a incorporação de elementos do pentecostalismo nestas igrejas.

¹ Teólogo e pastor presbiteriano, Doutor em Ciências da Religião (UMESP) e autor do livro *O novo rosto da missão: Os movimentos ecumênico e evangelical no protestantismo latino americano*. Viçosa: Editorial Ultimato, 2002.

² Outros eventos e publicações recentes estão apontando o uso da expressão pentecostalização. Em artigo recente apresentado na Associação Brasileira de História das Religiões, Valter Borges dos Santos (2011) analisa o processo de pentecostalização que refletiu sobre a origem da pentecostalização do protestantismo brasileiro a partir de grupos que adotaram práticas pastorais e liturgias pentecostais na Igreja Metodista, onde sua análise identifica no uso da “glossolalia” como fenômeno central no processo de pentecostalização, que segundo o autor afirma “está na pauta da discussão, portanto, urge verificar o que é esse fenômeno. Nessa pentecostalização o ‘falar n’outras línguas’ é a característica central do movimento. Afinal de contas, o que é a glossolalia?” (DOS SANTOS, 2011, p. 5).

³ Participando do 7^a Congresso Internacional e Interdisciplinar da Rede Europeia de Pesquisa em Pentecostalismo Global (GloPent), em fevereiro de 2013, o teólogo e professor da Faculdades EST, Rudolf von Sinner, comentando sobre o pentecostalismo, afirmou que ocorre uma “pentecostalização” na América Latina que atinge as igrejas históricas. O endereço eletrônico sobre o evento é: <http://www.est.edu.br/noticias/visualiza/igrejas-historicas-protagonizam-movimento-de-pentecostalizacao> [acesso em Abril de 2013].

⁴ Texto publicado na revista on-line “Cristianismo hoje”. O endereço eletrônico é: www.cristianismo hoje.com.br [acessado em dezembro de 2012].

Seus cultos e celebrações passam a contar com elementos e práticas antes identificadas como restritas ao movimento pentecostal. Outro destaque é que este fenômeno é visto como uma forma de degeneração da identidade destas igrejas, que para as “elites cultas” (FIGUEREDO, 2012) do protestantismo representa a “degeneração” de sua “tradição reformada”. Neste sentido pode estar revelando não apenas a mudança no perfil das igrejas, como a disputa de grupos protestantes históricos que por meio das lideranças e intelectuais concorrem pela identidade no campo religioso, defendendo o que consideram a sua “herança reformada”. Para estes grupos a pentecostalização representa a influência da crença pentecostal no reforço de concepções mágicas do mundo nas igrejas históricas. Isto ocorreria em consequência da predominância de concepções encantadas fortemente presentes no “ambiente pentecostal” (SMIRDELE, 2011, p. 89) o que explica o fenômeno ocorrido nas igrejas históricas. Como estas mudanças podem afetar as relações sociais e a disputa de identidade no campo religioso? Que implicações este processo pode trazer para pensar a identidade do protestantismo histórico no campo religioso atual?

Um dos problemas colocados aqui é o conflito causado pelo preconceito destes segmentos intelectuais do protestantismo histórico diante da “perda” de sua identidade reformada. Estes intelectuais acusam a pentecostalização como sendo uma degeneração do protestantismo histórico (FIGUEREDO, 2012). Neste sentido, esta visão estaria colocando os históricos como portadores de um “sistema ético por excelência” e as práticas pentecostais como “ritualismos mágicos” (BIRMAN, 1997, p. 62). Sendo assim, para pensar este fenômeno é importante considerar a disputa entre intelectuais protestantes e a religiosidade pentecostal, trazendo como um dos aportes teóricos a disputa em torno do capital simbólico de intelectuais e sacerdotes como detentores da religião institucional e os “hereges”, como sendo representados pela religiosidade pentecostal. Nesta lógica estes estariam trazendo as “impurezas” para dentro do protestantismo histórico (BOURDIEU, 1992). Aqui se considera que esta disputa ocorre em um contexto social onde os pentecostais, devido a ênfase no discurso sobre a “batalha espiritual”, acabam sofrendo acusação de religião mágica, mostrando uma visão pejorativa promovida pela religião institucionalizada que busca não ser identificada com este tipo de religiosidade (MARIZ, 1995, 1997; BIRMAN, 1997).

Algumas considerações teóricas sobre religião no mundo contemporâneo

Inicialmente é preciso compreender o fenômeno da pentecostalização a partir do

campo religioso atual. Este tem sido marcado pela ampliação da pluralidade religiosa (MARIZ, 1999, p. 33), pelo processo de desinstitucionalização e a transição de uma “religião de origem para a religião da escolha” (PIERUCCI, 2006, p. 20-21). A relação entre a “religião de escolha” aqui pode ser exemplificada na ênfase dada a conversão individual (“decisão pessoal por Jesus”) que se tornou característica entre os evangélicos, principalmente pentecostais. Este tipo de crença possivelmente pode estar relacionada ao perfil religioso atual, em que “ser evangélico” é mais importante do que pertencer a uma denominação. É possível pensar em uma crise da identidade das igrejas históricas como consequência da universalização da identidade dos evangélicos, ou seja, de uma religião universal de salvação individual? Alguns estudos recentes apontam que a efusão de religiosidades e as mudanças na identidade do campo religioso indicam a formação de uma “macro-identidade evangélica” (MARIZ & GRACINO JÚNIOR, s/d) ⁵. Algumas entrevistas analisadas feitas neste estudo irão indicar este aspecto nas igrejas históricas.

Questões como estas conduzem a reflexão sobre a mobilidade e os fluxos identitários do campo religioso atual, assim como o papel das instituições religiosas diante dos movimentos que emergem em seu interior. Seria “essa tal” pentecostalização como forma de degeneração do protestantismo histórico? Ou é possível identificar neste processo uma mudança na identidade dos evangélicos em geral, que está se refletindo nas transformações ocorridas nas igrejas protestantes tradicionais?

Algumas análises consideram que as rupturas com as tradições religiosas tem relação com o atual trânsito de identidades e as mudanças ocorridas no campo religioso. Estas mudanças seriam decorrentes do colapso das metanarrativas contemporâneas. Para Hervieu-Léger (2008), este colapso traz a experiência de indivíduos que se comportam como “peregrinos” em busca de novas práticas religiosas, a fim de garantir a “segurança espiritual” diante das incertezas contemporâneas. Desta forma a religiosidade não ocupa mais um espaço sedimentado em tradições. Ela reinventa tradições a partir do processo de resignificação das identidades nas escolhas dos “convertidos”, que aderem a diferentes crenças livremente. Por ser transitória, ela é capaz de agregar elementos de diferentes tradições religiosas refletindo a fluidez dos laços identitários na contemporaneidade. Neste sentido a experiência religiosa no mundo atual seria constituída a partir da “bricolagem de crenças” (HERVIEU-LÉGER, 2008,

⁵ Artigo ainda não publicado.

p. 41), uma religiosidade que não está mais ancorada na tradição, mas sim na experiência pessoal e afetiva. Esta experiência levou a uma religiosidade que arrasta consigo elementos de distintas tradições religiosas.

Esta pulverização da crença religiosa constitui uma ameaça para a tradição histórica do protestantismo. E este quadro estaria se refletindo a rejeição e o preconceito com os neopentecostais, tanto dos históricos quanto das pentecostais clássicas⁶. Com isso, é possível que um outro lado da pentecostalização das igrejas históricas possa estar revelando a busca no campo religioso por um referencial ético da tradição protestante histórica (credos, confissões, discurso ético, intelectualidade teológica). Por sua vez, as igrejas históricas estariam aderindo a elementos do pentecostalismo para dialogar com estes grupos de fiéis, aliando sua tradição histórica com elementos presentes da religiosidade pentecostal. Este é um cenário possível. Sobretudo, considerando a identificação entre os históricos e pentecostais clássicos devido a sua postura mais ascética, enquanto os neopentecostais são acusados de terem uma menor preocupação ética e moral em detrimento da fruição do mundo (MARIZ & MACHADO, 2005, p. 5). Haveria assim uma identificação entre neopentecostais e a cultura contemporânea que se reveste na forma de mercantilização da fé, o que traz a acusação de religiosidade mágica e profanadora da “herança reformada”. No entanto, alguns autores destacam que esta visão revela um preconceito que não reflete a realidade destes grupos. Outras análises apontam que os neopentecostais possuem elementos éticos alinhados com a cultura contemporânea, que tem como característica a fruição do mundo (MARIZ & MACHADO, 2005). Destacar esses aspectos é importante tendo em vista que o uso do termo pentecostalização pode indicar uma visão pejorativa na perspectiva da intelectualidade protestante e a disputa pela sua identidade. Os recentes escândalos envolvendo igrejas neopentecostais podem ser um dado que reforça esta postura.

Estes são alguns apontamentos iniciais que podem ajudar a pensar melhor o fenômeno. É preciso o repensar a idéia de que o protestantismo histórico é o único que representa a tradição reformada onde a pentecostalização estaria atuando como um “solvente” desta tradição (PIERUCCI, 2006). Sendo assim, estaria o protestantismo histórico se

⁶ Não apenas uma disputa pela identidade religiosa entre protestantes históricos, pentecostais clássicos e os neopentecostais, mas como também, há a possibilidade de que os conflitos envolvendo personalidades do mundo evangélico no espaço público possam estar agravando esta reação na forma de uma blindagem identitária, através de diversos manifestos de grupos protestantes que insistem e não serem identificados com estas personalidades.

dissolvendo diante do avanço dos movimentos pentecostais? É possível pensar na possibilidade de uma nova forma de religiosidade “transversal” (BOBSIN, 2002) presente no campo religioso evangélico?

A proposta é trazer outro olhar sobre o protestantismo atual em tempos de globalização e pluralidade religiosa. Se por um lado a experiência religiosa se tornou individualizada, por outro é preciso questionar se essa religiosidade se resume a uma bricolagem de crenças e da diluição das instituições religiosas. Estas continuam presentes apesar da individualização da prática religiosa. Além disso é preciso considerar também a presença atual do dogmatismo e fundamentalismo religioso. Essa ampliação das formas de religiosidade contribuiu, por um lado, para o surgimento de novas formas de sincretismos religiosos e propostas de macroecumenismo e por outro, para o crescimento do fundamentalismo e da intolerância religiosa (MARIZ, 1999, p. 33). Sendo assim, é preciso compreender o protestantismo histórico a partir de sua formação social e identificar suas características principais, a fim de compreender as permanências e rupturas que estão ocorrendo no campo religioso atual.

Características gerais das igrejas históricas no Brasil: O que é o protestantismo histórico brasileiro?

O que chamamos aqui de protestantismo histórico se refere as igrejas oriundas das missões protestantes vindas para o Brasil no final do século XIX⁷, tais como Batistas, Metodistas, Presbiterianos, Congregacionais, Luteranos, Anglicanos. Este tipo de protestantismo se instalou no país em contraposição à hegemonia católica do império português. Ele enfrentou em seu passado dificuldades colocadas a partir do confronto entre seu pensamento liberal do protestantismo de missão com a cultura religiosa brasileira marcada pelo catolicismo ibérico (BONINO, 2003) na primeira metade do século XIX. No final deste mesmo século as missões tomaram novos rumos, onde ocorre a implantação das igrejas protestantes.

7 A segunda metade do século XIX foi marcada por diversas transformações que são significativas para a compreensão deste fenômeno. David Gueiros Vieira (1980) destaca o protestantismo missionário do século XIX no contexto da expansão capitalista e o ápice da modernidade mundo. Os missionários tinham uma espécie de “missão civilizatória”, onde a prática de propagação do evangelho estava inserida em um contexto maior, o de levar os “valores cristãos” ao mundo católico. Era a mentalidade européia da modernidade industrial, do imperialismo e do positivismo, simbolizando o progresso enquanto o catolicismo ibérico representava o “atraso” simbolizados pela escravidão e pela monarquia lusitana (ALVES, 1979).

Segundo Émile Leonard (1981), o protestantismo brasileiro foi marcado em sua formação social pela negação da cultura ibérica. As dificuldades em se estabelecer no Brasil se deram pela incapacidade intelectual da sociedade no tempo do Império de compreender a sua dinâmica cultural. A realidade cultural brasileira era bem distante e pouco se identificava com o protestantismo. O autor coloca em questão o confronto entre a cultura letrada e ascética (WEBER, 2004) na mediação bíblica diante do analfabetismo e das crenças populares. Instaurou-se o conflito entre a cultura letrada protestante em uma sociedade de analfabetos. Ocorria assim o choque entre a festividade “supersticiosa” do catolicismo com a religião intelectualizada dos missionários. Os primeiros protestantes encontraram dificuldades em estabelecer pontos de contato com a cultura nativa. Havia uma concepção por parte dos protestantes missionários no século XIX de que a sociedade era marcada por “práticas litúrgicas, os ritos, as cerimônias, a pompa, os intermediários (santos) identificam a Igreja Católica com uma religião pagã com forte dependência da mitologia. Não é cristã, uma vez que se afastou do Evangelho” (MENDONÇA, 1984, p. 82). O catolicismo representava um Brasil do passado enquanto o protestantismo trazia o a modernidade. No entanto, o protestantismo da modernidade passou por mudanças.

Além destes elementos, é importante destacar a influência dos movimentos avivalistas ocorridos nos Estados Unidos no século XIX (MENDONÇA, 1984; 2002). O aspecto principal desta influência foi a ênfase na emoção e conversão pessoal trazida pelo movimento pietista. Iniciando em 1675 com Phillip Jacob Spener, autor da obra *Pia desideria* (“Os desejos piedosos”) após a Reforma do século XVI, surge criticando a institucionalização da Igreja alemã. Pregando o estudo da Bíblia em pequenos grupos nos lares e a ênfase no sacerdócio universal através da participação dos leigos no esforço de buscar a renovação do cristianismo a partir da prática piedosa e de uma teologia mais devotada a renovação interior do homem. O movimento influenciou a piedade religiosa de homens como John Wesley, assim como as missões de William Carey (1761-1834), David Livingstone (1813-1873) e Albert Schweitzer (1874-1965) ambos missionários na África. A característica das missões foi legar ao protestantismo a marca da experiência pietista, o que representou um revigoreamento do protestantismo nos *avivamentos* surgidos na América no final do século XIX.

O misticismo protestante que neste trabalho assume as feições do que chamamos pietismo romântico tem, pois, as seguintes características: é um movimento, ou presença, no interior das igrejas, mas que corre à margem dos seus sistemas de poder, isto é, dogmas e confissões, e que cultivava romanticamente a convicção no auto-aperfeiçoamento humano por intermédio da devoção disciplinada da leitura da Bíblia e meditação nela. O componente central do misticismo protestante é a

liberdade do cristão – livre exame e busca pessoal de Deus em Jesus Cristo – e tem como consequência a criação e manutenção de uma ética pessoal e social. (MENDONÇA, 2008, p. 84)

A sua principal ênfase era na evangelização, conversão pessoal, leitura literal da Bíblia e uma religiosidade emotiva, marca dos *Grandes Avivamentos* ocorridos ao longo do século XIX, imaginário social presente nas missões da América Latina. A missão protestante tinha um forte apelo conversionista, baseado na experiência da “decisão pessoal por Jesus” e a mediação pela leitura da Bíblia, aspecto central da tradição do protestantismo histórico. Era uma experiência que combinava como forma de busca pela salvação práticas místicas, marcadas por “possessão” do indivíduo e pela experiência do sagrado a partir da ascese e na busca pelo aperfeiçoamento das virtudes (WEBER, 1974, p. 336). Este era o espírito presente no projeto civilizatório protestante, representado na época pelos Estados Unidos e sua doutrina do *Destino Manifesto* no contexto da expansão econômica do capitalismo no século XIX na América Latina 8. Era o protestantismo e sua proposta de modernização da sociedade contrariando o catolicismo representante do passado rural-escravocrata do Império.

Contudo, o protestantismo que se consolidou no Brasil mostrou elementos conservadores. Segundo Rubem Alves (1985), o protestantismo foi marcado pelo fundamentalismo moral e doutrinário que ele definiu como o “Protestantismo da Reta Doutrina” (P.R.D.). Este tipo de experiência protestante trazia a ênfase na moral pietista e na austeridade puritana da negação dos “prazeres do mundo”. Esse aspecto foi notado na experiência das igrejas históricas nos anos 1960, com seu fundamentalismo que levou a perseguição dos movimentos sociais influenciados pela *Teologia da Libertação* e do movimento ecumênico presentes em seus quadros.

Hipóteses

A partir de tais elementos é possível pensar que a pentecostalização pode estar relacionada a diferentes processos. Um deles é a individualização da sociedade atual que provoca nas instituições históricas a adesão aos elementos da matriz pentecostal, garantindo

8 Os missionários ingleses como o capelão James Cooley Fletcher (1823-1901) representaram em sua trajetória essa relação entre a missão protestante e a missão civilizatória na América Latina. Exemplo claro pode ser percebido quando da sua vinda para o Brasil, o fato de ele ter sido recebido em um escritório de comerciantes ingleses, onde ele viria ser capelão dos marinheiros britânicos. (VIEIRA, 1980, p. 62-65).

assim sua inserção no campo religioso. A flexibilidade dos laços tradicionais das igrejas históricas mostra um indicativo de que sua religiosidade está sofrendo interferências das dinâmicas sociais externas. Com isso há uma maior flexibilidade no perfil dos cultos, como sua modificação litúrgica e a mudança na temática das pregações para atender as diferentes demandas. Por outro lado estas igrejas estão resignificando as práticas pentecostais a partir de sua tradição e ao mesmo tempo criando uma forma de distinção em relação aos grupos neopentecostais, estes associados a religiosidade do mercado, enquanto as históricas teriam incorporado elementos pentecostais mantendo seu referencial institucional. Assim elas estão buscando dialogar com o cenário religioso para atender a aos fiéis que chegam. A chegada destes novos grupos pode estar promovendo uma resignificação da tradição metodista à luz dos elementos pentecostais presente na cena religiosa.

Outra característica pode ser vista na influência ocorrida do cenário evangélico pela “explosão gospel”, principalmente a partir dos anos 1990 (CUNHA, 2004). As mudanças na influência da música gospel e sua assimilação enquanto elemento simbólico trazendo essa religiosidade mais emotiva, indicam a abertura de espaço para manifestações carismáticas. O avanço da indústria gospel cresceu refletindo no culto da Catedral por meio das músicas que passam a dividir o espaço com os hinos tradicionais.

Objetivo da pesquisa

Considerando estes aspectos, este estudo pretende refletir sobre as transformações ocorridas no protestantismo histórico atual em um contexto marcado pelo avanço dos movimentos pentecostais e o trânsito religioso. Assim a pesquisa tem como objetivo identificar quais elementos estão representando ou não, a “*pentecostalização*” do protestantismo histórico no Brasil.

Um bom exemplo para pensar esse fenômeno é o caso das mudanças ocorridas na Catedral Metodista do Catete no final da década de 1990, com a introdução de cultos com características pentecostais e que inicialmente estariam aludindo a uma “*pentecostalização*”, refletindo no cenário metodista a questão colocada às igrejas históricas com o avanço do movimento pentecostal. Com isso serão analisados os elementos que atravessam a experiência do culto refletindo sobre o perfil assumido pela igreja no campo religioso. Esta abordagem será feita a partir de uma teoria social que repense a dicotomia magia/religião,

instituição/desinstitucionalização, como é vista na análise dos intelectuais protestantes. O objetivo é fazer uma leitura buscando uma análise de médio alcance, considerando a coexistência de diferentes práticas religiosas, que vão de experiências mais encantadas que atravessam a religiosidade intelectualizada constituindo um campo que por sua vez mostra acomodações e rupturas identitárias inseridas na lógica burocrática da igreja (BOURDIEU, 1992).

Com isso alguns objetivos específicos podem ser destacados como:

- a) Identificar na expressão pentecostalização uma categoria de acusação utilizada pelas lideranças e intelectuais ligados aos movimentos sociais e ao protestantismo histórico. Desconstruir a noção de que a pentecostalização seria uma forma de degeneração da identidade reformada.
- b) Perceber a adesão da religiosidade pentecostal como forma de disputa no mercado religioso. Identificar de que forma acontece a adesão de elementos pentecostais e o como isso reflete as mudanças do campo religioso.
- c) Compreender estas mudanças não como uma forma de degeneração mas sim, de estar em diálogo com estes elementos culturais. Caracterizar a reinvenção/diálogo com o campo religioso sem incorrer na pentecostalização como processo degenerativo, mas uma reinvenção/diálogo em que os elementos do pentecostalismo estariam cada vez mais presentes no campo religioso – músicas, mídia, livros, cultura, política – e como estes elementos são resignificados na tradição metodista.

Metodologia utilizada na pesquisa

Com isso a pesquisa de campo na Catedral tem como objetivo analisar estas mudanças, identificando na prática religiosa desta comunidade elementos de ruptura, tradição e reinvenção da experiência religiosa. Diante da complexidade do tema, esta pesquisa buscou focar em uma análise do cotidiano atual de uma igreja histórica. Por isso a proposta de uma pesquisa de campo que constitui um estudo de caso sobre a Catedral Metodista do Catete, no Rio de Janeiro, possibilitou uma leitura deste fenômeno, dando a oportunidade de perceber quais as nuances das transformações ocorridas.

A opção pela Igreja Metodista do Catete se deu por alguns motivos específicos. Primeiramente por se tratar de uma igreja histórica centenária e um dos marcos iniciais do metodismo missionário no Brasil. Sabe-se que os missionários metodistas ao chegarem ao Brasil tentam fixar-se no Rio de Janeiro a partir de 1835. A Catedral foi a primeira igreja metodista brasileira fundada em 1876, por John James Ranson, no Rio de Janeiro.

Esta igreja é conhecida entre os metodistas como a Catedral e é onde se celebram e realizam cultos e eventos sociais importantes da Regional Administrativa no Sudeste, chamada de 1ª. Região Eclesiástica dirigida atualmente pelo Bispo Paulo Lockman. Os bispos formam o colégio episcopal, responsável pela igreja nacional.

A pesquisa foi realizada com um trabalho de campo durante o período de Junho à Dezembro de 2012, com a observação participativa dos quatro cultos dominicais, além do culto de quinta-feira, chamado de “culto de libertação”. Os cultos tinham variações que passavam da liturgia tradicional aos cultos com extensos momentos musicais, os chamados “momentos de louvor”. Além disso, a pesquisa contou com a participação de outras atividades fora dos cultos, como um fim de semana em que participei do encontro de jovens em um Retiro no mês de Outubro e assistindo algumas classes de Escola Dominical.

A pesquisa contou com dez entrevistas que foram realizadas com alguns membros da igreja no período em campo. A escolha dos entrevistados foi feita em alguns casos, a partir da identificação ocorrida ao longo do percurso de campo, e em alguns casos com indicações das próprias pessoas. Procurei entrevistas pessoas de diferentes grupos sociais, tentando dentro do possível abranger os mais jovens tanto em idade, quanto em tempo de igreja, assim como pessoas mais idosas e aquelas com mais tempo de Catedral.

Outra metodologia utilizada foi aplicação de questionários a 121 pessoas. Tentou-se ter dados que pudesse permitir uma análise mais quantitativa no entanto sabendo que a amostra não tem representatividade estatística. Os questionários foram aplicados no dia 6 de Janeiro. O projeto inicial contava com uma entrevista com o Bispo Lockmann da 1ª. RE. Porém, um evento ocorrido durante o percurso dificultou o contato com o bispo e com a igreja por algum tempo. O fato foi que durante a pesquisa ocorreu a remoção do pastor titular e de seu auxiliar, que foram transferidos para outras igrejas. A notícia criou um clima de tensão na comunidade, pois os pastores eram bem carismáticos – sim, tanto no sentido da experiência *carismática* e/ou *pentecostal* quanto também por terem grande aceitação na comunidade. Este

processo, creio, talvez tenha refletido na dificuldade que tive de entrevistar o bispo. Apesar das várias idas à sede regional (em prédio anexo ao Instituto Bennett), não consegui agendar uma entrevista com ele. Assim como dificultou o encontro com o pastor titular, que apesar de ter sempre mostrado boa vontade em colaborar passou por alguns contratemplos que retardaram um pouco nossa conversa, ocorrida após o campo em Janeiro de 2013 assim como a aplicação dos questionários. Atualmente o pastor titular se encontra na igreja Metodista de Iguaba. O seu auxiliar, transferido para a metodista de Copacabana, parece atualmente ter iniciado um projeto pessoal, chamado “Igreja Betesda”.

Estrutura da pesquisa

A dissertação se estruturou da seguinte forma. O primeiro capítulo discutirá o conceito de pentecostalização identificando no uso desta expressão uma categoria de acusação. Será feita uma discussão sobre a relação entre magia e religião refletindo sobre a tensão entre a religiosidade pentecostal e as concepções intelectuais. Com isso será identificado o aspecto da acusação da pentecostalização como processo degenerativo na visão dos intelectuais protestantes.

No segundo capítulo será feita realizar uma abordagem mais histórica, buscando identificar os percursos percorridos tanto pelo protestantismo histórico quanto à chegada do pentecostalismo no Brasil e suas possíveis aproximações no tempo e no espaço. Será feita a análise histórica da Catedral inserida no contexto das transformações ocorridas na própria Igreja Metodista do Brasil, que passou por um processo marcado pela influência do engajamento social do pensamento ecumênico, a repressão deste movimento e o surgimento dos grupos carismáticos desde os anos 1960, até a adesão da Catedral aos cultos renovados no final da década de 1990.

A seguir virão os dados da pesquisa de campo que serão analisados no terceiro capítulo. Em primeiro lugar será feita uma análise dos dados quantitativos, onde será traçado um perfil social dos cultos. No momento serão analisados os dados das entrevistas com membros da comunidade. Também serão descritas a experiência de observação participativa dos cultos registradas a partir do trabalho etnográfico. A observação dos cultos trouxe muitos

dados como sermões, letras de músicas e as orações realizadas nos cultos, assim como datas comemorativas, que serão utilizados para traçar um perfil litúrgico destes

1. O PROTESTANTISMO HISTÓRICO E A IDEIA DE “PENTECOSTALIZAÇÃO”.

Neste primeiro capítulo refletirei sobre a ideia de pentecostalização do protestantismo histórico no Brasil. A “expressão” surgiu no meio protestante-evangélico e tem sido utilizada por alguns intelectuais protestantes e não-protestantes. A proposta é problematizar essa expressão e perceber suas repercussões nos debates ideológicos e teológicos. Será visto como o uso dessa expressão pelos intelectuais protestantes traz implicações sobre a própria identidade protestante histórica, já que na visão deste grupo, a pentecostalização seria uma ruptura com a tradição da Reforma que eles prezaram.

É importante destacar que a pentecostalização aqui não se refere ao processo resultante das rupturas que deram origem as igrejas renovadas. Conforme pesquisa O Novo Nascimento, estas igrejas surgiram a partir de cismas entre os grupos carismáticos nas igrejas históricas, e se tornaram numerosas a partir dos anos 1960 (FERNANDES et. al., 1998, p. 19). Segundo Paul Freston (1996), estas rupturas tiveram como causa o conflito entre a tradição intelectual do protestantismo histórico e a religiosidade mística influenciada pelo movimento pentecostal. Sobre esta questão destacou David Martin apud Paul Freston (1996) que estas rupturas podem ser entendidas não somente como uma cisão entre carismáticos e históricos, mas também uma forma de “adaptação do fenômeno pentecostal a outros grupos sociais” (MARTIN apud FRESTON, 1996, p. 202). Estes fenômenos indicam que o movimento pentecostal se expandiu não apenas numericamente, como também para outras camadas sociais e influenciando o protestantismo histórico e o colocando diante de um impasse: Renovar-se ou desaparecer. A partir disso esta pesquisa busca mostrar que um novo fenômeno tem ocorrido nestas igrejas.

Em artigo publicado na revista *Cristianismo Hoje*, Valdemar Figueredo (2012), pastor batista e acadêmico, usou o termo pentecostalização para descrever um fenômeno que tem atingido o campo religioso evangélico. Neste artigo ele argumenta que o movimento pentecostal estaria influenciando mudanças na religiosidade das igrejas históricas. Este avanço do pentecostalismo traz preocupação aos setores intelectuais das igrejas históricas, que consideram essa influência como uma forma de degeneração da tradição reformada.

A influência do pentecostalismo sobre as igrejas históricas pode ser identificada na mudança ocorrida em seus cultos assim como a adesão de elementos da religiosidade

pentecostal, através dos dons do Espírito Santo e o aspecto místico na experiência religiosa de seus fiéis. Esse processo pode causar conflitos com alguns setores, especialmente com os grupos intelectuais protestantes diante da resistência aos grupos pentecostais. Assim, encontra-se a tensão entre a inteligência protestante e a religiosidade cotidiana das igrejas históricas, aonde os fiéis cada vez mais se identificam com os elementos da matriz pentecostal. Estaria ocorrendo aquilo que Richard Niebuhr (1992) observou na história do protestantismo no século XIX no conflito entre os grupos intelectuais e a religiosidade popular (NIEBURH, 1992) ? Esta distinção se torna importante para compreender as disputas em torno da identidade protestante e os agentes envolvidos nela, impedindo o risco de usar o termo “pentecostalização” como categoria de acusação. O uso desta expressão pode indicar a preocupação de lideranças e intelectuais protestantes que identificam na “pentecostalização ” uma ameaça a sua identidade, visto que esta expressão não faz parte do vocabulário cotidiano dos fiéis. Sendo assim, é importante compreender o que é definido como protestantismo histórico e como sua identidade pode constituir um objeto de disputa no campo religioso.

Segundo Waldo César (1973), o protestantismo se tornou objeto de pesquisa como conseqüência da visibilidade social alcançada pelo pentecostalismo. Sendo um intelectual ligado ao à tradição protestante, organizou uma periodização dos estudos feitos sobre o protestantismo que pode ser dividido em três momentos: O primeiro de 1930 a 1940, onde as análises deixaram seu caráter confessional dando lugar a pesquisa histórica; o segundo, de 1940 a 1955, com o aparecimento das primeiras pesquisas das ciências sociais; o terceiro, de 1955 a 1964, quando ocorre o aprofundamento do estudo da relação igreja-sociedade. Nesse último período teriam começado a aparecer estudos sobre o pentecostalismo como vertente denominacional do protestantismo histórico.

Como Waldo César termina seu estudo em 1964, daremos prosseguimento ao seu trabalho acrescentando mais dois períodos. Após 1964, inicia-se uma fase pós-golpe militar que se reflete diretamente sobre toda a produção acadêmica e sobre as igrejas protestantes. Esse período fica marcado como a quarta fase, que vai de 1964 a 1970. A quinta fase dos estudos sobre o protestantismo acontece em parte numa análise do período anterior e com ênfase nos estudos sobre o movimento pentecostal e sobre a teologia da libertação e o ecumenismo por ela despertado. Essa fase vai de 1970 a 1990. Em 1990 iniciamos a fase atual, ou 6ª fase da produção de estudos sobre o protestantismo brasileiro, com especial ênfase no estudo dos movimentos neopentecostais. (RIBEIRO, 2007, p. 119)

O interesse pelo pentecostalismo após 1970 pode estar relacionado com a preocupação destes intelectuais em legitimar sua identidade histórica diante do movimento pentecostal. É o que este capítulo estará discutindo. Para isso será feita a análise de três visões sobre o

protestantismo histórico, mostrando como ele é representado através das obras de Émile Leonard (1981), Rubem Alves (1985) e Antônio Gouvêa Mendonça (1984; 1992). A primeira destas obras mostrou como o protestantismo histórico encontrou dificuldades de dialogar com a cultura religiosa, diante da impossibilidade de conciliar sua tradição intelectual com a religiosidade popular. Já Rubem Alves traz uma crítica ao conservadorismo protestante. A partir do conceito de “protestantismo de reta doutrina” (ALVES, 1985). A terceira análise é a de Antonio Gouvêa Mendonça, que identificou no protestantismo brasileiro o distanciamento da tradição reformada do século XVI, sob as influências dos avivamentos religiosos ocorridos nos Estados Unidos, tornando a experiência protestante uma fusão entre a ascese puritana e a mística pietista como são definidos por Weber (1974). Estas três leituras caracterizam a análise acadêmica de intelectuais ligados ao protestantismo histórico, que contribuíram para a construção de uma imagem das igrejas históricas distinguindo-as da religiosidade dos movimentos pentecostais.

1.2. Religião e magia: A tensão entre a religiosidade pentecostal e as concepções teológico-intelectuais sobre o campo religioso.

A visão do pentecostalismo como o “refúgio das massas” (D’EPINAY, 1970) marcou o imaginário dos intelectuais protestantes a partir dos anos 80. Um dos elementos que levaram à rejeição da religiosidade pentecostal é a atribuição mágica as suas práticas religiosas que nesta perspectiva funcionariam como forma de solução para os problemas. A ideia de que o pentecostalismo tem a função de “cura das almas” esteve presente neste período na análise dos intelectuais protestantes (BITTENCOURT FILHO, 1991, p. 11). Diante desta visão, os pentecostais aparecem como portadores de uma religiosidade mágica e em com isso seriam movimentos religiosos incapazes de promover transformação social. Assim surgiu o confronto com a intelectualidade protestante e os pentecostais devido a sua ênfase “nas práticas mágicas como ‘curas pela fé’ e pelo uso intensivo dos meios de comunicação mais avançados (‘tele-evangelismo’)” (LOWY, 2000, p. 185). Este imaginário opera a partir da lógica da distinção entre a religião intelectualizada e religião mágica.

É possível perceber que a distinção entre magia e religião conforme feita por Émile Durkheim (2003) está presente na crítica dos protestantes históricos. Para Dukheim (2003), a ênfase na solução de problemas por meios mágicos promove uma religiosidade individualista.

O mago estabelece uma relação de clientela com o fiel o que impede o surgimento de uma fraternidade religiosa. Mesmo que a magia apresente elementos rituais e até certo grau de institucionalização, a sua prática produz uma religião individualizada. Com isso os elementos mágicos do pentecostalismo seriam uma ameaça profanadora da herança reformada do protestantismo histórico, o que legitimaria a distinção feita pelos históricos aos pentecostais entre a religiosidade intelectual e a religiosidade mágica e mercadológica.

Não existe igreja mágica. Entre o mágico e os indivíduos que o consultam, como também entre esses indivíduos, não há vínculos duráveis que façam deles os membros de um mesmo corpo moral, comparável àquele formado pelos fiéis de um mesmo deus, pelos praticantes de um mesmo culto. O mágico tem uma clientela, não uma igreja, e seus clientes podem perfeitamente não manter entre si nenhum relacionamento, ao ponto de se ignorarem uns aos outros; mesmo as relações que estabelecem com o mágico são, em geral, acidentais e passageiras; são em tudo semelhantes às de um doente com seu médico. (DURKHEIM, 2003, p. 29).

No entanto, sabe-se que não se pode considerar o cristianismo como um fenômeno religioso unívoco. A perspectiva de uma identidade protestante histórica é contraditória com a ideia de que em seu interior, o cristianismo acolheu diferentes formas de práticas religiosas, sendo marcado ao longo de sua formação histórica por constantes processos de transformação. Diferentes doutrinas e correntes de pensamento, assim como práticas incorporadas de diversos contextos culturais fazem parte desse mosaico que é denominado religião cristã. E essa diversidade cultural até hoje traz ameaças de rupturas e provoca reações de defesa da identidade religiosa. Porém, o cristianismo é uma religião que começou como “uma doutrina de artesãos jornalheiros itinerantes” (WEBER, 1974, p. 311) e ao longo do tempo assumiu muitas formas. A história mostra que desde a antiguidade havia tensões em seu interior envolvendo disputas para estabelecer uma ortodoxia. Foi assim com os Concílios Ecumênicos em torno do debate sobre os primeiros dogmas cristãos como os embates sobre a divindade de Cristo, assim como a assumpção e maternidade divina de Maria (MEUNIER, 2005). Também na idade moderna as Reformas Protestantes colocaram em questão diferentes interesses que além dos reformadores, contava com religiosidades marginalizadas como as revoltas camponesas. Durante os séculos XVII e XIX, passou por novas transformações com os puritanos, pietistas e as diferentes confissões surgidas com o denominacionalismo americano (NIEBUHR, 1992). Este movimento de tensão entre a unidade doutrinária e as diferentes experiências cristãs giram em torno do esforço de purificar a prática religiosa presente em seu processo de institucionalização. Sendo assim, a “racionalização da vida religiosa” (WEBER apud BENDIX, 1986, p. 93) fez com que a “ofensa mágica” passasse a ser compreendida como o “pecado” que se apresenta como “causa básica de todas as desgraças” (WEBER,

1974, p. 316).

O processo de racionalização descrito por Weber, mostrou que na passagem da religião mágica para a religião ética, o cristianismo sublimou a orgia e o êxtase religioso, atribuindo um significado “metafísico a esses atos especificamente religiosos” tornando a magia em sacramento (WEBER, 1974, p. 321). A diferença é que para Weber, tanto magia quanto a religião são elementos que adotam racionalidades distintas. Em seu pensamento, Weber não diferenciou magia de religião, pois ambas estão inseridas no processo de racionalização. A distinção feita em sua análise aponta a prática da religiosidade mágica como uma experiência que disputa o campo religioso com a religiosidade do sacerdote, que está ligada aos templos e doutrinas (MARIZ, 2011, p. 81). Tanto a experiência mágica quanto a religiosidade institucionalizada são idealmente distintas, no entanto, no campo religioso acabam se manifestando de forma interdependente na prática cotidiana.

É importante observar que o processo de racionalização ocorrido no cristianismo reflete a necessidade de eliminar os movimentos que não fazem parte daquilo que os especialistas da religião e intelectuais definiram como elemento normativo. Sendo assim, a discussão sobre a tensão entre a religiosidade mágica e a religiosidade intelectualizada contribui para a compreensão do processo de “pentecostalização” das igrejas históricas. Para os intelectuais protestantes, este fenômeno representa a ameaça da ordem institucional, ou em outras palavras, a degeneração institucional do seu corpo de doutrinas e práticas definidas pela sua herança reformada. Neste sentido, a distinção entre magia e religião é adotada pelos intelectuais e é utilizada como categoria de acusação. A herança reformada funciona como um capital simbólico na disputa pelo poder no campo religioso (BOURDIEU, 1992). A acusação aos pentecostais revela a preocupação dos intelectuais em legitimar sua visão sobre o que é ser protestante. As práticas mágicas dos pentecostais acabam sendo o elemento usado para uma distinção entre as identidades pentecostais e históricas.

A partir das matrizes weberianas e durkheimianas, Bourdieu (1992) afirma que os interesses mágicos se distinguem da religião pelo seu caráter prático e imediato. Porém, no campo religioso, tanto as práticas mágicas quanto os dogmas e rituais interagem a partir do interesse dos diferentes agentes religiosos o que possibilita compreender o campo religioso e a complexidade de suas relações (BOURDIEU, 1992). Desta forma é preciso destacar que as relações presentes no campo religioso são complexas. À medida que as religiões se institucionalizam, criam um campo que envolve relações distintas em diferentes formas de

agenciamento. Sendo assim, é possível identificar no campo religioso tanto os interesses mágicos em tensão com os interesses de legitimação dos sacerdotes. Com isso se faz necessário compreender o campo religioso em suas “diferentes instâncias em sua relação” que não podem ser reduzidas ao simples embate entre religião mágica e religião intelectualizada (BOURDIEU, 1992, p. 81). As esferas da ação religiosa não se dão somente na figura do indivíduo carismático, mas também envolvem diferentes formas de interação dos agentes religiosos. Conforme Bourdieu (1992) afirma, a ideia de interação das ações religiosas não está clara em Weber, mas analisando melhor a sua teoria, ele consegue perceber a importância dada aos agentes religiosos, enfatizando este aspecto da interação entre eles. Esta análise ajuda a compreender a questão da pentecostalização como um processo envolvendo diferentes formas de agenciamento a partir dos interesses e significados relacionados aos diferentes agentes no campo religioso. Esta perspectiva amplia a compreensão do processo de institucionalização do campo religioso e ajuda a compreender melhor como os diferentes agentes se relacionam. Visto desta forma, o campo religioso é formado por tensões múltiplas entre a burocracia religiosa que despreza a religiosidade irracional, assim como as instituições buscam instrumentalizar e domesticar as práticas mágicas, revelando tensões e acomodações que atravessam a formação do campo religioso.

Não se deve, então, colocar em oposição a invenção individual e o hábito coletivo. Constância e rotina podem ser obra de indivíduos, inovação e revolução podem ser obra de grupos, de subgrupos, de seitas, de indivíduos agindo por e para os grupos. E, para acabar de vez com a representação do carisma como uma propriedade ligada à natureza de um indivíduo singular, seria necessário, ainda, determinar, em cada caso particular, as características sociologicamente pertinentes de uma biografia particular.. (BOURDIEU, 1992, p. 93-94)

Neste sentido, a análise do fenômeno religioso feita por David Lehmann (2012), destaca o papel da religião popular como a experiência que se mantém ao longo do tempo nas tradições religiosas. O autor parte do princípio que a religião é o modo pelo qual “invocamos, mobilizamos e nos relacionamos com o sobrenatural” (LEHMANN, 2012, p. 219). A sua análise destaca a importância dos intercâmbios com o sobrenatural e da interdependência entre religião popular e institucionalizada para o entendimento de hábitos religiosos, onde sua intenção é destacar o aspecto cognitivo da religião e sua importância para compreender as transformações do campo religioso. Para ele, tanto a cura de doenças ou a busca pelo equilíbrio emocional/existencial fazem parte do mesmo fenômeno que se manifesta de diferentes formas no mundo atual. Existem elementos da religiosidade popular que atravessam e permanecem presentes ao longo da tradição religiosa, e se modificam ao longo do tempo, seja na busca pela cura e ou no caso das formas mais intelectualizadas. O interessante é observar que

mesmo as práticas mágicas operam em relação com a instituição em busca de legitimidade. Neste sentido o mago também seria um tipo de experiência religiosa “carismaticamente qualificada” (WEBER, 2009, p. 280). A magia acaba encontrando formas institucionais de legitimar sua prática, onde o rito apresenta tanto as experiências mágicas quanto as práticas institucionais que acabam nele sendo legitimadas. A leitura de Lehmann (2012) questiona a dicotomia entre religião mágica e religião institucional, em que a religião popular se mantém viva no interior das tradições e emerge em busca da necessidade de legitimação coletiva. Ela não é apenas vivida de forma privada ou cotidiana criando formas de afirmação coletiva através da mediação por especialistas que dão credibilidade as suas práticas.

A religião popular tem, na verdade, características que se mantêm comuns em diferentes culturas e ao longo do tempo, pelo seu profundo envolvimento com a cura ou com a prevenção de doenças; com a previsão e o rechaço de boatos e intrigas; com a adivinhação e controle do futuro; assim como com o conceito de vida após a morte e com os modos com os quais os sobreviventes lidam com a perda de seus familiares. (LEHMANN, 2012, p. 219).

O compreende o fenômeno religioso a partir da relação entre magia e religião como parte de um núcleo comum da experiência religiosa. Com isso a religiosidade popular é portadora do “ritual envolvendo troca com um agente sobrenatural” onde “há sempre um intermediário: um médium ou uma instituição como a Igreja” (LEHMANN, 2012, p. 221). O ritual é o momento em que o carisma encontra legitimidade para o grupo, através de intercâmbios que ocorrem nos momentos coletivos como a celebração do culto. Sendo assim, o pentecostal não pode alegar ter recebido o Espírito Santo num lugar privado ou em segredo, da mesma forma como uma visão da Virgem Maria não tem nenhum valor se não for reconhecida, ou um exorcismo, por exemplo, que necessita ser testemunhado para ter legitimidade.

Se por um lado o pentecostalismo pode estar atravessado por experiências religiosas encantadas/mágicas (cura, prevenção, visões e êxtase sagrado) isto não quer dizer que tais elementos são ameaças ou significar a ausência de instituição. Tendo em vista que estas práticas atualmente se encontram em algumas igrejas históricas, é preciso pensar a “pentecostalização”, não enquanto forma de degeneração ou desinstitucionalização destas igrejas, mas como um fenômeno que revela mudanças no campo evangélico atual. É possível que as igrejas históricas apresentem em seu interior diferentes práticas que constituem o núcleo comum da experiência religiosa. Neste caso, a religiosidade pentecostal pode estar encontrando espaço dentro da esfera institucional e por sua vez sendo instrumentalizada pela

instituição que tenta controlar os elementos mágicos resignificando-os em sua tradição, como na adequação das músicas à liturgia, criando celebrações para atender grupos específicos através da adesão de práticas como cultos de cura e libertação que estão deixando de ser exclusividade da identidade pentecostal. Ocorre assim um processo em que estão imbricadas as práticas populares dos movimentos pentecostais e a busca pela legitimidade institucional das igrejas históricas. Como observou Paul Freston (1996), existem tendências que apontam a pentecostalização das igrejas históricas ⁹.

Se as trocas geridas em rituais oficiais, envolvendo noções tais como transubstanciação e o conceito da Trindade são extremamente obscuros para os indivíduos, a religião popular compensa amplamente. Faz-se difícil vender a promessa da salvação a indivíduos, mas os ritos que estão ligados a ela (ou seja, a sagrada comunhão, o batismo, as festas, a reza do rosário etc.) e as atividades comunitárias como a manutenção dos prédios da igreja e a assistência às suas muitas atividades e trabalhos de caridade tanto criam mecanismos múltiplos de identidade comum entre os fiéis como também premiam contribuições de tempo e energia com status, respeito e, na verdade, o prazer e orgulho de colaborar com uma grande e prestigiosa instituição. (LEHMANN, 2012, p. 225)

Estas considerações ajudam a perceber o quanto o campo religioso é complexo. Assim como ocorre no catolicismo brasileiro e como tem ocorrido no meio protestante, é possível encontrar nas igrejas históricas atuais uma diversidade de crenças e práticas comuns entre os fiéis de diferentes denominações. Esta complexidade é um fenômeno que para alguns autores (PACE, 1997; STEIL, 2001; PIERUCCI, 2006) constitui a marca da modernidade, onde diferentes formas de expressão religiosa, institucionais e não-institucionais, tradicionais e renovadas “convivem no contexto de um pluralismo que parece não colocar limites à diversidade” (STEIL, 2001, p. 117).

1.2.1 A “pentecostalização” e a dança das identidades: O trânsito das identidades entre igrejas históricas, pentecostais e neopentecostais no atual campo evangélico.

A ideia de problematizar a “pentecostalização ” das igrejas históricas leva a refletir sobre as mudanças na própria identidade evangélica em geral, apontando para um possível,

⁹ Assim como a historicização do movimento pentecostal. As igrejas acabam criando diferentes mecanismos que possibilitam a diversidade de interações e agenciamentos dos indivíduos em com diferentes formas de expressão religiosa (FRESTON, 1996, p. 206). Esta definição de certo modo parte de uma perspectiva que vê uma linha evolutiva entre as diferentes tradições do protestantismo no Brasil, colocando uma certa carga hierárquica entre as igrejas históricas e as pentecostais e neopentecostais, onde as análises ficam em torno da gradação e da proximidade em relação a sua origem.

mas não definitivamente, esfacelamento das identidades das igrejas históricas e pentecostais. Alguns relatos recentes de líderes protestantes mostram que este fenômeno vem ocorrendo no meio das igrejas do protestantismo histórico. Análises feitas pelos intelectuais protestantes como é o caso da entrevista feita com Luiz Longuini¹⁰, professor de teologia e pastor presbiteriano, apresentam o seguinte quadro:

Tive um grande professor, Sociólogo da Religião, professor Antonio Gouveia de Mendonça, que dizia de maneira muito clara: o Protestantismo Histórico vai acabar. O que vai permanecer é, são as Igrejas Neo-pentecostais e o Pentecostalismo como forma religiosa. Preste atenção, essa frase dele, nós conversamos muitas vezes e tal, não quer dizer que a Igreja Histórica vá acabar, vá deixar de existir a Igreja Presbiteriana, a Metodista... não, nada disso. O que vai acontecer é que a religiosidade do Protestantismo Histórico se tornará, **se tornará uma religiosidade carismática ou pentecostal**. E é o que nós estamos vendo hoje.¹¹

Ele também destaca que a influência do movimento pentecostal tem atingido as denominações históricas.

Nesse primeiro momento, de 60 a 70. O que aconteceu? Houve uma divisão. Todas as Igrejas passaram por divisões. Então você teve na Igreja Independente, que foi a primeira, começou no Paraná, etc e tal. Você teve um racha, uma divisão. Surgiu a Igreja Presbiteriana Renovada. Na Igreja Batista você teve a mesma coisa. A partir do movimento em Belo Horizonte com Eneias Tonine e a partir daí uma Igreja Batista Renovada e uma outra Convenção, a Convenção Nacional. E isso foi acontecendo com todas as Igrejas Históricas. Muito tardiamente isso aconteceu na Igreja Evangélica de Confissão Luterana, que é coisa agora da década de 90, dentro do movimento carismático bastante disfarçado com o nome de **Encontro**.¹²

Mesmo confissões como a Igreja Luterana, caracterizada como “protestantismo de migração” (MENDONÇA, 2002, p. 27), estão atualmente aderindo ao pentecostalismo. Recentemente¹³ o professor e pastor João Valença, de tradição presbiteriana, durante conversa sobre esta questão, afirmou que na Região Sul do Brasil existem igrejas luteranas que estão substituindo os hinos tradicionais por louvor gospel, que segundo ele “estão cantando até Lagoinha”. Em outra ocasião¹⁴, o pastor presbiteriano Marcos Medeiros relatou que a Igreja

¹⁰ Entrevista realizada em agosto de 2011.

¹¹ Idem.

¹² Idem.

¹³ Esta conversa aconteceu em um congresso no final de 2012 através da participação em mesa sobre Religião e Religiosidades na América, organizada pela professora Maria Tereza Toríbio e pelo professor João Valença, no III Congresso Internacional das Américas, na UERJ em outubro de 2012.

¹⁴ Relato concedido pelo Reverendo Marcos Medeiros, pastor auxiliar da Igreja Presbiteriana Unida da Penha, RJ. Em Janeiro de 2013.

Presbiteriana Unida (IPU), em algumas comunidades estão aderindo a elementos da religiosidade pentecostal dentre de suas liturgias tradicionais. O pastor contou que em visita a uma Igreja Presbiteriana do Jardim das Oliveiras (SP)¹⁵, observou haviam ocorrido mudanças no perfil de seus cultos. A igreja manteve a liturgia tradicional pela manhã e modificou o culto noturno, inserindo música gospel contemporânea (o “louvor”) com banda e um estilo mais informal. O culto vespertino conta hoje com a participação de um grupo musical “de louvor” e a celebração não possui liturgia impressa passando a ter maior ênfase na oralidade. Basicamente a celebração se resume ao *louvor* e a pregação. Segundo ele, esta mudança trouxe o crescimento numérico da igreja, principalmente no culto da noite, muito freqüentado pelos jovens que segundo ele são estimulados por essas mudanças. Um dado importante é que essa igreja é uma comunidade localizada em um bairro nobre da cidade, o que leva a pensar que o movimento pentecostal está atingindo igrejas históricas e outros segmentos da sociedade.

Estaria então colocado um dilema para as denominações históricas: Para continuar existindo o “protestantismo histórico irá assimilar os principais eixos teológicos e litúrgicos do pentecostalismo, selecionando de acordo com a sua tradição os traços que mais se aproximem de sua ‘performance’ tradicional” (CAMPOS, 2011, p. 527)? Alguns intelectuais parecem concordar com essa situação, atribuindo a ela a causa das mudanças ocorridas no perfil do culto destas igrejas.

Onde é que isso se manifesta? De maneira muito forte, a primeira manifestação disso, nos cultos, na liturgia. Então, dificilmente você vê uma Igreja Histórica hoje que tem uma liturgia mais de acordo com os parâmetros históricos. Nem sei se deveria ter. Estou falando só por uma constatação. Então hoje o culto o que é que é? É o louvor, é o louvorzão, é o ministério profético, é o louvor profético.¹⁶

A análise de campo feita na Catedral Metodista do Catete tem mostrado um processo semelhante. Os dados apontaram um quadro onde existem pessoas que afirmam crer nos dons do Espírito Santo, assim como o falar em línguas (glossolalia) e cultos que trazem o nome de “libertação” ou “avivamento” como é comum no meio pentecostal. Estes cultos possuem propósitos específicos como “cura”, “libertação” e a “corrente das sete semanas”. Contudo, mesmo tendo incorporado estas modificações, a igreja não rompeu com a sua tradição, mantendo elementos da sua identidade histórica como os cultos com liturgia tradicional e a

¹⁵ Segundo seu relato, essa visita foi feita durante um encontro da igreja em 2010.

¹⁶ Entrevista realizada em 3 de agosto de 2011.

não-ruptura.

Estes relatos apontam que as identidades religiosas do mundo evangélico estão sofrendo modificações. As classificações que definem o campo evangélico em protestantes de imigração (luteranos, anglicanos, reformados), de missão (batistas, metodistas, presbiterianos, congregacionais) e pentecostais clássicos (Assembléia de Deus, Congregação Cristã) e as neopentecostais “agências de cura divina” (MENDONÇA & VELASQUEZ, 1992), ou “pentecostalismo autônomo” (BITTENCOURT FILHO, 1994) podem estar sendo influenciadas pela religiosidade carismática presente no movimento pentecostal. O que este fenômeno pode estar indicando? Estaria o protestantismo histórico fadado a desaparecer?

É pouco provável que não. No entanto, é possível pensar que as identidades do campo evangélico estão se modificando, indicando o surgimento de uma “macro-identidade evangélica” (MARIZ & GRACINO JÚNIOR, 2012), que tem sido identificada por alguns autores que analisam a inserção dos evangélicos na vida pública, a partir de eventos envolvendo a participação de diferentes denominações como “Marcha para Jesus” assim como na atuação política da bancada evangélica, fenômenos que não enfatizam as delimitações denominacionais e nem confessionais entre tradicionais, reformados, pentecostais ou neopentecostais (MARIZ & GRACINO JÚNIOR, 2012, p. 4) ¹⁷. Contudo, essa unidade em torno do “ser evangélico” não significa a invalidação das classificações e tão pouco desconsiderar o papel das instituições. Porém, é importante destacar que essa “macro-identidade evangélica” traz implicações para os intelectuais protestantes tendo em vista que as igrejas históricas que acabam sendo identificadas apenas como evangélicas, o que representa um desprestígio a sua tradição histórica que passa a ser identificada com a pentecostal. Estes elementos possibilitam refletir sobre a influencia do pentecostalismo no culto das igrejas históricas, mostrando que a religiosidade pentecostal está ganhando força nos setores históricos, revelando assim sua capacidade de transmutação para outros contextos sociais.

1.2.2 A invenção da tradição reformada e acusação dos movimentos pentecostais: O protestantismo histórico no Brasil e sua herança reformada diante da perspectiva modernizadora da noção de cultura como elementos diferenciadores entre históricos e

¹⁷ Artigo não publicado.

pentecostais.

Como foi visto, o protestantismo brasileiro atual passa por transformações em que as identidades religiosas vão aderindo a elementos que apontam para uma nova religiosidade evangélica. Contudo, essa macro-identidade evangélica não significa o desaparecimento das instituições, mas sim uma menor ênfase na distinção denominacional. Os fiéis se identificam com elementos comuns da tradição evangélica, como a crença na salvação pessoal por Jesus, a Bíblia como objeto sagrado e a ênfase na atuação do Espírito Santo e seus dons.

A disseminação da mentalidade pentecostal entre as várias denominações eclodiu os limites negociados tradicionalmente. As fronteiras anteriormente cruzadas, por causa do pietismo, avivalismo e puritanismo dos missionários de várias denominações de procedência americana, não conseguiram estabelecer barreiras. Esses limites entraram em decomposição diante de um rolo compressor que na sua passagem a tudo nivela. Com isso foi surgindo uma "religiosidade protestante mínima", popular, com fronteiras fluidas, remarcadas ao sabor das necessidades sócio-psicológicas dos pobres, excluídos e "sobrantes" da vida moderna e pós-moderna. (CAMPOS, 2011, p. 515)

Assim temos uma pluralidade de liturgias distintas para cada perfil religioso coexistindo nesta macro-identidade evangélica. Uma questão que precisa ser levada em conta é que essa pulverização ou “protestantismo mínimo” (CAMPOS, 2011) não implica no desaparecimento institucional. O fenômeno revela que a tradição cristã traz consigo processos de dissidências que sempre viveram em tensão com a intelectualidade institucional. Esta tensão entre rupturas e acomodações de práticas e tradições tem sido uma característica do protestantismo desde sua origem.

Os valdenses assimilaram o calvinismo; os lolardos fundiram-se com a corrente não-conformista inglesa; os irmãos morávios começaram como uma tendência dentro do hussitismo. Três das mais representativas formas de cristianismo radical no início da Europa moderna tiveram origens medievais: o anabatismo, o milenarismo camponês e o antinomianismo dos espíritos libertos da disciplina pela sua consciência de superioridade espiritual. (FERNÁNDEZ-ARMESTO & WILSON, 1997, p. 19).

Em conjunto com a diversidade de movimentos sociais manifestos nos diferentes cristianismos, havia muitas formas litúrgicas, como a história mostra desde a época medieval, através do contato com as culturas germânicas que influenciou as celebrações cristãs com “graus de ênfase colocados em diversos elementos da história da salvação – não só variava de um lugar para o outro; também evoluía constantemente” (FERNÁNDEZ-ARMESTO & WILSON, 1997, p. 25). O cristianismo traz disputas internas que como consequência, acabam gerando disputas em torno do estabelecimento da sua ortodoxia, eliminando tudo aquilo que é considerado degeneração da tradição. Este fenômeno pode estar ocorrendo com os

movimentos pentecostais a partir do instante em que são estigmatizados como religião mágica e encantada, enquanto o protestantismo histórico seria a legítima tradição protestante na América Latina. Por isso é importante delimitar a origem histórica dos movimentos pentecostais e do protestantismo histórico, buscando a especificidade de cada fenômeno assim como suas aproximações e distanciamentos.

Quem primeiro identificou as características do pentecostalismo foi Walter Hollenwegner (1996). Dentre elas o autor destacou a ênfase na tradição oral (herança da cultura negra de Willian Seymour, 1870-1922), como as danças, manifestações corporais durante os cânticos das celebrações além do êxtase religioso. A característica da identidade pentecostal é a crença no batismo com o Espírito Santo e a glossolalia. Por sua vez a categoria *neopentecostais*¹⁸ foi criada pelos cientistas sociais brasileiros para designar as igrejas que não tinham vínculos com as igrejas históricas (MARIZ, 1995, p. 39). Os neopentecostais se destacam pela sua ênfase na trilogia cura prosperidade e libertação e como igrejas que aderiram ao modelo de marketing, com um discurso de empreendedor (CAMPOS, 1999; CUNHA, 2007). O termo *neopentecostal* traz em si um processo de distinção entre os protestantes e os pentecostais clássicos, que visam estabelecer uma fronteira com a religiosidade popular presente no neopentecostalismo, pois este traz muito mais elementos da matriz religiosa brasileira.

O conceito começou a ser utilizado no Brasil a partir dos anos 1990 para identificar justamente estas igrejas “mágicas” e “encantadas”, distantes dos costumes tradicionais tanto do protestantismo histórico quanto das pentecostais mais tradicionais. A sua ênfase no êxtase religioso e na valorização da expressão corporal, assim como a perspectiva de uma religiosidade que busca a afirmação da vida neste mundo em que as bênçãos adquiridas se concretizam em sucesso material, são as causas do conflito de identidades entre os grupos evangélicos. Este tipo de interpretação pejorativa do neopentecostalismo acaba comprometendo a análise do fenômeno atualmente como mostra a preocupação dos grupos intelectuais. Dentre os motivos destas preocupações, estaria o uso de meios mágicos como forma de obter a solução de problemas e a ausência de valores éticos dessa religiosidade mais prática e voltada para questões deste mundo.

¹⁸ Em algumas análises o neopentecostalismo é definido como desdobramento do pentecostalismo, pois a IURD surgiu de uma igreja pentecostal (Nova Vida) o que a desvincula de laços com a tradição histórica (MARIANO, 1999, p. 51-53).

Porém, alguns estudos trazem perspectivas que apontam para uma compreensão de que o neopentecostalismo não sofre de uma ausência de ética ou princípios. Existem análises que identificam uma ética que está voltada para o mundo moderno, tendo em vista que a “teologia da prosperidade defende que Deus dá saúde, longa vida, muitos filhos e riqueza material àqueles que cumprem seus mandamentos” (MARIZ, 2005, p. 10). Atualmente as ciências sociais romperam com esta perspectiva produzida sob a influência da visão dos intelectuais protestantes, de que os movimentos pentecostais não possibilitam formas de agenciamento dos seus fiéis. Pesquisadores apontam que os movimentos pentecostais são capazes de promover rupturas importantes na sociedade.

Em síntese, o que afirmo é que a ruptura pentecostal responde a mensagem contraditória enviada pela própria metrópole aos habitantes das periferias e favelas, insistindo em um caminho de desinvestimento completo no modelo relacional e, com isso, de renovação do cristianismo. O catolicismo tradicional e as religiões afro-brasileiras, por seu imbricamento com o modelo relacional, são incapazes de produzir esta ruptura. [...] Meu argumento é que o pentecostalismo tende a reorganizar todo um modo usual de circulação de pessoas e símbolos na metrópole, justamente porque reordena os termos tradicionais de mediação entre homens e deuses. (MAFRA, 2009, pp. 79-81)

Sendo assim, é preciso questionar quem chama os pentecostais de pentecostais e quem afirma a historicidade da tradição reformada do protestantismo histórico? Como se definiu no campo religioso o que é ser protestante no Brasil? A questão em torno do preconceito dos intelectuais protestantes com os neopentecostais passa pelo conflito entre cultura popular e erudita. A noção de descoberta-invenção da “cultura popular” pela modernidade implicou na necessidade de enquadramento dos movimentos sociais surgida com a modernidade (CHAUÍ, 1989, p.26). Neste sentido os movimentos populares e sua religiosidade são uma ameaça que deve ser controlada. Segundo observou Peter Burke (1998), o protestantismo na Europa moderna foi marcado pela preocupação de purificar a experiência religiosa. Também Niebuhr (1992), analisando a origem social das denominações protestantes, tanto na Europa quanto nos EUA, destacou a ruptura e exclusão visto nos dissidentes como “um movimento (...) constituído principalmente pelas classes deserdadas: camponeses, artesãos e assalariados urbanos” (NIEBUHR, 1992, p. 32) em confronto com a religiosidade intelectual dos protestantes.

Pensar em “pentecostalização ” faz refletir sobre a tensão entre a religiosidade intelectual e a experiência da religiosidade popular. A preocupação de que as igrejas protestantes históricas estão deixando sua tradição e aderindo ao pentecostalismo revela também outra questão, a de saber quem está preocupado com a tradição histórica das igrejas

como essa identidade se reflete no cotidiano dos fiéis. Sendo assim, a questão deve ser pensada à luz da suspeita de “quem está tematizando, em relação à que situação histórica mundial” (SAHLINS, 1997: 45). A noção de que o protestantismo histórico no Brasil é o portador da herança reformada remete a perspectivas modernizadoras da noção de cultura, que legitima as diferenças entre históricos e pentecostais. O discurso dos intelectuais protestantes sobre os pentecostais, assim como da produção acadêmica feita a partir dessa influência, reflete um modo “intelectual de controle” tornando a cultura algo objetivado (SAHLINS, 1997). Com isso é preciso pontuar o risco de abordar o protestantismo histórico a partir da noção de “herança” ou “pureza reformada” e os movimentos pentecostais como dissidências desencadeadoras de um processo degenerativo das instituições. Esta pesquisa sugere que as experiências religiosas mais populares, de cunho carismático estariam imbricadas nas instituições religiosas, onde as práticas encantadas das camadas populares chegam aos espaços institucionais resignificando-os para legitimar a sua experiência religiosa. Por sua vez, as instituições religiosas para conquistar seus adeptos acabam aderindo o lado mágico da religiosidade. Tanto o discurso mítico quanto o religioso estão sempre sendo negociados e agenciados pelos diferentes grupos sociais e seus interesses no campo (BOURDIEU, 1992, p. 32). É importante considerar aqui a dialética entre o popular e erudito, onde de um lado está a religiosidade pentecostal e do outro as igrejas históricas, e esta tensão atravessa a experiência religiosa e as várias formas de significação do mundo presentes no campo religioso.

A religião como a conhecemos abrange “uma variedade de sistemas cognitivos e afetivos, alguns com distintas histórias evolutivas, e outros sem qualquer história evolutiva. Daqueles com uma história evolutiva, algumas partes têm uma história de adaptação plausível, enquanto outros são prováveis subprodutos”. A linha entre as características com uma função de adaptação “original” e outras que são “exaptações”, subprodutos, é um pouco teórica, mas para os nossos propósitos o que importa assinalar é que elas vieram para formar uma característica comum subjacente à religião popular, que está no âmago de toda religião, apesar da diversidade de formas institucionais que ela foi adquirindo ao longo do tempo e do espaço. (LEHMANN, 2012, p. 220)

Neste sentido tanto a magia quanto a religião racionalizada passam pelos registros cognitivos e afetivos, trazendo a constante transformação institucional que surge a partir da religiosidade popular e que pode ser ou não assumida pela instituição religiosa. Não há assim, uma forma hierárquica ou evolutiva entre magia e religião, pois em se tratando da experiência religiosa, nos dois casos as práticas podem ou não causar rupturas institucionais ou ainda estarem presentes na instituição. Desta forma, no interior das tradições religiosas ocorrem práticas que passam pela experiência cotidiana, e que muitas vezes percorrem um caminho não perceptível aos olhos da instituição. No caso da religiosidade popular, a qual o

pentecostalismo estaria mais próxima, estaria mais identificada com a necessidade de respostas para problemas mais ordinários como a cura de doenças e adivinhação que acabam aderindo a um tipo de “sistema” que legitimam sua confiança (LEHMANN, 2012, p. 220), o que leva a buscar a legitimidade institucional. São duas formas de experiência religiosa que estão imbricadas no mesmo processo onde a tradição intelectual do protestantismo confronta-se com a religiosidade popular do pentecostalismo brasileiro.

Essas religiões oferecem a esperança aos desesperançados de diferentes maneiras e em uma escala muito, muito maior do que os xamãs e os cultos de possessão. Em vez de uma cura para suas dores de estômago ou de vingança a seus inimigos, elas oferecem felicidade ilimitada e prosperidade para geração após geração, e pela eternidade. E como alguém ganha essa recompensa? Não ao fazer doações cada vez maiores, nem aumentando os riscos em reciprocidade, mas apenas por obedecer aos mandamentos e seguir as leis. Não somente nenhuma dessas afirmações é feita para beneficiar a fonte sobrenatural dessa autoridade, mas, mesmo os benefícios para os fieis e os seguidores são apenas para um futuro distante – para as futuras gerações na “terra que eu dei a você” quando o “você” já estiver morto há muito tempo (como Moisés) ou, uma vez que Jesus e São Paulo fizeram as suas revoluções, em um lugar completamente desconhecido – a vida após a morte, quando seremos salvos. (LEHMANN, 2012, p. 223).

O atual cenário evangélico é marcado por uma religiosidade que revela o anseio moderno pela solução não apenas de problemas imediatos, assim como de questões existenciais. As demandas vão de práticas de cura divina, cultos com ênfase no louvor e na efusão emocional. Este é o cenário contemporâneo marcado por deslocamentos identitários e novas perspectivas que apontam para uma fusão de práticas pentecostais e os elementos da tradição histórica. Estaria este fenômeno constituindo “uma religiosidade flutuante (...) de religiões, cópias ofuscadas das grandiosas construções simbólicas oferecidas pelos sistemas religiosos dignos desse nome” (HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 23)? Aqui cabe uma distinção. Enquanto *bricolagem* pós-moderna envolve diferentes matrizes religiosas, no caso do Brasil temos um imbricamento de práticas diferentes que continuam inseridas dentro do mesmo universo de valores: a macro-identidade evangélica. Considerando que estas rupturas e conflitos estão atravessados no campo religioso, coloca-se o desafio de compreender algo irregular, que aparentemente não está “bem encaixado” no atual cenário evangélico brasileiro.

1.3 “Hoje a gente é somente evangélico, crente!”: A reação da inteligência protestante brasileira e a “pentecostalização” como processo de degeneração.

Até agora foi visto a perspectiva dos intelectuais sobre uma “pentecostalização ”

colocou os pentecostais como um fenômeno “degenerativo” do protestantismo histórico no Brasil. Como comentou pesquisador e bispo metodista Paulo Ayres Mattos, em artigo recente, mostrando sua preocupação diante das mudanças ocorridas no campo religioso com o avanço dos pentecostais.

Por um lado não há como negar a legitimidade da experiência pentecostal quer nas igrejas pentecostais clássicas, quer nos movimentos de renovação e carismático; por outro lado, não há como negar a grande confusão teológica que existe especialmente nos arraiais carismáticos e neopentecostais. No limiar do século XXI, no contexto pós-moderno do nosso capitalismo tardio, creio que a tendência é a teologia neopentecostal impor sua hegemonia sobre o mundo evangélico brasileiro. A era do denominacionalismo acabou. Hoje as denominações brasileiras, evangélicas e pentecostais clássicas, não passam de estruturas burocráticas, de discutível poder institucional, muito longe do crente comum, para quem não faz qualquer sentido ser metodista, batista, presbiteriano, assembleiano, wesleyano, ou lá o que for! Hoje a gente é somente evangélico, crente! (MATOS, 2004, p. 1)

Ao afirmar que “a era do denominacionalismo acabou”, o argumento do bispo sinaliza a sua preocupação com a situação atual do metodismo e seu futuro enquanto instituição. Ao mesmo tempo aponta para a diminuição da ênfase no denominacionalismo e o surgimento de uma identidade comum evangélica que pode ser vista na identidade definida pelo termo “crente”. Esta visão dos intelectuais também aponta para uma perspectiva em que a igreja histórica não foi capaz de sobreviver ao sincretismo religioso de nossa sociedade, e hoje estes “crentes comuns” rejeitam a tradição denominacional resultando um cenário onde todos são somente “evangélicos” e “crentes”, indicando uma fruição da identidade causada pelo enfraquecimento confessional. Esta ideia é bem próxima do argumento de Pierrucci (2006) sobre as transformações ocorridas no campo religioso brasileiro causada pela ênfase da conversão individual entre os evangélicos brasileiros.

Toda a teoria sociológica, da mais clássica à mais contemporânea, está aí para nos entregar a chave da explicação dessa notória vantagem comparativa de que goza o protestantismo de modo especialíssimo: o protestantismo é por excelência, e radicalmente, uma religião de conversão *individual*. Para ele, conta menos como validação da fé professada a herança religiosa ou “linhagem na fé” do que o ingresso voluntário como “*born again*” numa congregação de “renascidos”. O que vale é a inscrição pessoal num meio só de crentes. A formulação mais radical desse princípio deu no conceito puritano da *believers’ Church*. (PIERUCCI, 2006, p. 120)

No que se refere a conversão e crescimento os dados do Censo do IBGE de 2010 e trazem números que chamaram atenção. Entre 2000 e 2010 os “evangélicos de missão” (igrejas de origem histórica) passaram de 6.939.765 em 2000 para 7.686.827 em 2010, enquanto os de “origem pentecostal” subiram de 17.617.307 para 25.370.484, o que significa um avanço muito grande dos pentecostais em relação às igrejas históricas. No caso particular

da Igreja Metodista do Brasil, que na última década apresentou uma pequena queda passando de 340.963 para 340.938. Estes dados são importantes, pois em relação ao avanço numérico dos movimentos pentecostais diante dos protestantes históricos, a Igreja Metodista e sua perda numérica podem ser um argumento para entender as mudanças pela qual ela está passando. Atualmente a Catedral com os diferentes cultos pode indicar a necessidade da igreja de repensar seu perfil institucional. Seria este o caso de mudar com o objetivo de sobreviver?

Em artigo sobre as relações entre pentecostais e protestantes históricos, Leonildo Campos (2011) destacou algumas mudanças no campo religioso evangélico. Segundo o autor, o novo cenário religioso evangélico se configura a partir do aumento da diversidade e do pluralismo religioso que pode trazer implicações com a pulverização religiosa e o enfraquecimento das fronteiras tradicionais entre católicos, protestantes e pentecostais.

Historicamente, essas mudanças são identificadas a partir da década de 1950. Os “pentecostais autônomos” (BITTENCOURT, 1991), ou “neopentecostais” (ORO, 1992) já eram alvos de críticas feitas por órgãos para-eclesiásticos como o Centro Ecumênico de Documentação (CEDI), que nos anos 1990 publicou um dossiê sobre os neopentecostais. A publicação reuniu textos e uma série de reportagens envolvendo escândalos e mostrando as práticas pentecostais como algo exótico, definindo-os como o “remédio amargo” para a incapacidade do protestantismo histórico em dar conta do processo de modernização brasileira.

Em todas as denominações pertencentes ao protestantismo histórico programavam-se campanhas de "oração e jejum" para que um "avivamento" acontecesse e os membros das igrejas voltassem a "evangelizar". Os pregadores convidados eram avivalistas de fama internacional. Mas, passado o primeiro impacto, as tensões ressurgiam, pois os adesistas ao "avivamento" questionavam abertamente a instituição eclesiástica e a sua rigidez, em nome de um evangelismo "espiritual" e "trans-denominacional". (CAMPOS, 2011, p. 513)

Em outro trecho deste artigo, o autor aponta o aspecto “degenerativo” da influência dos avivamentos ocorridos nas igrejas históricas. É possível identificar o ideário dos intelectuais que colocam a dificuldade do protestantismo de missão de dialogar com a cultura brasileira (LEONARD, 1981; ALVES, 1982; MENDONÇA, 1984). Neste sentido, o pentecostalismo traria em sua estrutura elementos que o capacitariam a atender melhor as demandas sociais e o protestantismo histórico estaria fadado ao desaparecimento. É o caso do argumento de Rubem Alves em seu texto “Dogmatismo e Tolerância” (ALVES, 1982) ao afirmar que o protestantismo no Brasil perdeu a “vitalidade da Reforma” com sua capacidade

de renovação (ALVES, 1982, p. 86).

Concordamos com Rubem Alves (1982, p. 131) ao sugerir que [no nosso continente] ‘o protestantismo envelheceu muito antes de fecundá-lo com aquilo que de mais criador possuía. Envelheceu prematuramente. Ainda menino ficou senil’. Em outras palavras, o avivalismo no formato pentecostal estaria se tornando um sucedâneo do protestantismo clássico. Com a vantagem de estar assimilando com mais sucesso a cultura popular brasileira. (CAMPOS, 2011: 514)

A incapacidade do protestantismo histórico é vista como a causa do sucesso da *teologia da prosperidade* que transformou os evangélicos em “massa de manobra dos projetos de dominação” (BITTENCOURT FILHO, 1991, p. 13). Estas críticas apontam o preconceito que é fruto do contexto político que foram formadas na sombra da influência da Teologia da Libertação e do movimento ecumênico a partir da década 1950. É preciso repensar se estes pressupostos não colocam a ciência e a visão racional da realidade em uma disposição hierárquica, que ignora outras formas de agenciamento social que são possíveis também na esfera da ação religiosa, onde “o sistema evangélico de significados” oferece formas de agenciamento utilizadas aos fiéis (SMILDE, 2012: 77). Com isso é possível identificar que a visão sobre os movimentos pentecostais e a noção de pentecostalização são fruto desta inteligência protestante brasileira.

1.3.1 A inteligência protestante brasileira: Área impuramente acadêmica?

A quem interessa a definição da identidade protestante histórica no Brasil? Considerar esta questão é essencial para a pesquisa. Ao se afirmarem enquanto “históricos”, estes setores estariam delineando uma identidade cultural que os distinguem dos pentecostais e justifica a resistência em relação as suas práticas religiosas.

Se considerarmos as pesquisas sobre o protestantismo histórico brasileiro, é possível perceber a disputa pelo capital simbólico (BOURDIEU, 1992), onde o uso do conceito não se refere apenas a uma distinção institucional, mas a um conflito identitário em torno do uso da categoria protestantes históricos como “herdeiros da reforma”. Essa disputa leva pastores e lideranças a preocupação com o destino do protestantismo no Brasil. Existem exemplos como o do Reverendo Derval Dasílio, pastor da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil (IPU). Em seu

site ¹⁹, o pastor e professor ²⁰ têm publicado artigos sobre temas litúrgicos e questões políticas envolvendo a participação de evangélicos. No trecho a seguir o autor usa categorias acusando os grupos pentecostais.

As igrejas novas evangélicas que estão surgindo ignoram essa mensagem. Pregam a religião da prosperidade (ou a teologia da ganância), influenciam as demais, históricas ou recentes. Retomam a figura do “ungido de Deus” bem remunerado. Representa-os Silas Malafaia, da Assembléia de Deus — mais de 12 milhões de fiéis no Brasil (Veja, 03.jun.2012) –, que paga a seus pastores salários de 4 a 20 mil reais, conforme a produção em arrecadação de dízimos e ofertas). O padre Marcelo, que movimenta milhões, no Movimento Carismático, acompanha-o de perto, com contratos milionários na Tv (e todo mundo dança... enquanto compram seus terços bizantinos, relíquias, livros e CDs, produzidos por empresa familiar, em milhões de cópias). É o retorno da figura do profeta pago, do sacerdote, que existia no Antigo Testamento. ²¹

Assim como este existem outros relatos que trazem manifestações mostrando o esforço de alguns grupos ligados ao protestantismo histórico que não se identificam com os artistas e pastores evangélicos e com a música gospel. Como é o caso da revista “Cristianismo Hoje” ²², com artigos escritos por lideranças com presença no meio acadêmico, trazendo uma visão crítica e teológica sobre mundo evangélico através de temas que refletem sobre assuntos como música na igreja, espiritualidade, dízimo e a relação da igreja com a política e a sociedade.

Grupos como estes se apresentam como resistentes a religiosidade pentecostal, se mostrando como uma alternativa além do cenário evangélico ameaçado pela pentecostalização. Como mostrou a reportagem de capa da revista *Época* em agosto de 2010, com o título “Os novos evangélicos”, trazendo relatos de grupos que criticam os movimentos pentecostais. No subtítulo a frase “um movimento de fiéis critica o consumismo, a corrupção

¹⁹ O endereço eletrônico é: <http://dasilio.wordpress.com/2012/10/09/consideracoes-sobre-o-dizimo-e-a-teologia-da-ganancia/>

²⁰ O autor foi ordenado pastor na Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), da mesma geração de Rubem Alves e outros intelectuais protestantes, participou ativamente na fundação da FENIP (Federação Nacional de Igrejas Presbiterianas) na década de 1970 no movimento contra a repressão eclesiástica da IPB. A FENIP mais tarde se tornou a Igreja Presbiteriana Unida do Brasil, onde atualmente o pastor Derval atua como professor de teologia e filosofia do Centro de Formação Teológica Richar Shaull, em Vitória, Espírito Santo. Além de artigos em blogs e revistas, recentemente publicou uma biografia sobre o Reverendo Jaimes Wright, missionário presbiteriano que atuou no projeto de apoio aos desaparecidos políticos junto com o Cardeal Arns.

²¹ O endereço eletrônico é: <http://dasilio.wordpress.com/2012/10/09/consideracoes-sobre-o-dizimo-e-a-teologia-da-ganancia/>

²² O endereço eletrônico é: http://www.cristianismohoje.com.br/interna.php?id_conteudo=795&subcanal=43

e os dogmas da igreja – e propõe uma nova reforma protestante” (ÉPOCA, 2010), que destaca as justificativas destes grupos que após longo tempo em igrejas se decepcionaram com a mercantilização do campo religioso. A reportagem também reforça o aspecto de que estas pessoas que buscam caminhos alternativos possuem em geral o nível universitário, o que mostra o lado intelectual do meio evangélico ganhando notoriedade na mídia. O título “nova reforma protestante” leva a pergunta: Estariam esses grupos fazendo uma reinvenção da tradição reformada a partir da negação da cultura evangélica pentecostal? O que esta crítica pode indicar?

Uma das possibilidades é que eles constituem um grupo resistente aos pentecostais, formados por teólogos e pastores com formação acadêmica. Também fazem parte de uma geração influenciada pela teologia da libertação e pelo movimento ecumênico nas décadas de 60 e 70. Estas lideranças do protestantismo vivem uma tensão com os evangélicos midiáticos e do mercado gospel, onde se declaram contrários ao discurso religioso predominante no mundo evangélico. Há uma rede de relações que pode ser vista nestes endereços virtuais formada por setores protestantes que discordam do discurso predominante no meio evangélico atual²³. Principalmente quando o assunto é a música e a questão da teologia da prosperidade, elementos que segundo eles estariam causando a ruptura com a tradição reformada.

A partir deste quadro que traz a relação entre intelectuais protestantes e as pesquisas sobre religião, pode-se dizer que este é um “campo de estudos contaminado” (PIERUCCI, 1997)? Assim argumentou Pierucci (1997) sobre o envolvimento de pesquisadores com o universo religioso desde o surgimento da sociologia da religião no Brasil. A formação de intelectuais protestantes estaria influenciando e comprometendo a objetividade das pesquisas. Em outra perspectiva, Marcelo Camurça (2001) afirma que tal preocupação constitui uma forma de “patrulhamento científico” (CAMURÇA, 2001: 72) e que não deve ser apenas visto no campo de estudos da religião. Há problemas no envolvimento da subjetividade do pesquisador em outras áreas de pesquisa que também há o risco de ameaça da objetividade. Exemplos podem ser vistos como o caso de feministas que pesquisam questões de gênero, assim como militantes que em geral são engajados em temas de pesquisa referentes as suas áreas de atuação. Sendo assim, o caso dos intelectuais não serve para definir ou não a impureza do campo, pois também os pentecostais possuem intelectuais com presença no meio

²³ Endereço eletrônico em: <http://pirilampos-pintassilgos.blogspot.com.br/2009/04/normal-0-21-false-false-false.html?sref=fb>

acadêmico mostrando que esta característica não é exclusividade do protestantismo histórico. Contudo, em relação as críticas feitas pelos intelectuais protestantes sobre os movimentos pentecostais trazem o fenômeno da “pentecostalização ” como algo que indica a crise da tradição reformada, principalmente em relação aos seus elementos identitários, como a celebração e a desvinculação com aspectos litúrgicos que estão descaracterizando a tradição reformada. Esta ruptura ocorre principalmente na adesão a um estilo musical conhecido como “louvor gospel” nos cultos das igrejas.

Para o protestante tradicional, o culto ‘gospel’ é irreconhecível. Há severas evidências de profunda transformação no protestantismo brasileiro, mais sensível às coisas novas do que o catolicismo por causa da fraqueza institucional que lhe é característica. Toda reforma religiosa ocorre pelo enfraquecimento ou ruptura de poder em que o carisma, incorporando as necessidades de mudanças exigidas por situações sociais novas, desloca momentaneamente o sistema de poder legal, ou institucional, para um sistema não racional que, por sua vez, retoma o caminho de volta à institucionalização. Assim aprendemos com Weber. (MENDONÇA, 2003, p. 159).

Com isso é possível identificar uma atitude preconceituosa sobre destes grupos cunhando uma visão pautada em estereótipos que ilustram uma religiosidade ancorada na magia, e na religião como produto de consumo através do mercado religioso. O que está implícito neste processo senão uma visão da “pentecostalização ” como uma espécie de “invasões bárbaras” dos pentecostais nas igrejas históricas revelando-se assim como ameaça? Esta questão é central ao tema da pesquisa.

1.3.2 As primeiras impressões: A influência do movimento pentecostal na Igreja Metodista no Rio de Janeiro.

A escolha da Catedral Metodista do Catete se deu pelas mudanças ocorridas em seu aspecto litúrgico. Entre elas, a que chamou atenção nesta pesquisa foi a presença de cultos “temáticos”, como tradicionalmente acontece nas igrejas do pentecostalismo de segunda onda (FREESTON, 1996), como indicam as observações feitas em campo sobre na Catedral do Catete e seus diferentes estilos de culto que vão do tradicional ao pentecostal. É interessante destacar que estas mudanças trazem transformações mais profundas, que remetem a outros momentos da trajetória do metodismo carioca como sera visto a seguir.

A chegada a este objeto de estudo faz parte de uma trajetória. Ela remonta antes mesmo ao ingresso mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UERJ.

Ao retomar experiências passadas com a tradição metodista, é interessante pensar que ele sempre é re-significado a partir do presente. E este sentido muitas vezes leva ao o risco de sua utilização como forma de legitimar escolhas atuais. Há casos em que o “passado social formalizado” é claramente mais rígido, uma vez que fixa o padrão para o presente (HOBSBAWM, 1998, p. 23).

Este passado remete ao ingresso na faculdade de Teologia no Instituto Metodista Bennett em 2006, onde já com a formação em História e o interesse em estudar o protestantismo no Brasil, a procura pela faculdade foi motivada por um interesse pessoal pela teologia, de conhecer e dialogar com os autores e ter contato com leituras sobre o protestantismo histórico que eram poucas na área de História.

A escolha do Instituto Metodista Bennett se justificava pela referência acadêmica do curso, que não visava apenas a formação de pastores. No entanto, o primeiro dia de aula trouxe algumas surpresas que hoje, no processo de elaboração desta dissertação revela que já havia a tensão entre os diferentes grupos carismáticos e intelectuais protestantes no cenário do metodismo carioca.

O fato surpreendente foi que esperava encontrar um ambiente acadêmico com liberdade para pensar de forma crítica o um tipo de protestantismo que Rubem Alves (1985) chamou de “protestantismo da reta doutrina”. Mas ao invés de encontrar um espaço para pensar fora das “grades institucionais”, outro espírito estava presente, diferente do “princípio protestante”, que segundo Paul Tillich (1992) era o “protesto divino e humano contra qualquer reivindicação absoluta feita por realidades relativas, incluindo mesmo qualquer igreja protestante” (TILLICH, 1992, p. 183), argumento conhecido da intelectualidade protestante usado para criticar o conservadorismo presente nas igrejas. Era este o espírito que conduzia a ida ao Bennett. Mas outros “espíritos” estavam presentes, principalmente no meio de alguns jovens seminaristas metodistas: Era o espírito do avivamento, que alguns como este pesquisador, não nos identificávamos. Este espírito era a síntese da moral pietista associado a tendências conservadoras em relação às questões de ordem moral e um esforço em dar explicações espiritualizadas para as questões cotidianas. Era esta a visão que marcou o primeiro contato.

Ao passo que os professores abordavam questões teológicas que balançavam com os dogmas e crenças previamente presentes na cosmovisão dos seminaristas, alguns reagiam,

reclamando do “intelectualismo teológico” dos professores (que em sua maior parte eram pastores metodistas) como um risco para a “fé e a certeza nas coisas de Deus”. Era comum nas aulas o debate e o cuidado de alguns professores, quando tocavam em questões a partir de outros referenciais (Filosofia, Sociologia, Psicologia) surgirem reações dos alunos que não abandonavam sua cosmovisão religiosa. O caso que chamou atenção foi de um colega metodista, no primeiro dia de aula, dizendo que Deus o havia tirado de um “lugar de trevas” e o trouxe para a “luz”, o que o levou a “entregar sua vida ao Senhor e servi-lo”.

O fato é que, segundo alguns colegas de turma, havia um conflito entre a faculdade de teologia e a visão pastoral da 1^a. Região Eclesiástica no Rio de Janeiro ²⁴. Conflito inclusive que reflete a atual situação da faculdade de Teologia Bennett, na época um dos poucos cursos teológicos que ganhou reconhecimento do MEC e hoje, parece que voltou a ser um seminário com a ameaça de fechamento da faculdade.

No fim de 2009, já era possível perceber a distinção de alguns grupos dentro do metodismo no Rio de Janeiro: De um lado os que defendiam o ecumenismo e o engajamento político e do outro os adeptos estilo da experiência religiosa pentecostal. Alguns professores até se referiam aos adeptos deste movimento como “os que estão na visão”, onde a “visão” se referia a campanha missionária da Igreja Metodista devido a ênfase no crescimento numérico o que é justamente a preocupação dos setores intelectuais, diante do risco de que o crescimento institucional promova uma degeneração da sua identidade histórica aderindo ao mercado religioso. Uma das frentes deste projeto segundo eles seria o que se aproxima aqui de “pentecostalização”, através da adesão de elementos da matriz religiosa pentecostal. Estava assim, diante do conflito entre a religiosidade das igrejas locais que traziam influências pentecostais e a experiência religiosa intelectualizada do mundo teológico acadêmico.

Havia no Bennett uma tradição de pastores e professores que militaram em sua juventude nos movimentos sociais e aderiam ao discurso da Teologia da Libertação, o que confrontava com a chegada cada vez maior de seminaristas vindos de igrejas metodistas e outras comunidades pentecostais. Este conflito entre religião de cunho mais popular e prática com uma experiência mais intelectual da fé no curso de teologia do Bennett serve atualmente

²⁴ Este aspecto da mudança na visão institucional da Igreja Metodista será abordado no segundo capítulo. A mudança em geral se refere aos documentos e a filosofia institucional que passou a apoiar os movimentos carismáticos da igreja, instituindo um discurso que tentava conciliar a prática social e a influência do movimento carismático, o que desagradava aos grupos ecumênicos e intelectuais do meio metodista, como professores e pastores mais engajados nos movimentos sociais como ONG's e pastorais da própria igreja.

como referencial para pensar a relação entre o movimento pentecostal e a tradição histórica do protestantismo, assim como revela que os conflitos que serão analisados na Catedral possuem uma amplitude que está para além desta comunidade.

O contato com a Catedral Metodista do Catete, não apenas pela proximidade do Bennett, mas por ser uma das igrejas de referência do metodismo na cidade, fez ressurgir algumas indagações que impressionaram no período enquanto estudante de teologia. É possível pensar que atualmente a Catedral passa por um dilema da religiosidade no mundo contemporâneo e a ameaça das “velhas certezas” das instituições com a transformação dos valores que foram construídos ao longo das gerações passadas (BERGER, 2001). Neste caso, na igreja do Catete estaria ocorrendo uma forma de agenciamento institucional das diferentes formas de experiência religiosa que vão das práticas populares de matriz mais pentecostal coincidindo com a presença de um a esfera mais intelectual, de pessoas mais próximas da tradição metodista presente nesta igreja que é um marco da tradição metodista brasileira. É importante assim identificar quais visões sobre o protestantismo histórico se consolidaram e como podem influenciar a análise do campo religioso evangélico atual. Será visto como o protestantismo histórico se consolidou como elemento simbólico na disputa pela identidade protestante diante do avanço do movimento pentecostal.

1.4 Os “tipos protestantes históricos do Brasil”: Visões sobre o protestantismo brasileiro e sua repercussão sobre a leitura do movimento pentecostal e da “pentecostalização” das igrejas históricas.

A história do protestantismo no Brasil desde o século XIX, assim como as igrejas de missão em geral (MENDONÇA, 1984), foi marcada pela negação da identidade católica. Ou seja, os protestantes sempre tiveram que lutar pela afirmação de sua identidade confessional, logo, pelos elementos culturais do protestantismo de missão como a ética ascética do puritanismo inglês e do pietismo (WEBER, 2005; VIEIRA, 1980). Seu esforço inicial foi demarcar espaço diante de uma nação escravista sob o domínio hegemônico do catolicismo. Os missionários protestantes encontravam dificuldades no primeiro momento, e o período de sua chegada até a instalação das primeiras igrejas pode ser descrito como um período de disputas políticas e um choque cultural por parte desses estrangeiros (MAFRA, 2001). O protestantismo brasileiro teve sua identidade formada a partir da ideologia missionária norte-

americana no final do século XIX, marcada pelo imaginário “civilizador” do destino manifesto (MENDONÇA, 1981; RAMALHO, 1976; VIEIRA, 1980).

Observando a produção sobre o protestantismo brasileiro podemos destacar abordagens que vão de produções interessadas em defender a confessionalidade das denominações, até os estudos recentes das ciências sociais, relacionando o estudo do protestantismo com temas como mercado religioso, religião e política entre outros. Contudo, são poucos os trabalhos acadêmicos sobre o protestantismo histórico atual. Existe uma produção feita por intelectuais protestantes, alguns deles pastores que cursaram Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião e Teologia, em geral em instituições católicas ou protestantes. Apesar de serem trabalhos acadêmicos, é preciso ressaltar que estas pesquisas assumem um papel simbólico dentro do campo religioso ²⁵, por serem estudos feitos por intelectuais que possuem ligação com a Igreja Metodista.

Ribeiro (2007) faz um balanço do protestantismo como objeto de estudo. A autora destaca que o período até 1950 o número de trabalhos produzidos sobre o protestantismo até 1950 eram de 13 publicações e chegam a 457 trabalhos na década de 1980-1990. Mas se observarmos melhor os números da produção por época, considerando o contexto, veremos que até a década de 1930 ²⁶, as pesquisas eram feitas por acadêmicos ligados a igreja ou algum organismo ecumênico. Por outro lado, o artigo não distingue que estes estudos na década de 1980-1990 são pesquisas sobre pentecostalismo e neopentecostalismo. O protestantismo histórico enquanto objeto de estudo teve algumas referências que podem ser destacadas através de trabalhos como o de Emilio Willems (1967), Jether Pereira Ramalho (1976), Émile Leonard (1981), Rubem Alves (1985) e Antônio Gouveia Mendonça (1995). Existiram outros trabalhos, como o importante estudo de David Gueiros Vieira (1980) sobre o

²⁵ Como é o caso das pesquisas realizadas pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da UMESp, a tese de doutorado de CHAVES, Odilon Massolar, *Avivamento e o compromisso social metodista na Inglaterra, no século XVIII: Uma busca de subsídios para a identidade do metodismo brasileiro no 3º milênio*, São Bernardo do Campo, São Paulo: UMESp, 2002, [tese de doutorado], que aborda a questão da identidade metodista brasileira a partir da análise dos movimentos de avivamento bíblico na Inglaterra e o compromisso social metodista e busca subsídios para pensar a identidade metodista no presente. Também o de Cláudio de Oliveira, “Teologia social do metodismo Brasileiro: Análise dos pressupostos históricos e teológicos do Documento Credo Social”; Cláudio Garcia, “Evangelização: Desafios em tempos de mudanças – Análise pastoral da evangelização nos anos 80 na Igreja Metodista”; Marcelo Ricardo Luz, “Análise da prática social do movimento carismático na Igreja Metodista no Rio de Janeiro nas décadas de 80 e 90, à luz da Teologia Prática”.

²⁶ Com exceção dos estudos feitos por Emilio Willems (1936-1949), *Aculturação dos Alemães no Brasil - Estudo Antropológico dos Imigrantes Alemães e seus Descendentes no Brasil*, sobre os luteranos no sul, e também de Roger Bastide (1937 a 1954), *Religiões Africanas no Brasil* e *Brasil, Terra de Contrastes* (RIBEIRO, 2007)

protestantismo e a questão religiosa no Brasil, fruto de sua tese de doutorado na USP, uma pesquisa feita em vários arquivos nacionais e no exterior. Também a obra de do metodista Alexander Duncan Reily ²⁷ (1984) chamada “*História documental do protestantismo no Brasil*”, sobre o histórico a partir de documentos “oficiais” e doutrinários das igrejas históricas, mas traz ainda uma abordagem que privilegia as distinções denominacionais entre as igrejas históricas. Segundo o pastor e professor da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, Reily contribuiu para o conhecimento da herança metodista entre os pastores brasileiros (SOUZA, 2004, p. 106).

As pesquisas acadêmicas sobre o protestantismo histórico começam a surgir mesmo a partir dos anos 1990 ²⁸, com o crescimento dos Programas de Pós-Graduação e as linhas de pesquisa sobre estudos de religião. Uma característica importante que se deve destacar destas pesquisas é que os autores citados, com exceção de Mendonça, fazem raras referências aos movimentos pentecostais em suas obras. Um fato que pode esclarecer este aspecto é que a década de 1950 e 1960 foi marcada por uma aproximação entre o protestantismo histórico com os movimentos sociais, sob a influência do ecumenismo e das organizações para-eclésiásticas, como o “Conselho Latino Americano de Igrejas” (CLAI) e “Igreja e Sociedade para a América Latina” (ISAL), que pregavam o engajamento social e a necessidade de posicionamento da igreja diante dos dilemas da sociedade. Este engajamento político foi promovido por intelectuais protestantes analisaram o movimento pentecostal a partir desta reinvenção da tradição reformada à luz do movimento ecumênico e da teologia da libertação. Estes grupos recebiam a influência da teologia europeia e estavam ligados aos debates sobre a teologia latino-americana (da Libertação) que preconizavam o engajamento social e político

²⁷ Nascido no Estado do Mississippi, nos Estados Unidos da América do Norte, onde também se bacharelou. Aos 24 anos, chegou ao Brasil como missionário da Igreja Metodista, um ano após ter obtido o grau de mestre em Teologia (1947). Atuou em diversas áreas da Igreja, pastoreou comunidades e ocupou o cargo de Secretário Geral de Missões e Evangelização. O missionário e pastor Reily era preocupado em cultivar a “herança metodista”. Em 1965, ingressou na Emory University, em Atlanta, Geórgia, para cursar o doutorado que veio em 1972. De volta ao Brasil, já em 1967, exerceu a docência teológica, inicialmente no Instituto Metodista e em 1969, integrou o corpo docente da Faculdade de Teologia, nas cátedras de história da Igreja, história do metodismo e ecumenismo. Também foi professor no Programa Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). (SOUZA, 2004).

²⁸ Cf. A revista Estudos Avançados da USP (2004), a publicou uma coletânea de artigos de diversos autores, sob o título “Dossiê Religiões no Brasil”. Ver também em 2005, a Revista USP com o tema “Religiosidade no Brasil”, ambas com artigos acerca de denominações protestantes tradicionais. Recentemente a Revista de História da Biblioteca Nacional, que circula no público geral, publicou um volume abordando o tema “Evangélicos: a fé que seduz o Brasil”. Dentre os temas das matérias, figuram alguns elementos que chamaram atenção durante a pesquisa, como “a indústria gospel”, os “megatemplos” e a questão do “neopentecostalismo e a individualidade moderna”. Cf <http://www.iea.usp.br/revista/sumarios/suma52.html>

da igreja (LOWY, 2000, p. 178-179). Este contexto trouxe a tensão entre o protestantismo intelectualizado e a religiosidade popular, assim como na crítica ecumênica ao fundamentalismo das igrejas protestantes históricas. Os estudos sobre o protestantismo histórico mostraram desde seu início a necessidade de legitimar a tradição protestante como uma tradição libertária e ecumênica em sua essência, mostrando assim uma reinvenção da tradição reformada à luz do contexto sócio-político da época. Parece que essa ideia de uma “pureza” da “tradição reformada” no meio das denominações históricas encontra afinidade com os grupos mais intelectualizados.

É neste período que surgem os estudos mais acadêmicos sobre o protestantismo no Brasil. No que se refere ao protestantismo histórico, é destaque a obra de Émile Leonard (1981 [2002]) intitulada *O protestantismo brasileiro: Estudo de eclesiologia e história social*, publicado inicialmente na forma de artigos nos anos 1951-1952 na Revista de História da USP. Outro importante texto é o de Rubem Alves, *Protestantismo e Repressão* (1979), reeditado recentemente como *Religião e Repressão* (2005). Por fim, a obra de Antonio Gouvea Mendonça, *O celeste porvir: A inserção do protestantismo no Brasil* (1984), fruto de seu doutorado em sociologia na USP e em conjunto com Prócoro Velasquez Filho, o livro *Introdução ao Protestantismo Brasileiro* (1990), uma coletânea de artigos dedicados ao protestantismo histórico. Estes trabalhos romperam com a narrativa confessional centralizado na história das denominações, trazendo maior rigor acadêmico e são obras lidas tanto no meio acadêmico teológico quanto nas Ciências Sociais.

Diante deste cenário está o pentecostalismo que surge nos dados do Censo de 1991, que passou a distinguir as igrejas “tradicionais” com adventistas, batistas, luteranos, metodistas e presbiterianos, e “pentecostais” com Assembléia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Deus é Amor, Igreja do Evangelho Quadrangular e IURD. De acordo com o Censo, houve uma agregação no período de 1940-1991 em torno da categoria “evangélicas”, e a distinção com o uso do termo *pentecostais* que começou a partir do período de 1980-1991 (DECOL, 1999: 122). Não é o objetivo da pesquisa um inventário do que foi dito sobre o protestantismo histórico no Brasil. A proposta é abordar três autores e suas respectivas interpretações sobre o protestantismo histórico tendo em vista a sua relevância para as atuais análises sobre a “pentecostalização” das denominações históricas e de como estas visões predominam influenciando o olhar sobre os movimentos pentecostais como processo de descaracterização da identidade do protestantismo histórico no Brasil.

1.4.1 Émile G. Leonard e o “protestantismo brasileiro”.

Um dos pioneiros nas pesquisas acadêmicas sobre o protestantismo histórico é Émile Leonard e seu trabalho “*O Protestantismo Brasileiro: Um estudo de eclesiologia e história social*”²⁹ (LEONARD, 1981), publicado pela ASTE (Associação de Seminários Teológicos Evangélicos). O texto traz um estudo de história social trabalhando com diversas fontes históricas. O autor é um historiador francês que na época foi convidado por Fernand Braudel para lecionar na USP. Seu estudo sobre o protestantismo no Brasil teve como objetivo compreender a crise do protestantismo histórico na época. Sua pesquisa tem uma preocupação em usar fontes e documentos, fugindo da história confessional até então presente. O autor faz uma análise que não se restringe a história confessional das igrejas e aborda os vários movimentos distintos dentro do protestantismo histórico.

Sua análise destaca a dificuldade de diálogo entre os primeiros missionários e a incompatibilidade da fé protestante com a cultura brasileira. Ele identifica as tensões existentes entre o protestantismo tradicional das denominações históricas com a cultura religiosa brasileira, e considera os movimentos pentecostais colocando o desafio ao protestantismo brasileiro de

solucionar os problemas apresentados pela existência, nos meios proletários, de movimentos espirituais como o das Congregações Cristãs. Se não quiser ou não julgar necessário ocupar-se deles, eles correrão o risco de cair na extravagância e depois na indiferença religiosa. Ou então, através de seus próprios trãsfugas e por meio de uma simpatia amistosa, exercerá sua ação ensinando-os a dar a primazia à Bíblia. E então, os velhos problemas das velhas igrejas não mais importarão, pois todo um novo povo virá ao seu encontro (LÉONARD, 1981, p. 354).

É possível perceber na obra de Leonard a ênfase na tradição histórica do protestantismo de missão e sua incapacidade de dialogar com a religiosidade brasileira. O quadro que ele ilustra sobre as condições do protestantismo histórico colocou o impasse entre superar as barreiras culturais ou perecer. Seus exemplos trazem narrativas como o caso de um pastor na década de 1940, andando pelo interior do país relatando a pobreza e distanciamento cultural da população como causa da dificuldade de expansão do protestantismo letrado. O relato expõe o analfabetismo e a falta de até mesmo a ausência de hábitos higiênicos como impedimento da ação dos missionários. Em contrapartida ao trabalho destes, o autor destaca a facilidade das formas populares de cristianismo que foram surgindo na passagem do século

²⁹ Além deste trabalho, publicou outros dois textos, um em francês “L’Église Presbyterienne du Brésil et sus Expériences Ecclésiastiques” (1949) e “L’Illuminisme dans un Protestantisme de Constitution Recente” (1953).

XIX para o XX, comparando aos pentecostais dos anos 1950, destacando o aspecto encantado – a “inspiração” dos pregadores - e a linguagem dos programas de rádio e sua comunicação direta com os grupos populares diante da dificuldade do acesso a leitura da Bíblia. Seria esse um aspecto da religiosidade encantada como produto da inferioridade cultural? Alguns trechos mostram esse apreço protestante pela cultura letrada em contraste com a tradição oral presente nos meios populares e sua religiosidade.

Conta um pastor que interrogava uma mulher, cujo marido revelara grande interesse em aprender a ler. Ele lê sempre a sua Bíblia com o mesmo ardor? – Sua Bíblia? Ah! Não. Agora que seu curso de Bíblia já está terminado, e ele lê, apenas política e os jornais de esporte. Num mundo que aprende a ler, mas que lê cada vez menos, a Bíblia corre o risco de perder seu terreno. Porque tanto trabalho, se basta girar o botão do rádio? Certamente o rádio transmite cultos e sermões, mas que são a palavra humana, e, embora fundados sobre a Revelação Escrita, tendem a substituí-la. Gira-se o botão do rádio, atendendo-se à necessidade do ouvinte. Os cristãos muito modernos e de nossos dias que são membros do Rearmamento Moral, falam em dar uma telefonada a Deus e receber dele uma resposta direta, tornando a Bíblia desnecessária. O rádio substitui o livro pela comunicação direta do pensamento humano; não é natural que o Espírito substitua a Bíblia, pela comunicação direta do Pensamento divino? (LÉONARD, 1981, p. 338).

Alguns autores destacam este aspecto do protestante e sua dificuldade de tornar a mensagem acessível ao contexto cultural brasileiro (VIEIRA, 1981; MAFRA, 2001). A tensão entre a religiosidade popular em confronto com o imaginário civilizatório das igrejas de missão no século é uma característica notada desde a chegada do protestantismo no século XIX. A questão do batismo, por exemplo, que coloca o missionário Ashbel G. Simonton diante da situação de ter que rebatizar os fiéis que após a conversão. Para Simonton, o batismo era um sacramento único e os católicos eram considerados cristãos, portanto não necessitavam de um novo batismo³⁰. No entanto os novos conversos não aceitavam o batismo católico o que aponta necessidade de ruptura com a cultura católica característica do protestantismo de missão que se instalou no Brasil (MAFRA, 2001: 17).

Antes mesmo do surgimento do movimento pentecostal na primeira década do século XX, conflitos como estes ocorriam entre o protestantismo dos missionários e as “concessões”

³⁰ Esta questão sobre o batismo está inserida no contexto da Conferência Missionária de Edimburgo (1910) e nos embates entre as missões européias e norte-americanas em relação à conversão dos católicos. Para os primeiros, o a América Latina não necessitava de evangelização tendo em vista a presença católica e o projeto missionário deveria ser para os “povos não cristãos”. A relação com o catolicismo tinha já suas raízes na influência ecumênica de Edimburgo. Este posicionamento era considerado liberal e não aceito pelas missões norte-americanas, principalmente pelas Sociedades Missionárias influenciadas pelo protestantismo sulista juntamente com os missionários já existentes no Brasil. Estes tinham como princípio de que os “milhões de latino-americanos, nominalmente cristãos, mas ignorantes da Palavra de Deus e do Evangelho” (LONGUINI, 2002, p. 88), e assim visavam estabelecer uma relação entre a missão e a “civilização” através do evangelismo educacional. Este assunto será melhor aprofundado no segundo capítulo.

e “ajustes” feitas pelos missionários no Brasil. Exemplos como o de Miguel Vieira Ferreira quando na Travessa do Ouvidor, em um culto dominical em 1879, foi tomado por uma “revelação” que o levou a “um estado de quietude por mais de meia hora” (MAFRA, 2001: 21). Diante de tal fato, o Reverendo Blackford aceitou a convicção daquele membro optando amenizar a relação entre os membros e a sua denominação.

A questão trazida por Leonard (1984) sobre o confronto entre a tradição protestante letrada (*so la scriptura*) diante da abolição dos elementos mágicos em detrimento da importância da experiência religiosa centralizada na leitura bíblica leva a refletir sobre a visão do protestantismo sobre os movimentos populares como formas degeneradas de experiência religiosa. A importância da leitura no protestantismo histórico ainda é um elemento importante hoje, como pode ser visto na fala do reverendo Bernardo Alves durante os cultos na Catedral do Catete. O pastor titular da Catedral recorrentemente alerta aos fiéis sobre a importância do uso da Bíblia, pois devido ao uso do projetor, era comum não levarem seus exemplares aos cultos. Esta característica aponta rastros deste imaginário do protestantismo histórico causando crises e rupturas com as outras formas de religiosidade popular. Diante do uso do *datashow* projetando imagens das leituras durante os cultos, o pastor dizia: “Traga sua Bíblia para a igreja! É importante manusear o texto. Você precisa se desintoxicar do projetor!”³¹.

O protestantismo como descrito por Leonard vivia a tensão entre o projeto missionário do século XIX e a religiosidade popular. Sua obra apresenta uma visão hierarquizada, onde o protestantismo histórico é visto como portador da modernidade diante da religiosidade mágica e emotiva dos fiéis brasileiros.

A Bíblia exigia a meditação de um indivíduo isolado. Uma civilização degenerada, hedonista e mecânica não favorece a meditação, o individualismo e a solidão. A uma religião que os exigia e desenvolvia, ela tende a opor a do influxo recebido em comum, sem esforço, e no agradável sentimento da comunhão da massa. Aqui também o ‘Espírito’ vence – pode ser invocado onde ele sopra. O conjunto de todas essas circunstâncias cria, no Brasil, um clima cada vez mais favorável ao iluminismo religioso. Assim, este nos parece ser o verdadeiro problema do protestantismo nesse país, e não nos demais – liberalismo, ecumenismo, fundamentalismo – nos quais se procura interessa-lo porque os protestantismos – estrangeiros os suscitaram. Aliás, estes também enfrentaram o iluminismo, em tempos mais ou menos longínquos, quando se tratava dos ‘profetas espirituais’, anabatistas e outros, do século XVI, do ‘quakerismo’ do século XVII da ‘inspiração’ camisarda do século XVIII (...) Resolveram o problema”. aproveitando-se de suas experiências místicas e reconduzindo-os à Bíblia. (LEONARD, 1981, p. 338)

³¹ Diário de campo, agosto de 2012.

Segundo o autor, esse contexto permitiu o surgimento de uma religiosidade popular no meio protestante e que teria assim facilitado a introdução do pentecostalismo no século seguinte. O protestantismo histórico na passagem do século XIX para o XX entrava em choque com a cultura popular. A igreja trazida pelos missionários “amigos do progresso” (VIEIRA, 1980; p. 83) na primeira fase das missões veio em conjunto com as relações comerciais entre os Estados Unidos e o Brasil (1850). Tinha como pano de fundo a propagação da fé protestante em conjunto com o pensamento liberal (liberalismo político e econômico) através das escolas e púlpitos protestantes (RAMALHO, 1976). Este elemento causava conflitos com a cultura marcada pelo catolicismo ibérico, pela religiosidade africana dos escravos e pela religiosidade popular dos meios rurais. Diante deste contexto social Leonard (2002) identificou o surgimento de movimentos chamados por ele de “iluministas”³², que eram fruto da emocionalidade religiosa brasileira no meio protestante. Eram experiências que podem ser reconhecidas como a primeira tentativa de se criar um protestantismo com características locais. O surgimento de manifestações emotivas e de êxtase nos cultos protestantes causou estranhamento por parte dos missionários. Estes não estavam preparados para compreender as práticas místicas dos novos convertidos. Como o caso da ruptura causada pelo presbítero Miguel Vieira Ferreira. Surgindo dentro de uma igreja histórica (presbiteriana), Miguel iniciou práticas emotivas desencadeando a primeira ruptura do protestantismo histórico: A fundação da Igreja Evangélica Brasileira em 1879. É possível que este tenha sido o primeiro movimento de reinvenção da tradição protestante no solo da cultura brasileira.

Eric Hobsbawm afirma que ‘na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições ‘inventadas’ caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial’ (1997, p. 10). A Igreja Presbiteriana foi um dos primeiros protestantismos a se estabelecer no Brasil num período que viu o país transitar do Império para a República. Logo nas primeiras décadas de trabalho missionário entre Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, as lideranças dessa igreja tiveram que encarar interpretações heterodoxas de algumas de suas principais tradições. O conflito levou ao êxodo de um grupo de famílias identificadas com as convicções religiosas de Miguel Vieira Ferreira, presbítero dessa igreja, que acabou fundando uma nova tradição religiosa. A nova igreja foi nomeada Igreja Evangélica Brasileira e iniciou as suas atividades em setembro de 1879. (BARRERA RIVERA, 2005, p. 79).

Miguel Vieira vinha de uma família com boas condições econômicas. Seu pai era militar e lecionou no Colégio Pedro II. Tinha boa formação acadêmica e em 1881 já era pastor

³² O termo *iluministas* se refere práticas religiosas onde o indivíduo recebia diretamente de Deus a iluminação, como acontecia com as religiões espíritas, na época com os cultos kardecistas.

presbiteriano, onde teve ascensão meteórica. Ao mesmo tempo, sentia forte desejo de autonomia do seu pensamento diante da igreja, onde começou a pregar e falar sobre a Bíblia e ensinar a “revelação vinda direta de Deus, sem passar pela mediação exclusiva da Bíblia” (BARRERA BARRERA RIVERA, 2005; p. 84). Esta crença de que o fiel recebia diretamente de Deus considerada por Leonard como iluminação. Alguns autores (VIEIRA, 1980; BARRERA BARRERA RIVERA, 2005) destacam que era uma prática comum no kardecismo, e que teria influenciado a experiência de Miguel que freqüentou o espiritismo durante um tempo antes da conversão.

Miguel, entretanto, continuou a estudar o espiritismo e, finalmente, em fevereiro de 1874 decidiu experimentar uma sessão espírita dele mesmo. A 22 do mesmo mês, compareceu à Igreja Presbiteriana, onde entrou em transe espírita durante os serviços religiosos, depois do que disse estar convencido de que a Bíblia era ‘a palavra de Deus inspirada e verdadeira, e que Cristo era o Divino Salvador’. Também deu a entender que desejava filiar-se á igreja. Entretanto, por diversos dias depois disso ‘parecia inteiramente persuadido de que tinha visões e recebia instruções divinas ou espiritualísticas e comunicações proféticas’. Após diversas semanas de luta, Blackford convenceu Vieira Ferreira a abandonar o seu misticismo [...] Em 11 de novembro de 1880, foi eliminado da comunhão da Igreja Presbiteriana por sustentar que estava recebendo mensagens de Deus [...]. (VIEIRA, 1980, p. 155)

Vieira trazia consigo uma diversificada experiência de vida. Era entusiasta republicano e desejoso do progresso social do país, fundando trabalhos sociais como a “Escola do Povo”, uma instituição educacional de caridade. Passou pelo catolicismo, recebera boa instrução, teve contato com o espiritismo e depois se converteu ao protestantismo onde rompeu após uma experiência de êxtase. Sua conversão e experiência religiosa o levaram a romper com os presbiterianos.

Durante os cinco anos que Ferreira permaneceu na IEB, entre 1874 e 1879, a sua vida religiosa esteve marcada pela experiência da conversão. O seu labor evangelizador no Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo estava marcado por essa experiência primeira. A fé de Ferreira se articulava em torno da sua mística conversão fí cando a Bíblia em lugar de segunda importância. (BARRERA RIVERA, 2005, p. 89).

A experiência de MFV revela traços carismáticos que causaram rupturas a partir da experiência carismática dentro de uma denominação histórica. Sua experiência mesclava intelectualidade e uma visão milenarista, pregando uma religiosidade simples e com maior ênfase na experiência das “iluminações” e na consciência individual. Tais indícios apontam que essa espiritualidade de Miguel Vieira, apesar de ter sido um homem letrado, pode ser atribuída à sua passagem pelo kardecismo e o distanciamento da visão tradicional do protestantismo de missão (VIEIRA, 1981). Atualmente a Igreja Evangélica Brasileira, fundada por ele, criou uma espécie de devoção à sua figura, onde é chamado de “Grande

Príncipe Miguel” (BARRERA RIVERA, 2005, p. 90). Assim como o de Miguel existiram outros casos como o de um convertido chamado Marcos Batista a quem Léonard (2002) cita se referindo como o “preto”. Em 1948, quarenta anos após Miguel ter rompido com o protestantismo histórico, este homem rompeu com a Igreja Batista, criticando seu liberalismo teológico e a ausência de ordem sobre “usos e costumes” (enfeites, cabelos, unhas e vestes das senhoras da igreja) e fundou uma igreja chamada apenas de “Igreja do Nosso Senhor Jesus Cristo” (LEONARD, 2002, p. 353).

A história do protestantismo de Émile Léonard buscou compreender os primeiros pontos de crise a partir destas rupturas, revelando sua preocupação com o rumo do protestantismo diante dos movimentos espiritualistas (“iluministas”) enfatizando a dificuldade de se implantar no Brasil uma religiosidade que não se restrinja “às manifestações do Espírito, num conhecimento insuficiente da Revelação, da Bíblia e, através dela, do Salvador e de Sua Cruz” (LEONARD, 1981, p. 351). O acontecia entre a pregação dos missionários e a religiosidade católica assim como outros tipos de experiências místicas, como o caso do kardecismo. O protestantismo descrito desta forma resistia a qualquer elemento místico da cultura religiosa.

O cenário no início do século XX já era propício para o surgimento de uma religiosidade protestante em diálogo com a mística popular. O protestantismo de missão vivenciava um processo de efervescência mística diante do seu distanciamento cultural da população (ROLIM, 1985).

Não se pode chamar propriamente de pentecostal a tentativa, no século passado, de se criar no seio das massas populares uma religiosidade espontânea diretamente ligada ao texto bíblico. Empreenderam-na dois brasileiros, um o ex-padre, letrado e culto, José Manuel da Conceição, que veio a se tornar mais tarde pastor presbiteriano; o outro, também letrado e que se fez pregador leigo no presbiterianismo, Miguel Vieira Ferreira. Se não chegaram a suscitar uma religiosidade embasada na crença do Espírito Santo, descobriram no entanto, na alma do povo simples, ressonância à leitura da Bíblia e um potencial de comunicação íntima e direta com Deus. O caráter de estreita intimidade entre o fiel e Deus, através da inspiração, era a porta aberta ao iluminismo religioso. (ROLIM, 1985, p. 67).

Niebuhr (1992) destacou uma característica central para entender a dinâmica da experiência religiosa do protestantismo. Ele identificou através de uma análise sociológica e pastoral os conflitos que levaram o protestantismo ao distanciamento da identidade reformada e o processo de racionalização ocorrido na institucionalização das igrejas após movimento reformador. A partir do momento em que assumiram um discurso religioso intelectualizado

foram se distanciando das camadas populares.

O presbiterianismo vivia distante da vida religiosa do povo comum com seu intelectualismo e sua ética peculiar. Que tinham a ver a Confissão de Westminster e os discursos eruditos dos teólogos formados na universidade com a piedade dos artesãos e dos pequenos proprietários rurais (...) A terminologia abstrata das confissões e sermões presbiterianos era não só ininteligível, mas irrelevante. (NIEBUHR, 1992, p. 34)

Mesmo se compararmos os movimentos reformadores do século XVI, já havia esta separação, entre um protestantismo ligado a um grupo de intelectuais e as revoltas populares no fim da idade média. Os teólogos estavam preocupados com questões como a “Eucaristia”, “Trindade”, a “Justificação pela Fé”, “Eleição”, enquanto as classes camponesas continuavam na carestia material. O movimento liderado por Thomaz Müntzer junto aos anabatistas do século XVI criticava a fé de Lutero, aliada aos príncipes e distantes do povo (BLOCH, 1973). Estas experiências de rupturas são causadas quando surge um profeta iluminado pela revelação divina, onde sua mensagem traz um carisma que rompe com a instituição estabelecida criando uma nova moral e um novo grupo.

Resultado concreto da vivência extremamente pessoal de graça celestial e força heróica semelhante àquela dos deuses e significa renúncia ao compromisso com toda ordem externa em favor da glorificação exclusiva do espírito profético e heróico. Por isso comporta-se de maneira revolucionária, invertendo todos os valores e rompendo soberanamente com todas as normas tradicionais ou racionais. (WEBER, 2004, p. 325-326).

Fenômenos como o de Müntzer apontam experiências religiosas que trazem elementos místicos, como sonhos e outras formas de comunicação direta com Deus, assim como questões em torno da negação do batismo infantil – a questão da consciência e da decisão do indivíduo que entram em choque com as ordens intelectuais e institucionais do protestantismo. Podemos dizer que o protestantismo desde sua origem no século XVI foi marcado por cisões. Mesmo no primeiro século da Era Cristã, havia diversos segmentos do judaísmo sobrevivente no Império Romano, assim como nos diversos grupos distintos, uns mais místicos, outros mais ortodoxos, que constituíam um mosaico do judaísmo no tempo de Jesus. Estas divisões ocorreram também no século I, quando os diferentes grupos de seguidores disputavam entre si a narrativa da história da paixão (CROSSAN, 2004: 75). Com o protestantismo no Brasil não foi muito diferente e com isso, é preciso repensar essa questão de que há uma degeneração do protestantismo histórico e o surgimento de uma fé mais popular, “espiritualizada”, constituindo-se uma ameaça doutrinária e eclesiológica para as confissões históricas no Brasil.

1.4.2 Rubem Alves e o “protestantismo da reta doutrina” (P.R.D.).

Com Rubem Alves e seu “Protestantismo e Repressão” (1979), temos uma análise weberiana que faz uso de tipos ideais para compreender a mentalidade do protestantismo histórico. Ele utiliza a categoria “protestantismo da reta doutrina” (P.R.D.) e coloca em questão o dogmatismo presente na tradição protestante de sua época. Segundo Leonildo Campos (2008) a análise precisa ser entendida no contexto das perseguições políticas e eclesiais do regime militar e da influência do movimento ecumênico e de uma igreja protestante engajada nos movimentos sociais.

O livro representa um esforço de compreender como a ética puritana do protestantismo assumiu ares tão conservadores e inquisitoriais durante o período. Alguns autores chegaram a chamar esse processo de “inquisição sem fogueiras” (ARAÚJO, 1985), pois como Rubem Alves também sofreu perseguições por suas críticas ao fundamentalismo da igreja. Partindo da fenomenologia, filosofia, sociologia e psicanálise, ele contrapõe o protestantismo da reta doutrina com as idéias que levaram à Reforma do século XVI.

Durante a Idade Média - e posteriormente - a realidade era interpretada como uma vasta Cadeia do Ser. O Cosmos era parte integrante do Ser que, iniciando-se em Deus, abrangia até a mais pequenina pedra. Esta concepção proporcionou, durante séculos, as bases da ordem estabelecida porque atribuía certa inevitabilidade natural à ordem estabelecida e excluía a possibilidade de uma reconstrução planejada da ordem social. (...) O Calvinismo tendia a destruir esta noção totalizante da realidade cósmica e social. Para o calvinista, a realidade fundamental era a ação dinâmica de um Deus que estava refazendo o mundo. (...) Como, para ele, era comum derrubar reinos e igrejas, a obediência que lhe era devida quebrou o velho feitiço. Possibilitou que os homens percebessem o poder soberano presente tanto naqueles que se rebelavam contra a ordem estabelecida como naqueles que a defendiam, e, **abriu assim o caminho para eventuais ações orientadas no sentido de derrubar governos injustos.** (ALVES, 1985, p. 25)

Segundo Rubem Alves (1985), o protestantismo da reta doutrina estava ligado ao patriarcalismo da cultura brasileira. A sua crítica é feita a partir da tradição protestante ecumênica³³ e sua leitura do protestantismo histórico tem como objetivo retomar o “princípio protestante”, onde traz influências teológicas utilizando o conceito do teólogo Paul Tillich, cujo pensamento foi influente nos seminários protestantes da época³⁴. Este aspecto da

³³ Em outro texto seu, de 1982, ele insiste em dizer “Sou protestante...” justificando seu engajamento político e crítico contra a instituição. (ALVES, 1982, p. 9).

³⁴ No mesmo contexto da Teologia da Libertação, era comum na formação destes pastores livros Karl Manhein, Tillich, Marx, além dos conhecidos teólogos da morte de Deus, com sua teologia secularizada, representados por Bonhoeffer e Harvey Cox. O próprio Rubem Alves afirma neste trecho de uma conversa do Prof Richard Shaull que influenciou uma geração de seminaristas antes da ditadura ter influenciado a perseguição e sua saída da

reinvenção da identidade reformada como justificativa do engajamento social pode ser visto em depoimentos como o de Jovelino Ramos, seminarista na época, quando afirma que “tínhamos ido ao Seminário para receber e acumular conhecimento (...) Seminarista bom era seminarista de boa memória capaz de papagaiar e repetir textos e livros” (SHAULL, 1985, p. 27). O próprio Alves afirma que quando chegou ao seminário “era calouro e estava cheio de certezas” (SHAULL, 1985, p. 20), falando da mentalidade fundamentalista que reinava nas igrejas históricas. A influência do movimento ecumênico e do clima revolucionário modificou a visão desses jovens que eram o núcleo das futuras lideranças ecumênicas e intelectuais das igrejas históricas nas décadas seguintes. A sua visão relata um protestantismo que havia perdido seu aspecto revolucionário e aponta para uma reconstrução da identidade reformada no contexto da crítica ao regime militar e ao conservadorismo teológico reinante nas igrejas históricas. É possível dizer que havia uma resignificação política da identidade reformada como crítica à ditadura militar. O protestantismo havia perdido sua herança reformada, que era a liberdade da consciência e a capacidade de protestar contra as injustiças do mundo. Era a disputa entre o “protestantismo da libertação” e o “protestantismo conservador” (LOWY, 2000; p. 176). A ideia da liberdade de consciência da Reforma ressurgiu no imaginário político destes protestantes como elemento importante. Seu discurso era baseado na subjetividade da experiência religiosa trazida pela reforma, onde o protestante poderia ir contra tudo, menos “contra sua própria consciência”, que estava presa aos valores da justiça e da igualdade cristãs. Este argumento teológico era deslocado para o campo político onde o discurso servia de base para contestar a rigidez das instituições que na época apoiavam o regime político vigente. A teologia servia como forma de legitimar a identidade política daqueles jovens seminaristas perseguidos, onde a identidade do “verdadeiro discurso reformado” tinha como objetivo o protesto contra a repressão política sofrida por aqueles jovens seminaristas que formariam os quadros do pensamento protestante. Esta ênfase na liberdade de consciência e na crítica pode ser a gênese da visão sobre os movimentos pentecostais como religião de classes incultas, o remédio amargo do protestantismo no Brasil.

O protestantismo se entende como o espírito da liberdade, da democracia, da

Igreja no Brasil. Cf. “Ai, minha nossa! Agora tínhamos de ler uma infinidade de livros de gente viva - Karl Barth, Emil Brunner, Rudolph Bultmann, C.H. Dodd, D. T. Niles, Reinold Niebuhr, Miguez Bonino, Gutierrez Marin, além das obras do mártir Bonhoeffer, dos livros de Kafka e de uma multidão de ensaios de teólogos católicos. Além de ler, agora tínhamos de digerir, analisar, compreender, questionar e escrever ensaios sem repetir os autores. ‘Não estou interessado na sua versão de Jacques Maritain. Interessa-me saber como você descreve a relevância do Maritain para a situação concreta das pessoas que vivem e trabalham em Campinas.(...)’ (ALVES, 1985, p. 27)

modernidade e do progresso. O Catolicismo, por oposição, é o espírito que teme a liberdade e que, como consequência, se inclina sempre para soluções totalitárias e se opõe à modernidade. Num passado já vencido pela luz do evangelho jaz, morto, um negro período dominado pela superstição, intolerância, ignorância e escravidão da consciência, à mercê de uma Igreja totalitária, época sombria e triste, iluminada apenas pelas fogueiras da Inquisição. Tal era ainda subsiste hoje entre nós, como um morto entre vivos – fóssil de um tempo soterrado pelo passado: a Igreja Católica. Se perguntarmos à história: “De que lado estás? Qual o teu destino?” Ela responderá: “O Catolicismo é o passado de onde venho. O Protestantismo é o futuro para onde caminho. (ALVES, 1979; p. 38).

Segundo Michel Löwy (2000), Rubem Alves representou uma geração de jovens seminaristas que foram influenciados pelo “protestantismo da libertação” (2000, p. 178). Eram alunos do professor e missionário americano Richard Shaull no Seminário de Campinas. Este trazia a experiência de um missionário americano que tinha passado pela crise dos anos 1920 e foi marcado pela militância no movimento ecumênico e do pensamento teológico europeu. Estudou sociologia, se tornou pastor e foi ser missionário em favelas da América Latina. A partir desta experiência ele mudou sua visão sobre a religião e seu papel na sociedade. Assumiu o engajamento social da igreja e influenciou aqueles jovens estudantes com uma teologia contextualizada com as questões políticas e sociais. Alinhados com a teologia da libertação, alguns grupos no interior do protestantismo histórico se filiaram aos movimentos sociais na resistência ao regime militar da época, influenciando uma geração inteira de pastores e lideranças protestantes em diversas denominações.

Estas lideranças representam dentro do contexto protestante – até hoje – um movimento de intelectuais inseridos nas igrejas históricas que resistem aos movimentos pentecostais. É possível identificar entre estes grupos, músicos e compositores da década de 1970 e 1980 que atualmente rejeitam a mídia evangélica, aonde através de declarações públicas declarando seu não pertencimento ao movimento gospel atual. É o caso do músico João Alexandre que recentemente escreveu uma carta explicando seu posicionamento. Em um texto publicado em 28 de agosto de 2012 dizia no título: “Não faço mais parte, definitivamente, do movimento gospel”, pedindo para não ser identificado como “músico gospel”.

Simplesmente me chamem de João Alexandre, músico (e olha lá!)! O termo ‘Gospel’ tem uma conotação mercadológica baseada na fama, na grana e na idolatria de artistas, bandas, gravadoras, formatos musicais, mensagens positivistas, entre outras distorções que variam conforme a conveniência dos tempos e dos ‘bolsos’ dos brasileiros, cristãos ou não!³⁵

³⁵ Endereço eletrônico é: <http://www.pavablog.com/2012/08/28/joao-alexandre-nao-faco-mais-parte-definitivamente-do-movimento-gospel/>

A música é identificada por estes grupos como elemento de ruptura com a tradição protestante vivenciada por estes setores. Assim, as perspectivas militantes e críticas do movimento ecumênico são elementos que ainda permanecem na visão sobre o campo religioso evangélico, onde a ênfase nos “dons do Espírito” e sua linguagem *espiritualizada* ecoam para os grupos intelectuais como uma forma de religiosidade alienante que retirou do protestantismo seu espírito crítico e contestador.

1.4.3 Antônio Gouvêa Mendonça e o protestantismo pietista no Brasil.

Em última instância não se pode deixar de considerar a contribuição de Antonio Gouvea Mendonça sobre a análise do protestantismo histórico no Brasil. O pastor e professor, mesmo alguns meses antes do seu falecimento, esteve engajado em seu último projeto, a segunda edição de uma coletânea com artigos escritos ao longo da sua carreira. Começaria destacando o título desta publicação que traz a trajetória de sua carreira: “Protestantes, pentecostais e ecumênicos” (MENDONÇA, 2008). O seu interesse inicial foi o protestantismo histórico, ao qual conhecia como pastor presbiteriano e como pesquisador. O ecumenismo, devido à sua militância nos órgãos eclesiais e nos movimentos sociais. O terceiro, o pentecostalismo, que por último aparece em seus textos diante da inevitável importância, talvez porque o autor já tenha antevisto sua importância para compreender o protestantismo histórico e o protestantismo em geral no Brasil.

Inicialmente, uma das coisas que chama atenção em suas análises é de ter identificado que o protestantismo brasileiro não foi o herdeiro direto da reforma protestante. Ele sofreu influências dos movimentos avivalistas norte-americanos, deixando de lado a “teologia reformada” (crença na soberania divina e a total dependência de Deus) para uma “teologia do pacto”, onde o ser humano passou a ter maior participação nas suas escolhas religiosas (MENDONÇA, 1984). Estas mudanças foram identificadas como consequências da influência do pietismo e puritanismo trazidos pelos missionários do século XIX. Assim ele identificou a fusão entre a experiência ascética e o misticismo protestante como elemento definidor da identidade protestante brasileira. Estaria o autor indicando nesta transição teológica as consequências de uma degeneração ou inexistência da tradição reformada no protestantismo histórico brasileiro? As causas do afastamento da questão social assim como a religiosidade conservadora em termos morais estavam presentes nas transformações ocorridas

em sua história.

O protestantismo que analisamos nunca articulou, espontaneamente, uma ética social. O seu problema é outro. Preocupa-se com a salvação da alma. Por isto a questão da transformação do mundo sempre lhe pareceu um desvio perigoso. A sua ética é individual a não social. Ela indica as marcas do comportamento do crente, adequadas à sua condição de salvo; descreve os traços do caráter perfeito: delimita as fronteiras além das quais o indivíduo não deve ir, sob pena de disciplina eclesiástica e da perdição eterna. (MENDONÇA, 2007, p. 2)

Em palestra no final da década de 1980 ele inicia sua trajetória onde criou categorias definindo os diferentes ramos do protestantismo histórico. Sua classificação era baseada em traços da configuração institucional, estabelecendo assim categorias como o protestantismo de migração, protestantismo de missão a partir da origem dos ramos confessionais: Anglicanos, Luteranos e Reformados. Nesta análise os metodistas estão inseridos no ramo Anglicano em decorrência de sua origem histórica. Os pentecostais eram divididos em “pentecostais clássicos”, com a Assembléia de Deus, Congregação Cristã, e as neopentecostais como a IURD chamadas de “agências de cura divina” (MENDONÇA, 2002, p. 18).

Emerson Giumbeli (2000) observou que neste período, a classificação utilizada por Mendonça tinha como referência o tipo de teologia pregada. Ele dividiu o protestantismo em dois grupos de origem. Havia as igrejas calvinistas com a teologia mais próxima da reforma, com ênfase nas doutrinas calvinistas da *soberania de Deus, predestinação e eleição*. As outras estariam ligadas ao arminianismo, com ênfase na religiosidade emocional e na decisão pessoal por Jesus. Esta religiosidade seria a mais presente no protestantismo brasileiro, em traços como a ênfase na iniciativa da salvação que recai na responsabilidade individual. Segundo Mendonça (1984), esta seria uma chave de interpretação para compreender as transformações ocorridas no protestantismo histórico. Em sua obra “O celeste porvir...” (MENDONÇA, 1984) o autor afirma que a teologia protestante sofreu uma modificação profunda em seu pensamento a partir das missões norte-americanas. Decorrentes dos avivamentos norte-americanos, elas teriam deixado sua ênfase na ideia de um Deus totalmente soberano e que governa o mundo acima das vontades humanas (predestinação), passando a dar maior ênfase na decisão das pessoas sobre a salvação. É esta a teologia presente no movimento metodista com sua ênfase na experiência da conversão pessoal, marcada pela emocionalidade. Neste sentido, o próprio ramo reformado calvinista teria sido influenciado no Brasil durante as missões por esta teologia, sendo hoje as igrejas presbiterianas mais arminianas do que calvinistas (MENDONÇA, 2002, p. 21). Sendo assim, o que teria restado de identidade reformada nas igrejas históricas seriam apenas os elementos estéticos, como o

perfil litúrgico dos cultos, o uso da hinologia tradicional e elementos como velas e o uso das vestes litúrgicas, pois sua teologia já teria se afastado da herança reformada.

Estes símbolos foram apropriados pelos protestantes progressistas, que em geral eram ligados ao movimento ecumênico daquela época nos anos 1950 e retomados como símbolos da tradição reformada da igreja. É possível pensar que ao retomar essa identidade litúrgica estes grupos teriam um traço distintivo da cultura *gospel*, elemento simbólico presente através das músicas e da ausência destes símbolos nos cultos das igrejas assim como na cosmovisão religiosa do meio evangélico. Atualmente estas músicas e suas mensagens já circulam em meios não-evangélicos, indo além como pode ser identificado nos casos que ocorrem de artistas como *Belo* e *Péricles*, famosos nos círculos populares, fazendo versões em ritmo de pagode de “louvores”. Em sua obra ele destacou que, no entanto, esta “tradição reformada” estava um pouco distante da realidade das igrejas históricas no Brasil, justificando assim, a origem pentecostal e o distanciamento das igrejas históricas de sua tradição.

Sob o ponto de vista rigorosamente histórico, à ortodoxia calvinista pertencem as igrejas presbiterianas e congregacionais, estas procedentes das igrejas livres da Inglaterra, e à parte não-ortodoxa, ou arminiana (livre-arbítrio), as metodistas. Aqui se complica um pouco porque as igrejas batistas, que cedo assumiram a ortodoxia calvinista ao fazer parte do movimento puritano, no sul dos Estados Unidos assumiram o arminianismo metodista. Os episcopais, nos Estados Unidos, braço da Igreja da Inglaterra, chegaram ao Brasil nos últimos anos do século XIX e, aos poucos, foram incorporando os anglicanos que os precederam, isto é, os ingleses favorecidos pelo Tratado de Aliança e Amizade e Comércio e Navegação (1810) celebrados entre Brasil e Inglaterra. (MENDONÇA, 2007, p. 162)

Para o autor a mais importante contribuição do puritanismo foi adaptar o dogma reformado às necessidades de uma religião pública e pessoal (MENDONÇA, 1995, p. 41), onde a pregação passa a ocupar o lugar central nas celebrações. Este aspecto influenciou intelectualmente o protestantismo, exigindo assim um preparo acadêmico maior por parte dos líderes religiosos. Preparo acadêmico não somente para os magistrados, mas também os fiéis que deveriam ter uma habilidade intelectual para assimilar os sermões e as doutrinas pregadas pela religião.

A classificação proposta por Mendonça (2002) estabeleceu contraposições entre o lado litúrgico e teológico das denominações históricas e o caráter popular dos movimentos neopentecostais através da adesão a uma teologia que enfatiza a decisão humana, ênfase na cura e exorcismo. Segundo Giumbelli (2000), essa seria uma distinção predominantemente negativa, que é seguida por Bittencourt Filho no programa de assessoria pastoral do CEDI

(GIUMBELLI, 2000, p. 93). Em todo o tempo os autores estão analisando as instituições a partir de um maior ou menor grau de racionalização e pela sua longa tradição histórica. Desta forma, as igrejas que aderiram ao modelo que não tem como base a esta ortodoxia protestante, “ao aceitarem uma série de mediações entre os indivíduos e Deus, recorrem a elementos que são absolutamente estranhos, quando não proibidos, no protestantismo” (GIUMBELLI, 2000, p. 94).

Concluindo esta parte, podemos afirmar que para analisar as mudanças ocorridas no protestantismo histórico atual é importante considerar quais os atores envolvidos e as motivações que circulam no campo religioso evangélico. Os protestantes históricos foram marcados por um período de inserção dificultosa na sociedade, passado por este processo e em seguida gerado alguns quadros importantes nas disputas políticas ocorridas a partir dos anos 1950. Mas o cenário religioso muda a partir deste período. Os pentecostais cresceram e se ramificaram em suas práticas religiosas, e cada vez mais ocupam o espaço público, como a política (FREESTON, 1993) e questões de gênero (MACHADO, 1994).

A origem dos pentecostais no Brasil revela um outro caminho, que corre paralelo e de forma assimétrica ao protestantismo histórico. Surgido nas bases dos movimentos populares, ganhando representatividade na segunda metade do século XX, hoje reúnem simbolicamente boa parte do aparato religioso presente no cenário evangélico ao qual os históricos estão inseridos. Pensar em uma “pentecostalização ” do protestantismo histórico demanda uma tarefa de desconstrução dos sentidos atribuídos a este termo e quais as disputas envolvidas neste processo. A próxima etapa será analisar de perto a trajetória do movimento metodista e como estes elementos de uma religião popular estiveram presentes em sua formação social.

2. A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO MOVIMENTO METODISTA: EMOCIONALISMO, RELIGIOSIDADE POPULAR E A GENEALOGIA DO PROTESTANTISMO DE MISSÃO.

Historicamente o movimento metodista surgiu na Inglaterra no período de 1725-1739 com os irmãos John e Calos Wesley em um contexto marcado pelo iluminismo e pelo liberalismo teológico ³⁶. Estes processos de modernização do pensamento religioso foram “combatidos pelo despertar da religião em suas formas mais intransigentes, irracionais e emocionalmente compulsivas” (HOBSBAWM, 1977, p. 251). Conforme relatado por John Wesley em sua experiência de conversão mostrando a influencia emotiva típica da sua experiência pietista com os irmãos morávios.

Esta noite fui com muita má vontade a uma sociedade na rua Aldersgate, onde alguém estava lendo o prefácio de Lutero à Epístola aos Romanos. Por volta das oito e quarenta e cinco, enquanto ele estava descrevendo a mudança que Deus opera no coração mediante a fé em Cristo, senti um estranho ardor em meu coração. Senti que confiava em Cristo, somente em Cristo, para a minha salvação; e me foi dada a segurança que ele havia pago os meus pecados e me havia salvo da lei do pecado e da morte (MENDONÇA, 1984:41).

O relato fala de uma experiência religiosa presente nos movimentos de efervescência que podem ocorrer no interior das instituições religiosas (MARIZ, 2013) ³⁷. São movimentos que surgem diante de insatisfações populares, e por estar à margem da instituição, tidos como “irracionais” e “compulsivos” guiados por ações levadas pela emoção. De forma semelhante

³⁶ Os teólogos liberais faziam críticas dos dogmas da religião cristã, a partir do diálogo entre a teologia e a filosofia iluminista, buscando alinhá-las ao pensamento científico com o discurso teológico. Entre eles podemos citar Feuerbach, de quem Nietzsche se inspirou na sua crítica ao cristianismo. A busca pelo *Jesus Histórico* no século XIX, pela teologia liberal, fazia a distinção entre o Jesus da Bíblia (mito) e o Jesus que viveu na Palestina como homem que queria reformar a religião. Estes autores se inserem no que Mendonça (2002) chamou de “modernismo teológico”, que começaram a produzir estudos teológicos utilizando métodos científicos buscando legitimar a teologia diante do pensamento científico. Assim, surgiam reflexões que tentavam conciliar a narrativa da criação Bíblica com a teoria darwinista. Surgia o a história comparada que aceitava a influência cultural dos povos vizinhos nos textos do Antigo Testamento, o uso do método histórico-crítico e a pesquisa sobre as diferentes fontes originárias dos textos sagrados, e ainda críticas a divindade de Cristo nas pesquisas sobre o Jesus histórico. Dentre estes pensadores destacam-se Adolf von Harnack, Albert Schweitzer e Rudolf Bultmann (MENDONÇA, 2002, 2008). Todos eles eram considerados teólogos liberais e provocaram reações de grupos conservadores originando ainda no século XIX, o fundamentalismo norte-americano. Eram movimentos religiosos conservadores que contra atacavam os liberais afirmando a literaridade da Bíblia, a inspiração divina dos documentos eclesiais (Confissões, Catecismos). Estes eram teólogos da Universidade de Princeton, que buscavam resgatar a experiência religiosa deste espírito iluminista que penetrou no pensamento teológico, de onde surgiu o Fundamentalismo que publicaram várias obras defendendo a religião, dentre elas a obra de 12 volumes chamada de *The Fundamentals*, uma espécie de dogmática sobre a fé cristã (DREHER, 2006).

³⁷ Cf. “Instituições tradicionais e movimentos emergentes” (MARIZ, 2013) Artigo não publicado. Cf. “A crescente globalização, o questionamento das tradições culturais e também valorização da autonomia individual, são fenômenos inter-relacionados que têm sido identificados como explicação para essa multiplicação de movimentos religiosos e enfraquecimento das instituições tradicionais. Com efeito, ao longo da história movimentos religiosos sempre surgiram questionando e confrontando a autoridade das instituições tradicionais”.

ocorriam na Inglaterra na época de Wesley com o movimento metodista e resistência contra a ordem estabelecida pelo Estado e a Igreja Anglicana.

O expansionismo missionário é fruto do ressurgimento da religiosidade protestante ocorrida na Inglaterra, com os primeiros metodistas liderados por Wesley e que deram origem na passagem do século XVIII para o XIX às diversas sociedades missionárias. O metodismo passou por um processo de transição. No começo foi propulsor de rupturas políticas dos camponeses e operários contra a hierarquia e as elites. Era a religiosidade explosiva onde o próprio Wesley foi no início contra a instituição. Com o tempo, o movimento ganhou outros contornos e se expandiu (...) O despertar religioso fez muito em prol das seitas protestantes. O ‘salvacionismo pessoal’ de John Wesley e seus metodistas intensamente irracionais e emotivos deu ímpeto para o renascimento e expansão da dissidência protestante, pelo menos na Grã-Bretanha. (HOBSBAWM, 1977: 249).

Esses grupos populares eclodiram com maior ímpeto nos ambientes mais tradicionais, em comunidades aldeãs e pequenas cidades, onde passaram a ser vistos como “seitas”³⁸ que se propagavam na Grã-Bretanha em lugares onde predominava um ambiente social mais tradicional, das comunidades aldeãs e pequenas cidades. Essa perspectiva histórica ajuda a compreender como foi o surgimento destes movimentos no interior das instituições religiosas. Contudo, ela aponta na religiosidade popular o lado da experiência irracional e mágica de forma degenerativa, ao qual tentamos discordar a partir de uma nova forma de compreender este movimento social.

Assim como o cristianismo surge de um grupo trabalhadores do meio urbano (WEBER, 1974), o movimento metodista tem sua origem nos meios populares da Inglaterra. Seu nascimento se deu nas duras condições de vida com o avanço da industrialização e pela rejeição da religiosidade por parte dos novos movimentos como o socialismo nos movimentos sociais. Eric Hobsbawm (1977) buscou identificar no início do movimento operário uma espécie de “mito fundador” da religião popular como a origem do socialismo, que inicialmente assumiu a forma de nova religião com seus “santos” (São Simião) assim como o positivismo de Auguste Comte e sua religião da humanidade. A questão é que esta perspectiva da religião parte de uma visão evolucionista onde ocorreria a superação da mesma através dos processos de emancipação e conscientização social, contribuindo para uma visão acadêmica sobre a religiosidade popular colocando-a na condição de etapa a ser superada.

³⁸ O conceito de “seita” segue a definição de Ernst Troeltsch (1992). As seitas segundo o autor referem-se a grupos pequenos que buscam a salvação individual, que se dá por meio de um processo interior e numa conduta de vida guiada pelas certezas do seu grupo que geralmente rompem com a Igreja. A Igreja representa um tipo de religiosidade universalista, mediada por dogmas e sacramentos. Os sectários normalmente se vêem como críticos em relação à Igreja (DA MATTA, 2008).

2.1 Entre a racionalidade e a emoção: O metodismo e a transição da racionalidade para o emocionalismo no protestantismo moderno.

O movimento metodista surge como “religião de deserdados” (NIEBURH, 1992), com sua experiência religiosa em meio aos pobres das cidades industriais inglesas, com seus cultos fervorosos, onde a “ausência de segurança era compensada pelo fervor da congregação” (HOBSBAWM, 1977, p. 165). Eram grupos que praticavam uma religiosidade sem uma preocupação teológica e marcada pela emocionalidade. Suas congregações realizavam cultos com cantos em coro e práticas democráticas que permitiam testemunhos das mulheres que participavam frequentando juntamente os comitês com os homens. Porém, se por um lado a comunhão destes grupos oferecia uma proteção à insegurança social, algumas críticas afirmam que em alguns casos ela se afastava das questões políticas e das lutas operárias, o que se torna um ponto crítico para os analistas religiosos politicamente engajados (HOBSBAWM, 1977). No entanto, a formação social do metodismo revela um fenômeno religioso complexo, mostrando que ele foi mais do que uma religião das classes populares, pois sua história envolveu disputas de diferentes grupos sociais e trouxe características que influenciaram o protestantismo a partir do século XIX.

Segundo Heitzenrater (1996), o metodismo foi iniciado pelos irmãos John e Carlos Wesley, fruto da influência de seus pais e sua religiosidade piedosa independente da religião oficial, a Igreja Anglicana, considerada burocrática e distante do cotidiano dos fiéis. A origem envolve três momentos decisivos. O primeiro quando John Wesley é enviado para Oxford, onde fez seus estudos teológicos e chegou ao grau de mestre, sendo ordenado como ministro da igreja. Na universidade ele entra em confronto com o que chamou de “confortável lassidão” vivida no local. Sob a influência dos moravianos e do pietismo³⁹, Wesley teve contato com textos como o “Imitação de Cristo” de Thomas de Kempis, o que o levou a se convencer de que a “verdadeira religião estava no coração” (HEITZENRATER, 1996, p. 36).

³⁹ O pietismo, assim como o puritanismo inglês, surgiu no século XVII como um movimento de intensificação da fé no luteranismo, na segunda metade do século XVII. Liderado por Phillip Jacob Spener (1635-1705) e A. H. Francke (1663-1705). Spener escreveu “Pia Desideria” (1675), obra que acabou dando origem ao termo pietismo. Contra o dogmatismo intelectualista dos teólogos e a ortodoxia da Igreja Oficial, o pietismo valorizava uma religiosidade prática de caráter íntimo e fervoroso. Mais que a teologia, importava a piedade cristã: uma “conduta de vida centrada na experiência de fé, sentida mais do que pensada, aliada à mais rigorosa conduta moral” (WEBER, 2000: 287). Com o pietismo houve o conflito existente entre as tradições calvinistas e luteranas. É na figura do virtuoso religioso (WEBER, 2005: 109), tendo como características a fé individualizada no esforço de busca da santificação pessoal e de manter-se fiel ao seguimento da doutrina sacralizada nas diversas confissões que surgem neste contexto. Este tipo de religiosidade é bem exemplificada na figura do Peregrino de John Bunyan, literatura bem conhecida no meio evangélico brasileiro.

Essa experiência do coração levava a busca pela santidade, o que era contraditório à teologia reformada (calvinista) que pregava a certeza da salvação pela fé, e a predestinação. Também era uma resposta ao racionalismo crescente no século XIX que influenciava o meio teológico e eclesial. Os metodistas começavam a enfatizar a responsabilidade humana no processo de salvação através da busca pela santidade. Wesley absorve a influência pietista criando as Sociedades Metodistas, inspiradas nos pequenos grupos de oração e leitura bíblica (*collegia pietatis*). Após essa experiência com o pietismo, já ordenado e trabalhando em algumas paróquias, Wesley é enviado para a Geórgia como missionário. Este foi o segundo surgimento do metodismo, com criação de Sociedades na colônia e a conversão de novos metodistas. Ao retornar para a Inglaterra, criou Sociedades em Oxford e em seguida em Londres, onde teria ocorrido o terceiro surgimento do metodismo (HEITZENRATER, 1996, p. 73).

Os metodistas na Inglaterra permaneceram com sua teologia arminiana e ligados a uma hierarquia sacerdotal anglicana através de Wesley, que não rompeu com a “Igreja Mãe”, como será visto adiante. Aqui cabe destacar a distinção entre a religiosidade popular e a religião institucionalizada quando metodistas migram para as colônias inglesas na América do Norte e se afastam de sua origem. Na Inglaterra estavam inseridos no contexto do desenvolvimento do iluminismo britânico, marcado pela efervescência da Filosofia Natural e da Física Newtoniana (SOARES, 2007). Este contexto religioso trazia a presença de vários grupos, e entre eles, um movimento intelectualizado e crítico da igreja oficial, com uma teologia que se viu buscando uma religião mais racional diante do obscurantismo anglicano. O movimento metodista com Wesley é fruto desse contexto em Oxford, onde por meio das “sociedades metodistas”, grupos no interior da Igreja Anglicana, buscou aprofundar o avivamento religioso da igreja. Estes grupos assim como Wesley nunca romperam com a Igreja Oficial, chegando a ter um grau de institucionalização dentro da própria Igreja Anglicana (HEITZENHATER, 1996).

Uma característica importante que o metodismo de Wesley traz e que nos ajuda a compreender sua relação histórica com a religiosidade do metodismo atual, assim como do pentecostalismo e neopentecostalismo: A influência do arminianismo e a ruptura com a predestinação calvinista, assim como a ênfase na capacidade de decidir individualmente pela salvação. O arminianismo representou uma novidade em termos de prática religiosa, pois entrava em confronto com os presbiterianos (calvinistas). Foi este inclusive o motivo de grandes tensões entre Wesley e George Whitefield, seu colaborador na condução dos

avivamentos ingleses. Whitefield era calvinista e acreditava na predestinação, enquanto Wesley teve forte influência do pietismo ⁴⁰, movimento que buscou dentre outras coisas, resgatar a participação dos leigos retomando a doutrina do sacerdócio universal dos crentes além da experiência pietista que atribuía ao coração o “centro da sensibilidade religiosa” (HEITZENHATER, 1996: 19). Wesley em sua busca pela “santidade real” incorporou o perfeccionismo dos pietistas, o moralismo dos puritanos e a devoção dos místicos.

Assim o movimento se expandiu de forma itinerante, partindo de Oxford, Geórgia e Londres, promovendo os avivamentos que tiveram como características as grandes pregações, experiências de conversão e manifestações de vitalidade espiritual que iam da crescente piedade individual até o entusiasmo emocional de grupos inteiros. Este é o tipo de religiosidade tipicamente metodista que marcou a experiência que os distinguiu dos outros grupos, onde “os deserdados queriam uma fé que pudesse ser experimentada e expressada emocionalmente e que oferecesse promessas de melhoria social” (NIEBUHR, 1992: 34).

Essa tradição deu origem ao que Reily (2003) definiu como “A era metodista”, presente no protestantismo através dos refugiados que migraram para a Nova Inglaterra no século XVIII. O movimento se espalhou com a crise social do Oeste americano através dos grandes despertamentos (*revivals*). É importante observar o que Niebuhr (1992) destaca sobre as igrejas do Leste, que por serem tradicionais, não ligavam para o Oeste e suas questões sociais. Os presbiterianos e congregacionais estavam mais preocupados com o preparo teológico e intelectual e pouca aproximação com as questões como a escravidão. Em um novo contexto se repete o fenômeno social que coloca em tensão a religião da elite (mais intelectualizada e “refinada”) e a experiência religiosa das classes populares, voltada para o aspecto emocional, baseada na experiência da religião através das músicas, orações intensas e manifestações carismáticas. O preconceito com a religiosidade popular atravessa a história do protestantismo.

⁴⁰ Sobre as transformações ocorridas na história da teologia protestante quando o calvinismo tradicional (predestinacionista), influenciado pelos avivamentos na Europa, chega aos EUA e sofre uma mudança no seu dogma principal, onde a predestinação dá lugar à experiência individual e ao esforço ascético na busca pela salvação. Cf. MENDONÇA, A., *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*, pp. 17-73, HEITZENHATER, R., Wesley e o povo chamado metodista, pp. 97-134 o capítulo sobre os reavivamentos de 1739 a 1744 na Inglaterra e o surgimento do movimento metodista. O autor faz uma abordagem que contextualiza a figura de Wesley no contexto histórico dos movimentos carismáticos no seio do anglicanismo.

Segundo David Martin apud Mendonça (1984, p. 234), os cânticos tiveram uma função expressiva na ponte entre a religião e a cultura popular nas fronteiras americanas. Os “chorus” (coros) foram inspirados em músicas populares, enquanto as igrejas tradicionais mantinham a música clássica. Os “chorus” faziam parte dos grandes movimentos de despertamento religioso no meio dos ingleses e americanos (MENDONÇA, 1984, p. 235).

A ortodoxia calvinista prevalecia no despertamento da fronteira da Nova Inglaterra enquanto o arminianismo metodista prevalecia na costa. No Kentucky e no Tennessee, o arminianismo metodista e o presbiterianismo arminianizado opunham-se à doutrina ortodoxa da sociedade estabelecida. Os batistas arminianos da Nova Inglaterra tornaram-se calvinistas quando emigraram para o sudoeste. A religião de fronteira ou religião da sociedade estabelecida podia nutrir-se, ao que parece, de tipos rivais de doutrina. Na atmosfera igualitária do Oeste, a doutrina que ensinava que não havia eleitos naturalmente surtira efeito, exceto no que diz respeito ao ensino de que o bruto, filho analfabeto da fronteira, podia perfeitamente ser um vaso divinamente escolhido como o educado cavalheiro da respeitável sociedade. (NIEBUHR, 1992, p. 92)

É a partir das dificuldades impostas por uma religião da elite que teve origem essa experiência religiosa simples e prática da vida nas fronteiras. Esse é o contexto de origem dos *Grandes Avivamentos*⁴¹ religiosos na Nova Inglaterra, com sua pregação espontânea e crítica à religião intelectualizada do metodismo inglês.

No entanto, antes que o metodismo viesse a ser Igreja de fronteira, precisou abandonar parte de sua herança de filho do anglicanismo e do autoritário Wesley. Quando se estabeleceu na América como Igreja independente, o novo papel que assumiu parecia requerer a adoção das formas eclesiais predominantes na Igreja Episcopal. O uso do Livro de Oração foi uma delas. ‘Por algum tempo os pregadores (da Igreja Metodista) geralmente liam as orações no Dia do Senhor’, disse um antigo historiador do metodismo americano, ‘e em alguns casos os pregadores liam parte da Oração Matutina às quartas e sextas-feiras; porém, alguns habituados a orar extemporaneamente relutavam em adotar este novo modo, preferindo orar melhor com os olhos fechados do que com os olhos abertos. (NIEBUHR, 1992, p. 109)

Conforme o trecho acima, o metodismo inglês tornou-se refratário da religiosidade popular, devido à preocupação de seu fundador de não se desligar de tradição anglicana, levando suas influências na organização e condução das Sociedades Metodistas até o final.

⁴¹ Os avivamentos (revivals) tem início com John Wesley na Inglaterra (1703-1791). Influenciado pelo contato com os moravianos e conheceu a doutrina da busca pela santificação típicas do pietismo moraviano. Segundo Mendonça (1984), o avivamento teve como característica a pregação da “livre graça de Deus em Cristo, salvação livre pela fé no Salvador mediante o convite de Deus ao arrependimento da fé” (MENDONÇA, 1984, p. 40). Neste movimento há também o uso da música como canal de divulgação da mensagem, promovendo a comoção religiosa pela emoção, o que levava as pessoas ao envolvimento emocional na experiência religiosa. Outro dado importante é a ênfase de Wesley no papel do indivíduo durante o processo de arrependimento e conversão, onde ele alarga a brecha entre o calvinismo e o arminianismo, onde a justificação somente pela fé, elemento central para os reformadores, passou a dividir espaço com a necessidade de busca pela santificação, ponto que era influencia da teologia arminiana que era contra o calvinismo (HEITZENRATER, 1996).

Havia nos Estados Unidos um conflito entre o método das sociedades britânicas de Wesley e o espírito livre dos metodistas americanos, alinhados com o imaginário social do *self made man* das fronteiras no Oeste. Os metodistas americanos encontraram nos avivamentos a forma de recriar sua experiência religiosa e sua identidade. Estes tinham sido liderados por Whitefield, o que trouxe algumas tensões com Wesley na Inglaterra, principalmente quando os metodistas da colônia começaram a aderir ao movimento revolucionário americano. Este processo de transição ocorrido no movimento metodista se deu quando John Wesley enviou missionários leigos aos Estados Unidos. É preciso lembrar que após ter se formado em Oxford, ele aceita passar um período como missionário na Geórgia. Motivado, tentou implantar o metodismo criando Sociedades na América e evangelizando os indígenas. Porém, sua experiência não deu os resultados esperados, tendo em vista os costumes da religiosidade livre das fronteiras com o ascetismo do método das sociedades de Wesley. Ele retorna e em 1735 viaja para Bristol onde expande o metodismo na Inglaterra (HEITZENRATER, 1996, p. 70).

Sendo assim, o primeiro avivamento começou no início do século XVIII, período em que Wesley esteve na Geórgia, na década de 1730 e continua até a Guerra de Independência. O Segundo Avivamento foi o mais importante pois influenciou as missões protestantes, ocorrido no final do século XIX e se expandiu através dos acampamentos ⁴² (MENDONÇA, 1984; CAMPOS, 2005).

Enquanto Wesley estava preocupado com a unidade do movimento e a não ruptura com a Igreja Anglicana, o metodismo avançava com liberdade na América através das ondas de avivamentos ocorridas na passagem do século XVIII para o XIX. Além disso, Wesley era contra a independência da colônia ⁴³, pois considerava a autonomia religiosa dos metodistas

⁴² Os “acampamentos” (*camp meetings*) eram formas de cooperação entre as denominações visando a evangelização em massa. Pregadores batistas, presbiterianos e metodistas se revezavam em cultos abertos ao público. Esta prática traz a influência de Wesley e a intinerância dos metodistas, que pregavam livremente fora dos espaços cultcos de suas paróquias, andando pelas vilas e locais de trabalho dos operários e camponeses. Nestas reuniões ocorriam conversões promovidas pelas pregações fervorosas e emotivas, com apelos pela aceitação da mensagem, aos moldes dos pentecostais no Brasil e algumas igrejas históricas que seguem a teologia arminiana. Como é comum nas Assembléias de Deus a pergunta “você já recebeu Jesus no seu coração”. As características destes cultos são bem semelhantes aos cultos pentecostais brasileiros, conforme a descrição a seguir. Cf. “Hinos eram cantados, orações oferecidas, símbolos do céu e do inferno usados, pecados condenados e justiça retratada, eram hinos, orações, símbolos, pecados e virtudes da fronteira e não de qualquer grupo especial” (NIEBUHR, 1992, p. 113).

⁴³ Para alguns autores Wesley misturava aspectos do pietismo e do iluminismo, associando a disciplina metódica das Sociedades Metodistas com a espiritualidade e emocionalidade, o que se configurava em sua postura anti-clerical, apesar de nunca ter rompido com o anglicanismo, era cômico de que a Igreja não atendia aos anseios

na América e seu apoio à causa da revolução uma forma de insubmissão à Igreja Anglicana. movimento iniciado por Wesley sobreviveu dentro do anglicanismo com as Sociedades Metodistas. Wesley seguia a Igreja e seus documentos oficiais, mantendo o desejo de reformá-la através do movimento metodista. (HEITZENRATER, 1996).

Segundo Mendonça (1984), nos Estados Unidos os avivamentos tiveram duas fases. O início surgiu ao Norte, na primeira metade do século XVIII liderados por congregacionais, anglicanos e presbiterianos (Jonathan Edwards, George Whitefield, Gilbert Tennent). Adotava uma teologia calvinista reformada (ênfase na soberania de Deus), preocupada com a pregação e os fundamentos teológicos da fé, liderado por congregacionais da Nova Inglaterra e os presbiterianos das colônias centrais. O segundo foi liderado por metodistas e batistas nas fronteiras. Os metodistas americanos se espalharam com mais facilidade neste terreno pelo seu estilo de pregação mais simples e emotiva. O Segundo Avivamento ocorre após a Revolução Americana (1771-1774) tendo sido mais intenso e duradouro. Representou o triunfo da teologia arminiana com ênfase na salvação como decisão humana, além de ser mais emocional, onde os pregadores faziam grandes performances com os hinos (“chorus”) comovendo as massas dos acampamentos. Este Segundo Avivamento impulsionou as sociedades missionárias americanas, resultando no envolvimento dos metodistas e batistas nas missões do século XIX.

Assim, quando os evangelistas americanos inventaram os *camp meeting* no fim do século XVIII, o qual anos mais tarde foi trazido para a Inglaterra por um deles, os wesleyanos se apartaram suspeitosos daquelas demonstrações maciças de êxtase religioso em que enorme multidões foram tomadas por uma histeria coletiva e se convertiam em massa e também – como diziam os cínicos – se entregavam a formas tão pouco religiosas de dar escape às emoções. (HOBSBAWM, 1977, p. 170)

Os acampamentos eram eventos onde pregadores realizavam cultos para grandes multidões. O movimento seguia o estilo de culto iniciado pelas Sociedades Metodistas na Inglaterra durante o avivamento promovido por Wesley. As pessoas se aglomeravam em um local para ouvir as pregações, embaladas por hinos e forte apelo emocional, incluindo com manifestações de êxtase religioso que muitas vezes eram recriminadas pelos clérigos

das classes populares. Por outro lado, era conservador (Tory) o que pode ser visto na resistência á revolução americana (NASCIMENTO, 2003, p. 90-91). A disciplina metodista (o método) era influencia do iluminismo associada à espiritualidade. Em termos weberianos, podemos dizer que Wesley tinha uma espiritualidade que mesclava elementos místicos e ascéticos. Conforme Weber (1974), estes dois tipos ideais não são possuem necessariamente um contraste. O místico pode ter seu lado ascético quando busca através de um método alcançar a santidade divina. Por sua vez, o asceta pode ter sua força que rejeita o mundo, se no caso a ascese o leva a negar e isolar-se dos valores da sociedade. Segundo Weber “em ambos os casos, o contraste pode desaparecer, e pode ocorrer uma certa combinação de ambas as formas de busca de salvação” (WEBER, 1974, p. 374).

anglicanos. Um dos primeiros grandes avivamentos ocorreram no acampamento em Bristol, na Inglaterra, promovido por George Whitefield, companheiro de Wesley na organização das Sociedades Metodistas. Wesley acreditava mais nas reuniões em pequenos grupos, como eram feitas pelas Sociedades, onde poderia aplicar o “método” de busca pela santificação, cantando hinos, através de orações e a mensagem. No entanto, ele participou e pregou nos acampamentos (HEITZENRATER, 2006, p. 99-101).

Com o tempo logo se organizou a Igreja Metodista Episcopal nos EUA, que chegou a ter aproximadamente 15 mil membros (REILY, 2003: 99). Apesar do crescimento, Wesley se preocupava com os rumos do metodismo. A sua preocupação era quanto ao abandono do método das Sociedades a ser seguido nos avivamentos, o que o levou a escrever e sistematizar as doutrinas da *santificação metodista*. Publicou jornais e livros com orações, sermões e regras a serem seguidas para unificar e *metodizar a busca pela santidade* (HEITZENHATER, 1996: 182). As notícias chegadas dos Estados Unidos sobre os movimentos religiosos que seguiam com sua efervescência, se expandindo nas fronteiras americanas à revelia do controle dos clérigos ordenados pela Igreja Anglicana (oficiais) não o agradava muito. Na passagem do século XVII e início do século XVIII, era comum os pregadores leigos americanos lamentarem o declínio da espiritualidade e conclamarem os seus fiéis a orar pelo avivamento.

O Segundo Avivamento produziu efeitos mais amplos e duradouros que o primeiro, tais como o surgimento das “sociedades voluntárias”, organizações permanentes que visavam evangelizar e reformar os Estados Unidos. Cabe ressaltar que a experiência metodista nos Estados Unidos teve uma grande repercussão nas demais denominações. Os metodistas aproveitaram os acampamentos por se identificavam com a religiosidade livre, onde ocorriam os cultos com conversões, “cantos” coletivos e manifestações emocionais (MENDONÇA, 1984; NIEBUHR, 1992). Este tipo de religiosidade foi afastando outras denominações, como batistas e presbiterianos, devido a sua religiosidade ascética similar ao tipo ideal weberiano (WEBER, 1975, 2005), enquanto nos campos havia um teor mais emocional. Da mesma forma, o sistema itinerante dos pastores metodistas favorecia a proximidade com as massas populares, com clérigos instruídos apenas nas doutrinas básicas e na Bíblia, assim como a própria política metodista que permitia a existência de reuniões com grupos de doze pessoas e líderes leigos. Assim, os metodistas assumiram a direção dos acampamentos (juntamente com os Batistas e os Discípulos de Cristo) diante do afastamento dos presbiterianos e congregacionais, estes assustados com sua religiosidade mais popular e emotiva,

evidenciando as experiências com o Espírito Santo dos pregadores leigos itinerantes e a religiosidade simples das fronteiras.

2.2. O movimento metodista e a religiosidade das missões protestantes: Conflitos entre o engajamento social e o surgimento do conservadorismo.

O movimento metodista com sua religiosidade influenciou protestantismo de missão e operou a transição do pensamento protestante, amenizando a questão da predestinação e enfatizando a iniciativa do fiel e sua participação no processo de salvação, assim como as manifestações emocionais e a referência maior do Espírito em detrimento das doutrinas confessionais (REILY, 1981, p. 215). O metodismo americano se tornou mais emocional e se expandiu no meio das fronteiras.

Outro aspecto importante a ser destacado é a questão social que se tornou um problema no protestantismo americano sulista, refletindo no metodismo e, por sua vez, no imaginário das missões protestantes no Brasil. As missões mantiveram o lado piedoso da experiência religiosa, contudo, omitindo-se em relação às questões sociais, como a escravidão no final do século XIX. Começam a surgir conflitos entre as igrejas mistas que congregavam negros e brancos, onde estes tinham sofriam restrições de cunho racial, como entrar pela porta lateral e sentar em bancos separados.

O debate racial predominou entre as diferentes denominações. Inicialmente os metodistas eram contra a escravidão. Porém, após a Guerra-Civil e a abolição, algumas igrejas, entre elas a Igreja Metodistas Episcopal do Sul, passaram a amenizar o debate sobre o racismo, em alguns casos, apoiando o discurso de que os negros deveriam ser evangelizados para se tornarem menos insubmissos. Esta lógica visava atrair os fazendeiros escravistas que temiam o discurso cristão mais humanista do movimento metodista. Viviam ainda temerosos das rebeliões escravas no Atlântico, como o caso do Haiti (1848) que alcançou repercussão internacional. Temerosos, os setores mais conservadores irão se concentrar no Sul dos Estados Unidos, apoiando a escravidão o uma religiosidade menos engajada socialmente e mais preocupada com a busca pela santidade e o fundamentalismo bíblico. Este tipo de pensamento conversionista, onde a conversão é resultado de em um processo de reforma e evolução moral, nasce desta ruptura e configurou no final do século XIX o imaginário das sociedades missionárias que partiam “civilizar” a África, Ásia e América do Sul. Era o

imaginário do *Destino Manifesto* que trouxe para os trópicos os costumes e a visão conservadora do protestantismo da América do Norte. Logo a Igreja Metodista Episcopal do Norte enviou missionários que em seguida foram incorporados pela Igreja do Sul que assume a missão. Segundo Mendonça (2002, p. 102), com o fim da Guerra de Secessão os sulistas se espalharam pelo mundo. Neste contexto, a Igreja Metodista Episcopal do Sul envia missionários que inicia trabalhos em São Paulo e Rio de Janeiro. Assim, ocorreu nas missões a associação da mentalidade conservadora à religiosidade dos avivamentos que pregava a rejeição religiosa do mundo a partir de um isolamento sobre as questões sociais. Os protestantes negros, por sua vez, influenciaram a cisão com a Igreja Metodista Episcopal do Sul, surgindo a Igreja Metodista Episcopal Negra. Este processo é importante, pois criou uma nova distinção entre as igrejas. As igrejas negras eram mais emocionais, pois “os negros, à semelhança dos deserdados, necessitavam de uma religião emocional” onde “coração deprimido pelo trabalho suspira não só pela orientação moral, mas pela alegria e êxtase” (NIEBUHR, 1992, p. 162), enquanto, a igreja dos brancos era mais conservadora em questões sociais.

Com o fim da Guerra Civil Americana e o crescimento das denominações tem início o movimento missionário do século XIX. As missões tiveram dois momentos. O primeiro foi no início do século XIX, com o protestantismo de migração. Os missionários eram enviados pelas missões americanas e inglesas para a capelania dos protestantes que vinham a partir de 1810, com a abertura dos portos (VIEIRA, 1981). A mediação os missionários viviam sob a égide do Destino Manifesto, onde a o objetivo delas era levar a civilização e o progresso a partir da expansão missionária na América Latina (MENDONÇA, 1984). Um dos pioneiros das missões metodistas no século XIX foi Daniel P. Kidder. De origem metodista, realizou duas grandes viagens no litoral brasileiro na primeira metade do século XIX. Seus relatos foram publicados no Brasil e exemplificam o imaginário do metodismo que veio nas missões.

A casa era limpa e confortável, e, sobre a mesinha da sala de visita, viam-se dois ou três livros. Um deles pareceu-nos ser uma tradução portuguesa da Bíblia, editada pela British Foreign Bible Society. O fato de se encontrar tal livro em lugar como esse revestia-se de singularidade e interesse. Manifestamos logo curiosidade pelo volume (...). (KIDDER, 1980, p. 80)

Relatos como esse mostram o universo da missão protestante. Eram empresas que financiavam a publicação de Bíblias e panfletos (como a história do livro *O Peregrino* de John Bunyan, muito lido pelos evangélicos) para serem distribuídos aqui. Também a observação de detalhes como a moralidade, a ordem da casa, a estrutura familiar e a

observância do envolvimento dos brasileiros em várias cidades com vícios e a degeneração social que tinha como causa o catolicismo. A missão protestante tinha como projeto salvar essas pessoas. Esta salvação era baseada em uma ruptura que os relatos dos primeiros missionários mostravam o desejo civilizatório destas missões (MAFRA, 2001, p. 9). Ao final do século XIX, já havia uma estrutura missionária, com a chegada de dirigentes de diversas denominações e a implantação de igrejas, tendo em vista a abertura ao culto já no final com a crise do Império. Este protestantismo em linhas gerais era profundamente enraizado na doutrina da ética acética puritana e na moral pietista (WEBER, 2005). Este imaginário migrou para o Brasil no Segundo Reinado durante o período de 1836 à 1841, quando se estabeleceu a missão metodista no país. A carta do missionário E. Pitts, escrita no Rio de Janeiro falando sobre o envio de mais missionários revela um pouco a cosmovisão destes missionários e como eles viam a nossa sociedade no século XIX.

Deve ser enviado para este lugar um homem de vivo zelo, da paciência de Jô, e de verdadeira filosofia cristã. Um pregador que coloque todos os seus cuidados no Senhor Jesus, e que pregue com o Espírito Santo mandado do céu é o que querem aqui. Mas um malabarista metafísico, com uma compreensão artificial da santidade do coração, será tão inócuo como um frio raio de lua sobre a montanha de gelo (REILY, 2003, p. 101).

O discurso do missionário revela o pensamento que predominou nas missões do século XIX, que pode ser definido como um *projeto civilizador* (VIEIRA, 1980; MENDONÇA, 1984) que traria através da expansão da fé elementos que iriam reformar a sociedade católica “decaída”. Os problemas entre o Norte e o Sul agravaram e implicaram na dificuldade do envio de novos missionários. Com a cisão da Igreja nos EUA, surgiu a Igreja Metodista Episcopal do Sul que enviou finalmente, em 1876, o primeiro missionário e um dos futuros pastores da Catedral Metodista, o Reverendo John Hames Ransom. Já no final do século XIX e início do XX, com a Conferência de Edimburgo (1910) e em seguida a do Panamá (1916), deram origem ao Conselho Internacional de Missão, embrião do que será mais tarde o Conselho Mundial de Igrejas (RIBEIRO, 2011, p. 134). Na passagem para o século XX ocorre um conflito entre a visão ecumênica presente nas missões e o denominacionalismo americano conforme destacou Niebuhr (1992). Este fenômeno influenciou a vinda de missões e com isso o segmento conservador do protestantismo norte-americano para o Brasil.

Outro grupo importante, completamente esquecido no sistema de classificação, é o composto pelos chamados “confederados” norte-americanos que se estabeleceram principalmente em Santa Bárbara (SP) logo após a Guerra Civil. Esses imigrantes, principalmente procedentes do Sul dos Estados Unidos, eram compostos por protestantes de praticamente todas as denominações norte-americanas. Fundaram a cidade de Americana e construíram sua igreja comum. Embora eles mesmos não

objetivassem a propagação de sua fé religiosa, de modo indireto contribuíram para isso, principalmente porque provocaram a vinda de pastores para atendê-los que acabaram, alguns, por exercer atividade missionária entre brasileiros. Entre eles, presbiterianos do Sul dos Estados Unidos que se estabeleceram em Campinas (SP), metodistas que ampliaram suas atividades para além dos limites do “território confederado” e batistas que acabaram fundando sua primeira igreja em Salvador (BA) recebendo como primeiro membro um ex-padre brasileiro. (MENDONÇA, 2005, p. 53).

As Sociedades Missionárias nos Estados Unidos ⁴⁴ passaram a questionar as decisões de Edimburgo, que viam na missão a proposta de promover obras sociais e ajudar os países pobres da América Latina, África e Ásia, enquanto que nas missões americanas predominava o imaginário dos avivamentos, com sua ênfase emocional, na conversão pessoal e na negação do catolicismo ibérico (MENDONÇA, 1984, 2005, 2008). Figurou no seio do protestantismo mundial a tensão entre o liberalismo e ecumenismo de alguns setores missionários, que enfatizavam a necessidade da ação social das igrejas e a unidade enquanto outros grupos, mais conservadores, pregavam o denominacionalismo e o anti-catolicismo (MENDONÇA, 2005, p. 57).

2.3 O pentecostalismo: Origem e principais características.

O movimento pentecostal surgiu como desdobramento do Segundo Avivamento nos Estados Unidos, no final do século XIX. Surgiu a partir da ruptura de Charles Parham (1900-1901) em uma Igreja Metodista, e tinha como objetivo defender a necessidade de um novo avivamento religioso: A necessidade de uma bênção especial, o batismo com o Espírito Santo por meio da glossalalia, além da conversão e da santificação. Alguns autores destacam que esta experiência religiosa traz características que são heranças da tradição metodista. Seus

⁴⁴ Conforme Zwinglio Dias (1998, p. 135), houve uma cisão no movimento missionário em torno da evangelização na América Latina. A Conferência de Edimburgo (1910), não convidou os países da América Latina pois já consideravam estes países como evangelizados pela Igreja Católica. O objetivo de Edimburgo era levar o cristianismo aos povos “não-cristãos”. As missões norte-americanas ficaram insatisfeitas e convocaram uma nova comissão, com a Conferência do Panamá (1916), onde participaram as missões presentes na América Latina. Aqui surge a distinção entre o movimento ecumênico e os chamados evangelicais. Dos signatários de Edimburgo surgiram movimentos que discutiam a relação Igreja e Sociedade, cf. “Ao término da guerra, estas igrejas passaram a preocupar-se em contribuir para o restabelecimento de uma paz justa e durável, e em formular uma resposta cristã à situação econômica, social e moral do pós-guerra. O resultado foi que noventa delegados de quinze países se reuniram em Genebra em 1920 sob a direção do arcebispo luterano de Uppsala (Suécia), Nathan Soderblom, apoiado, dentre outros, pelo metodista norte-americano John R. Mott, para organizarem uma conferência mundial sobre estas questões. Trata-se da "Conferência sobre Cristianismo Prático", que deu origem ao Movimento de "Vida e Ação" que se realizou em Estocolmo (Suécia) em 1925 pregando uma fé prática, engajamento social que pode ser visto em documentos como” (DIAS, 1998, p.137).

fundadores entraram em conflito com a organização institucional da igreja, quando surgiu o Instituto Bíblico em Topeka (Kansas). Sua base era a experiência pessoal com Jesus, pregava a unidade da igreja no batismo com o Espírito Santo e o dom de falar em línguas estrangeiras como finalidade de expandir a pregação evangélica pelo mundo. No mesmo contexto, William Joseph Seymour (1870-1922), negro e vítima do racismo, tem a experiência com o Espírito Santo e inicia-se assim o avivamento da Rua Azuza, conhecido como o movimento missionário da Rua Azuza em Los Angeles. Este foi considerado o início do movimento pentecostal que veio para a América Latina na década de 1910 e 1920. Estes movimentos traziam características ecumênicas (CUNHA, 2011), pois promoviam o esforço conjunto de diferentes denominações em torno da missão, que surgia como resposta ao declínio do fervor missionário dos avivamentos. Reprovavam a divisão das igrejas e pregavam o batismo do Espírito Santo como uma nova forma de resgatar a unidade da igreja e assim, a pureza do cristianismo e sua expansão propagada pela pregação em outras línguas.

Parham funda a Escola Bíblica Betel, em Kansas (Texas) para disseminar sua compreensão baseada na leitura dos Atos dos Apóstolos, capítulo 2. Suas ideias foram também difundidas por meio do periódico quinzenal que passou a publicar, *Apostolic Faith* (Fé Apostólica), trabalhando conceitos que mais tarde se tornariam doutrinas básicas do movimento pentecostal: conversão pessoal e santificação (herdadas do Metodismo), pre-milenismo (herdado dos movimentos avivalistas) e o batismo com o Espírito Santo por meio do falar em línguas estranhas (ARAÚJO, 2007, p.541-543). Foi um dos alunos da Escola Bíblica de Parham, William Seymour, o responsável pela explosão do movimento para além do espaço regional em Texas (CAMPOS, 2005). Tendo sua cadeira colocada no corredor da sala de aula, por ser negro, Seymour foi alimentado pela teologia aprendida em Kansas e, ao sair de lá, funda uma pequena comunidade em Los Angeles, em 1906, transformada no movimento conhecido como Azuza Street Mission do Movimento da Fé Apostólica. (CUNHA, 2011, p. 37)

Em sua origem, o movimento pentecostal tinha como objetivo romper com o denominacionalismo americano e com as barreiras raciais que dividiam as igrejas, assim a pregação de uma experiência religiosa mais simples e popular. Segundo Magali Cunha (2011), o pentecostalismo tinha em sua origem uma força ecumênica.

Não são poucos os estudiosos do Pentecostalismo que identificam uma dimensão ecumênica na origem do movimento na Rua Azuza. O avivamento experimentado em Los Angeles era marcado pela quebra de barreiras: de 1906 a 1908, a Street Azuza Mission reuniu pessoas de diferentes cores, grupos étnicos, culturas e nacionalidades, juntas em celebração cívica. Um participante testemunhou que ali “a divisão de cor foi lavada no sangue”. (CUNHA, 2011, p.39)

A virada do século foi marcada por “múltiplos focos da explosão planetária do pentecostalismo” e foi “cronologicamente a última das grandes reformas internas do protestantismo” (D’EPINAY, 1970: 48-49). O movimento popular do metodismo dos

avivamentos permanece no protestantismo. O movimento se expandiu como no Chile, que surge a partir de dissidências da Igreja Metodista chilena (1909 a 1910), marcados por uma religiosidade com ênfase no emocionalismo, visões e revelações assim como manifestações do Espírito Santo, levando os fiéis ao conflito com as autoridades da igreja. Pregavam o batismo com o Espírito e a doutrina da santificação wesleyana a partir da recepção do Espírito Santo. Sua prática religiosa era a evangelização orientada para a conversão pessoal, batismo no Espírito Santo (falar em línguas estranhas), onde a igreja é unida na comunidade carismática de cura e crença em um mundo espiritual. Este conflito se deu até 1932 quando surgiu a Igreja Metodista Pentecostal no Chile (SEPÚLVEDA, 1996, p. 53).

Para Epinay (1970), o metodismo chileno havia perdido o *ethos* fundante do qual fazia parte, de uma religiosidade alinhada com as demandas sociais das massas populares, passando a ser uma religião respeitada e freqüentada pelas elites da sociedade. Aqui é possível perceber a relação entre o discurso sociológico do autor com o discurso religioso, que implica na relação entre intelectuais protestantes e a pesquisa sobre religião e sua preocupação com o metodismo chileno. No entanto, Niebuhr (1992), apesar de ser teólogo, já havia identificado no movimento protestante americano, essa constante tensão entre a religiosidade mais popular, marcada pela experiência afetiva e emocional das comunidades que surgiam dentro da igreja-mãe, esta por sua vez, intelectualizada o que a tornava distante da experiência das camadas populares.

O movimento pentecostal se distingue dentro do protestantismo do início do século XX, por um elemento que se tornou sua marca principal: A ênfase na doutrina do batismo com o Espírito Santo. O pentecostalismo acentuou alguns elementos já presentes na experiência dos *avivamentos*, como a glossolalia e as revelações, e sedimentaram doutrinas como o “batismo no Espírito Santo”. A religião emocional e itinerante, desprendida de credos rígidos e mais afeita à experiência pessoal da responsabilidade individual e da escolha pela salvação, a busca da santidade e da vida guiada pelo Espírito não foram novidades do pentecostalismo. Estes elementos eram encontrados na doutrina wesleyana da “inteira santificação” (KLAIBER & MARQUARDT, 1999). Contudo, o movimento iniciado destaca o aspecto ecumênico do pentecostalismo (BUNDY, 1999; CUNHA, 2011), com a experiência dos avivamentos, onde os acampamentos já apresentavam uma certa união entre as denominações nos Estados Unidos em torno do espírito comum presente no movimento, de

busca pela santidade, o emocionalismo e as experiências de êxtase religioso. Neste fenômeno já se evidenciava a matriz social do futuro movimento pentecostal.

Sendo assim, vimos que na passagem do século XIX para o XX, as missões protestantes eram ecumênicas. O pentecostalismo moderno surge a partir desse contexto, pois todos estavam unidos em “um só espírito” para evangelizar, crendo que através da conversão iriam causar as transformações sociais necessárias (VIEIRA, 1980). Com a Conferência de Edimburgo e a discussão que colocava em dúvida a necessidade de evangelizar os católicos, dividiram-se os fundamentalistas, evangélicos e ecumênicos (LONGUINI, 2002; DREHER, 2006). Até então, as missões protestantes eram carismáticas, traziam a herança do metodismo dos avivamentos em conjunto com um projeto de reforma social a partir da prática do evangelismo. Com a conferência de Edimburgo (1910), esse projeto unificado das missões acabou causando divisões, e a mentalidade que marcou o protestantismo das missões foi o fundamentalismo protestante.

2.4 O pentecostalismo no Brasil.

No Brasil existiram tensões no seio das igrejas de missão que remetem ao conflito entre “religião da elite” e a “religião popular”. Rolim (1985) afirma que estes movimentos não podem ser considerados como pentecostais. No entanto, eles eram carregados por uma religiosidade mística, causando choque com a tradição intelectual do protestantismo de missão. Como os conflitos de José Manoel da Conceição, mais tarde pastor presbiteriano, e Miguel Vieira Ferreira (Fundador da Igreja Evangélica Brasileira), pois ambos pregavam uma religiosidade embasada na crença do Espírito Santo, em que a experiência religiosa acontecia em uma comunicação mais direta com Deus, que seria uma porta aberta para o “iluminismo religioso”, uma forma de revelação divina dada individualmente ao fiel (ROLIM, 1985, p. 67). Paul Freston denominou estes grupos como precursores do pentecostalismo, chamando-os de “protestantismo místico” (FRESTON, 1993, p. 67). O pentecostalismo brasileiro surge a partir do movimento pentecostal moderno, oriundo da experiência do avivamento da Igreja Metodista da Rua Asuza em 1906, caracterizada pela inclusão social dos negros na experiência do batismo com o Espírito Santo, dons como a *glossolalia* e de cura, engajada socialmente como os pentecostais dos bairros pobres de Chicago como mostram as igrejas batistas e na música negra americana. Isso explica o envolvimento das Assembléias de Deus

americanas ao Conselho Mundial de Igrejas e ao ecumenismo (BUNDY, 1999). Em linha oposta surge o movimento pentecostal dos brancos, com todos os dons pentecostais, porém sem o engajamento na questão social, como o racismo. Era uma religiosidade mais voltada para questões espirituais se afastando da ética mundana.

Sendo assim, o pentecostalismo no Brasil tem sua origem no início do século XX, com a Assembléia de Deus em Belém do Pará (1911) e com a Congregação Cristã do Brasil (1909). Luigi Francescon, imigrante italiano teve contato com o movimento pentecostal americano e veio para o São Paulo, no bairro do Brás. Este local foi o palco onde observamos os mesmos conflitos ocorridos no movimento metodista das fronteiras, onde a religiosidade pentecostal surgida no meio das igrejas tradicionais começou a gerar tensões, atraindo as classes populares e gerando insatisfação das elites. Já os irmãos Vingren, missionários suíços, passaram pela experiência pentecostal americana e a trouxeram para o Brasil, sendo acolhidos pelos batistas onde promoviam vigílias e longas horas de oração (MAFRA, 2007). Este grupo veio marcado pela experiência pentecostal dos brancos americanos que faziam a distinção entre a prática religiosa e o envolvimento com questões sociais (ROLIM, 1985, p. 41). Traziam o apelo à conversão, cultos longos (vigílias) que duravam toda a noite, glossolalia e rejeição religiosa do mundo através de uma ética pietista orientada pela observância moral da “busca pela santidade”.

Neste breve relato de uma trajetória histórica de longa duração, o mais importante não foi descrever com profundidade cada processo histórico, mas perceber que o protestantismo moderno foi marcado por esta tensão entre uma religião mais preocupada com a reflexão intelectual e a religião popular, esta, voltada para a experiência emocional, que marca esses conflitos ocorridos tanto no movimento metodista das fronteiras e semelhantemente o movimento pentecostal no Brasil. É interessante destacar que o movimento pentecostal surge no contexto de enrijecimento da experiência religiosa do Segundo Avivamento e em meio ao protestantismo de missão na América Latina. O confronto entre a religiosidade dos missionários estrangeiros e as expressões religiosas populares revelava um terreno fértil para a entrada da experiência pentecostal. Esta religiosidade popular trazia a ênfase na “iluminação interior”, ou seja, uma experiência religiosa mais centrada na experiência pessoal que possibilitavam a crença de que o fiel poderia se comunicar direto com Deus (CAMPOS, 1996, p. 71), diminuindo a dependência da instituição como mediadora da experiência religiosa. Esta característica causou alguns conflitos com as missões protestantes e já prenunciavam a

abertura para o crescimento pentecostal no Brasil. Sendo assim, podemos identificar que o protestantismo em sua formação social foi marcado por movimentos insurgentes que colocaram em tensão os movimentos populares e a tradição histórica ao longo de sua trajetória.

2.5 As similaridades entre o movimento metodista e o pentecostalismo: O *ethos* fundador da religiosidade evangélica brasileira a partir do movimento metodista e pentecostal.

Nesta parte será feita uma análise comparada entre o surgimento do metodismo e o pentecostalismo, frisando as semelhanças culturais e históricas envolvidas na origem destes dois fenômenos religiosos. Será mostrado que tanto no metodismo inglês quanto no pentecostalismo brasileiro, existem elementos como a ênfase na conversão pessoal, experiência emocional e a busca pelo aperfeiçoamento moral (busca pela santidade), são originários de uma mesma trajetória cultural surgida no protestantismo ao longo do século XIX e XX. Estarei retomando algumas afirmações já feitas, em que neste tópico serão importantes para a análise que tem como objetivo identificar elementos comuns entre a tradição metodista e o pentecostalismo.

A história da formação social do metodismo tem origem na cultura anglo-saxônica. Ela traz elementos que vieram a constituir tanto a cultura religiosa do EUA, assim como possui traços semelhantes ao movimento pentecostal surgido no início do século XX. Segundo David Martin (1990), o metodismo foi um movimento de *segunda onda*⁴⁵ do protestantismo, enquanto o pentecostalismo seria a terceira onda. O autor faz uma genealogia do protestantismo e do pentecostalismo, identificando na sua formação social elementos que aproximam estes dois movimentos religiosos.

Para David Martin (1990), o metodismo rompeu com o *dossel sagrado* da cultura anglicana, assim como o pentecostalismo fez em relação à cultura católica na América Latina. Os metodistas ingleses romperam com a hierarquia anglicana e formaram um movimento marginal dentro de uma relação social fechada entre a Igreja e o Estado. Isto se deve em fato

⁴⁵ O autor traz a ideia das três ondas do Protestantismo que são o pietismo, o metodismo e o pentecostalismo (MARTIN, 1990). Esta classificação inspirou Freston (1993) a falar de três ondas para o pentecostalismo no Brasil.

pela formação do movimento, baseado nos leigos e com forte apelo emocional centralizado na experiência comunitária de pequenos grupos. Os metodistas encarnavam a *contracultura* anglo-saxã, pois “eles tinham pouca educação, recebiam pouca ou nenhuma remuneração, falavam a língua vernácula e pregavam com o coração. Exatamente esta é a árvore de pentecostalismo hoje” (MARTIN, 1990, p. 41) ⁴⁶. Paul Freston chegou a afirmar que o metodismo foi o “pentecostalismo da Revolução Industrial” (FRESTON, 1993, p. 54). Estas características religiosas levaram à diáspora protestante, onde o movimento metodista encontrou nos EUA o espaço para essa experiência religiosa que contribuiu com a formação da identidade nacional. O metodismo americano era um protestantismo arminiano, sua ênfase estava na autonomia da consciência e da liberdade de escolha, o que marcou profundamente como um elemento cultural da nação. As mudanças ocorridas em sua passagem pelos Estados Unidos e a experiência dos avivamentos, trazem uma certa identificação com o futuro movimento pentecostal.

Há centenas de descrições de encontros Metodistas que soam como as descrições de trabalhos pentecostais hoje. Joseph Barker, descrevendo um *revival* em Sheffield em torno de 1835, se refere à excitação selvagem, gritos, canções dissonantes, e ‘gritos de glória’, e também para as pessoas caindo no chão ou saltando sobre as formas. Tais serviços duravam por horas, assim como os seus sucessores pentecostais. E geraram reações semelhantes de hostilidade e violência ocasional. (MARTIN, 1990, p. 28)

No cenário religioso dos *avivamentos* nos Estados Unidos, encontramos já algumas práticas que podem ser identificadas até hoje no movimento pentecostal. Eram comuns as “danças no espírito”, a “histeria divina” e os “risos” nos acampamentos americanos do século XIX (MARTIN, 1990, p. 28). Estes elementos que traziam esta religiosidade emotiva e profundamente enraizada na experiência de êxtase religioso delimitaram as fronteiras entre um protestantismo intelectualizado e a religiosidade das classes populares norte-americanas. Este período dos avivamentos marcou a cisão entre as duas esferas da experiência religiosa, onde o entusiasmo dos *avivamentos* entrou em confronto com o metodismo inglês onde Wesley, o fundador do movimento ficou conhecido como o “organizador, administrador e legislador extremamente enérgico e perspicaz. Ele conseguiu combinar nas proporções corretas democracia e disciplina, doutrina e emotividade” onde “o metodismo foi regido quase que ditatorialmente por Wesley” (THOMPSON, 1968, p. 41 ap. FRY, 1982: 29). Este processo pode estar relacionado com o declínio da magia na Inglaterra industrial, que

⁴⁶ Tradução livre do trecho a seguir: “They had little education, received little if any pay, spoke in the vernacular, and preached from the heart. Exactly this is tree of pentecostalismo today” p. 41

influenciou a mudança de mentalidade, e levou o movimento metodista a se consolidar enquanto uma religião regida por “leis morais rígidas condicionam a salvação, negação dos prazeres mundanos” (FRY, 1982: 32). O metodismo se aliou ao Estado na Inglaterra para conter o fervor revolucionário.

Peter Fry (1982), comparando pentecostais e metodista em São Paulo identificou como elemento comum entre os dois movimentos, a ênfase na disponibilidade da graça para todos, a esperança milenarista assim como a intensa busca pela santidade bíblica, traços fundamentais que se retomamos as histórias do pietismo, terão semelhanças entre eles como movimentos da mesma matriz religiosa. A busca pela santidade é um elemento comum entre metodistas e pentecostais, e ainda hoje é uma característica da religiosidade evangélica brasileira. A distinção que podemos observar é que tanto Martin (1990) quanto Peter Fry (1982), observaram que o metodismo possui uma inclinação menor para os elementos mais radicais do pentecostalismo como a cura e o falar em línguas. Contudo, metodismo e o pentecostalismo se aproximam pela “rigorosa disciplina moral como o caminho para a salvação num mundo futuro e ambos preocupam-se com a organização em larga escala e com a hierarquia”. (FRY, 1982, p. 22-23). Mas ainda sim, cabe destacar que o metodismo já apresentava em seu começo a “repreensão do Diabo e seus asseclas, e também dispensado remédios caseiros para os doentes”⁴⁷ (MARTIN, 1990, p. 28).

Outro elemento de aproximação entre o movimento metodista e o pentecostalismo é a busca pela santidade e a salvação universal pela graça. Uma última relação não menos importante é comparada por Fry (1982), que observa nos metodistas da década de 1970, certa semelhança entre os dois grupos, onde “os pentecostais de São Paulo, como os ingleses metodistas, são separados dos não crentes em consequência de seus dramáticos tabus contra a bebida, a televisão, o futebol e outros. Também gozam da reputação de trabalho duro e honestidade” (FRY, 1982, p. 35). Há uma relação com os metodistas do Sul dos EUA, de onde saíram os missionários, pois esta região foi onde se desenvolveu o movimento de santidade que provocou o avivamento norte-americano. Este processo configurou no século XIX um abrandamento das fronteiras denominacionais, pois os *acampamentos* onde aconteciam as reuniões de busca pela santidade e as experiências de êxtase dos avivamentos

⁴⁷Tradução livre do trecho a seguir: Elements in pentecostalism less evident in methodism are exorcism, divine healing and speaking in tongues, though the early Methodist certainly rebuked the Devil and his minions, and also dispensed homely remedies to the sick. P.28

eram freqüentados por fiéis de denominações batistas e metodistas. É possível pensar a partir destas análises que o protestantismo brasileiro foi marcado por experiências que apontam para certa univocidade de crenças que, apesar das fronteiras denominacionais, circulam através da experiência religiosa dos fiéis. Diríamos que se trata de uma experiência que está na matriz religiosa dos evangélicos no Brasil.

É importante observar ainda que na América Latina, a influencia dos metodistas será sentida no surgimento de um protestantismo autóctone, que encontrou afinidade entre essa religiosidade mais popular, herança dos avivamentos com a religiosidade latino-americana em confronto com os ideais missionários que muitas vezes se concentravam na forte institucionalização através de suas escolas e projetos assistencialistas, pregando o modo de vida puritano e liberal. As igrejas que surgem como movimentos pentecostais nascem a partir deste contexto, como foi o caso do pentecostalismo no Chile (EPINAY, 1970).

2.6 Catedral do Catete e o metodismo no Brasil entre a tradição e a renovação carismática: Tensões entre a religiosidade intelectual e a experiência religiosa popular.

A Catedral do Catete foi um dos palcos da consolidação do movimento metodista no Brasil. Os missionários Daniel Kidder e Justin Spaulding, a partir de sua chegada em 1837 marcaram o período em que o metodismo trazia o imaginário civilizatório das missões protestantes do século XIX. Através da difusão da Bíblia e dos princípios da ética puritana, seu objetivo era salvar os brasileiros do catolicismo romano. Em decorrência dos conflitos ocorridos nos Estados Unidos, a primeira missão metodista terminou em 1842, liderada por Spaulding, tendo sido reiniciada em 1846 pela Igreja Metodista Episcopal do Sul (IMES), por ministros sulistas marcados pela corrente fundamentalista do metodismo americano (REILY, 2003: 105). Em 1867 a obra missionária foi retomada com o trabalho de Junius Eastham Newman, que fundou um trabalho em São Paulo. Para o Rio de Janeiro a IMES enviou o missionário John James Ransom que veio estabelecer o trabalho dos na cidade. Segundo informações históricas do sr. A., historiador oficial da Catedral, a história da Catedral começou neste período de implantação missionária no Brasil.

O terreno onde se situa a Capela e o Templo foi adquirido em 15 de outubro de 1881 pelo Rev. John James Ransom, missionário da Igreja Metodista Episcopal do Sul dos Estados Unidos, por 12:000\$000(12 contos de reis) ao Banco Alemão representado por Klingelhoefér. O terreno era um desmembramento da chácara nº 2

da Viscondessa de São Salvador. A obra da Capela foi realizada durante o ano de 1882. A planta de arquitetura é retangular com o altar em “abside”, têm o estilo chulé, portas e janelas ogivais, paredes externas em pedras e fachada de entrada em alvenaria de tijolos aparentes com frontão ornado de lambrequins. O piso era em tábuas corridas e ficava a um metro acima do terreno original, como proteção das cheias e transbordamentos do rio Carioca que corria a céu aberto pela rua Conde de Baependi. Quatro anos depois, o terreno foi aterrado eliminando-se a escada de entrada existente. Nessa ocasião ainda não havia cimento no Brasil e a argamassa utilizada para as alvenarias de pedra e tijolo, eram composta de argila, conchas moídas e óleo de baleia. Em setembro de 1882 foi inaugurada pelos pastores Rev. Ransom e o Rev. J. L. Kennedy.⁴⁸

Ao longo dos anos o templo foi sofrendo algumas modificações, onde da Capela Histórica passou ao templo maior, atual Catedral, feita em estilo rústico com traços do neogótico inglês.

Em 1913 foi retirada do piso de madeira, aterro do porão (1m), novo piso em cerâmica sobre base de concreto, e colocação de forro de gesso no teto. Em 1976 foi feita a construção de uma laje em jirau 1,12m acima do piso, unificando as duas portas internas de acesso ao templo em uma ampla passagem com escada central. Nova escada para o salão social no subsolo do templo. Substituição de peças de madeira do telhado deterioradas, substituição de telhas e calhas pluviais, e retirada do teto de gesso que foi substituído por lambri de madeira. Em 1998 houve a retirada dos lambrequins deteriorados, do frontão da fachada e pintura geral. Em 2009 tivemos a reinauguração no mês de setembro com forração do piso e instalação de novos bancos.⁴⁹

O fato de ser um marco histórico levou ao tombamento liderado por um grupo de membros da igreja, preocupados com futuras modificações ou demolição da Capela. Com o auxílio do deputado José Miguel, do antigo partido ARENA, da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, deram início ao processo para o tombamento que foi aprovado em janeiro de 1978 e enviado ao governador do Estado, Altmte. Floriano Peixoto de Faria Lima, para as devidas providências. O tombamento ocorreu pelo INEPAC (Instituto de Estudos do Patrimônio Artístico e Cultural), em 21 de setembro de 1978, ato que foi publicado no Diário Oficial (RJ) em 26/09/78.

Até os anos 1930, a IMB passava pelo processo de autonomia da igreja em relação à igreja mãe nos Estados Unidos (IMES). Começam a surgir as primeiras rupturas ameaçando a unidade da igreja, como o caso da Irmandade Metodista Ortodoxa (1934-1935), rompimento

⁴⁸ Relato concedido por A., historiador oficial da Catedral e responsável pela preservação da memória da Igreja em Dezembro de 2012.

⁴⁹ Idem.

causado por questões teológicas⁵⁰. Logo em seguida, no período de 1946-1948, em São Paulo, Villa Mazzei, surge a *Igreja Metodista do Avivamento Bíblico*, movimento criado por um grupo de seminaristas da faculdade de teologia em Rudge Ramos (UMESP). Estes alunos eram “jovens insatisfeitos com a vida espiritual” e estavam em busca de retomar “a experiência da santificação” de Wesley, base histórica do metodismo⁵¹. Em 1967, tiveram a crise maior com a ruptura de grupos carismáticos quando surgiu a Igreja Metodista Wesleyana, adepta do movimento pentecostal chamado de “carismáticos” entre os metodistas. Nesta época já havia se instaurado na Igreja Metodista do Brasil a crise entre os que eram alinhados com as questões políticas da época, o ecumenismo e os carismáticos (CHAVES, 2002, p. 44).

Após a Segunda Guerra Mundial, o protestantismo histórico brasileiro começou a se aproximar das questões sociais. Estas mudanças estão relacionadas com o processo de formação da identidade das Igrejas e por outro lado, à mudança do pensamento teológico após a guerra. A teologia protestante neste período foi marcada pelo fenômeno da secularização, onde pensadores como os teólogos Dietrich Bonhoeffer que pregava um “cristianismo sem religião”, Thomas J. Altizer e a “teologia da morte de Deus” e ainda Harvey Cox com sua teologia secularizante. Uma grande influencia teológica neste período foi do teólogo metodista alemão Jürgen Moltmann e sua “teologia da esperança”, no mesmo contexto em que Gustavo Gutierrez traz à luz sua “teologia da libertação”.

⁵⁰ O conflito teve seu estopim em 1934, quando um jovem seminarista candidato ao pastorado, pregando em uma igreja metodista em Cataguases, MG, se referiu ao diabo como a “personificação do mal” (CHAVES, 2002, p. 49). o discurso do jovem seminarista incomodou as lideranças locais e um presbítero da comissão que avaliava o candidato, dizendo que o seu discurso trazia marcas do liberalismo teológico, questão que já tinha precedentes em relação aos seminaristas da Faculdade de Teologia. Esse liberalismo representava justamente ao discurso intelectualizado e crítico da faculdade, influenciados na época pela teologia europeia como já foi dito no capítulo primeiro, sobre a influencia dos teólogos europeus nas escolas de teologia brasileira. O seminarista em questão foi reprovado e isso gerou tensões entre o bispo e a Comissão que o avaliava, resultando na cisão de um grupo insatisfeito com a postura do bispo.

⁵¹ Este grupo surgiu já tendo influencia dos movimentos carismáticos. Os relatos históricos contam que o pastor Benedito de Paula Bittencourt, na época pastoreando a igreja de Vila Mazzei (SP), estava insatisfeito com o “comodismo e indiferença sobre os ensinamentos da Bíblia. A vaidade, o conformismo com o mundanismo aumentou esse descontentamento”. Nas reuniões da igreja o pastor conta que ele e sua esposa Elisa se sentiram “exprimidos por algo que nunca havíamos visto e que representava para nós algo estranho, especialmente o modo de orar aos gritos e com gemidos prolongados (...)”. Havia uma Igreja dentro da própria igreja, pois cerca de 30 pessoas tinham suas próprias reuniões onde buscavam a santificação e o batismo do Espírito. Ficaram conhecidos com o “grupo do clamor” (CHAVES, 2002, p.51).

O Conselho Mundial de Igrejas (CMI) em 1961 avançou em direção ao ecumenismo ao admitir a participação de ortodoxos e pentecostais, assim como as igrejas históricas reformadas. O CMI é um desdobramento da criação do Conselho Internacional de Missão (1921) e representou um avanço do movimento ecumênico tendo como contexto histórico a necessidade de que as igrejas protestantes se assumissem uma posição crítica em relação à crise societária trazida com a Segunda Guerra Mundial. Este posicionamento político do CMI significou o maior engajamento social de alguns setores do protestantismo brasileiro, incentivando o surgimento de algumas frentes de trabalho como o surgimento de organismos e a participação ecumênica em “Comissões Teológicas Mistas e diretorias de organismos como a Comissão Pastoral da Terra (CPT), o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), especialmente no modelo presente na estrutura ecumênica dos conselhos continentais, como o Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI)” (RIBEIRO, 2011, p. 137). Ao mesmo tempo, no ano seguinte o Concílio Vaticano II (1962), estabelece os parâmetros do ecumenismo católico incorporando os protestantes como “irmãos” através da bula *Unitatis Gaudium et Spes* (alegria e esperança). Junto ao CMI, a Teologia da Libertação viria a influenciar uma geração inteira de protestantes históricos no Brasil, provocando assim a reação dos grupos conservadores e carismáticos destas igrejas (LOWY, 1999). E contraponto a estes movimentos, nesta mesma década era empreendida a partir de 1965, as campanhas de Billy Graham, no Maracanã, com seu discurso enfatizando a conversão pessoal à Jesus como uma grande campanhas evangelísticas, trazendo um colorido oposto ao discurso da transformação social dos setores ecumênicos. Esta conjuntura iria agravar as tensões dentro da Igreja Metodista em relação ao discurso intelectual dos grupos progressistas, influenciados pelo pensamento ecumênico e a teologia libertação com o grupo carismático, identificado com o discurso do tele-evangelismo, da conversão pessoal e do não engajamento das causas sociais.

Neste período, surge a presença do missionário americano Richard Shaull⁵², que influenciou uma geração de pastores e teólogos que se engajaram em promover uma mudança

⁵² Foi um sociólogo e pastor presbiteriano nos Estados Unidos, que trabalhou como missionário na Colômbia na década de 1940, onde teve a primeira experiência com os pobres, o que segundo ele mudou seu pensamento teológico e pastoral (SHAULL, 1985 apud ALVES, 1985). Após isso, retornou aos EUA e fez seu doutorado. Chegou ao Brasil em 1952 e ficou conhecido como “teólogo da revolução”. Este epíteto se deu pelo seu engajamento político entre os jovens seminaristas e sua atuação militante no movimento ecumênico, e por suas publicações nos anos 1950 e 1960: *O cristianismo e a revolução social* (1953), *Encounter with revolution* (1955), *The new revolutionary mood in Latin America*. (1962), *proceso revolucionario* (1963), *Hacia una perspectiva cristiana de la revolución social* (1965), *El cambio revolucionario en una perspectiva teológica* (1966) e *The revolutionary challenge to church and theology* (1966) (HUFF JÚNIOR, 2012, p.57). Richard Shaull pode ser considerado uma das “pontes” que estabeleceu o contato entre a teologia liberal e uma geração de seminaristas protestantes como Rubem Alves e outros. Esteve no Union Theological Seminary, NY, na década de 1950,

no pensamento da igreja, até então, fechada em questões denominacionais. Estas mudanças promoveram eventos como a participação de alguns brasileiros na 2ª Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas, reunida em Evanston, EUA, em agosto de 1954. O reverendo Richard Shaull era presbiteriano, mas sua influencia teve um alcance maior na juventude protestante deste período, tendo em vista a força do movimento ecumênico naquele instante. Logo estas transformações ocorridas levariam aos embates entre os setores conservadores do protestantismo histórico iniciando uma verdadeira “caça as bruxas” com a perseguição de muitos pastores e seminaristas.

A Igreja Metodista tinha como objetivos na época, estabelecer as lideranças brasileiras à frente da instituição, e o trabalho da “Junta Geral de Ação Social”, enfatizando a prática do “Credo Social”, um dos documentos oficiais da igreja que pregava a fé e o engajamento social (REILY, 2003: 190). Havia uma política na igreja que seguia o pensamento ecumênico. Um exemplo pode ser citado em 1967, quando Dom Hélder Câmara foi convidado para participar como paraninfo da turma da Faculdade de Teologia em São Bernardo do Campo, São Paulo. Até 1968, a Igreja seguia o ritmo das transformações do momento, quando em decorrência do contexto político começou a fechar-se em si mesma. A Igreja passou a assumir um discurso conservador tomando atitudes como o fechamento da Faculdade de Teologia no final de 1968. A partir de 1971 ocorreram mudanças que tornaram a Igreja mais regionalista e desconfiada da formação teológica vinda da Faculdade de Teologia.

Segundo Odilon Chaves ⁵³ (2002), o metodismo não estava conseguindo acompanhar as mudanças ocorridas já desde a década de 1950. A religiosidade pentecostal trouxe

realizando estudos sobre marxismo e a fé cristã, onde teve contato direto com autores que buscavam uma alternativa teológica para a igreja, como Reinhold Niebuhr (irmão de Richard Niebuhr), e Paul Lehmann que trazia influencias de Karl Barth e Dietrich Bonhoeffer, todos teólogos considerados “liberais” nas igrejas e seminários brasileiros (Id., p. 60). É importante lembrar que Shaull alguns setores ecumênicos das igrejas eram também críticos do comunismo soviético. O que não ficou esclarecido na época é que eles visavam uma transformação social que viria pela prática da fé reformada, ou seja, Shaull dizia que o cristianismo em si, já era uma força revolucionária, não necessitando de nenhum governo ou sistema econômico (SHAULL apud ALVES, 1985).

⁵³O autor é um pastor metodista da Primeira Região Eclesiástica (RJ). Foi professor e coordenador do curso de Teologia do Instituto Metodista Bennett até 2008 e exerce funções pastorais juntamente com o trabalho acadêmico. Sua tese de doutorado foi realizada no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Rudge Ramos, SP (UMESP) no programa de Ciências da Religião, concluída em 2002, discute sobre a identidade do metodismo brasileiro no terceiro milênio. Duas expressões utilizadas no título que são “Avivamento e compromisso social”, fazendo uma análise das correntes carismáticas e ecumênicas no metodismo e buscando identificar na história do metodismo inglês a presença do engajamento social de Wesley e a sua espiritualidade emocional, e a partir disso, aponta para a possibilidade destes dois elementos na formação da identidade metodista. Trata-se de um trabalho de cunho pastoral, que traz um vasto apanhado de fontes históricas com documentos sobre a instituição e ao mesmo tempo revela a relação entre intelectualidade protestante e a militância religiosa.

elementos novos. Pregações mais diretas, com “menos doutrina” e mensagens com mais popularidade, a adesão de instrumentos musicais como guitarra e bateria e músicas de perfil mais popular, foram sendo introduzidas, onde o pentecostalismo foi atendendo às demandas populares e como não poderia deixar de ser, a Igreja Metodista e sua visão tradicional típica das igrejas históricas, eram vistas como portadoras de “**fraquezas** que podem ser melhoradas” (HANS, 1989). Estas “fraquezas” levaram à IMB a um movimento de tentar incorporar os elementos pentecostais, porém, assimilados à sua estrutura identitária, o que é possível perceber nas *Cartas Pastorais*, emitida pelo Colégio Episcopal, sobre assuntos divergentes nas igrejas. Isto pode ser visto com a publicação da carta sobre a “A Doutrina do Espírito Santo” e a “Carta Pastoral: a Igreja e a questão dos demônios” (COLÉGIO EPISCOPAL, 1980).

As mudanças ocorridas na Catedral estão inseridas em um contexto institucional influenciadas pelo avanço do pentecostalismo no cenário religioso atual, que já vem ocorrendo na instituição desde os anos 1960. A igreja havia saído de um projeto institucional de crescimento chamado “Avante por Cristo”, que encampava o espírito da era JK. Mas com a crise que se abateu sobre a igreja nacional na década de 1960, em disputas entre os grupos carismáticos e os chamados “liberais”, militantes do movimento ecumênico. Começam as discussões sobre a identidade e seus rumos. Havia debates em torno de questões como: “Podemos expulsar demônios, orar em línguas, levantar as mãos e bater palmas nos louvores ou estas práticas não fazem parte da nossa identidade?” (CHAVES, 2002, p. 21). Como conciliar o engajamento social da igreja metodista com o avanço pentecostal dos grupos carismáticos? É neste mesmo período ocorre no campo religioso brasileiro o avanço do pentecostalismo que assume novas estratégias, com o seu crescimento e popularização através da mídia e se espalhando pelos setores urbanos (ROLIM, 1985, p. 71). O pentecostalismo que desde os anos 1930, vinha tendo pouca evidência no Estado Novo, período onde o governo esteve culturalmente mais próximo da Igreja Católica. A partir dos anos 1950 começa a ganhar espaço e consegue maior êxito. Em um plano mais coletivo, um maior fluxo de “comunicação interdenominacional” pelos programas de rádio e TV promovendo aproximação da mensagem entre as igrejas, ou seja, uma forma de assimilação antropofágica entre as denominações que disputam esse espaço religioso. Os pentecostais revitalizaram o protestantismo histórico no Brasil, causando essas rupturas com o surgimento das “igrejas renovadas” no seu início e expansão nas décadas de 1950 e 1960 por meio das cruzadas de evangelização (SANCHIS, 2001, p. 14).

Enquanto isso, as igrejas históricas até então, preocupadas com o engajamento social de seus membros e sua conseqüente repressão eclesiástica, ficam estagnadas diante do avanço do pentecostalismo, como ocorre no interior da IMB. Uma comissão que havia sido criada desde os anos 1950, com a missão de analisar a situação de crise na igreja que se agrava ao longo dos anos 1960. Um grupo via com simpatia o movimento pentecostal, assim como estava atento aos desafios lançados por estes grupos em relação ao não crescimento dos metodistas. Em um relato a comissão mostra esta postura aberta aos pentecostais, onde diziam que “devemos nos alegrar com o trabalho dos pentecostais, e dar graças à Deus porque, aquilo que há neles, que nos parecem erros de prática cristã, não tenha sido obstáculo que eles estejam alcançando milhares de almas” (CHAVES, 2002, p. 37).

Deve-se destacar que, embora de um caráter eminentemente comunitário, o que facilitaria respostas a essa nova concepção de Igreja que surgia, o protestantismo não encontrou uma resposta própria para aquele momento. Contudo, encontramos no pensamento protestante uma contribuição marcante de teólogos como, Ruben Alves, Julio de Sant'Ana, Richard Shaull, assim como o ISAL (Igreja e Sociedade para América Latina). Sendo assim, se não houve uma resposta organizativa, foi o período de expressões de uma fé comunitária nos documentos oficiais da vida da Igreja. Um exemplo disto foi o Plano para Vida e Missão da Igreja. Os anos 80 foram marcados por debates em torno dele, o qual buscava apontar as características proféticas de uma Igreja compromissada com sua realidade e contexto diante de sua tarefa missionária. Deste modo, em um balanço dos anos 80, poderíamos apontar como uma década de grandes mudanças econômicas, governo e Igrejas. As duas grandes características dessa década foram a crise econômica e a efervescência dos movimentos populares. Em torno destes dois eixos a conjuntura se constituiu. (GARCIA, 1995. p. 18-19)

O trabalho de Bernardo Alves Garcia (1995)⁵⁴ analisa as transformações ocorridas na IMB a partir das décadas de 1970/1980 e busca identificar as mudanças institucionais a partir do *Plano de Vida e Missão*⁵⁵. Para o autor, o PVM teve como objetivo solucionar o problema da crise institucional ocorrida após o regime militar. A partir da instituição dos “dons e

⁵⁴ Trata-se de uma dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da UMESP, com o título “Evangelização: Desafios em tempos de mudanças análise pastoral da evangelização nos anos 80 na Igreja Metodista”. O autor é um pastor metodista, atualmente atua na Catedral Metodista de São Paulo. É interessante observar que assim como o trabalho de Odilon Chaves, esta é uma pesquisa que mostra a preocupação de intelectuais que pensam a igreja.

⁵⁵ Surgiu a partir dos Planos Quadrienais (1974-1978) onde a igreja começou a definir sua identidade institucional. Na década de 1980 a igreja procura um compromisso maior com a missão e evangelização. Seu objetivo era superar a crise que ocorria desde a década de 1970, após o otimismo durante os anos 1970, onde a igreja tinha uma forma de parceria com o governo militar. Nos anos 1980, ocorre uma mudança, os movimentos populares começam a penetrar na igreja. Segundo Garcia (1995, p. 17) a “emergência dos movimentos populares levou a uma mudança no perfil da igreja”. O Plano de Vida e Missão I, os bispos iniciam um esforço de conciliar as tendências liberais/ecumênicas com os grupos carismáticos a partir do lema “Unidos pelo Espírito, Metodistas evangelizam” (GARCIA, 1995, p. 85). O PVM representa uma preocupação do Colégio Episcopal em definir a identidade da Igreja diante das diferentes correntes que surgem nas comunidades.

ministérios” (GARCIA, 1995, p. 20), seu objetivo foi mudar a igreja centrada no clero e ampliar a participação dos leigos. Em termos práticos, significou o reconhecimento institucional dos ministérios como o de música, oração, jovens, escola bíblica, mulheres entre outros, todos com a liderança e participação de leigos. Da mesma forma foi uma saída para legitimar a presença dos carismáticos e criar uma identidade institucional definindo a igreja como portadora de uma “multiplicidade de dons”⁵⁶, conciliando os grupos distintos existentes em seu meio.

Estas transformações começaram a ocorrer a partir da crise em torno da identidade da IMB e a presença dos carismáticos na década de 1980. Para algumas lideranças, a igreja havia se institucionalizado e deixando de lado a ênfase no crescimento, no incentivo ao trabalho dos leigos nas “sociedades” e na Escola Bíblica Dominical (EBD). Assim, a igreja procurou um compromisso maior dos leigos incentivando a missão e evangelização. Enquanto nos anos 1970, a igreja apoiou o regime militar e passava por conflitos com seus quadros engajados no movimento ecumênico, nos anos 1980 passa por uma mudança, propondo ampliar a participação de diferentes grupos, visando evitar cismas. Surge o documento “Dons e Ministérios”, uma carta pastoral dos bispos visando ampliar a participação dos leigos reconhecendo os “dons e ministérios”, com objetivo aproximar a igreja dos leigos abrindo espaço para uma identidade mais plural (GARCIA, 1995, p. 109).

Este foi um esforço para enfrentar a crise entre os grupos progressistas e carismáticos. Com o PVM e as novas diretrizes direcionadas para o crescimento e a incorporação dos carismáticos, a igreja passou a enfatizar três princípios em seu discurso: A igreja deveria associar as “obras de misericórdia”, “ação profética” e “vida devocional” (GARCIA, 1995).

Seguem as transformações na década de 1990, após o Concílio Geral (1991-1997), a IMB assume o lema “Igreja: Comunidade missionária a serviço do povo”. O movimento metodista tem uma peculiaridade se compararmos com a renovação carismática católica. Na IMB o movimento carismático encontra justificativa em sua herança histórica. O

⁵⁶ O PVM (2012-2016) atual mantém o a ênfase na inclusão dos leigos, cf. “A Igreja Metodista sempre optou por uma eclesiologia focada no Sacerdócio Universal de Todos os Crentes e, por isso, reafirma a importância de uma Igreja configurada nos Dons, Ministérios e Frutos, entendendo que todas as pessoas são chamadas, vocacionadas e enviadas para a missão. Recoloca-se perante os membros o conteúdo da nossa prática ministerial: “Todos os membros da igreja, pelo fato de pertencerem ao povo de Deus por meio do batismo, são ministros do Evangelho, são chamados por Deus, preparados pela Igreja para, sob a ação do Espírito Santo, cumprir a missão, em testemunho, serviço e evangelização” (COLEGIO EPISCOPAL, 2011, p. 17).

carismatismo começa a ser resignificado a partir da retomada da memória histórica do movimento metodista começado por John Wesley. Segundo a *Carta Pastoral sobre a Doutrina do Espírito Santo e o Movimento Carismático*, onde dizia que para os metodistas, Wesley restaurou a doutrina do Espírito Santo integrando-a na prática social da igreja.

Como herdeiros do Pentecostes do século XVIII, o movimento conduzido por Deus através dos irmãos Wesley, fiéis à nossa herança ecumênica que nos leva a estender a mão de comunhão a todo aquele que se sentir em paz com Deus, acolhendo com amor fraterno aos irmãos e irmãs que em sua vivência de cristãos tenham tido experiências denominadas de carismáticas. Nossa Igreja se abre a todos aqueles que se reconhecem como metodista, dentro dos princípios de fé aceitos pelo Metodismo Universal, e aceitam nossas doutrinas, costumes e organização eclesial. Esperamos, como bispos da Igreja, que aqueles metodistas que se consideram carismáticos concordem em se comprometer mais e mais com nossa herança comum, enraizados no que Deus tem feito através do povo chamado metodista, aqui e em outras partes do mundo. A exemplo de todos os metodistas, desejamos que estes irmãos e irmãs, pastores e leigos, estejam em perfeita, completa e total comunhão e unidade com a Igreja: conosco, os bispos da Igreja, com todos os pastores e pastoras, e com todo o povo metodista. Temos a certeza de que com tal espírito e determinação, o ardor e entusiasmo providos pela experiência chamada carismática servirão para a edificação de todo o corpo a fim de que melhor realizemos a tarefa missionária que o Senhor colocou em nossas mãos, pois “UNIDOS PELO ESPÍRITO METODISTAS EVANGELIZAM”. Assim, pretendemos dentro de uma clara compreensão de nossa herança metodista, providenciar aos metodistas brasileiros orientação que nos ajude a compreender a interpretar o papel do Espírito Santo na vida da Igreja e do mundo de tal sorte que as experiências de nossos dias sirvam de forma eficaz para evangelização do povo brasileiro. (COLÉGIO EPISCOPAL, 1980)

Os bispos encontraram a solução para a tensão instaurada pelos carismáticos. A saída foi tentar legitimar o presente a partir do resgate da memória da “tradição wesleyana”. Ou seja, os carismáticos não mudam a identidade, pois Wesley havia resgatado a doutrina do Espírito Santo no protestantismo histórico, dando ênfase ao “mover do Espírito”. Outro trecho da *Carta* revela essa busca por um equilíbrio institucional da IMB, diante do histórico de rupturas nos anos anteriores.

Como bispos da Igreja advertimos que o uso dos dons mais espetaculares pode nos levar facilmente ao orgulho espiritual. Por esta razão, o uso de dons como o de sabedoria, discernimento e ciência, se torna mais importante, porque são diretivos no uso de todos os dons. Entendemos que todos os dons, maiores ou menores, quando “manifestações do Espírito”, são importantes para a “edificação do Corpo de Cristo”. Mas julgamos sempre oportuna a admoestação do apóstolo quando nos diz: “entretanto, procurai, com zelo, os melhores dons” (1Co 13.31). O uso incorreto dos dons espirituais pode ser corrigido usando as normas bíblicas dadas pelo apóstolo na Primeira Epístola aos Coríntios. Lembramos sempre que é dádiva de Deus o espírito de amor e moderação (2 Tm 1.7). O descontrole do uso de determinados dons pode gerar confusão e desordem. A nossa firmeza deve ter uma forte base bíblica. (COLÉGIO EPISCOPAL, 1980)

Contudo, o documento da década de 1980 se pronuncia com algumas reservas em relação ao uso dos “dons do Espírito Santo”, mostrando que as manifestações são aceitas, mas

desde que sejam conduzidas e estejam sendo vigiadas para evitar que a experiência fuja do controle. Ou seja: Sem exageros. Este ponto se assemelha com a preocupação de Wesley quanto a doutrina e seu medo de perder o controle dos avivamentos em sua época.

A tensão se dá em torno do temor institucional da IMB diante dos elementos da teologia da prosperidade assim como outras práticas religiosas pentecostais. Medo causado pelas consequências da modernidade que atinge as instituições religiosas resumido na seguinte afirmação: “O problema com abrir as janelas é que não se pode controlar o que entra, e muita coisa entrou” (BERGER, 2001: 12). Segue trecho da carta que mostra este receio em relação, onde inclusive são nomeados os *pentecostais tradicionais*, mostrando a concepção própria da IMB sobre o *dom de línguas*.

Rejeitamos toda forma de exploração, que sob a aparência de cura divina, aproveita-se da boa-fé e da credulidade do povo, especialmente das camadas mais pobres e humildes de nossa população. Afirmamos, finalmente, ao contrário dos grupos pentecostais tradicionais, que o dom de línguas não é o sinal distintivo da recepção do Espírito Santo, pelas razões já anteriormente expostas. O sinal distintivo da recepção do Espírito é o fruto do amor. O que a Bíblia nos diz é que o dom de línguas é um entre os demais dons do Espírito. (COLÉGIO EPISCOPAL, 1980)

O relato atual de uma das minhas entrevistadas se aproxima desse aspecto do pensamento institucional. Ao perguntar sobre o pentecostalismo e a Catedral, sua resposta mostrou como funciona essa resignificação do pentecostalismo dentro do metodismo. Segundo ela “o pentecostalismo não começou com os pentecostais, mas sim com John Wesley”. Ao perguntar sobre as mudanças e a origem dos cultos em estilo pentecostal na Catedral, o que ela respondeu revela uma possível releitura que pode estar sendo elaborada no interior da igreja.

E: E isso começou com o Pastor Marcos?.

N: Começou o avivamento da igreja, vou te contar uma coisa. A gente fala igreja pentecostal, (..)mas isso começou com a igreja de Wesley, aí a gente contou a historia do Wesley diversificada, o movimento partiu de wesley, mas quando foi pros Estados Unidos ele modificou e trouxe pro Brasil. Então, quem ficou pentecostal foi a Assembleia de Deus e a Metodista... tem Metodista que não sabe que Wesley era assim, você entendeu? A metodista no inicio, quando conheci, não tinha (...) Espírito Santo, tirou isso, a terceira pessoa da Trindade, bico calado! Eu fui conhecer o Espírito Santo em outras denominações.⁵⁷

Ou seja, segundo esta visão, não há uma “*pentecostalização*” como se pensou originalmente na pesquisa, onde Catedral estaria abrindo mão de sua tradição histórica e

⁵⁷ Entrevista com Nádia, realizada em dezembro de 2012

assumindo elementos pentecostais. No discurso sobre a mudança, em que estes novos movimentos não apontam uma “*pentecostalização*”, mas sim um “avivamento”, ou seja, essa assimilação da experiência religiosa da Catedral de elementos simbólicos do pentecostalismo e neopentecostalismo como uma forma de “renovar a igreja” e atender a demanda religiosa atual. O contexto histórico do metodismo na cidade do Rio de Janeiro, já apresentava esta mudança. Segundo algumas pesquisas recentes, os metodistas já mostravam sua preocupação com a influência do pentecostalismo na igreja. É o caso da pesquisa feita por Marcelo Ricardo Luz (2003), pastor metodista, professor de teologia do Instituto Bennett que abordou as mudanças ocorridas no metodismo no Rio de Janeiro. Comparou as manifestações carismáticas com o modelo do Plano de Vida e Missão (PVM) dos anos 1990.

Segundo o autor (LUZ, 2003), o PVM tem sua ênfase na missão e na evangelização, documento que tentou apontar rumos que visavam unir os carismáticos dentro de um único projeto que é a evangelização e o crescimento da Igreja. Ele destaca que o movimento carismático ganhou força no metodismo carioca a partir da segunda metade da década de 1980 e “se tornou mais expressivo em acampamentos e congressos de juventude” (LUZ, 2003, p. 42). A pesquisa mostrou, através de observação participativa, que sete igrejas da Primeira Região Eclesiástica (RJ) tinham cultos de “cura interior” e “busca de poder”. Estas reuniões estão inseridas na “visão” do projeto missionário da 1^a. Região Eclesiástica, em que cada igreja deveria alcançar um número de membros a fim de alcançar taxas de crescimento traçadas no “Planejamento Estratégico” (LUZ, 2003, p. 44). O termo “visão” era muito utilizado pelos professores e outros colegas metodistas, durante minha presença no curso de teologia, onde estes eram extremamente críticos aos carismáticos. Por conta desta crítica eles se autodenominavam “fora da visão”, e com isso, os jovens seminaristas se diziam com poucas chances de depois de formados, serem nomeados para alguma igreja.

Retomando, alguns relatos mostram que a Catedral está inserida nestas transformações ocorridas no cenário carioca do metodismo já algum tempo. É o caso do depoimento de Roberto, um dos jovens que entrevistei que entrou na igreja neste mesmo período de mudanças na liturgia das celebrações.

E: Se converteu na universal seu pai?

R: Passou um tempo, assim 1995 ele já tinha passado algumas igrejas, ai 1995/96 ele entra pra metodista, ele redescobre a igreja ali, tanto tempo ali ele, mas, a igreja tranqüila, muito tradicional e pra onde ele ia ate aquele ... eu segui em 1998, eu lembro, indo lá em 1998 primeira vez era bem diferente de hoje, me tornei membro mesmo dela 2005...

E: Diferente?

R: O estilo, o culto principalmente, o culto, principalmente o culto à noite de domingo era um culto, bem, lembro do culto bem vazio, a igreja não era tão rica como hoje, assim no sentido de esses aparatos né?

E: Estrutura material?

R: era uma igreja bem tradicional mesmo, teclado, bíblia, hinário, os louvores mais contemporâneos, mas bem tímida, bem tranquilo. Isso tudo à noite comparando como é o culto hoje, o culto da manhã sempre foi o estilo, não mudou o foco, era sempre o culto da manhã até hoje, aí começou a tomar uma outra...

E: a partir de 95 começaram as mudanças?

R: ...em 1998 que eu lembro, mas assim, meados de 2002, 2003, o culto da noite ficou mais atrativo, principalmente para uma ala mais jovem eu lembro disso... Teve essa mudança, não sei, acompanhando talvez a linha de outras igrejas do mesmo período, acho que ela decidiu não, não ficar pra trás e aí assim incorporou mais um estilo mais jovem, mais nova, e ficou esse estilo com pessoas da igreja mesmo, aí organizou ministérios de louvor e tudo.⁵⁸

Foi a partir dos anos 1990, mesmo período onde começou essa renovação litúrgica, que as igrejas evangélicas no Brasil começaram a sentir os efeitos do crescimento do mercado da música religiosa, com cantores que saíram dos templos para a mídia, o que ficou conhecido como “explosão gospel”. Lembrando Cunha (2004), esse movimento não foi apenas uma renovação musical nas igrejas, mas é considerado um movimento “cultural religioso”, onde um “modo de ser evangélico” passou a ter efeitos sobre a prática religiosa cotidiana.

Passou-se a experimentar vivências religiosas combinadas em contextos socioculturais os mais variados, o que torna possível uma unanimidade evangélica não planejada sem precedentes na história do protestantismo no Brasil. Essas vivências são expressas por meio da música, do consumo e do entretenimento. (CUNHA, 2004, p.144).

Mais do que uma aderência aos elementos do pentecostalismo como curas, línguas, etc, penso que a Catedral frente a este movimento de renovação não somente litúrgico, sofre reflexos de um contexto histórico mais amplo que foram as mudanças ocorridas na IMB, tentando manter-se institucionalmente diante do cenário evangélico com o avanço dos pentecostais, assim como mudanças que ocorrem em uma comunidade marcada por um contexto religioso evangélico em que as igrejas históricas com o avanço do tempo encontram dificuldades e criam estratégias para dar conta do avanço do pentecostalismo, com sua linguagem que se propaga a partir da música e do crescente movimento “gospel”. Com a música, circulam não apenas os “louvores” que são “ministrados” nos cultos, mas também uma poderosa cosmovisão religiosa que se propaga com mais eficiência que os sermões dos pastores, suas liturgias e o esforço institucional de enfrentar a mídia hoje com seu poder de quase uma “onipresença”. Não é sem motivos que a Catedral mantém um site, com uma rádio

⁵⁸ Entrevista de R. concedida em novembro de 2012.

gospel, transmissão virtual dos cultos e produziu um DVD do seu grupo de louvor, o ministério “Vem, óh Deus”, em 2008, com vídeos divulgados pela internet, em sites de letras de músicas e no youtube. Alguns autores já apontavam este processo com as rupturas das igrejas históricas causadas pelas igrejas renovadas. “É difícil uma igreja que não tenha tido alguns membros que freqüentaram reuniões pentecostais e retornaram acusando-a de ser morta e fria, exigindo mudanças no culto. Muitos pastores sentiram forçados a alterar seus métodos a fim de competir ou preservar seu povo. As igrejas Metodistas, Batistas, Presbiterianas perderam seus pastores, congregações locais e às vezes grupos de igrejas para este movimento”. (HANS, 1989, p. 335)

É possível pensar essa questão das mudanças a partir de outra perspectiva: A Catedral poderia tornar-se moderna deixando de ser uma igreja do passado? Esta abertura ao pentecostalismo não pode revelar uma tentativa de diálogo com a modernidade? Possivelmente, o grau de instrução e a localização da Catedral na Zona Sul, sejam os motivos pelo qual ela assume uma linguagem mais emocional do movimento gospel. Não aderem ao modelo do exorcismo-cura-libertação de algumas pentecostais, mas ao modelo moderado pregado pelos louvores, com a linguagem mais sensual e de forte apelo sentimental. Um discurso que fala de renovação, questões existenciais assim como de respostas para problemas presentes no mundo atual, como a crise familiar, problemas de relacionamentos e depressão.

A música é um dos elementos que faz circular esses valores religiosos que trazem uma simbologia e práticas pentecostais inseridos na liturgia da igreja. Retomarei esta questão da música no culto no próximo passo, juntamente com outros dados da pesquisa que apontam para estas mudanças que não se restringem apenas aos elementos musicais, mas estão inseridos no ritual religioso das liturgias e o perfil dos cultos, onde a partir desses dados pretendo identificar esses elementos presentes na experiência religiosa da Catedral Metodista.

3. ENTRE A “CAPELA E A CATEDRAL”: FORMAS DE AGENCIAMENTO E RESIGNIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS RELIGIOSAS NO PROTESTANTISMO HISTÓRICO ATUAL.

Neste capítulo serão analisados os dados da pesquisa de campo. Inicialmente será feita uma abordagem sobre o perfil socio-religioso dos fiéis a partir de dados quantitativos. Outros elementos serão abordados a partir da etnografia feita no período de observação dos cultos e outros eventos, assim como através dos relatos e entrevistas realizadas.

Durante a pesquisa foram levantados alguns dados quantitativos que além das entrevistas e observações de campo, ajudaram a ter uma visão mais panorâmica do fenômeno que ocorre na Catedral do Catete. Os questionários fizeram uma amostragem onde participaram 121 pessoas englobando os cultos. A entrevista com os questionários ocorreu em dois dias na primeira semana de Janeiro de 2013. O primeiro foi domingo dia 06, entre os quatro horários de cultos (08h30, 11h, 17h e 19h) e o segundo no culto de libertação na quinta-feira.

A igreja comporta aproximadamente 400 pessoas, com variantes, onde o culto mais freqüentado é do das 19h e em segundo lugar o de 11h, sendo o de menor freqüência o culto das 17h que é realizado na “capela histórica”, anexo ao templo principal.

O perfil revelado na amostra um perfil social apresenta um grupo onde predominam pessoas com nível superior com um número maior de mulheres. Trata-se de um grupo que possui familiares na igreja, o que confere a possibilidade de que estas pessoas teriam uma maior vinculação, onde a igreja e os cultos também se tornam um lugar de convívio com familiares e amigos, sendo pouco o trânsito e a não-identificação com a convivência comunitária.

Tabela 1

Dados da Catedral	
Feminino	69
Masculino	34
NR	15
Total	121
<hr/>	
Solteiros	41
Casados	56
Divorciados	15
NR	9
Total	121
<hr/>	
Possuem Familiares na Igreja	
Sim	66
Não	54
<hr/>	
Escolaridade	
Fundamental (Primeiro Grau/Ginásio)	6
Ensino Médio (Segundo Grau)	21
Graduação	46
Graduação Incompleto	15
Pós-graduação	29

No que se refere à frequência por culto, entre as pessoas com nível superior, apenas 09 frequentam o culto das 8h que é culto mais solene enquanto 19 pessoas preferem o culto das 11h. Por outro lado, se estes dados são comparados com o culto de quinta no “culto da libertação”, as pessoas com nível superior que frequentam são 10 e as que não frequentam chegam ao número de 20, sendo que 13 afirmam frequentar eventualmente, o que mostra certa adesão de pessoas com nível de instrução maior a estes cultos.

Outro aspecto importante é observar a origem confessional, onde podemos comparar o número de pessoas vindas de outras igrejas metodistas (por transferência) assim como as pessoas que vieram de outras denominações. Na Catedral o número de pessoas que vieram de outras IMB é bem menor do que as que vieram de outras igrejas evangélicas, assim como os fiéis não costumam frequentar muito outras denominações, mostrando que a igreja atrai de certa forma pessoas de outros lugares e tende a fidelizar as mesmas.

Tabela 2

Igreja de Origem e trânsito religioso	Sim	Não
Veio de uma IMB	35	83
Frequenta outras	23	57

A partir dos dados sobre o fluxo entre pessoas vindas de outras denominações, foi feito levantamento sobre quais as denominações mais frequentes. Nem todas declararam a origem confessional, mas entre as declarantes podemos ver a variedade confessional entre Igrejas Metodistas e algumas pentecostais e neopentecostais. Cabe destacar uma observação feita em campo, que entre as igrejas do Rio de Janeiro existe uma espécie de “cena metodista” que dita as tendências entre as igrejas próximas da Zona Sul.

R: Por exemplo, uma coisa que já vi em igrejas pentecostais e neopentecostais, o momento de, fazer momento de oração no culto, meio que um apelo, e as pessoas terem momento de cair, apelo apelativo mesmo (...) respeito isso, mas fico incomodado, a igreja metodista não tem...

D: A catedral não vejo isso, mas a gente está falando da catedral, mas tem metodistas...

R: Há igrejas chaves que ditam a tendência...

E: você acha isso?

R: As igrejas chaves são Jardim Botânico, Vila Isabel, Copacabana, Catete... Não lembro mais outra

E: São daqui, igrejas metropolitanas...

R: Pode observar que elas seguem mesmo estilo, elas não fogem...

E: Nas outras seguem esse culto?

R: Ah, e a da Barra que é bem distante, as pessoas eu considero um pensamento bem liberal dentro do contexto igreja, eles não abrem mão das tradições, apesar de terem mentes bem abertas para algumas coisas, e, ou seja, eles não querem esse

modelo pelo menos aqui nessa área, nesse lugar que a igreja (...) não há muito interesse nesse estilo, talvez na Baixada Fluminense tenha diferença, a igreja metodista lá nesses lugares, as pessoas já seguem uma linha bem próximo do pentecostal. Em Realengo eu vejo esse pensamento, algumas comunidades, nas igrejas dessas áreas, não só por que é Zona Sul. Em Vila Isabel não é Zona Sul, mas é tradicional.

D: Até porque a igreja vai refletir o pensamento de quem está frequentando.

R: Acho que ano é bem por isso, comunidade, pessoas que frequentam de comunidade, aqui, gostam desse estilo e é comunidade...

“D: Então, mas é outra igreja, agente está comparando metodista em diversos lugares, na verdade agente tem que falar só da catedral (risos)”⁵⁹.

Este pode ser um indicativo das mudanças operadas no estilo de culto e nas diferentes formas litúrgicas dos cultos que visam atender ao perfil religioso variado, que vai de igrejas históricas até as neopentecostais, mostrando que a Catedral está inserida em um contexto onde as outras igrejas metodistas mais próximas, tentam se colocar no meio de outras denominações pentecostais e neopentecostais, como mostra também o caso das origens denominacionais de pessoas vindas de outras igrejas. No quadro que mostrou a origem denominacional temos um numero de pessoas vindas de igrejas como Nova Vida, Assembléia de Deus, até outras tradicionais como presbiterianas assim como as neopentecostais. É possível que estes dados mostrem um quadro diferente do campo evangélico, onde as pessoas mudam de denominação de acordo com os elementos como o perfil social da igreja, tipo de culto, estilo de pregação ou pela presença de uma banda (grupo de louvor) durante os cultos. O fato de mudarem de denominação não representa uma ruptura, pois continuam dentro do mundo evangélico, apenas ocorre uma mudança que é conduzida pelo perfil social que pode ser visto nas pessoas que frequentam os cultos. A dinâmica religiosa dos cultos e todo o aparato instrumental presente no discurso das pregações e músicas que vão do o “ministério de louvor” aos cultos tradicionais visam dar conta desta pluralidade. Na tabela a seguir temos algumas pessoas que identificaram a origem denominacional, que é uma amostra de como a Catedral envolve diferentes perfis evangélicos que vão das igrejas históricas até as neopentecostais.

Tabela 3

⁵⁹ Entrevista de Roberto e Débora, novembro de 2012.

Veio Transferido? Qual igreja?	
Assembléia de Deus	5
Batista	2
CAMPO MISSIONÁRIO DA BARRA DA TIJUCA	1
COMUNIDADE DA ZONA SUL	2
CONGREGAÇÃO MORRO AZUL	1
IGREJA BATISTA DAS LARANJEIRAS	1
IGREJA DO NAZARENO SÃO PAULO	1
IMB CASCADURA	1
IMB COPACABANA	3
IMB Jardim Botânico	2
IMB JARDIM ELIZA MARIA	1
IMB JUIZ DE FORA	1
IMB PETRÓPOLIS	1
IMB SÃO PAULO	1
IMB VILA ISABEL	2
IMCG	1
INTERNACIONAL DA GRAÇA DE DEUS	1
NOVA VIDA	3
NOVA VIDA DO CATETE	1
PRESBITERIANA	1
NR	12
TOTAL	44

Outro dado observado foi a identificação das pessoas com os cultos. Em relação a questão sobre a motivação da escolha do horário do culto, a maior parte das pessoas responderam que são motivadas pela identificação com os cultos. Este dado aponta que a proposta da Catedral vem mostrando que apesar de ser uma igreja histórica, consegue articular as diferentes experiências religiosas e assim, apresentando uma nova forma encontrada pelas igrejas históricas diante do movimento carismático. Enquanto na década de 1960, a Igreja Metodista passou por cismas devido a estes grupos não se identificarem com a proposta, a Catedral hoje consegue reunir fiéis de perfil tradicional até grupos que se identificam com a religiosidade dos movimentos pentecostais.

Tabela 4

O que te motiva a frequentar a Catedral Metodista?	
<i>Facilidade de acesso</i>	24
<i>Convívio com as pessoas, presença de amigos, familiares.</i>	26
<i>Se identifica com os cultos da Catedral</i>	64
<i>Pelos três motivos acima</i>	1
<i>Pelo convívio e pela identificação com os cultos da Catedral</i>	1
NR	5
Total	121

Além deste aspecto é importante destacar nos questionários o tempo de frequência/filiação de igreja entre os participantes. A maior parte dos entrevistados

frequentam em média de dois a cinco anos, e o segundo maior grupo frequenta em média de cinco a dez anos, ficando um terceiro grupo, não menos expressivo, que em média está na igreja há mais de dez anos.

Tabela 5

Quanto tempo frequenta a Catedral?	Número p/ pessoa	Culto das 19h	Culto das 17h	Culto das 11h	Culto das 8:30h
40 anos e mais	13	0	1	8	3
De 20 a menos de 40	8	1	1	5	1
De 10 a menos de 20	21	3	2	9	6
De 5 a menos de 10	23	9		8	5
De 2 a menos de 5	24	9		11	2
De 1 a menos de 2	16	6		9	1
Menos de 1 ano	14	9	1	0	4
NR	2				
Total	121				

A Catedral possui assim, pessoas que em sua maioria se identificam com seus cultos e que de certa maneira possuem um vínculo institucional forte. Algumas até deixaram a igreja por um período, e estavam retornando durante a realização da pesquisa. Como o caso do jovem Luiz H., que durante conversa disse ter frequentado outras igrejas, entre elas a Nova Vida do Catete⁶⁰. O motivo de ter retornado para a Catedral foi a identificação com o culto, neste caso, o que ocorra às 19h, chamado de “Culto do Avivamento”. Segundo ele, na Catedral não acontecem os “exageros” como nas outras igrejas. A vantagem estaria no culto “animado”, com “louvor de qualidade”, “mensagem coerente” e a sociabilidade entre as pessoas. Isto pode ser observado ao final do “Culto do Avivamento” (19h), quando o pastor da juventude⁶¹ convida os jovens presentes para um momento de oração. Forma-se um círculo e todos participam pedindo orações, dando testemunhos e contando algo importante da semana. Participei destes momentos e neste dia, notei que todos ficaram felizes com a presença de Luiz, que foi acolhido pelo grupo. Todos estavam contentes com seu retorno.

Este é um ponto interessante, pois mostra que a religiosidade da Catedral, apesar de apontar indícios de que seus diferentes cultos visam atender aos diferentes grupos, constituindo assim um mercado simbólico onde os consumidores escolhem a prática que mais agrada, no entanto, apresenta um quadro onde as pessoas se identificam e se envolvem

⁶⁰ Diário de campo, outubro de 2012.

⁶¹ Não é o pastor titular da igreja. Trata-se de um pastor que acompanha especificamente a juventude, participando de eventos, promovendo encontros e fazendo o trabalho de aconselhamento espiritual. Na Catedral, o pastor da juventude também é responsável pelo ministério de louvor.

afetivamente com a igreja através de formas múltiplas de agenciamento. Não é uma experiência de “self service” (mercado religioso) apenas religioso, mas os grupos diferentes estão ligados por meio de laços afetivos, tanto pelo tempo que frequentam quanto pelos vínculos estabelecidos na comunidade. Este aspecto contraria as análises que caracterizam a religiosidade como mercado religioso ou como um campo onde tudo está em movimento (CAMPOS, 2004; HERVIEU-LÉGER, 1998, 2008).

3.1 Análise dos elementos dos cultos: Arranjos e rupturas na litúrgia a partir das diferentes religiosas dos cultos da Catedral.

Entrando no prédio a sensação é de que se está em uma igreja tradicional. Tanto pela construção quanto pelo perfil social das pessoas. Em um segundo momento a coisa começa a mudar. Olhando mais atentamente, o que se percebe é uma gradação com várias tipologias religiosas, como se ela fosse aos poucos se movendo entre as diversas cores e tons de experiências múltiplas presentes em um mesmo espaço de culto. Observando um dia de culto aos domingos, percebe-se uma transição gradativa entre o primeiro culto que acontece a partir das 8h, e o último culto que ocorre às 19h. Se fosse possível analisar como um quadro ou em forma de imagens representando essa transição, do órgão, os hinos tradicionais e ao longo do domingo passando para momentos com uma liturgia mais informal. A expressão dos pastores é de mais proximidade com o público. As músicas são mais alegres e provocam palmas e danças, culminando com a “explosão gospel” através do “mover da adoração” conduzida pela banda que intercalam as músicas com “ministrações” e é correspondida pela comunidade com gritos de “aleluia”. Tudo com uma linguagem muito erótica e a ênfase na expressão do corpo e das músicas. Uma experiência religiosa bem próxima do que Martin (1999) identificou na experiência religiosa dos acampamentos nos Estados Unidos assim como nos movimentos pentecostais do século XX, ambas mais emotivas onde a música exerce uma função importante na prática do culto.

Conversando com o pastor Júnior, responsável pelos jovens e ministro de música, a primeira vez que perguntei sobre alguém a respeito dos diferentes cultos, que me respondeu dizendo que a igreja estava se atualizando, mas sem perder a “essência”. Pela primeira vez senti aquela emoção – se é que se pode usar esse termo – de ver sua hipótese inicial sofrer certo abalo.

A igreja precisa se atualizar. Não pode ficar parada no tempo. A linguagem muda com o tempo, hoje a música é diferente, e se a igreja não faz isso ela fica para trás. A linguagem é erótica, e muito erótica porque os tempos são outros. Mas veja, muda a linguagem, mas a essência é a mesma. Aqui a pessoa tem o mover da novidade, as músicas agradáveis, mas tema pregação, a preocupação da igreja em passar um conteúdo, coisa que ela não tem nas outras igrejas aí fora, entende? ⁶².

3.1.1. O culto de 8h30: Aspectos da tradição e religiosidade protestante histórica no metodismo.

Era domingo, 08 de julho de 2012. Neste prédio estilo neoclássico com elementos do gótico inglês, em um bairro tradicional da Zona Sul do Rio de Janeiro onde começava um culto. Mais uma vez as portas da Catedral Metodista do Catete estavam abertas ao público para mais um dia de atividades. O primeiro dos quatro cultos dominicais tem início às 08h30. A celebração segue a liturgia tradicional, até aspecto um tanto raro atualmente nas igrejas históricas. Um culto centrado na leitura bíblica, hinos antigos - do tradicional “Hinário Evangélico” - são acompanhados de orações de invocação, perdão, adoração entre outras, todas de acordo com os momentos específicos do ritual tradicional. As músicas e orações solenes são acompanhadas ao som de órgão e o canto coral que fica localizado na galeria superior do templo. Segundo relato de uma das pessoas entrevistadas, o culto da manhã é voltado para um público que tem preferência por este perfil de culto.

E: Já que a senhora, (...) uma dúvida, à noite, o foco são essas mudanças. O culto à noite e bem cheio e a igreja têm quatro cultos, um mais tradicional mais..

N: tem um culto 08h30min que o pastor soube conduzir e isso atraiu muita gente que tem aquelas senhorinhas que gosta bem da liturgia, aquilo bem calminho, ele faz tudo direitinho. Ai depois vai pra escola dominical e vão embora, por que querem fazer o almoço delas, que almoçam meio dia, e aqui, o culto fica ate uma da tarde, mas têm outros que gostam mais animados, ai eles podem, mas não exagerado [Ela compara com o culto das 11h, o chamado *culto tradicional* ou *culto de adoração*]. ⁶³

A frequência do culto pode ser vista através da tabela abaixo. Um detalhe que chamou atenção foi o fato de algumas pessoas terem marcado mais de uma entre as opções para esta pergunta (Qual o culto que mais frequenta?). Achei importante mapear essas variações, pois elas indicam algo que eu já havia constatado, que algumas pessoas frequentam mais de um culto. Às vezes chegam para a EBD que termina após o culto das 08h30 e ficam

⁶² Diário de campo, agosto de 2012.

⁶³ Entrevista com Nádia, janeiro de 2013.

para o culto das 11h. Algumas delas retornam para o culto das 19h. Veja que estes são os cultos mais frequentados.

Tabela 6 ⁶⁴

Culto que mais frequenta?	Resposta 1	Resposta 2	Resposta 3	Totais de frequência p/ Culto
08:30	23			23
11:00	50	7		57
17:00	5	5	2	12
19:00	37	12	2	51
NR	5			5
Variável s/ especificar	1			1
Total	121			121

Comecei a observar então como eram estes cultos. Começaram a surgir elementos importantes para analisar as permanências e rupturas entre a tradição histórica a presença de elementos pentecostais. Um deles foram os sermões. No culto de 8h30 acompanhei um dos sermões do reverendo Dantas, um dos pastores e membro antigo da igreja, inclusive foi pastor da Catedral. Em seu sermão o pastor enfatizou muito o aspecto moral, os valores e as questões sentimentais da vida, princípios presentes na tradição metodista assim como no pentecostal. Pregou sobre profeta Jonas e destacou a figura do profeta como alguém que segue sua vocação, abandonando a mágoa e os sentimentos, sempre fazendo uma referência contextualizando com os dramas pessoais. Falando sobre a mágoa e o pecado como forma de sentimentos, o pastor afirmava que “um dos pecados que mais ameaçam os planos de Deus e o povo lá fora é a mágoa. E nós não podemos tirar ela e rejeitá-la... Tomar posse da sua vocação... Por isso temos que aproveitar a oportunidade e tomar posse da nossa vocação... Deus busca aquele que é fiel, o que usa o talento que ele deu...”. ⁶⁵

Uma característica é a ênfase na preparação e no estilo do discurso, que é bem tradicional, onde o pregador pouco se movimenta, ficando preso ao púlpito que está ao lado

⁶⁴ Algumas pessoas que disseram frequentar mais de um um culto no mesmo domingo. Para não desprezar os dados, foi elaborada uma tabela com as três respostas, como pessoas que responderam no mesmo questionário que frequentam dois dos quatro cultos dominicais. Assim, alguns marcaram o culto de 8h30 e o das 19h, que ficou registrado como primeira opção e segunda.

⁶⁵ Diário de campo, julho de 2012.

esquerdo do templo, como de costume na tradição protestante histórica. O púlpito à direita e ao centro a “mesa do memorial”, onde se celebra a eucaristia, localizados como manda a tradição. A organização visual do altar é importante tendo em vista que ainda permanece seu estilo tradicional, ao contrário das igrejas mais modernas, onde o altar se assemelha a um palco visando à dupla função do espaço: Templo e cenário dos programas de TV. A Catedral mantém não só a organização, assim como utiliza nos detalhes as cores do calendário litúrgico nos enfeites do altar. Atrás tem uma cruz e em torno dela ficam a Bandeira Nacional e a Bandeira do Estado do Rio de Janeiro.

O culto das 08h30 é pouco frequentado. O público em sua maior parte é de pessoas com mais de 30 anos. Entre os 121 que responderam ao questionário, 23 disseram preferir este culto, sendo que 12 disseram escolher esse horário pelo convívio e 10 por se identificarem com o perfil da celebração. Em geral o culto conta com um público em média de 100 pessoas. Não há o uso do projetor e todos acompanham suas leituras tradicionalmente com as Bíblias e cantam os hinos. Soube através de alguns alunos da Classe de Bíblia ⁶⁶, que este culto é dirigido durante dois domingos por mês pelos alunos desta classe onde a maioria são mulheres. Uma figura que fica em destaque neste culto não é a do pastor, apesar de sua presença, mas sim de uma irmã que se chama Dona Irene, uma senhora de 84 anos, uma das mais antigas da Catedral. Ela atua na condução litúrgica do culto cantando os hinos acompanhados pelo piano e por vezes o Coral. Sempre com roupas discretas, cabelos grisalhos presos com grampos, óculos, lembrando muito aquelas irmãs chamadas de “irmãs de oração” comum nas Assembléias de Deus mais tradicionais. Ela segue simplesmente cantando, como quem apenas está preocupada com “a fidelidade à Cristo”, sem nenhuma esperança que seja além da “gozo e paz celestiais”, como cantou neste hino, no seguinte trecho: “Em Jesus confiar, sua lei observar/ Oh, que gozo, que bênção, que paz! / Satisfeitos guardar tudo quando ordenar / Alegria perene nos traz. / Crer e observar / Tudo quanto ordenar;/ O fiel obedece/ Ao que Cristo mandar!” ⁶⁷.

⁶⁶ Uma das classes da EBD dirigida pela Irmã Júlia. Esta classe não utiliza uma Revista dominical, pois é dedicada ao estudo da Bíblia. Este ano eles estão fazendo um estudo da Bíblia toda, desde o primeiro capítulo. Neste momento, estão estudando o livro de Gálatas, segundo informações da Irmã Júlia, professora titular da classe. Na análise das entrevistas será dada maior atenção ao depoimento de Júlia, pois seu papel dentro da Igreja Metodista é maior que a própria atuação na Catedral. Logo sem seguida abordarei um pouco esse grupo.

⁶⁷ Diário de campo, outubro de 2012.

Alguns irmãos da classe participam pregando, como o caso da Alessandra, professora auxiliar da Classe de Bíblia. Em duas ocasiões pude acompanhar suas pregações. Alessandra é formada em Grego e Teologia, é professora de Grego do curso de Teologia do Instituto Bennett, além de cursar pós-graduação em História no IFCS/UFRJ. Sempre é muito elogiada por suas mensagens que são sempre acompanhadas de reflexão teológica onde aplica seus conhecimentos de grego, o que lhe confere. Ela conhece “a palavra no original”, o que mostra um tipo de público que valoriza muito o conhecimento bíblico, característica do protestantismo histórico. Em uma das ocasiões pregou sobre o texto do Evangelho de Marcos. Falou sobre o cego de *Betsaida*. A narrativa conta a história de um cego que é curado. Na mensagem ela faz uma alegoria da “cura da cegueira” sendo a cura algo mais que físico fazendo uma leitura mais existencial sem enfatizar o elemento do milagre. É uma abordagem diferente da experiência pentecostal, que enfatizaria a cura como algo mágico. Falou da importância de olhar com mais atenção ao próximo, do “risco da cegueira em que nos leva a *coisificar* as pessoas”⁶⁸. Usando o sentido original da palavra *diabólico*⁶⁹, onde o prefixo “*dia*” no grego quer dizer “através”, dizia que “Jesus convida a mim e a você para ver *através de*, passar pelo problema e ver lá na frente (...) do seu familiar que ainda não se converteu que não aceitou Jesus no coração. Ele [o cego] passou a ver tudo de modo perfeito”. No momento final da mensagem usa um *bordão*, segundo ela, comum no meio evangélico: “Com Jesus no barco, vai tudo bem”. Na conclusão orienta as pessoas a irem para suas casas “sem se distrair com outras coisas, vai mostrar que você está diferente, vai tocar [no sentido de falar do amor de Deus] as pessoas... Mas vai para casa depois da EBD”⁷⁰, alerta. Terminado o culto, o tradicional *amém tríplice* cantado e a *bênção apostólica*, como manda a liturgia tradicional. É um sermão com um discurso bem elaborado, no sentido daquele que domina uma linguagem religiosa, ou seja, um especialista da religião portadora de um poder simbólico que é seu conhecimento de grego, legitimado pela comunidade de fé. Por ser professora de grego, pois até os pastores, apesar dos estudos, não é comum o conhecimento do texto na língua original, o que a torna uma referência para as pessoas que apreciam uma “boa mensagem, uma mensagem bíblica”. O conhecimento científico da bíblia não produz conflitos, pois tanto os grupos mais carismáticos quanto os grupos mais tradicionais, reconhecem seu valor, e assim não soa como

⁶⁸ Idem.

⁶⁹ Em grego, o prefixo ‘*dia*’ indica ‘através’.

⁷⁰ É utilizada a expressão “EBD” ou “Escola Dominical”, para se referir às reuniões de estudos bíblicos que acontecem

erudição mas acaba se tornando um capital simbólico (BOURDIEU, 1992). No entanto, o público deste culto é um público tradicional em todos os sentidos. Durante a pesquisa foi observado que ela não participava dos cultos avivados assim como não foi vista pregando em outros cultos, talvez por não ser esse o perfil das mensagens pregadas que são de acordo com o público do culto. Este culto é o que mais se aproxima do modelo tradicional de liturgia descrito segundo o Artigo n. 313 dos “*Cânones da Igreja Metodista do Brasil*” de 1950.

A ordem do culto dominical é a seguinte: Música; Invocação; Hino pela congregação; Credo Apostólico; Oração e Ceia do Senhor; Leitura responsiva ou hino pelo coro; Leitura responsiva (se o coro cantou antes); Ofertas e música de dedicação; Hino pelo coro ou congregação; Leitura bíblica, Sermão; Oração ou hino apropriado; Doxologia e bênção apostólica. (HANS, 1989, p. 325)

Um detalhe a respeito deste ordenamento litúrgico. Os documentos oficiais, os *Cânones*, deixam claro que “a ordem do culto pode ser alterada de acordo com as necessidades do momento, a critério do dirigente, contanto que a reverência e a decência do ato não sejam prejudicadas” (HANS, 1989). Talvez um traço característico da identidade metodista de sempre estar disposta a dialogar com seu contexto social. Segundo uma das entrevistadas, dona Cláudia, freqüentadora assídua do culto da manhã e que “odeia bateria”⁷¹, disse que prefere o culto matinal por não concordar com manifestações pentecostais dentro da igreja, além de não concordar com o uso de bateria no louvor. Segundo o informante, “Deus gosta de coisas suaves”, e diz que não se pode ouvir Deus no meio de “tanto barulho”.

Após este culto começam as classes de Escola Bíblica Dominical. Como se pode ver é um culto onde a experiência religiosa é mais tradicional, devido ao perfil social das pessoas.

E: Por que a igreja no Domingo tem quatro cultos com características bem diferentes como eu já pude observar...

Z: Eu gosto muito do culto das 08h30, não só porque tem menos pessoas, mas acho que a gente tem que colaborar, mas como também tem mais espaço para o leigo falar, não é só pastor que fala agora o culto das 11 horas acho muito bonito porque é solene, um culto mais tradicional. O culto das cinco da capela, com pastor Felipe é muito bonito, mas nao posso ficar vindo todos os cultos, e o culto das 7 horas eu não gosto do culto da semana, da 19 da semana porque eles fazem uma barulhada (...) na hora de fazer uma oração eles gritam e nao é minha praia, mais pentecostal, mas não reprovoo não. Tudo bem: Quer gritar, grita, mas não vou lá para ouvir grito não.⁷²

⁷¹ Diário de campo, setembro de 2012.

⁷² Entrevista com Cláudia, novembro de 2012.

3.1.2 O Culto de Adoração (11h): O culto “Tradicional”

Em princípio é possível afirmar que, juntamente com o culto das 19h, este é um dos mais freqüentados ⁷³. Segue o modelo tradicional de liturgia, marcado pela solenidade dos ritos e momentos de oração e leituras bíblicas e com o canto coral. Segundo a definição do Sr. Heriovaldo “este é o culto mais tradicional” ⁷⁴. O pastor Sérgio prega no culto matutino: O sermão é escrito e lido na forma de um discurso já elaborado, sempre com um tema clássico (salvação, amor de Deus, não se fala em cura e libertação), seguindo por roteiro com introdução, desenvolvimento e conclusão. Não há espaço para iluminações ou elementos que apontem informalidade ou fruição. Diferente do culto da noite (19h), este possui um estilo mais tradicional, mesclando elementos litúrgicos como coral, música acompanhada por piano/órgão. Acontece a participação do grupo de louvor em um momento reservado na liturgia, no entanto, não é a banda completa como acontece à noite. Como ocorre em outras igrejas históricas, outro elemento observado é o uso da gola clerical como também ocorre no culto das 08h30. Mas aqui já é possível perceber já uma diferença com o uso de linguagem e o clima do culto com certa carga de emocionalidade, alguns falam “aleluia”, “glória”, ainda que tímidos, como mostra a linguagem do pastor: “Você é convidado a rasgar seu coração na presença do Senhor, logo após o coral vai louvar...” .

O culto tem momentos distintos que oscilam entre solenidade com orações silenciosas ao som de órgão. Os pastores às vezes usam uma linguagem mais informal, menos solene, como certa vez, após a confissão de pecados, o pastor faz a declaração de perdão dizendo: “Agora que você está perdoado, está renovado, está limpinho...”, porém, o culto permanece seguindo a liturgia tradicional. No entanto, o que seriam falas solenes ao estilo das missas tradicionais católicas, aqui há certa irreverência, que quebra um pouco o gelo da solenidade litúrgica. Surge também um elemento novo, o grupo de louvor (a banda) que se posiciona na frente do altar. Eles entoam alguns cânticos, em geral aqueles mais antigos e conhecidos das pessoas, tidos como já “tradicionais” que datam da década de 1990 com a “explosão gospel” (CUNHA, 2004, p. 135). São os chamados “corinhos”, nomenclatura comum nas igrejas evangélicas. Estes hinos representam uma espécie de música que já é parte da cultura evangélica, com algo que já está difundido no imaginário religioso popular das igrejas. As

⁷³ Entre 300 e 400 pessoas.

⁷⁴ Diário de campo, agosto de 2012.

músicas seguem com uma linguagem que remete a elementos simbólicos que criam uma ambiência que busca por conforto emocional, onde a letra dos cânticos traz símbolos como “manancial”, “refrigério da alma”, onde a letra é acompanhada por slides nos projetores que passam paisagens paradisíacas, intensificando a experiência sensitiva durante o canto. Parece uma forma de superação das diferenças denominacionais (liturgia, teologia, doutrinas) que é feita através das músicas que possuem um discurso comum, que parecem sugerir um imaginário pentecostal pelos temas das letras, que refletem a experiência religiosa cheia de emocionalidade como a letra a seguir que foi cantada em um dos cultos da Catedral, mas que é reconhecível em qualquer outra igreja evangélica.

Não vou calar meus lábios, vou profetizar
 Manifestar a graça,
 E abençoar a quem Deus quer libertar
 Sobre tua vida, vou profetizar
 Nenhuma maldição te alcançará
 Sei que Deus tem pra ti um manancial
 Cujas águas nunca faltarão
 Sei que Deus tem pra ti um manancial
 Cujas águas nunca secarão. (Não vou calar meus lábios/Marcos Góes) ⁷⁵

A letra destoa um pouco da mensagem do tradicional “hinário evangélico”. Expressões como “profetizar” e “maldição” são referências simbólicas de uma religiosidade mais ligada ao universo pentecostal. Outro aspecto é que estas músicas romperam com temas teológicos clássicos presentes na hinologia tradicional, que falavam sempre de salvação, de fidelidade, missão da igreja, ao passo que estas canções já trazem o contexto contemporâneo marcado por uma experiência religiosa com forte apelo emocional, uma linguagem que torna a experiência mais íntima e individualizada. Quando canta “Deus tem pra ti um manancial”, a letra transparece o aspecto emocional e afetivo, de uma relação Deus-homem mais amorosa. Aqui não aparece o “Deus terrível” da predestinação, mas sim o “Deus amor” da experiência wesleyana do coração aquecido assim como no crente cheio do Espírito Santo. Ao mesmo tempo em que estes elementos elencados indicam um certo afrouxamento da tradição reformada, por outro lado, eles convivem com elementos que revelam a permanência de símbolos da tradição metodista, como o caso do batismo infantil ⁷⁶, que é um traço distintivo do metodismo e outras confissões históricas. Para os pentecostais batizar criança é algo inconcebível tendo em vista a importância da “decisão pessoal por Jesus”. O batismo é um

⁷⁵ Diário de campo, novembro de 2012.

⁷⁶ Assim como mostraram os conflitos em torno da aceitação do batismo católico pelos missionários, descrito no capítulo 1.

momento singular na vida do crente, é o símbolo de que ele “decidiu morrer para o mundo e viver para Deus”. Os assembleianos, por exemplo, não batizam crianças. E muito menos as igrejas pentecostais e neopentecostais aceitam o batismo católico, que é outro elemento presente na igreja do Catete assim como na Igreja Metodista. No entanto, mesmo sendo um elemento da doutrina metodista, para os fiéis o ritual e a experiência é mais importante que a doutrina, que a teologia e a razão. Como mostra o caso de Márcia, convertida do catolicismo, confessou não concordar com tal prática. Para ela, batizar uma criança e dar a santa ceia a ela é um escândalo, pelo motivo de que, dentro desta perspectiva que enfatiza a decisão pessoal, a criança não tem consciência para escolher. A fala de Márcia traz elementos da religiosidade pietista, uma mescla de pietismo à brasileira, na ruptura com o catolicismo pelo batismo, assim como ao mesmo tempo, mostra um espírito de tolerância e respeito mútuo, sem o lado fundamentalista que muitos pentecostais possuem. O fator batismo não a leva a romper com a Catedral.

E: A senhora esta satisfeita com a catedral?

M: Estou porque to bem com Deus, comigo e com Deus, todo lugar que frequenta ser humano, nem Cristo agradou a todos, quando sai da católica pra evangélica, senti uma coisa muito estranha que foi batizar criança. Criança participar da santa ceia e eu nao concordo porque leio a bíblia e diz que batismo e arrependimento do pecado. O que criança pode ter feito pra se arrepender de pecado? A santa ceia virou uma coisa comum e não especial, a primeira vez que vi uma criança participar da ceia fiquei horrorizada, era nova aqui, fiquei aterrorizada. Tinha um avô com uma criança e quando ele pegou os elementos, pegou e deu pra criança, eu cutuquei quem estava ao lado e perguntei: Escuta criança aqui participa? Participa. Aquilo me chocou, depois do tempo penso o seguinte. Tem muita coisa boa, você aproveita as boas, o que não presta, deixa pra lá. Eu tenho essa teoria, o que não é bom de deixar pra la, porque eu tinha a mania de querer fazer as pessoas entender o que tava errada, eu, eu era uma idiota, uma imbecil, não é pra mim que a pessoa tem que prestar conta é pra Deus. Entao agente fica mais simpática, porque à medida que você vai contra alguém você conquista antipatia. O que Deus falou, podem me bater pode me matar (...) Deus falou tá falado, eu não sou influenciada.⁷⁷

Talvez por ter sido católica, ainda tenha enraizado em sua cosmovisão a sacralidade dos símbolos, como revelou no que tange ao batismo e eucaristia. Ao mesom tempo é forte a vontade de afirmar a conversão e o batismo, e a da ceia como um momento dotado de certo encantamento, fator dinstintivo fundamental dos reformadores: Para Calvino e Lutero, a eucaristia é um memorial onde os reformadores secularizavam o evento tentando retirar toda a carga encantada, visando romper com o catolicismo e enfatizar o dado racionalidade protestante. Para este fiéis da Catedral, como Márcia, não se está falando apenas de beber um cálice simbólico, mas seguindo nesta perspectiva, trata-se de um momento de intimidade

⁷⁷ Entrevista com Márcia, novembro de 2012.

pessoal com seu Deus. Ao mesmo tempo, apesar de um referencial católico e tradicional, ela não dispensa as formas pentecostais existentes no cenário atual.

E: Sobre as personalidades, pastores e cantores da tv, a senhora gosta de algum?

M: A minha irmã é da igreja do pastor Silas Malafaia, eu assistia todos os dias, mas acho que ele grita muito, fala muita coisa desfazendo de outros e mesmo que, os programa dele são antigos, e ele era careca e está todo moderninho. Ele agora não grava programa novo, só antigo. O [pastor] R. R. Soares eu assisto todo dia, agora cantor, gosto de todos eles, da mensagem, sem preferência por algum.⁷⁸

Este pode ser um aspecto que defina um limite nessas transformações ocorridas na Catedral. Certa aceitação de elementos culturais ligados que são propagados pela “cultura gospel” (CUNHA, 2004) e que são negociáveis, como o estilo e letra das músicas. Algumas vezes ocorria a venda de livros e CD’s de autores e cantores que visitavam os cultos. Como o caso do pastor Valtair Miranda⁷⁹ no culto das 11h. Criticou as divisões entre a IURD e a Igreja do Poder de Deus do Valdomiro, alegando que seu crescimento não era legítimo, pois buscavam poder e com isso a causa das divisões. Sua crítica enquanto pastor e ao mesmo tempo intelectual faz referência ao pensamento dos intelectuais protestantes sobre a religiosidade mercadológica destes segmentos do mundo pentecostal. No final do sermão anunciou seus livros que estariam à venda no final do culto, o que gera discordância com alguns fiéis, como o caso de Cláudia falando sobre os convidados para participar dos cultos.

A: Então, eu vou para abrilhantar entendeu? O culto que é para o Senhor sabe? Eu não vou lá pra cantar para me aparecer, para aparecer, para arranjar dinheiro, para isso, para arranjar dinheiro para aquilo. Eu acho que quando você canta pra louvar ao Senhor, Ele te dá muito mais do que aquilo que ganharia para vender a palavra do Senhor. Você ganha, mas não leva...

A: Eu sou um pouco radical, eu cresci numa igreja, eu tinha cinco anos, eu já frequentava o culto (...) Eu cresci numa igreja que a pregação era uma hora, uma hora e meia, inclusive a igreja católica tava vazia, os católicos estavam todos na missa, vinham para frente da igreja, era uma briga com o padre, porque a pregação do pastor, ele pregava a salvação, era uma hora e meia, que ele prendia as pessoas de tal maneira que ninguém dava um pio, a igreja lotada e a rua lotada.⁸⁰

A entrevistada se mostrou uma espécie de símbolo da “contra cultura” na Catedral. Afirma que não frequenta os cultos avivados e reprova a venda de produtos acusando de “mercantilização da fé”. Em entrevista ela se mostrou super engajada na igreja, inclusive por

⁷⁸ Entrevista com Márcia, novembro de 2012

⁷⁹ Pastor batista, professor do Seminário Teológico Batista do Sul e autor e pesquisador acadêmico na área de Novo Testamento. Possui mestrado e doutorado pela UMESP e atualmente cursa doutorado em História Comparada na UFRJ. Possui publicações acadêmicas e também livros com temas teológicos e pastorais publicados pela editora evangélica MJ Publicitá.Cf. <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?metodo=apresentar&id=K4779274T7>

⁸⁰ Entrevista com Cláudia, novembro de 2012.

não resistir ao marido que era contra a igreja. Contou que grava Cd's cantando com seu violão, cantando hinos e distribui gratuitamente como forma de evangelizar. Diante da incapacidade de participar no ministério de música da Catedral, ela segue individualmente “sendo fiel” de acordo com seus valores, estando assim de acordo com a religião a partir de sua prática particular. Ela faz “missão com sua música” e isso se dá em uma relação de afirmação da sua prática religiosa que é contrária ao louvor gospel da Catedral.

A: Já fiz parte do coral um período, mas. com a dificuldade que tem de transporte onde eu moro, não dá...

E: A senhora mora longe?

A: Eu moro no Leblon e a condução aqui é muito ruim, à noite é horrível...

E: É à noite...

A: Então pra vira um ensaio do coral não tem (..)

E: Entendi.

E: Ai a senhora acha mais tranquilo a parte da manhã?

A: é, então eu contribuo assim cantado quando me chamam... quando me convidam eu toco violão de ouvido

E:(risos)

A: não sei, não sei uma nota

E: mas violão a gente aprende...

A: pra ir aprendendo distribuindo cd, distribuo grátis, já tenho evangelizado muita gente com esse cd que eu sou contra a venda de cd

E: a senhora não gosta?

A: eu acho que se pode fazer alguma coisa, tira xerox grava bota musica.. você nem pode gravar..

E: distribui?

A: hoje em dia tem o recurso no computador!

E: verdade

A: eu só consegui gravar 6 musicas, 6 hinos mas eu complemento...

E: hum entendi

A: ...mas que eu completo com algumas alguns hinos bem assim tocantes e tem feito muita coisa esse cd que eu tenho gravado sabia?

E: e a senhora distribui?

A: distribuo outro dia eu recebi um email no celular que ia tocar na radio nova (...) na internet, lá em Curitiba

A: ai toda quinta feira, fala ate o que ia cantar eu fiquei feliz falei puxa eu não estou ganhando dinheiro, mas eu to ganhando almas, porque quantas pessoas precisam(...) pessoas terríveis pessoas más, que hoje estão na igreja pessoas que usavam crack, hoje estão na igreja, você vê a pessoa, a maldade da pessoa, é um impacto tão... e eu não fui pregar pra ele eu tava ouvindo tocando no computador do meu filho ,(...) não faz parte da entrevista (...) então eu acho que mercadejar a palavra de Deus quando você canta fala o voz do Senhor, eu canto em lugares bem simples bem estilo aquelas igrejinhas (...) não aparece um cantor, se vai é pobre e não tem para pagar, então não aparece ninguém, eu vou, toco, canto.

E: risos

A: então eu vou para abrilhantar entendeu, o culto, que é para o Senhor sabe, eu não vou lá pra cantar pra me aparecer, pra aparecer , pra arranjar dinheiro , pra isso, pra arranjar dinheiro pra aquilo, eu acho que quando você canta pra louvar ao Senhor Ele te dá muito mais do que aquilo que ganharia para vender a palavra do Senhor, você ganha mas não leva.⁸¹

⁸¹ Entrevista com Cláudia, novembro de 2012.

Alguns eventos são característicos do culto das 11h. Em uma das celebrações, foi comemorado o centenário da missão do missionário e pastor metodista H. C. Tucker⁸² em Sergipe, com a presença de um pastor batista que veio para homenagear a os metodistas na Catedral. Citou o registro da Rádio Nacional, em 5/11/1956 ocorreu à morte do pastor Tucker, dando destaque a presença histórica dos metodistas no Brasil. Em Sergipe o governo do estado decretou o “dia do evangélico” sergipano e em 2013 está prevista a criação do Museu da Bíblia – marca fundamental do missionarismo protestante naquele lugar. No culto foram feitas várias referências históricas, como fatos sobre o Reverendo Tucker que foi recebido com pedradas quando chegou à missão que fazem eco com os relatos de alguns entrevistados que contaram casos de conflitos com o catolicismo em sua história de vida. Memória, resgate, intervenções e re-apropriações do passado no presente e como os membros reagem.

O pastor faz referência à identidade metodista neste culto, quando foi o caso, por exemplo, do batismo ou recepção de membros novos, assim como um casal com o filho para “apresentá-lo ao Senhor”. O pastor falou da importância deste significado. Justificava reforçando a identidade ao dizer “para nós metodistas”. Aos transferidos de outra igreja, já batizados, o pastor explica a universalidade do batismo. A necessidade de explicar à igreja mostra que sempre é algo da identidade que precisa ser afirmada e esclarecida para alguns mais novos ou visitantes.

Curiosamente, no culto chamado “tradicional” e que de fato, possui elementos da tradição reformada como liturgia, coral, hinos, aos poucos foi se revelando um culto com alguns traços de tensão convivem com os elementos carismáticos, em particular, pela participação da banda no louvor. Certa manhã observei que o pastor celebrante antes de iniciar o culto, passou óleo nos outros líderes que ocupam o altar com ele. Veja, permanece a estrutura do culto centrado no altar, uso do púlpito localizado à direita da mesa da ceia conforme a tradição. Há também o uso de músicas das liturgias tradicionais, como “hino de evocação”, dentre eles “Santo, Santo, Santo!” que faz referência à Trindade e é muito comum nas igrejas reformadas no Brasil. Em seguida o pastor Bernardo Alves pede para a abrir no

⁸² Veio como missionário metodista no final do século XIX. Fundou o atual Instituto Bennett e também o Instituto Granbery, na época com o intuito de formar pastores e professores das escolas metodistas no Brasil. Um interessante relato histórico pode ser lido no site da Igreja Metodista em Vila Isabel, que mostra sua vasta atuação na sociedade carioca, participando de campanhas contra a febre amarela apoiando o então Dr. Oswaldo Cruz, além de ter sido um dos fundadores do Hospital Evangélico e o criador do primeiro playground para crianças na cidade, além de participar do 1º Congresso Nacional de Proteção à infância, onde falou sobre o tema da importância da Educação Física nas escolas e ainda sobre “educação sexual”. Cf. <http://www.metodistavilaisabel.org.br/artigoespublicacoes/descricobiografias.asp?Numero=587>

Salmo 138 dizendo “ se você tem Bíblia, não se furte em abrir”, reforçando o aspecto da tradição protestante que valoriza a leitura bíblica. Durante o culto (das 11h) já usam o projetor de LCD. Fiquei me perguntando sobre a relação simbólica entre o uso do projetor e a Bíblia. A igreja ao mesmo tempo em que “se atualiza”, há certo medo ou desconfiança com o que a modernidade pode trazer. A bíblia é um símbolo importante. As pessoas costumam nas ruas serem identificadas como indo para as igrejas carregando alguns exemplares (alguns grandes) na frente do peito. É como se existisse um certo orgulho de carregar aquele objeto indicativo da sua identidade. Estaria o contexto social da Catedral interferindo, onde esses elementos identitários poderiam estar sendo modificados? Talvez por ser uma igreja na Zona Sul, o projetor facilite que a pessoa não leve a Bíblia e possa após o culto ir para outros lugares, sem o incômodo de estar com as mãos ocupadas. Ou seja, a pessoa pode ir ao culto, como dizia Joana ⁸³ e depois ir para a praia tendo a mobilidade de ler os textos no LCD. Esse afrouxamento do hábito de levar e manusear a bíblia podem estar apontando para uma religiosidade mais soft, distinta do pentecostal clássico, adaptada à conjuntura social de um bairro de Zona Sul.

E: Você acha que isso tem relação com o local onde a Catedral está?

J: Sim, sim, aqui é um público diferente que não vai aceitar uma igreja evangélica tradicional, você não vai chegar pra um jovem e falar “**depois da igreja você não vai poder ir pra praia**”, não, aqui as pessoas já vem com biquíni, assistem o culto depois vão para a praia aproveitar então, acho que tem sim, é influenciada pelo meio você não pode ficar proibindo as pessoas de fazerem tudo no dia que a maioria tem de repouso. ⁸⁴

Em outro momento neste mesmo culto pude observar a celebração de encerramento da EBD de Férias. Nas férias de meio de ano é comum nas igrejas históricas promoverem uma semana com atividades voltadas para as crianças. Como manda a ética protestante no dito popular: Tempo ocioso é oficina do diabo. Por que deixar as crianças em casa se podemos aproveitar o tempo delas na igreja? Além do mais, é uma oportunidade de trazer os pais afastados do círculo religioso, aproximando através dos filhos a família e a religião. A atividade teve encerramento no domingo pelo culto da manhã. As crianças apresentaram seus trabalhos, tiram fotos, como em uma escola secular. A escola de férias da Catedral contou com a participação de crianças de outras igrejas, dentre elas, Assembléia de Deus e Nova Vida. Um destaque interessante e que tem a ver com esta pesquisa foi constatar a participação

⁸³ Entrevistada em novembro de 2012.

⁸⁴ Entrevista com Joana, novembro de 2012. Grifos do autor.

de outras igrejas diante da pouquíssima presença das crianças da Catedral. Um dos meus informantes em conversa após o culto disse que já soube de casos onde ocorreu preconceito de algumas famílias sobre as “crianças do morro” – referia-se à congregação metodista localizada no Morro Azul. Alguns comentavam que as crianças do morro “eram sujas e mal educadas”⁸⁵. Isso explicou depois minhas indagações a respeito da ausência, notada e lamentada pelo pastor no mesmo momento do culto em tom um tanto severo. A igreja em geral parece receber bem, as crianças unidas posaram com os pastores no altar e cantaram hinos. Permanece o ideário civilizatório do protestantismo de missão, a ética social voltada para a educação tendo como fim propagar a mensagem e com isso transformar a sociedade ao redor. O pastor Bernardo Alves aproveita o ensejo e reforça bem ao estilo ascético da ética puritana: “Acorde cedo e leve seus filhos na Igreja, Se prive da praia para colocar seus filhos na Igreja”⁸⁶.

No culto das 11h a participação do louvor limitada como foi visto, e ocorre um tipo de negociação dentro da liturgia sobre o grupo do louvor. O pastor Júnior (ministro de louvor e pastor dos jovens da Catedral) em algumas de suas falas durante a apresentação mostrava algo como à necessidade de aceitação do louvor. Dizia ele repetidas vezes antes dos cânticos: “... continuando o louvor...”, ou “... dando prosseguimento ao louvor do coral...”, de “continuar após o coral”, e mesmo quando canta após o coral sobre a “responsabilidade de conduzir a igreja em louvor”⁸⁷. Como já foi dito, as músicas cantadas são os louvores mais conhecidos do imaginário popular evangélico. Isto tem todo um sentido, pois este culto é freqüentado pelas pessoas que gostam do culto em seu formato tradicional. Percebi que em alguns momentos pessoas presentes olhavam reprovando ou não participavam dos momentos onde aconteciam palmas ou alguém “dava um glória a Deus!”. Os hinos escolhidos são os cânticos chamados “corinhos” no meio evangélico, músicas mais antigas e bem conhecidas nas igrejas evangélicas. Possuem uma melodia suave, assim como também a postura dos músicos e cantores é mais contida. Irmãs como Cláudia criticam que a Igreja poderia estar investindo mais em missão do que ficar colocando “coisas de luxo”, referindo-se à estrutura sonora e digital do templo.

⁸⁵ Diário de campo, outubro de 2012.

⁸⁶ Pastor Bernardo Alves, diário de campo, outubro de 2012.

⁸⁷ Pastor Júnior, diário de campo, outubro de 2012.

Ao término do culto, o pastor se despede com uma fala que de certa forma tem relação com essa cosmovisão presente nas músicas gospel, ao falar de uma relação mais pessoal e emocional com Deus. Sua fala procura apresentar um Deus que é “... um Deus de misericórdia, um Deus que nos abraça...” e se despede das pessoas: “vai para casa com o coração agradecido, porque Deus fez na sua vida muito mais do que você possa imaginar... Deus esteve atuando muito neste culto”. Assim vai se dando a transição entre o tradicional e a renovação, com suas tensões e acomodações.

3.1.3 O culto das 17h: A experiência da “capela histórica”.

No final da tarde ocorre outra celebração em uma pequena capela anexa ao templo. Perto das 17h vê-se senhoras caminhando, algumas com suas acompanhantes em direção a pequena capela. A Capela recebeu o nome de James Ransom (1853-1934), missionário e pastor da igreja no Brasil no período de 1853-1886 onde nesse mesmo período foi pastor da Catedral entre 1878 e 1881. Seu nome está gravado em uma placa de bronze no interior da capela, que abriga no subsolo o “museu histórico” em uma pequena sala e em seguida o salão social onde são feitas as festas, casamento e outras atividades. Segundo o registo em placa de bronze, o lugar foi o primeiro templo metodista fundado no Brasil.

Imagem 1



O culto começa com uma oração silenciosa, sendo conduzido sempre pelos pastores auxiliares que se revezam aos domingos. No período em que estive observando, apenas o pastor Marcos não participou das celebrações. Ao seu término são feitos pedidos de oração, pelas próprias pessoas que são perguntadas diretamente pelo pastor. Uma senhora orava de forma fervorosa ao meu lado, e falou em “línguas estranhas” por alguns instantes. Pedia oração pelo filho desviado.

O pastor Júnior estava conduzindo o culto e deu um testemunho (que falou em outros momentos sobre isso) sobre como havia sido desenganado pelos médicos quando era criança. Com dois anos de idade teve uma séria doença renal. Segundo ele, seus pais “pediram a cura ele assim recebeu o milagre”⁸⁸. O seu pai é um pastor metodista já aposentado. O fato de o culto ser na “capela histórica” não implica necessariamente em sua forma litúrgica. O culto se assemelha muito mais a uma reunião de oração, com mensagem bem simples para um público menor, entre 10 e 20 pessoas. Em muitos momentos os pastores insistem no que chamam de “essência” da experiência religiosa da Catedral. Dizia o pastor: “eu não estou falando de prosperidade não, mas eu sei como você pode sair daqui hoje... estou falando de filosofia de

⁸⁸ Diário de campo, setembro de 2012.

vida, de fé. Saiba que nenhum problema pode te separar de Deus”⁸⁹. Estas falas surgem nos momentos de oração sempre que há o pedido de bênçãos a Deus, orações por curas, milagres ou libertação. É uma vigilância constante em cuidar, como um controle para que esses momentos de oração por cura, pedidos, milagres não seja confundido com as igrejas que “pregam prosperidade material sem uma essência”⁹⁰.

Algumas senhoras afirmam que freqüentam este culto pela comodidade do horário. A música fica ao encargo do piano ou em algumas vezes até a capela. O irmão Jessé entoia alguns hinos na gaita. A reunião tem um clima intimista, com muitas senhoras lendo suas bíblias e hinários com certa dificuldade. O pastor Adeilton, ora pelo momento de perdão dos pecados, seguindo a liturgia: “No nome de Jesus, eu tomo posse das bênçãos de Deus na minha vida”⁹¹. Pede que as pessoas orem juntas repetindo com ele as frases. Em um dos dias Jessé levou o pandeiro e às vezes usa uma gaita também. O culto não tem uma linha bem definida – misturam-se hinos tradicionais com os “louvores” mais conhecidos, assim como esse diálogo entre com um discurso pentecostal mais contido. Falam de “cura” e “libertação”, porém, elas estão inseridas em uma “essência” que está argumentada na ética mostrada na vida dos pastores e na seriedade institucional do metodismo. Em uma das pregações o pastor afirmava a necessidade de se ter fé. Criticou a teologia da prosperidade – crítica presente em diferentes cultos. Em um dos sermões o pastor afirmava: “Os Evangelhos dizem que no mundo tereis aflições, mas a fé nos dá tranquilidade espiritual e emocional... Quem tem fé, tem esperanças. Quem tem fé confia em Deus de uma forma tão poderosa, que antevê a vitória”⁹². Terminado o culto da capela as pessoas vão logo embora. Poucos ficam para o culto das 19h, o “culto do avivamento” que ocorre em seguinte.

3.1.4 O culto do avivamento (19h): Catedral e o diálogo entre o protestantismo histórico e a cultura contemporânea

⁸⁹ Idem.

⁹⁰ Idem.

⁹¹ Idem.

⁹² Idem.

Conforme consta no boletim dominical, este é o chamado “Culto do Avivamento”. Ao entrar no templo, já se pode ver o altar ocupado com jovens e seus instrumentos musicais. Passam o som, afinam instrumentos, ajustam o timbre dos microfones e acertam os últimos detalhes das músicas. O culto começa com o “louvor” sob a direção do “ministro de louvor”, no caso, o pastor Júnior, que começa bem informal, cumprimentando o público. A abertura da celebração é feita com as músicas já dando início à celebração.

Render a ti, adoração e derramar todo o meu ser
 É o que meu coração deseja toda manhã
 Te imaginar é me inspirar pra te dizer: estou apaixonado cada vez mais por ti
 Senhor tu é incomparável, teu nome é maravilhoso
 Leva-me além, leva-me além
 Ao um nível mais profundo de intimidade contigo ó senhor.
 Leva-me além... leva-me além
 Que a minha vida flua mais da tua unção, mais do teu poder,
 Mais do teu poder...
 Leva-me além do véu, leva-me além, leva-me além ⁹³.

Não foi possível datar exatamente se este culto começou com a gestão do pastor Bernardo Alves. Mas segundo algumas informações, este culto sempre foi muito vazio. Segundo informações foi no final dos anos 1990 e início de 2000 que a igreja passou a investir em mudanças, tornando o culto menos litúrgico e implementando um grupo de louvor com um culto mais dinâmico. Insistem em alguns pontos que não abrem mão como os elementos da tradição histórica, como o caso do uso da Bíblia que apesar das telas de LCD disposta no alto em cima do altar e os pedidos do o pastor para que “mesmo o texto sendo exposto no telão, manuseie sua bíblia... é importante, Deus nos revela coisas maravilhosas quando manuseamos a sua palavra” ⁹⁴.

Há uma grande preparação técnica no interior do templo. O templo principal, com seus traços arquitetônicos que guardam a história da igreja também guarda um aparato tecnológico que envolve um amplo sistema de sonorização, com instrumentos musicais, caixas acústicas e conexões de telas digitais e computadores em rede. A banda chega mais cedo, por volta das 18h e já começam a passar o som, acertando os últimos detalhes das músicas. O “ministério” de louvor chamado “Vem óh Deus”, tem canções (três) próprias gravadas em DVD e Cd, que não tive acesso. Gravaram um DVD pela Line Records ⁹⁵ e tocam fora da Catedral também. É

⁹³ Diário de campo, outubro de 2012.

⁹⁴ Idem.

⁹⁵ Gravadora evangélica.

possível ver vídeos na internet e em sites especializados de letras de músicas ⁹⁶. Em geral o culto começa com músicas seguidas e sem intervalos, o que desperta um movimento muito grande na comunidade, que acompanha com palmas e salvas de “glória” e “aleluias”. Em vários momentos tiveram “ministrações” com orações fervorosas de todos conduzidas pelo pastor sobre as famílias, onde nestes momentos a banda fica executando a melodia e o pastor emenda uma oração a partir da mensagem da música. Do púlpito o pastor impõe as mãos, e pede que cada um estenda suas mãos em direção a sua casa – isso acontece muito no culto de libertação às quintas-feiras. Uma forma ritual de santificar o espaço. Se antes a ética puritana via no mundo um objeto do seu trabalho, onde se deveria viver uma vida ascética e que o prazer nele deveria ser rejeitado, aqui, o mundo é santificado, é alvo de uma fruição sobrenatural que o torna sagrado e pronto para ser desfrutado com prazer, dando ideia de uma concepção onde o mundo é sacralizado pela prática religiosa, o que o torna um espaço de fruição para o fiel. Este tipo de religiosidade não nega o mundo, e nem aceita seus valores, mas resignifica-os à luz de sua experiência e visão religiosa. A “música do mundo” não pode, mas tudo que é mundano quando se usa a partir do sagrado, se torna santo e passa a ser aceito.

As pessoas vão para frente do altar e o pastor ora por elas. Neste mesmo culto o pastor anuncia uma atividade de sábado ⁹⁷ “com várias ministrações”. O que seria isso? Estar no culto e participar destes momentos criam um preparo espiritual do crente. As “ministrações” são uma forma de “encher” a pessoa de Deus para que ela possa agir no mundo. O crente precisa “estar preparado”. Estar preparado para pregar em qualquer situação, pois “não é só os irmãos pentecostais, mas o metodista pode ser chamado para pregar a qualquer hora. Você tem que orar e ter devocional todos os dias” ⁹⁸. Essa fala é faz uma referência aos pentecostais como outro grupo, mantendo a distinção do metodismo, e ao mesmo tempo, insere os metodistas neste processo de “ser chamado”, como mais um concorrente neste campo religioso, onde ele se afirma fazendo um uso da linguagem pentecostal. É comum no pentecostalismo, o fiel ser conduzido pelo “mover do Espírito”, no culto e no cotidiano.

⁹⁶ É possível ouvir as músicas gravadas pelo grupo no site <http://www.radio.uol.com.br/#/letras-e-musicas/ministerio-vem-o-deus/259810> e também no www.letrasdemusicas.com.br

⁹⁷ Aqui ele faz referência ao projeto SUMMIT da Catedral. É um ciclo de palestras organizados por uma consultoria empresarial voltada para a prática missionária das igrejas. O curso é pago mediante uma inscrição, com número de vagas limitadas. O anúncio é feito no púlpito e no boletim. Cf. <http://www.summitschool.com.br/>.

⁹⁸ Pastor Bernardo Alves, culto 19h, diário de campo, setembro de 2012.

Assim como os pentecostais acreditam, os metodistas na Catedral também desejam estar “cheios do Espírito” e “na presença de Deus sempre”.

O altar é ocupado pelo grupo de louvor, que conta com vários instrumentos e sempre dois ou três pessoas no vocal, acompanhadas geralmente pelo pastor Junior, pastor dos jovens e ministro de louvor. Antes do início, os pastores e os músicos se retiram para o gabinete pastoral a fim de fazer uma oração, como um espaço sagrado que precisa se preparar ritual para assumir aquele lugar. Logo eles entram pela porta que há ao lado do altar, e o culto já começa com música. O momento de louvor tem uma função importante enquanto ritual, pois legitima a prática da experiência religiosa, que mesmo tendo esse caráter subjetivado da modernidade, ela se torna efetiva a partir da experiência do grupo, no canto, orações, palmas e na participação do momento em que eles “louvam a Deus”. Apesar da experiência religiosa ser individualizada, ela necessita do ritual para ser legitimada. É no louvor que esse carisma surge na sintonia dos cânticos que envolvem o grupo. Alguns elementos simbólicos da matriz pentecostal brasileira, como a emocionalidade, a efervescência nos momentos do canto e das preces que são o ápice do culto. Estes momentos são marcados por um discurso que revela o sentimento e as motivações das pessoas que buscam por uma direção psicológica ou conforto emocional. Analisando algumas mensagens das músicas podemos perceber a presença de uma religiosidade individualizada, com ênfase na satisfação pessoal e na busca pelo bem-estar psíquico e emocional.

Quando tudo diz que não
 Sua voz me encoraja a prosseguir
 Quando tudo diz que não
 Ou parece que o mar não vai se abrir
 Sei que não estou só
 E o que dizes sobre mim não pode se frustrar
 Venha em meu favor
 E cumpra em mim teu querer
 O Deus do impossível
 Não desistiu de mim
 Sua destra me sustenta e me faz prevalecer
 Deus do impossível
 Deus do impossível. (Grupo Toque No Altar - Deus do Impossível).⁹⁹

⁹⁹ Cf. <http://www.cifraclub.com.br/ministerios/ministerio-apascentar-nova-iguacu-deus-do-impossivel/>

O culto das 19h é muito centrado na questão da música na celebração, no “momento de louvor” que é o grande atrativo. As músicas também reforçam uma religiosidade com um alto teor erótico na relação homem-deus. Como o exemplo desta música aqui.

Jesus, eu quero ficar Contigo
 Eu quero ser Seu amigo
 Quero comer no Teu prato
 Calçar os meus pés nos Teus sapatos
 E me arrastar
 Lá, ra, lá, ra, lá, ra, lá, lá
 E me arrastar
 Jesus, eu quero deitar no Teu colo
 Te contar tudo, tudo o que sei
 Descansar recostado em Teu peito
 Ouvindo o Teu coração
 E me acalmar
 Lá, ra, lá, ra, lá, ra, lá, lá
 E me acalmar
 Lá, ra, lá, ra, lá, ra, lá, lá
 Jesus, eu quero vestir Sua camisa
 Com as mangas maiores que meus braços
 Correr pela casa ao Teu encontro
 E me abandonar no Teu abraço
 E Te abraçar.¹⁰⁰

Essa relação erótica com o sagrado é outro dado importante. O erotismo que se torna um tabu no silêncio que a igreja faz sobre a sexualidade, aqui ele aparece sublimado no louvor. As meninas e meninos se produzem para cantar. Não há uma negação do prazer e da fruição moderna do mundo, de elementos como a moda, o gosto pela música, mas uma realocação destes traços na esfera do sagrado. Há toda uma cultura do gospel em torno do louvor, bandas e artistas famosos assim como festas gospel, boates e outros elementos separados pela marca do “gospel”, como um espaço conquistado pelos evangélicos.

Os pastores reforçam a ideia de uma religião emocional e de uma relação afetiva com Deus. O rito assume papel importante neste momento em que aquele espaço é sacralizado, por meio do gesto das pessoas que seguem em direção ao pastor, recebendo orações com imposição das mãos.

Seu coração sente a emoção de Jesus me tocando de novo. Você ainda se empolga quando ouve o nome de Jesus? Seu coração bate mais forte? Se você não sente isso mais, quero orar por você. Você quer mais de Deus? Vem para o altar, vamos estar juntos... Senhor renova a primeira chama apagada, e que sejamos mais cada vez na sua presença... Senhor, aqui estamos com corações cheios de sonhos, de projetos... sedentos de ti Senhor, valoriza cada sonho, cada projeto... toca na vida, no trabalho amanhã, que eles saiam daqui prontos para novos dias... e que você sai daqui

¹⁰⁰ Diário de campo, outubro 2012

abastecido, sai daqui com fé, pronto para enfrentar a semana... reter à Deus, sai daqui cheio das coisas de Deus... A diferença entre ter a Deus e ser de Deus, dominar as coisas e... quando se fala de Deus, tem que andar para duas perspectivas, você tem que mastigar as coisas... Não é só você que tem que dominar as coisas de Deus, mas você tem que ser dele também. Tem muita gente que tem Deus mas não é de Deus. Você é dele? Se submete à Ele? É fiel à Ele? Ele pode te-lo na hora que ele quiser? ... em nenhum momento dei chance de Deus falar comigo... eu controlo o tempo, eu organizo a minha oração.. mas não deixa ser usado por Deus, ser de Deus. As pessoas falam que você tem que buscar à Deus... mas você tem que se deixar ser trabalhado por Deus. É o Senhor se adequando ao horário, mas você não se adequa ao Senhor. Ser de algo é servir... Deus te chama para servir, se deixar ser trabalhado.

101

As orações pedem por cura, libertação, solução de problemas cotidianos, de emprego a doenças. O pastor pede por sinais: “Cura Senhor, repreende as enfermidades, precisamos de sinais constantemente”¹⁰², exclama ele acompanhado pelas vozes da comunidade onde todos oram ao mesmo tempo. Segue pedindo pelas famílias: “Casamentos que não andam bem... restaura Senhor a comunhão das famílias”. Em um desses momentos o pastor ora pelos relacionamentos amorosos. Dizia ele em tom exortativo: “Irmão que anseia em casar, em ter um namorado ..., é preciso buscar no caminho, levanta um varão, uma varoa Senhor...”. Chama atenção dos jovens quanto ao namoro: “Princípio bíblico de estar aliançado com Deus [o parceiro amoroso]... Melhor coisa é casar com alguém do mesmo rebanho”, sobre buscar relacionamentos dentro da igreja. Prevalece a moralidade tipicamente protestante, ancorada na cosmovisão dualista da formação social do protestantismo brasileiro, destacando as “coisas do mundo” e as “coisas de Deus”. Estar ligado com as “coisas de Deus” é sinal de ter uma “vida mais abençoada”. Segue orando o pastor enquanto as pessoas se abraçam orando umas pelas outras: “Abraça o irmão do teu lado e diz: Você vai vencer!”. Juntamente com esses pedidos ele repete orações como “Oh, Senhor! Nos dá a possibilidade de sonhar. E que os anjos do Senhor possam despertar as nossas vidas”.

O papel do “sonho” reflete o sentimento moderno onde há um apelo maior à realização individual, em que as escolhas pessoais não necessariamente estão mais alinhadas com os valores coletivos. É uma experiência religiosa que enfoca este apelo, dando a ele uma legitimação sagrada, onde os sonhos das pessoas estão sendo orientados por Deus, e se isso ocorre, são legitimados e certamente elas obterão êxito por que “seus sonhos são os sonhos de Deus”. A sacralização dos sonhos é uma contradição com o passado distante, onde os protestantes tradicionais pregavam uma vida mais austera, de negação do prazer e até mesmo

¹⁰¹ Diário de campo, novembro de 2012.

¹⁰² Pastor Bernardo Alves, diário de campo, setembro de 2012.

de legitimação da dor através da teodicéia que atribuía aos infortúnios da vida a justificativa da vontade divina soberana, agora, dá lugar a um Deus que “sonha os sonhos do seu coração”

103

Tenho muitos sermões prontos, mas eu creio que Deus tem que inquietar meu coração para pregar, ministrar somente aquilo que Deus gerou no meu coração com muita convicção. Eu vou pedir à Deus que me dê capacidade de entender os rabiscos que eu fiz aqui antes do culto... Você quer viver seus grandes sonhos? Quer herdar aquilo que Deus tem gerado no seu coração? Tem que andar o mesmo caminho que Josué trilhou. Josué só foi o homem que ele foi ... primeiro ele acreditou que as promessas de Deus são viáveis, aquilo que Deus gerou em seu coração é viável... nós cristãos somos fecundados pela esperança. Nem sempre cegos enxergam na frente de nós, aí pensamos que Deus está dormindo. Ore pelo cego! Você tem coragem para fazer isso? Você precisa de grandes milagres na sua vida. O sucesso é resultado de vida em comunhão com Deus. O sucesso só vai se refletir na minha vida se eu refletir a vontade de Deus. Você hoje liga a Tve tem programa evangélico, não importa se tem interesse financeiro, era um povinho e hoje somos 42 milhões.

104

E essa relação de fidelidade, onde o “sonho” estar alinhado com a “vontade de Deus” dá todo um respaldo, certa sofisticação no discurso e na elaboração da cosmovisão presente que é o desafio das igrejas históricas como a Catedral, que não quer ser identificada como mais uma igreja que oferece serviços religiosos. E contra isso as falas eram bem precisas, alertando sobre o risco das pessoas que ficam transitando em várias igrejas: “Você precisa de uma cobertura espiritual. Tem crente que fica andando de igreja em igreja”. Falou de Josué e da filiação histórica de Moisés, como exemplos de “um ministério que vem de gerações”. Em uma roupagem pentecostal ele retoma elementos tradicionais, como a fidelidade institucional e o envolvimento das pessoas com a vida da igreja. Mesmo que esse perfil de culto seja para atender as demandas de um determinado público, estamos diante da perspectiva de um pastor de igreja tradicional que deseja que as pessoas se filiem aderindo ao projeto da igreja e que sejam engajadas com a instituição. Não sabemos, porém até que ponto a sua formação acadêmica o coloca em tensão com seus pares, diante da possibilidade de sua igreja estar se pentecostalizando. Inclusive esta é uma questão na qual a própria pesquisa está inserida. Não até que ponto se pode determinar seu nível de envolvimento devido a complexidade do fenômeno que envolve experiências que mesclam emocionalidade e ao mesmo tempo a racionalidade de uma instituição por trás destas práticas.

¹⁰³ Diário de campo, novembro de 2012.

¹⁰⁴ Diário de campo, novembro de 2012. Neste dia o pastor constava na programação da Igreja um pregador convidado que não compareceu.

A relação milagre e fidelidade são recorrentes: “Você quer um milagre? Tem que ter relação com Deus”. Em outro momento ele abre o espaço incentivando que as pessoas exercitem sua religiosidade mais carismática: “Se você fala em línguas, fale! Se você é batizado! Pede ao Espírito Santo uma bênção! Sopra Senhor nessa congregação o vento pentecostal!”¹⁰⁵, clamava durante o culto. Estas manifestações do espírito sempre têm como objetivo algo maior alcançar a “essência” da experiência religiosa, onde a Catedral se insere na tensão entre as esferas do pentecostal e do tradicional: “Você tem que viver como uma fera, como um leão, sair dessa vida insossa”. No fundo de tudo, reflete uma religiosidade que busca sentido de vida para as pessoas com suas mais variadas formas de crenças e experiências. Seria o fenômeno ocorrido nas religiões tradicionais, que tendem em depurar e institucionalizar as práticas populares, neste caso, a matriz pentecostal vai sendo incorporada no mundo simbólico da Catedral, através do louvor e no discurso que visa atender a essa demanda religiosa que tem como ênfase a emoção e a experiência pessoal, pregando a necessidade de se buscar a Deus para ter realização pessoal na vida.

Ao contrário, nas palavras de Atran (2003, p.265), a religião como a conhecemos abrange “uma variedade de sistemas cognitivos e afetivos, alguns com distintas histórias evolutivas, e outros sem qualquer história evolutiva. Daqueles com uma história evolutiva, algumas partes têm uma história de adaptação plausível, enquanto outros são prováveis subprodutos”. A linha entre as características com uma função de adaptação “original” e outras que são “exaptações”, subprodutos, é um pouco teórica, mas para os nossos propósitos o que importa assinalar é que elas vieram para formar uma característica comum subjacente à religião popular, que está no âmago de toda religião, apesar da diversidade de formas institucionais que ela foi adquirindo ao longo do tempo e do espaço. (LEHMAN, 2012, p. 220).

A emoção pode ser uma resposta a apatia do mundo moderno, como uma resposta para sair da relatividade dos valores retomando o sagrado na sociedade. Uma vida “avivada”, com paixão, com sentido. Uma vida motivada e com propósitos. Esse é o tipo de experiência que pode ser estar sendo chamada de pentecostalização . Não tem o rigor ascético de uma Assembléia de Deus mais tradicional, pois roupas e outras coisas são mais “liberadas”, apenas o sexo e a bebida que não como mandam a tradição puritana e pietista do protestantismo. Mas festas, danças, são permitidas desde que sejam sacralizadas pela linguagem do “gospel”. No entanto, em relação à prosperidade não aparece como forma de conseguir riquezas apenas, mas como fruto de uma relação maior, de um compromisso com a igreja, com a prática religiosa, com o ritual, mostrando seu aspecto mais voltado para a ética.

¹⁰⁵ Pastor Bernardo Alves, diário de campo, setembro de 2012.

Mestre, eu preciso de um milagre
 Transforma minha vida, meu estado
 Faz tempo que eu não vejo a luz do dia
 Estão tentando sepultar minha alegria
 Tentando ver meus sonhos cancelados
 Lázaro ouviu a Sua voz
 Quando aquela pedra removeu
 Depois de quatro dias ele reviveu
 Mestre, não há outro que possa fazer
 Aquilo que só o Teu nome tem todo poder
 Eu preciso tanto de um milagre
 Remove a minha pedra
 Me chama pelo nome
 Muda a minha história
 Ressuscita os meus sonhos
 Transforma a minha vida
 Me faz um milagre
 Me toca nessa hora
 Me chama para fora
 Ressuscita-me.¹⁰⁶

A canção acima, chamada “Ressuscita-me” da cantora Aline Barros, foi uma das mais aclamadas no culto durante a pesquisa. Não só no culto, mas a música se tornou o “hit gospel” do momento. Em uma das vezes enquanto tocava esta música no louvor um rapaz ficou muito emocionado. O pastor Júnior desce do púlpito e o abraça. Foi uma cena forte, pois o jovem acabava de passar por uma experiência de perda familiar. Neste sentido a pedra pode ser o drama de qualquer pessoa, onde o canto comunitário funciona como forma de efusão das emoções, pois todos cantam, choram, se abraçam, seguram as mãos. Em entrevista na rádio MK Publicitá¹⁰⁷, a cantora utilizou a mesma linguagem presente relatada acima. Sobre o tema da música ela dizia que “... algumas músicas deste cd estão voltadas para isso (...) que o amor de Deus que um dia você recebeu em seu coração, possa ser compartilhado com outras pessoas, você precisa viver isso, viver o sonho de Cristo na sua vida, realizar isso por onde você for”. Há uma relação de discursos que enfatizam o sonho, a realização pessoal e uma experiência religiosa profundamente marcada pela emoção e subjetividade. Outras músicas apontam neste sentido.

A minha fé move montanhas
 A fé move a mão de Deus
 A nossa fé
 Faz milagres entre nós
 O poder da fé

¹⁰⁶ Diário de campo, novembro de 2012.

¹⁰⁷ Entrevista pode ser assistida em vídeo pelo link: <http://www.youtube.com/watch?v=NmZ2ko2GuZw>.

Faz revelar o poder de Deus (O Poder da Fé - Ministério Sarando a Terra Ferida).¹⁰⁸

E neste cenário convivem a tradição histórica e a modernidade. O CD do grupo de louvor foi consagrado em 2008. O ano que começaram essas mudanças no culto da noite. Pastor fala da história da igreja, dos missionários no século XIX, os 134 anos da Catedral, a Capela e o templo de 126 anos aproximadamente. Falou sobre a origem na igreja episcopal do sul dos EUA, agradecendo pela vida dos missionários. No mesmo culto onde o pastor pede renovação pentecostal ele faz referência à tradição histórica do metodismo. Fez referência desse passado do protestantismo de missão ao atual “anseio missionário da Catedral”, missão essa que é promovida a partir do próprio estilo de culto e práticas que a igreja tem aderido como a divulgação do culto pelas redes sociais, internet, participação de artistas e personalidades do mundo evangélico.

Falou de pessoas que “se perderam” e que se desviaram do “caminho do Senhor”¹⁰⁹, como o caso do jovem Felipe, que conheci no retiro e que estava retornando para a igreja. Semelhantemente ao tipo do discurso do pastor que dizia: “Eu não quero errar o caminho, não vou abrir mão do meu prêmio, vou perseverar no caminho”, repetia junto com a comunidade e afirmando que “a vida feliz é de quem está no caminho, perseveravam na fé, não perderam o **sonho**”. Essa fala do sonho faz parte da cultura contemporânea que através das propagandas e dos produtos vendem não apenas mercadorias, mas objetos de realização pessoal. “Tirar os pesos da vida espiritual para que a vida seja mais gostosa, mais prazerosa”, dizia ele, ou seja, uma mensagem que não prega a austeridade ascética do puritanismo, segundo Joana que comparava a Catedral com as igrejas pentecostais mais rígidas.

E: E sobre os movimentos pentecostais, você já falou da questão do Espírito Santo e como você vê hoje o movimento pentecostal, qual sua opinião?

J: Crítica tenho várias né, mas assim, o que... [pausa rápida] deixa eu pensar... Eu acho, da igreja universal é mais complicado dizer porque tem prática que não concordo, uns elementos que buscaram com outras religiões que não são compatíveis com o cristianismo. Vejo alguns sinais de idolatria, mas assim, não tem como descartar essa igreja porque muitas pessoas chegam até Jesus através da igreja, uma igreja radical, mas faz um trabalho importante, também pro Reino de Deus. O primeiro contato com as pessoas assim, mais necessitadas que precisam no momento de um radicalismo. As pessoas são diferentes, então tem pessoas que gostam de viver sob um julgo uma dominação, então tem pessoas que a igrejas vão satisfazer essa necessidade. A Assembléia é mais rígida, algumas não podem cortar o cabelo, não podem andar de bicicleta, não sei nem se existe isso mais, não pode ter certas

¹⁰⁸ Cf. <http://letras.mus.br/ministerio-sarando-terra-ferida/1108281/>

¹⁰⁹ Diário de campo, setembro de 2012.

higienes. Cada um tem sua cabeça eu não me identifico com esse tipo de igreja, mas não descarto a qualidade dela, se elas estão anunciando o reino.¹¹⁰

De uma religiosidade austera e castradora, a Catedral dialoga com a modernidade religiosa no que se refere a promessa de uma vida confortável, bem sucedida, até próspera sim, mas com uma “essência” conforme é recorrente nas falas. Tem uma espécie de distinção social, de pessoas com sua religiosidade popular, como “exageros”, e uma religiosidade mais sofisticada, que fala do coração, da cura interior, do bem estar emocional, psíquico. Como o pastor Wilson quando pregou falando de saúde espiritual: “meus ossos adoeciam, confessei meus pecados e fui perdoado... A psicologia tem ensinado que o medo paralisa... a Bíblia fala também do medo”. Em outra mensagem dizia o pastor Sérgio.

Esses três jovens não são donos da agenda de Deus, eles apenas obedecem. E se pode piorar? Não há nada ruim que não possa piorar... ordenou que a fogueira fosse acessa mais sete vezes e ainda atassem os jovens... Deus não impediu a fogueira, mas Ele preservou os três na fogueira... Quando tudo está perdido Deus vem ao teu encontro... Quem confia em Deus tem que fazer da fogueira um lugar de passeio.¹¹¹

No final pede ao louvor uma música e chama as pessoas para orarem no altar. A religiosidade mais “suja”, “exótica”, de pessoas que precisam de um “julgo de dominação” fica reservada ao culto de libertação na quinta-feira.

3.1.5 Culto “Culto de Libertação” às quintas-feiras: Um exemplo de resignificação dos elementos de “cura” e “libertação” pela religiosidade protestante histórica.

As noites de quinta-feira a igreja recebe outro tipo de público em um culto que poderia ser considerado o mais carismático dentre os outros. É o “culto da libertação”. A história deste culto começou, segundo relato de dois membros antigos da igreja, em 1998 como uma reunião chamada de “O Deus do impossível”. Segundo João e Élide o culto tinha como objetivo ser uma reunião de oração. João é advogado, formado em teologia pelo Bennett. Elida é esposa do pastor Felipe, já aposentado, foi pastor na Catedral e coordenador da faculdade de teologia por um tempo. Ambos são terminantemente contrários em suas falas com a atual situação da Catedral. Segundo João, algumas pessoas – como ele - estavam

¹¹⁰ Entrevista com Joana, novembro de 2012.

¹¹¹ Pastor Sérgio, diário de campo, setembro de 2012.

passando por um “processo de exclusão na igreja”. Contou que este culto de quinta, criado e conduzido por eles na época, foi tomado pelo pastor e agora virou “isso aí que você vê hoje”. Esse “isso aí” ao que ele se refere é um culto onde se pregam curas, milagres, e fazem campanhas de semanas com o propósito de atrair um grupo de pessoas que não frequentam aos domingos. Este foi inclusive um fator que constatei ao aplicar a pesquisa com questionários. As pessoas mostravam desconfiança, um pouco receosas quando na hora da abordagem eu tentava explicar que era uma “pesquisa”. A maior parte das pessoas aparenta uma origem social humilde. Creio que ao falar em pesquisa, assustava um pouco. Há outro fator que é a rotatividade. Alguns diziam que não eram da igreja e que não poderiam participar. Ao contrário do domingo, onde as pessoas já me conheciam e aceitavam colaborar participando, na quinta feira foi diferente. Os vigias da igreja confirmavam impressões, “você pode ver o pessoal que ta aqui hoje, às quintas-feiras não estão”, falando do público de domingo. Eles ainda diziam que o culto de quinta era “mais agitado, você vê aqui de fora e sente isso”.

O culto tem um louvor diferenciado. Enquanto no domingo à noite, as músicas são mais sofisticadas, falam de sonhos, com temas ligados à vida emocional, na quinta são os chamados “corinhos”, músicas mais antigas, com linguagem mais simples e mais conhecida nas igrejas evangélicas.

Bom é estarmos aqui louvando á Deus
Podemos exaltar teu santo nome
Tempo para isso
Tempo para louvar-mos à Deus
Num só amor um só espírito
Deus, venha nos abençoar
e que essa união
nunca falte para nós.¹¹²

As orações também são mais fervorosas, com uma linguagem que dá uma ênfase maior em curas e libertação:

... vamos invocar a presença do Espírito Santo de Deus... Vamos pedir pela manifestação de cura durante o louvor...Tira tudo que não presta daqui Senhor! Clamamos pela unção da cura, pela profecia. Eu quero proclamar a prosperidade de Deus na tua vida! Toque no ombro do teu irmão e diga: O Senhor preparou algo para você esta noite muito especial. Você crê nisso? Diga Glória à Deus e aplauda ao Senhor.¹¹³

¹¹² Diário de campo, novembro de 2012.

¹¹³ Oração do pastor Bernardo Alves, diário de campo, novembro de 2012.

Começando o culto pergunta o pastor Júnior: “Você precisa de um milagre hoje?”. Muitas pessoas que frequentam são da Comunidade do Morro Azul. Conversando com Maria Emília, pastora responsável pela comunidade, disse que “lá é pentecostal” e que o “fogo desce mesmo na igreja”.

O louvor continua sendo um momento importante, onde ocorrem as manifestações de efusão religiosa. Em um momento o pastor pede: “Coloque as mãos no seu coração, a banda vai ministrar para que o Espírito profético possa ministrar sobre nós... Queremos que o Teu Espírito Senhor fique à vontade na tua igreja. Toma o teu lugar!”. Com as mãos sobre as pessoas, pede que elas coloquem as suas estendidas em alguma parte do corpo onde estão enfermas, ou que apontem as mãos na direção de suas casas enquanto eles oram pelas doenças e pela “restauração das famílias”. Além disso, há o cesto de orações sobre o altar. As pessoas vão lá e depositam os papéis com pedidos no momento certo.

Imagem 2



As expressões são mais diretas nos instantes de oração mais intensas. Falam os pastores em tom bem exaltado: “a igreja reunida diante do inferno!”, “abra seu coração, rasgue-se perante o Senhor!”, ou “erga suas mãos e comece a louvar ao Senhor. Aparecem símbolos como o “diabo” e “inferno”, elementos da “batalha espiritual” que não aparecem com tanta ênfase nos outros cultos. Um dos cultos contou com a participação especial do cantor e pastor Kleber Lucas.

No culto o cantor fazia muitas referências ao louvor como um momento importante na prática religiosa, como aquele instante em que o fiel recebe poder: “o Rei David, um grande

homem de Deus na história, para ele a coisa mais importante era estar na presença de Deus. Quando a gente adora a Deus, estamos tributando ao Senhor... quem canta, dizia o ditado, seus males espantam. Mas quando você adora a Deus, ele traz paz, o refrigério...”. No momento das ofertas, o pastor mantém o discurso sobre a “essência” da fé, tentando recriar uma forma de falar dos elementos pentecostais e ao mesmo tempo fazendo uma distinção.

Coloca seu nome no envelope, nós estaremos orando por você até o final do ano... toda vez que a gente abençoa a alguém, Deus nos abençoa muito mais pra gente estar abençoando... Vamos estar orando por vocês todas as quintas-feiras. Venham receber a unção da prosperidade... Vocês estão aplaudindo algum cantor ou ao Senhor.¹¹⁴

É interessante que o discurso do cantor-pastor mostra o mesmo tom. Ele fala de prosperidade, de vitória, mas não desprendida da necessidade de um compromisso moral com a experiência religiosa. Dizia ele enquanto pregava que “se Deus te prometeu uma terra, você vai ter que ir... quantos estão dispostos a serem viajantes?... A última palavra é dele, pois todas as coisas cooperam para o bem daqueles que o amam. Só conseguem viver nessa visão quando estamos conectados com Deus”. Essa conexão encontra seu momento mais intenso no ritual do louvor. Parece que surge um eixo comum da identidade evangélica, ao menos entre pentecostais e algumas igrejas históricas, como o caso da Catedral mostra nestas descrições.

As orações falam o tempo todo a partir da matriz pentecostal clássica, e ao mesmo tempo que enfatizam a responsabilidade e o compromisso com a religião, tentando deixar claro que ali não há apenas uma religiosidade de barganha. Contextualizando seu discurso com público que não são de pessoas da Catedral, ele alerta sobre os “perigos” que as pessoas correm frequentando outras igrejas, fazendo clara alusão a um hábito comum entre os evangélicos que vivem essa dinâmica religiosa de “busca por poder e unção” assim como os cultos que oferecem “milagres e curas”. Apesar da linguagem mais pentecostal, permanece de forma diluída a ideia da fidelidade, de manter certa ética e moral cristãs que envolvem a responsabilidade do fiel, que não deve se limitar apenas à procura por curas e libertação.

Você quer andar debaixo da direção divina, não? Quando andamos fora damos com os burros n'água. Quando estamos debaixo da direção de Deus as coisas boas acontecem. Talvez você esteja fora da direção de Deus, por isso não acontecem os milagres. Busque fazer a vontade de Deus, submeta-se à sua direção. Que tal você avaliar agora a sua vida?... o Diabo sempre vai te perseguir. Mas o poder e a autoridade pertencem à Deus... o seu Deus é todo poderoso...tem que ir na fonte, pegar a tua Bíblia... não precisa procurar esses profetas por aí não. Teve uma irmã que contou sobre o marido que é do mundo, de uma religião oposta... Ele tocava

¹¹⁴ Diário de campo, novembro de 2012. Culto de quinta-feira.

atabaque no Candomblé. Não há comunhão entre trevas e luz. Casou com alguém que não é do mundo, não reclame, casamento é até o final. Louve à Deus pela sarna... Casamento é para sempre ora. Ore para ele se converter. Tem gente que fica de profeta em profeta...tem crente que olha até horóscopo. Pare de consultar bruxo... Você tem a palavra do Senhor. É na palavra que encontramos a direção. (pastor Bernardo Alves)¹¹⁵

Após essa fala enfatizando a responsabilidade, ele passa para o momento de oração pela campanha. A campanha tem uma espécie de “carnê”¹¹⁶, com uma imagem de Jesus na cena da “pesca maravilhosa” narrada no Evangelho, e tem do lado sete tickets destacáveis onde a cada semana a pessoa depositava na urna com o pedido.

Imagem 3



O pastor ora com “imposição de mãos” sobre a urna e o culto se encaminha para o final.

Contempla esse cesto agora neste momento... esperanças de cura, de salvação, de solução dos problemas. [o pastor falou em línguas]... Em nome de Jesus eu ordeno agora.. dor nas costas sai! Dor de cabeça... nós anulamos esta dor... recebe a cura agora em nome de Jesus... dor, você não existe mais... se você foi curado, levante a mão agora.¹¹⁷

¹¹⁵ Pastor Bernardo Alves, Diário de campo, novembro de 2012, culto de quinta-feira.

¹¹⁶ Ver anexos.

¹¹⁷ Diário de campo, novembro de 2012.

4. A ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL (EBD): ESPAÇO DA TRADIÇÃO BÍBLICA-ASCÉTICA DO PROTESTANTISMO BRASILEIRO.

Ao término do primeiro culto, as pessoas se encaminham para as classes. A classe dos homens, dirigida pelos reverendos Wilson e Dantas, funciona no salão social que fica no subsolo do templo. Na capela histórica funciona a classe das mulheres, com a irmã Nádia, que é professora. Irmã Nádia também foi professora da rede estadual. No prédio anexo com seus três andares está a classe dos jovens e a classe de bíblia da irmã Júlia. Há outra classe que é a dos adolescentes, além do departamento infantil, que não consegui participar devido ao tempo. Das seis classes existentes (juventude, homens, mulheres, classe de bíblia, adolescentes e infantil) participei mais ativamente de três delas: A classe da juventude, dos homens e a classe de bíblia. No primeiro instante percebi que as classes ajudariam na aproximação com o campo de pesquisa, assim como participar de discussões sobre assuntos que me ajudariam a entender melhor o fenômeno que estava chamando de pentecostalização. Ali pude perceber algumas “piscadelas”, aqueles detalhes que não teria observado nos cultos.

Escolhi acompanhar inicialmente a classe dos jovens e dos homens, fazendo um comparativo entre grupos de idade na expectativa de que essa diferenciação pudesse indicar algo. Acreditava que os mais jovens fossem mais pentecostais, enquanto os adultos aqueles que rejeitavam essas “coisas modernas” como “louvorzão”, assim como os elementos mais carismáticos. Minhas expectativas foram frustradas.

A EBD é um dos traços típicos das igrejas mais tradicionais. Assim como a preocupação do pastor Bernardo Alves, para que as pessoas levem suas bíblias apesar da igreja ter o recurso do data show, há a preocupação dos professores com a frequência dos membros nas classes. Observei que as pessoas mais adultas, no caso das mulheres da classe de bíblia e dos homens a frequência é significativa, onde os alunos mantêm o compromisso com as aulas. No caso da Catedral, a sua história está atrelada à própria história da educação carioca, pois juntamente com os metodistas que veio a existir o tradicional Colégio Bennett, até hoje presente bem próximo, na Rua Marquês de Abrantes. A ênfase na educação e no ensino como forma de transformação da sociedade sempre esteve presente no imaginário do metodismo brasileiro, e a Escola Bíblica Dominical (EBD) da Catedral reforça esse aspecto da tradição.

Não resisti aos convites feitos pelo simpático casal formado pelo senhor Heriovaldo e a dona Tívia, antigos membros da Catedral, para frequentar uma classe logo no primeiro dia. Também pude conhecer Irmã Júlia, a professora da Classe de Bíblia, pessoa muito conhecida entre as igrejas metodistas do Rio de Janeiro por conta do seu trabalho com ensino na igreja. Também foi importante o contato com os jovens e sua classe, principalmente com Joana que me ajudou bastante. Apesar de ter tido pouca frequência nesta última em decorrência da pouca participação dos alunos, o contato foi da mesma forma enriquecedor como veremos.

4.1 A classe de bíblia: A presença do ideário civilizador do protestantismo de missão diante da religiosidade pentecostal.

Começarei pela “classe de Bíblia”, dirigida pela professora Júlia, mais conhecida como “Irmã Júlia”. Nesta classe entrevistei duas pessoas. Segundo Alessandra é “uma classe focada em Bíblia, aberta para todos, mas com predomínio de um grupo de senhoras”. Estas mesmas mulheres organizam os cultos de 08h30min dois domingos por mês. A professora, Irmã Júlia, é uma senhora de aparência muito discreta. É uma professora de escola dominical com estilo aparentemente clássico, no entanto, em suas aulas observei seu incentivo a atividades dinâmicas e sempre oferece espaço para a participação dos alunos, através de perguntas e debates em todas as aulas. Preocupadíssima com a educação, principalmente com o uso da língua portuguesa. Isto se deve à sua trajetória dentro da igreja metodista. Nasceu em berço metodista, sempre quis ser professora. Estudou teologia no antigo seminário César Darcoso Filho, atual Bennett, e, com o apoio do marido comprava livros e passou a atuar na EBD das igrejas, sendo convidada pelo bispo para dar aulas de reforço para os pastores com pouco preparo. Chegou a lecionar na faculdade de teologia. Até que sendo convidada, foi trabalhar com as mulheres da igreja, pois segundo ela, trabalho que foi muito significativo tendo em vista a condição social das mulheres na igreja. A igreja metodista aceita ministério feminino, ordenando pastoras e bispas, contudo, Júlia atuava no cotidiano e parecia lidar com um público de mulheres que não tinha acesso aos estudos.

Z: Eu nasci na igreja evangélica, meu pai era evangélico, meu pai com minha mãe e sempre eu gostei muito de estudar, quando, mesmo quando eu era jovem, adolescente, já era professora de criança, professora de adolescente aqui na igreja do Catete. Depois que eu mudei, me casei, vim trabalhar aqui na igreja do Catete, já tem mais de cinco anos, trabalhei com uma turma, nós tínhamos 40, 45 adolescentes, minha mãe lia pra eles, permanecem na igreja ate hoje (...) comecei a dar esse curso de bíblia para eles. Como eu cheguei a dar esse curso de bíblia? Porque quando eu

vim, quando me casei, meus filhos já eram maiores, eu resolvi fazer o curso de teologia, e fiz o curso de teologia no seminário aqui do César Darcoso Filho (...) e como eu já era professora, tinha facilidade de fazer as leituras e os resumos do trabalho, e sempre ganhava nota boa e o pastor... eu não queria ser pastora, queria continuar professora, comecei dar aulas e ele ficou enciumado porque eu tinha facilidade de escrever e quando tive representar também eu disse que era professora e ele(...) eles não gostavam muito de eu assistir a palestra deles, mas ué? Eu to aqui para aprender, eu tenho que aprender com vocês. Era muito interessante, então nós criamos assim, um ciclo que nós íamos à casa de outro pra trocar idéias, fazia exercícios e estamos juntos até hoje (...) são meus amigos muito queridos também.¹¹⁸

Contou Alessandra que ela ficava corrigindo a fala de um pastor durante o culto que dizia o tempo todo “tá”, “tá”, enquanto ela do banco respondia “está”, “está”, o que mostra sua seriedade quando o assunto é educação. Entrei pela primeira vez na classe no instante em que ela reclamava com as alunas do seu novo corte de cabelo – parecia não estar acostumada com cabelos curtos. Os alunos riam e elogiavam algumas dizendo “bota um brinco”. O clima era de muita descontração e amizade entre os alunos, maior parte mulheres, mas com eventual participação de homens. A seguir um registro da classe.

Imagem 4



Segundo depoimento de uma informante da classe, existem novos conversos que aderem à Catedral de outras denominações. Como o caso de Kátia, que passou alguns anos na

¹¹⁸ Entrevista com Júlia, concedida em dezembro de 2012.

IPB, mas se frustrou com a igreja e saiu. Retornou para a igreja através da IURD e agora está frequentando a Catedral do Catete. Experiência como essas são interessantes e de certa forma, retrata a trajetória institucional das igrejas evangélicas no Brasil. No caso anterior, a fiel iniciou sua vida religiosa em uma igreja histórica, que não deu certo e após afastada, retoma sua vivência religiosa em uma igreja neopentecostal, porém, esta parece que não durou muito, e terminou achando na Catedral um lugar com que se identificou. Estaria este caso mostrando que a Catedral adota um perfil religioso que atende a este imaginário que mescla tanto as experiências tradicionais com os movimentos pentecostais? Outro fator importante é que a IURD aqui parece assumir seu papel de atrair as pessoas, mas sem poder de fidelização, pois algumas acabam aderindo ao que certa vez os pastores da Catedral disseram sobre a igreja. Segundo eles, uma das vantagens da Catedral é que ela está “atualizada” dialogando com a modernidade ¹¹⁹. É uma igreja que mescla o louvor que é um grande atrativo atual da cena evangélica, mas mantém o que na fala dos líderes a “essência”, ou seja, preservam a tradição histórica da igreja, como o caso da Escola Bíblica Dominical.

Os dados apontam algumas estimativas sobre a frequência das classes. Alguns dos novos conversos acabam tendo pouca frequência e até abandonam a classe de bíblia. As mulheres que conduzem a classe junto com a professora, Irmã Júlia, dizem que há um caso de freqüente abandono da classe por estes novos membros, e chegam a arriscar alguns diagnósticos, dizendo que estas pessoas mais novas vindas de outras denominações não estariam procurando “aprofundamento bíblico”, e com isso “dão pouca atenção a EBD”, diziam. Estariam estes novos conversos vindos de outras igrejas que dão mais ênfase aos cultos? É provável que a identidade evangélica em geral esteja se tornando mais celebrativa, visto os investimentos das igrejas em seus cultos com infra-estrutura, músicos, projetores proporcionando uma vivência religiosa centrada na celebração e não on aspecto intelectual. Uma religiosidade mais prática e menos doutrinária? Seriam estes aqueles grupos religiosos que procuram uma experiência com o sagrado mais ancorada nos resultados que podem ser obtidos pela experiência do culto, com pouca adesão pelo conhecimento das doutrinas e da tradição metodista?

¹¹⁹ Relatos do diário de campo e da entrevista com o Pastor Bernardo Alves em janeiro de 2013.

Tabela 7

	Sim	Eventualmente	Nunca	NR	Total
Frequentam a EBD?	45	50	23	3	121
Frequentam o culto de quinta-feira?	30	56	30	5	121
Frequentam a EBD sempre e participam do Culto do Avivamento	8				
Frequentam EBD eventualmente e participam do Culto do Avivamento	18				
Frequentam a EBD sempre e participam do Culto de 11h e 8h	34				

Em outra amostragem, o cruzamento entre os dados sobre o tempo que frequenta a Catedral (que seriam os novos convertidos ou transferidos de outra igreja metodista ou evangélica) e a participação na EBD revelaram um quadro complexo. Os mais antigos na Catedral possuem pouca frequência, assim como os mais novos na igreja, ficando concentrada a maior quantidade no grupo que está entre dois a cinco anos na Catedral. Observa-se também que quase metade dos respondentes disseram frequentar eventualmente, onde mais de vinte pessoas não frequentam. Os grupos de maior frequência são aqueles que entraram em média, nos últimos dez anos. Este dado pode estar relacionado ao grupo de pessoas que passaram a frequentar a igreja a partir das mudanças ocorridas na última década, que será analisado a seguir.

Tabela 8

Participação da EBD entre Novos Conversos	
Frequentam a Catedral e participam sempre da EBD	Quantidade
Mais de 40 anos e mais	6
Mais de 20 a menos de 40 anos	3
Mais de 10 anos e menos de 20	7
Mais de 5 a menos de 10 anos	7
Mais de 2 a menos de 5	10
Mais de 1 a menos de 2 anos	7
Menos de 1 ano	4
Declararam não participar	23
Participam eventualmente	50
Total	117
Não responderam	4

A classe da Irmã Júlia foi palco de algumas “polêmicas” discussões. Uma delas foi quando surgiu o assunto da tatuagem e piercing. Expressões como “deformar a orelha”, entre outras, revelavam a visão de pessoas que em sua maior parte, não apenas pelo fator religioso, mas pelo próprio perfil social da turma, demonstravam a visão de senhoras, muito tradicionais não muito acostumadas com o estilo de se vestir e se expressar dos jovens atuais. Isso tudo porque a aula era sobre um texto da Bíblia onde a professora Alessandra explicou o sentido em grego, da expressão “furar a orelha”, que eram as marcas dos escravos nos tempos bíblicos. No final desta aula Júlia resolveu dar uma solução ao debate. Disse ela em tom conclusivo que “Jesus não era branco, e muitos discriminam hoje, pintam ele de branco, loiro e de olhos azuis”. Aqui está um debate que envolve o confronto entre imaginário pietista-puritano do protestantismo histórico com a agenda cultural da modernidade. A cena mistura o discurso intelectual que se faz eficaz na contextualização exegética feita por uma biblista, assim como a fala da Irmã Júlia que de certa forma, faz uma crítica ao conservadorismo protestante e com uma linguagem cotidiana busca responder reagindo contra a moralidade do protestantismo tradicional, mostrando adesão aos valores da cultura moderna.

Em outro momento, na aula sobre “Reforma Protestante”, foi visível a tensão entre o jogo das identidades. Uma das alunas observou e disse que a “Reforma fala pouco de Jesus”¹²⁰. O tema da Reforma e as 95 teses de Lutero pareciam ser uma novidade. Mesmo Júlia mostrou-se surpresa com alguns pontos que foram destacados. A aula foi dada por duas seminaristas que cursam teologia no Bennett e frequentam a Catedral. Enquanto comentavam as teses expostas no datashow, em um dado instante uma das alunas questiona que “a preocupação era toda com dinheiro, valores materiais”. Júlia destacou que a Reforma “fala pouco de Jesus”. A crítica de que as teses falam pouco de Jesus, pensei na influência da religiosidade pietista do metodismo e a ênfase a conversão pessoal e na importância da experiência de conversão pessoal com Jesus, típica dos avivamentos e da influência destes no protestantismo de missão. Enquanto a Reforma do século XVI apontava questões de ordem política através de discordâncias teológicas dos reformadores com a igreja, o protestantismo de missão foi influenciado pela ética pietista trazida pelo movimento metodista. Tanto que, o problema maior no debate foi com a “doutrina da predestinação”, onde alguns alunos reagiam enfaticamente criticando. Este fato chama atenção de como as identidades religiosas são

¹²⁰ Diário de campo, outubro de 2012. Neste mês era comemorado o aniversário da Reforma Protestante, dia 31 de outubro. Não houve nenhum culto específico com este tema, mas o Pastor Bernardo Alves pregou em um dia pela manhã sobre a Reforma, falando de Lutero e da igreja atual, como será visto na análise dos sermões.

complexas. Neste caso pode ser vista a distinção weberiana do tipo de protestantismo e que aparece na ética, o protestantismo puritano e pietista que rompeu com o pensamento da Reforma (WEBER, 2005), trazendo para o centro da vida religiosa a capacidade humana, o virtuose religioso traço fundamental da ruptura com a Reforma do século XVI.

Chamar um grupo de tradicional neste caso não significa que eles tenham conhecimento teórico do que se considera “tradicional” da religião. Sua experiência, apesar de moderada, sem apelos emocionais e de êxtase, por outro lado revela uma preocupação moral, como família, casamento, sexualidade, que aproximam o protestantismo histórico e os movimentos pentecostais e também a renovação carismática católica. Ser mais tradicional aqui nesse contexto é não gostar de culto “barulhento”, com “bateria” e “gritos”. Outro elemento que explica esse distanciamento do tema da Reforma talvez seja pelo fato de que na tradição metodista há uma ênfase muito maior na pessoa de Wesley que incentivou a busca por uma “vida santa” através da “moralidade metódica” (WEBER, 2005, p.114). No final, a discussão acabou enfatizando a ideia de que “Deus sempre levanta homens” ou “vê como ele (Lutero) foi usado por Deus, por isso essa divisão de uns serem chamados evangélicos e outros católicos” . Aqui como em outros momentos, as pessoas se identificam como “evangélicos” e não como metodistas. O conflito causado pela predestinação e pela ausência da “pessoa de Jesus” não foi motivado pela identidade metodista, pela sua teologia arminiana, mas sim por que a doutrina da predestinação não é referência tanto para o metodismo quanto para os pentecostais, pois sua identidade teológica tem elementos comuns como a teologia arminiana, a ênfase na experiência pessoal conforme observaram Martin (1998) e Fry (1982). Para eles o mais importante é “falar de Jesus” assim como a “decisão pessoal por Jesus” que é elemento central na religiosidade evangélica brasileira. É possível perceber um núcleo comum da identidade evangélica originária das missões presente neste grupo tradicional, onde a centralidade da experiência religiosa está na conversão pessoal a Jesus e na obediência da Bíblia, fatores que estão em primeiro lugar, sendo até mesmo anterior à tradição metodista e seus princípios históricos. Mesmo nas pessoas mais antigas e tradicionais é possível perceber que há uma importância da memória na construção desta identidade religiosa e ao mesmo tempo, esta memória continua em processo de construção, pois participa de uma identidade que se dá por uma experiência muito subjetiva, com ênfase maior na conversão pessoal. O cuidado com a moral religiosa e comportamento são mais importantes na experiência religiosa do que as doutrinas institucionais. Estamos falando de uma adesão religiosa que passa antes pela experiência do que pela convenção institucional. São casos onde as pessoas tiveram um

primeiro contato com a instituição, nasceram metodistas, saíram e depois retornam como um processo de “reconversão”. A fala de Cláudia mostra bem essa experiência.

E: A senhora sempre foi aqui Catete?

A: Eu vim do interior do Espírito Santo, certo? Em 1963, mas eu freqüentei durante muito tempo a igreja metodista de Coelho Neto, depois de Coelho Neto eu me casei e fui pra, Copacabana e a igreja mais próxima que minha mãe encontrou para eu cantar no coral, era aqui, então eu comecei a frequentar aqui em 1975, foi quando eu me casei, mas como eu me casei, infelizmente antes de me casar, o marido aceitava tudo bem, ia comigo a igreja e sabia que eu cantava sabia e que eu tocava violão, então antes de casar e até, tudo era ótimo, assim que casou ele cortou a igreja...

E: Certo...

A: É que ele conhecia minha mãe, minha mãe era muito ativa na igreja. Minha mãe participava de tudo, era professora de escola musical, cantava no coral e ele achava que minha era fanática, então ele não queria que... Não aceitava isso entendeu? Não aceitava isso... Deus sabe que faz! Mas em 1981, depois que meus filhos nasceram eu tive um probleminha com minha sogra, motivo de criança né, eu então passei um período sem ir lá, então aos domingos que a gente tinha livre, a gente ia a igreja, aí comecei a ver, aí já não dava pra cortar mais entendeu, aí quando eu vim recebida aqui pelo pastor, eu esqueço o nome dele, aí meu Deus, morreu há pouco tempo... esqueci o nome dele!

A: E eu fiquei frequentando aqui entendeu, aos domingos, aí quando tudo se acalmou com a minha família e eu não sai, entendeu? ¹²¹

4.2 A classe dos jovens e o diálogo com elementos da cultura contemporânea: Expressão corporal, música e pentecostalismo.

Dentre as classes com maior problema de freqüência estão os “juvenis” ¹²² – a classe dos jovens ¹²³. A aula começou com um papo informal sobre estudos e profissão. Todos falavam de sua vida agitada, faculdade, trabalho etc. A professora Rute exibiu seu presente, uma bíblia nova.

¹²¹ Entrevista concedida em novembro de 2012.

¹²² Frequentemente ouvi queixas de algumas professoras por conta da pouca freqüência. Em geral atribuem a pouca freqüência dos jovens pela dificuldade de chegar cedo, ou por que participam mais ativamente do culto do avivamento por causa do louvor. Recentemente reformou-se a sala na tentativa de torná-la um espaço mais agradável. Colocaram almofadas coloridas e fizeram um visual com um estilo mais jovem para atrair os alunos.

¹²³ Conforme o “Estatuto da Confederação das Sociedades e Ministérios de Jovens da Igreja Metodista” da 1ª Região Eclesiástica, os juvenis estão inseridos na faixa etária de 18 a 35 anos. Os jovens são definidos pela faixa etária.

O tema da aula era “O chamado na igreja”, título da lição conforme a revista da escola dominical. A professora era Rute, que dividia a turma com outra professora. Ela começou contando o caso de um irmão que após anos em um trabalho administrativo na igreja, mas contra sua vontade, se sentiu atraído a “trabalhar com famílias”. Ele era muito bom neste serviço, mas seu chamado segundo ela era outro. Para Rute, o chamado ao trabalho é revelado no coração. Comentou do seu fascínio pelas aulas na EBD na igreja quando vivia em Angola¹²⁴. Desde cedo ela sentia o desejo de dar aulas na igreja. Em Angola, Rute contou que frequentava a “Assembléia de Deus” e depois “teve uma revelação”, e neste instante ela interrompe a história com uma pergunta: “Vocês acreditam em revelação não é? Eu creio, não sei vocês”. Continuou dizendo como era importante “ter momentos de silêncio da oração, para saber se Deus quer falar alguma coisa. Ensinava sempre enfatizando a experiência mística, incentivando práticas devocionais que tinham uma carga mais encantada, falando de visões, revelações, de ouvir a voz de Deus, num misto de emocionalidade e efusão religiosa: “Pergunte para Deus mesmo (...)”¹²⁵. Falaram sobre o exemplo dos cantores como Ana Paula Valadão do grupo Lagoinha, de outros artistas como Cassiane e o pastor Marcos Feliciano, sobre terem atendido um chamado divino, uma vocação para cantar e terem colocado isso a serviço de Deus.

Em outra aula falava sobre os cultos na Catedral. O assunto surgiu a partir do tema da aula, que era “A arte no culto”. Explicou sobre os diferentes cultos e disse que cada tipo de expressão artística seria ou não adequado ao perfil do culto. Um exemplo dessa relação entre expressão artística e o tipo de culto é observado na atuação do grupo de louvor, no registro das gravações do DVD da banda, que foi feito no altar da igreja¹²⁶ que contava com a participação do “ministério de coreografia”. Dançarinas fazem coreografias sobre as músicas onde o corpo é usado como forma de expressar louvores a Deus, como é comum nas igrejas pentecostais. Assim dizia que não iria ficar bem um teatro ou dança no culto das 08h30 por este ser mais tradicional. Mostrou certa insatisfação com os cultos tradicionais, dizendo que “parece que o culto é só palavra, palavra”¹²⁷ e reclamava das críticas recebidas quando se

¹²⁴ Assim como Rute, há outro jovem que veio de Angola, era da Igreja Metodista Angolana e veio estudar no Brasil. Foi um dos entrevistados, Jonas, que cursa Serviço Social na UFRJ e é morador do Catete.

¹²⁵ Diário de campo, setembro de 2012, aula da classe dos jovens.

¹²⁶ Cf. <http://www.youtube.com/watch?v=iDx4C3j6TLA>. A banda tem trechos das gravações do DVD postados no site.

¹²⁷ Diário de campo, outubro de 2012.

expressava nos cultos, dizendo que “Eu dou aleluia e glória a Deus e as pessoas ficam olhando” e continuando dizia “somos uma igreja tradicional, que não leva a sério, que tem o pentecostalismo”¹²⁸. No meio da discussão sobre o assunto uma das alunas relatou que foi batizada no Espírito Santo em um culto de uma igreja pentecostal, mas não identificou qual era. Contou que a experiência foi tão intensa que nem percebeu o culto passar. Seu relato apontava para uma experiência que mecheu com seus sentidos, pois dizia que “quando fui ver o culto já tinha acabado”. A classe discutia a questão de o culto ser mais “animado”, mostrando aceitar os elementos como o “louvorzão”, as manifestações de êxtase e o clima de emocionalidade da experiência religiosa promovido pelo “ministério de louvor”, que inclui banda assim como também o grupo de coreografia. Para os setores protestantes estes elementos são identificados como o que chamam de processo de pentecostalização das igrejas. Ao mesmo tempo, esse aspecto da emocionalidade na experiência religiosa vem acompanhado de um grupo que tem formação acadêmica, pois nas aulas surgiam assuntos como cansaço dos estudos, falavam das dificuldades nas provas, concursos, empregos (Rute assim como os outros jovens são universitários, alguns com pós-graduação).

Havia também uma preocupação com a formação intelectual na experiência religiosa. A classe contava com uma programação temática que incluía em suas aulas assuntos nada pentecostais. Observando o calendário das aulas, havia uma programação que mostrava no dia 05 de agosto a “Reforma Protestante”, no dia 12 falariam sobre “Wesley e o Metodismo” e no dia 26 uma aula sobre “Calendário Litúrgico”. Em uma mesma classe de EDB foi possível perceber diferentes cosmovisões religiosas, do protestantismo mais tradicional, hora com inclinações a uma experiência religiosa mística, indo até mesmo a motivações de cura divina, como pude constatar em outras classes essa mesma característica.

4.3 A classe dos homens e o metodismo carismático.

O contato com o Sr. Heriovaldo logo no início da pesquisa de campo foi em um primeiro momento revelador. Partiu desse simpático senhor com seus cabelos grisalhos e sempre muito amigável o convite para assistir a primeira aula. A partir desse dia foi possível ver que haviam outras beiradas desse tecido por onde poderia chegar ao objeto de estudo.

¹²⁸ Idem.

Inicialmente pela pluralidade deste grupo ¹²⁹ que era intrigante. Alunos que tinham sido da Assembléia de Deus, assim como membros antigos da Catedral como o “irmão Jessé”, que frequenta tanto os cultos tradicionais quanto os avivados mostrando não fazer distinção entre o seu gosto por eles.

A classe conta com dois professores que são pastores metodistas de longa data. Um deles, o Reverendo Dantas, um senhor já de seus 70 anos, sempre elegante em seu terno trazendo a bíblia embaixo do braço. Comunicativo e simpático, sempre que tinha oportunidade de opinar sobre um assunto – que poderia ir da política atual, história, direito, economia e até a própria igreja – ele assim o fazia mostrando sua característica de pessoa que gosta de conversar sobre tudo. Durante suas aulas faz questão de citar exemplos históricos, enfatizando a importância de ser ter o que no senso comum se reconhece como “cultura geral”, como certa vez fez referência a construção da estrada até a Sibéria durante guerra, usando estes exemplos para explicação bíblica. Além disso tem francês fluente, como mostrava conversando com um recém convertido, Desulme, um rapaz haitiano que havia acabado aderir a igreja – permaneceu até o término da pesquisa.

Assim como a classe de bíblia, a classe dos homens é bem participativa o que provoca alguns debates que possibilitam ao pesquisador observar aspectos importantes do campo religioso. Como o caso que é recorrente da discussão sobre “predestinação” iniciada por um dos alunos. Um dado importante, é que este aluno que tocou no tema ¹³⁰ da predestinação, na mesma aula havia feito referência a uma pregação do pastor Silas Malafaia e no final ainda lembrou algo que o Bispo Macedo. Segundo contou ¹³¹ ele é de origem assembleiana e um aluno assíduo da classe. O assunto da predestinação surge em decorrência do tema da aula que era “Conversão: Desafio à santidade”. O problema da doutrina mais uma vez é a questão da decisão pessoal por Jesus em confronto com a doutrina calvinista onde Deus escolhe quem irá salvar, elemento que Weber destacou como central na ética protestante e na formação do

¹²⁹ Em torno de 20 homens que em geral são bem assíduos as aulas. A maior parte dos alunos são senhores com idade avançada, com exceção de dois ou três que aparentam ter entre 40 e 50 anos.

¹³⁰ As classes usam material didático produzido pela Igreja Metodista. As revistas são diferentes dependendo da classe, onde os temas das revistas são divididos por faixa etária. Existe a revista dos jovens, geralmente com temas relativos a juventude, enquanto a classe dos homens utiliza uma revista com estudos bíblicos e temas relativos ao metodismo. A classe de bíblia não adota revista, pois elas estudam a própria bíblia ao longo do ano, todos os capítulos.

¹³¹ Diário de campo, agosto de 2012.

mundo moderno (WEBER, 2005). A predestinação novamente é um assunto que provoca divergências tanto para os metodistas e os evangélicos em geral. O bispo Macedo escrevendo sobre o tema ¹³² mostra como o assunto tem implicações no mundo evangélico. A questão central é que a predestinação anula a escolha pessoal e as virtudes do indivíduo. Esta doutrina entra em confronto com um elemento cultural fundamental dos metodistas e evangélicos em geral no Brasil, que é a valorização da experiência pessoal da conversão, ou seja, o papel do agenciamento do indivíduo na religiosidade moderna. Ela toca na questão da relação entre a economia simbólica do campo religioso, em que a noção de culpa e pecado são fatores importantes e estão ligados à ação dos indivíduos diante da retribuição divina. Seria como uma lógica que pode ser descrita na seguinte forma: Se estou doente, estou em pecado e se peço, Deus não me abençoa. Se há algo errado na minha vida? Devo ter pecado ou me afastado de Deus. Nesta cosmovisão o mundo está em pecado e é preciso abrir mão do mundo e escolher o caminho de Deus. Segundo Mendonça (1984), esta seria uma das transformações ocorridas no protestantismo de missão em relação a sua origem reformada. O protestantismo desde sua inserção no Brasil é marcado por esta lógica, de negar a cultura católica presente em prol da ética puritana e pietista. Mesmo na atualidade, com os evangélicos participando da política e da mídia em geral, permanece o imaginário de que o crente deve negar o mundo e seguir à Deus.

O outro professor, Reverendo Wilson, tem uma postura bem diferente do pastor Dantas. Enquanto este é mais intelectualizado e busca contextualizar as aulas com referências extra-igreja, o pastor Wilson tem uma visão mais encantada, carregado a piedade e emocionalidade alinhada com a matriz pentecostal e metodista, quando ao enfatizar sempre nas aulas a importância do Espírito Santo, “a direção do Espírito” ¹³³, como sempre dizia e da devoção pessoal. Dizia ele em uma das classes: “Tudo depende do nosso relacionamento com Deus. Se humilhar, buscar a Deus... uma das formas que Deus nos fala é em sonhos, veja Salomão!”. Veja, na mesma classe temos dois tipos de experiências religiosas bem distintas.

¹³² A IURD tem em seu blog que se chama “Cenáculo Universal” com uma série de estudos e pequenos textos devocionais, entre eles alguns escritos pelo bispo Macedo. Existe uma outra publicação chamada “No Cenáculo”, muito divulgada entre as igrejas evangélicas, inclusive na Catedral do Catete há muitos exemplares que são distribuídos ao público. É uma revista com devocional e estudos bíblicos resumidos, para uso diário dos fiéis. A IURD parece ter se inspirado no nome. No site da IURD há um texto com o verbete Predestinação, onde afirma que “Os que acreditam na predestinação negam o ensinamento de que Deus nos dá liberdade para escolher entre o bem e o mal, facilitando nossa escolha através de Sua Graça” cf. <http://cenacoulouniversal.wordpress.com/2010/07/02/predestinacao/>. [acessado em Janeiro de 2013].

¹³³ Diário de campo, outubro de 2012.

Enquanto um dos professores mostrava um lado intelectualizado, o outro trazia uma experiência mais carismática, falando de milagres, curas e visões. Às vezes prevalece a ética pietista do protestantismo. Por exemplo, basta observar a fala do pastor Dantas: “Deus faz morada em nós, mas, se nós quisermos se não quisermos, ele aceita, embora triste e contrariado”. De fato as ênfases teológicas iniciais da reforma, como a soberania divina e a predestinação, assim como pecaminosidade humana parecem dar lugar à ética ascética (WEBER, 1974) protestante em que o ser humano tem sua parcela de responsabilidade na salvação, sendo capaz de alcançar alguns degraus na escala dos valores morais que o torna merecedor das bênçãos de Deus. É como se houvesse um tipo ideal do “self made man” evangélico no Brasil como foi por Weber observado nos tipos puritanos e pietistas (WEBER, 2004, p. 118), e no papel dos metodistas. Novamente aparece no imaginário religioso evangélico a presença de uma experiência religiosa que preza pela decisão do indivíduo e no seu poder de rejeitar ou aceitar os desígnios divinos. Este tipo de ética religiosa tem identificação com a experiência religiosa presente na Catedral. Continuando a aula, reverendo Wilson retomava com a ênfase no Espírito enfatizando a importância da Bíblia. Dizia que a “regra de certo e errado é a palavra de Deus, do Gênesis ao Apocalipse, sob a orientação do Espírito Santo de Deus (...) onde homens perdidos no vício do pecado, bebida, fumo, tiveram a revelação de Deus”. E para não perder o costume bem característico da tradição evangélica brasileira, um belo dia, sou pego de surpresa quando ele me perguntou: “Você já recebeu Jesus no seu coração?”. Seguiu ele explicando o assunto da salvação, retomando sempre a função do Espírito.

Isso que eu quero saber... batismo não salva, vide o bandido da cruz. O que salva é a experiência pessoal. Que cada um tenha essa experiência. John Wesley teve experiência com os morávios, eram muito zelosos (...) Jesus disse que 50 % da igreja não tem relações com ele em Mt 25, na parábola das 10 virgens, a igreja aguardando o noivo... Cinco eram precavidas, tinham o azeite, que é símbolo do Espírito Santo, as outras a lâmpada, que é a palavra,... tinham o nome mas não tinham o Espírito. Quantos hoje tem a certeza da salvação? A certeza vem de Deus. Errais porque não conheceis as escrituras. A Bíblia é a palavra de Deus, não contém, ela é a palavra.¹³⁴

A tradição metodista é retomada neste cenário religioso atual, trazendo alguns elementos simbólicos muito presentes e que constituem um universo comum entre os protestantes históricos e os pentecostais mais tradicionais, assim como em algumas igrejas neopentecostais que à sua maneira também concordam com este tipo de religiosidade centrado na experiência pessoal, com a presença do Espírito Santo e com a leitura da Bíblia.

¹³⁴ Diário de campo, outubro de 2012, aula na classe dos homens.

Não é possível delimitar de forma clara a religiosidade emocional e intelectual. A ascese presente no exercício de leitura e seguimento da Bíblia e sua aplicação na vida é atravessada pela esfera da emocionalidade, como uma mística-ascética no sentido weberiano (WEBER, 1974, p. 374). Aqui ele retoma o um elemento básico da matriz evangélica brasileira que mostra essa mediação entre a ação divina e o papel da decisão humana na experiência religiosa.

Você para receber é só dizer, Senhor eu te recebo no meu coração... coisas saem da nossa boca, outras saem do coração. A obra é do Espírito Santo, quando aqueles doentes falam, o Espírito vai entrando no coração. O malfeitor na cruz simplesmente reconheceu, foi salvo, sem nenhuma cerimônia ou ritual... Não é pelo sentimento, é pela fé... Eu tive um encontro naquela noite, chorava que nem criança... Uma pena as pessoas hoje, não tem tempo com a palavra e ter tempo com a TV... Coma a palavra todos os dias, não é só ler intelectualmente, peça a revelação do Espírito, pois as coisa espiritual se entende espiritualmente.¹³⁵

A experiência do encontro pessoal com Deus é central e recorrente nos discursos. “Experiência com Deus”, “entregar o coração”, “ser tocado por Deus”, “se rasgar diante dele”, expressões presentes nas músicas, orações, pregações que estão enraizadas neste mundo religioso, submersas na prática cotidiana daquele prédio de pedras góticas. Não é possível até aqui definir se esses relatos configuram um processo de pentecostalização da Catedral. Mas é possível perceber a afinidade entre o pensamento metodista e a religiosidade pentecostal, principalmente no que se refere a ênfase na conversão pessoal, a busca pela santificação e as manifestações do Espírito Santo. Existem indícios que apontam para um discurso em que o religioso não é um reflexo direto da estrutura e nem marcado por uma dualidade emocional/racional, mas sim por negociações agenciadas pelos diferentes grupos sociais de acordo com seus interesses e da mesma forma estão em tensão como o trabalho religioso daqueles que produzem o discurso, os sacerdotes, oficiais, instituições e intelectuais (BOURDIEU, 1992).

¹³⁵ Diário de campo, outubro de 2012, classe dos homens.

5. O DISCURSO SOBRE A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE: A PROSPERIDADE À MODA METODISTA.

O momento do ofertório merece uma abordagem à parte, pois ele revela um núcleo comum do discurso religioso da Catedral. Núcleo esse que tenta mesclar o discurso da prosperidade de com a identidade religiosa da Catedral, onde há referência ao discurso da prosperidade pela fé, no entanto, segundo os relatos de campo ele acontece de forma diferente. Essa reinvenção do discurso da prosperidade pela Catedral é buscada na relação do dízimo com a missão da igreja e na prosperidade como consequência dessa relação de fidelidade do crente com a Catedral. Não é um simples “dê que Deus vai te dar em dobro”¹³⁶. Há uma força que impele a pessoa a uma conduta de vida moralmente aceitável, com valores e princípios que levam à prosperidade. Usa-se muito a expressão “prosperidade saudável”, que é fruto da vida vivida dentro dos princípios religiosos, que incluem a mensagem piedosa do cristianismo: “Abençoar para ser abençoado”, é falado nos cultos durante o ofertório. Tem uma lógica que orquestra a questão financeira tão problemática para as igrejas e que causa críticas por parte da sociedade. A teologia da prosperidade presente nas igrejas neopentecostais traz alguns problemas para as demais igrejas, gerando certo desconforto em relação à questão financeira, pois as igrejas em geral acabam sendo agrupadas como “evangélicas”, e ficam à sombra da imagem das igrejas que pregam a prosperidade. A Catedral mostra uma reação diferente da crítica feita pelos intelectuais no começo, onde ela buscou reinventar ou dialogar com este elemento da “prosperidade”, mas de forma diferente, inserida dentro de sua prática religiosa que une elementos pentecostais com a referência histórica do metodismo. E isso tornou complicado falar de dinheiro na igreja. Na pesquisa foi visto que parte das pessoas não concordam, e não apenas não concordam, mas fazem questão de justificar no questionário. Das questões elaboradas, esta foi única que trouxe o maior número de justificativas por escrit, visto que é um questionário que era quantitativo.

Tabela 9

¹³⁶ Diário de campo, outubro de 2012.

Perfil Religioso	Sim	Não	NR	Total
Acredita ser possível ainda hoje receber os dons do Espírito Santo como ocorreu na Bíblia?	113	3	5	121
Concorda com as igrejas que pregam a fé como forma de ter prosperidade financeira/material?(Teologia da Prosperidade)	22	96	3	121

Como definir a identidade deste grupo com tantas referências cruzadas? É grande a diferença de pessoas que concordam com os dons do Espírito Santo, por outro lado, discordam em grande parte com a teologia da prosperidade. E mesmo as pessoas que concordam com a “teologia da prosperidade”, nas repostas buscavam justificar fazendo o tempo todo uma distinção com o discurso das igrejas neopentecostais. Em geral afirmavam que a prosperidade era fruto de uma relação de fidelidade religiosa, de uma vida honesta ou mesmo da vontade divina, de um “Deus que sempre deseja o bem de seus filhos”. Foram um total de 74 registros que revelaram essa distinção entre um “nós” que vivem uma “prosperidade sadia” e os “outros” que são as igrejas que fazem comércio da fé. Abaixo uma lista de algumas das justificativas que ficaram registradas nos questionários.

Tabela 10

Opiniões sobre a Teologia da Prosperidade
SE VOCE ENCONTRA O DOM QUE DEUS TE DEU VOCE PROSPERA POIS FAZ O QUE GOSTA
PORQUE QUANDO TEMOS DEUS TEMOS TUDO A PROSPERIDADE É ALGO QUE VEM PQ SOMOS
A FÉ É AMARA A DEUS E NÃO COISAS MATERIAIS
COLOCA ESSA TEOLOGIA NA CENTRALIDADE DO CRISTIANISMO
O GRÃO DE MOSTARDA MOVERÁ AS MONTANHAS A PALAVRA DE DEUS DIZ QUE A FÉ É A
CERTEZA DAS COISAS QUE NÃO PODEMOS VER SE TIVERDES FÉ COMO UM GRÃO DE
PRIMEIRO SE BUSCA O REINO DE DEUS E O RESTO SERA ACRESCENTADO ISSO É BIBLICO USAR
O NOME DE DEUS PARA PROSPERAR É ERRADO
PRIMEIRO DEVEMOS PREGAR O REINO DE DEUS
PORQUE TEM QUE PREGAR SALVAÇÃO
LIMITA A FÉ A UM RESULTADO FINANCEIRO A BUCA DE DEUS APENAS POR RECOMPENSA
NÃO É BIBLICO
ENRIQUECIMENTO ILÍCITO
ACREDITO NO TRABALHO E NA BENÇÃO DE DEUS PARA QUEM FAZ ACONTECER
DEVEMOS PREGAR CRISTO ACIMA DE TUDO E NEM SÓ DE PÃO VIVERÁ O HOMEM DISSE O
EVANGELHO É PROSPERIDADE ESPIRITUAL E MATERIAL
DEUTERONOMIO 28
SALVAÇÃO PELA GRAÇA É O MAIS IMPORTANTE
JÁ RECEBEU O BATISMO
A FÉ VEM ACOMPANHADA DA PROSPERIDADE EM TODOS OS SENTIDOS PORQUE DEUS É
A FÉ VEM PELA GRAÇA
ESSE NÃO É O SENTIDO DO EVANGELHO
BIBLICAMENTE NÃO É CORRETO
PORQUE SE DEUS FEZ TODAS AS COISAS, COM CERTEZA AS MATERIAIS ESTÃO AÍ PARA SEREM
PORQUE A FÉ É MUITO MAIS DO QUE PROSPERIDADE
A FÉ SIGNIFICA ADORAR , TEMER E OBEDECER A JEOVÁ ASSIM SENDO, DE NOSSA FIDELIDADE
PORQUE ESTÁ VIRANDO MERCADORIA A PALAVRA DE DEUS
PORQUE NÃO VEJO MOTIVO USAM A FÉ DAS PESSOAS PARA BENEFICIO PRÓPRIO
DEUS NOS ABENÇO A PQ ELE É MISERICORDIOSO
DEUS DA CONFORME TUA FE
ESTÁ ESCRITO QUE O REINO DE DEUS É JUSTIÇA E PAZ
PORQUE TENHO UMA RELAÇÃO DIFERENTE COM DEUS QUERO PAZ
PORQUE O EVANGELHO É PARA PERDOAR E SALVAR E NÃO PARA O ENRIQUECIMENTO
DEUS QUER A NOSSA PROSPERIDADE 3 JO 2 JS 1,8 DT 28,13
PORQUE CREIO QUE SEM FÉ É IMPOSSIVEL AGRADAR A DEUS E DEVE SER NOSSO FOCO
NÃO CONCORDO BARGANHA COM DEUS
PORQUE DEUS JÁ NOS DEU TUDO BASTA TOMARMOS POSSE
NÃO SÃO REAIS
PRINCIPAL É A VIDA CRISTÁ A SALVAÇÃO
DINHEIRO E BENS NÃO É TUDO!!!
PORQUE DEUS É O DONO DE TUDO
A ESSÊNCIA DO CRISTIANISMO É SALVAÇÃO EM CRISTO O RESTO É PEQUENO DEMAIS
PORQUE DEVEMOS TER FÉ, MAS NÃO BASTA. SO A FÉ.
A FÉ É INDEPENDENTE DE TUDO SE É DEPENDENTE DE CONDIÇÃO FINANCEIRA ENTÃO NÃO É
A PROSPERIDADE É CONSEQUENCIA E NÃO DEVE SER OBJETIVO
VISÃO INSTRUMENTAL DA RELIGIÃO E LIMITADA
TUDO É PARA DEUS
PORQUE DEUS JÁ ME DÁ TUDO GRATUITAMENTE
FÉ NÃO É MERCADORIA
A PROSPERIDADE SIM LEMBRA NÃO SEJA O BASTANTE, TALVEZ NECESSÁRIO
PORQUE ELES APRESENTAM UMA SUBVERSAO DO EVANGELHO DE JESUS DE QUE O QUE
TEMOS/SOMOS/RECEBEMOS É GRAÇA DE DEUS
PORQUE NÃO É BIBLICO
ACREDITO QUE ESTAR NA IGREJA RECONHECE O SENHOR COMO SALVADOR E POR AMOR A
NÃO EXISTE "TEOLOGIA DA PROSPERIDADE" EXISTE ANTES O EFEITO DA PRÁTICA DE VIDA COM
NÃO ACEITO COMO APRESENTADA NA MÍDIA, A TEOLOGIA DA PROSPERIDADE É "DE GRAÇA
RECEBEIS, DE GRAÇA DAR", DEUS NOS QUER PRÓSPEROS.
UMA DAS BENÇÃOS DE DEUS PARA QUEM OS QUE O SEGUEM É A PROSPERIDADE. HÁ OUTRAS
NÃO HÁ EMBASAMENTO BIBLICO
PORQUE ACREDITO QUE A BASE DA FÉ É A SALVAÇÃO E NÃO FINANCEIRA
OBJETIVO DA FÉ DEVE SER FAZER A VONTADE DE DEUS E VIVER PARA LOUVÁ-LO E ADORÁ-LO
MT 6,19 - 8,20 E MUITOS OUTROS
NÃO HÁ EMBASAMENTO BIBLICO
AS NAÇÕES MAIS PRÓSPERAS SÃO AS QUE A PROSPERIDADE VEM DE DEUS
A FÉ MOVE CERTEZA DA PROSPERIDADE FINANCEIRA E ALCANÇAR AS BÊNÇÃOS
POIS AS MESMAS DEVERIAM TER OUTROS PONTOS PRINCIPAIS PR EX. A PROSPERIDADE DE
A PROSPERIDADE PODE VIR OU NÃO A FÉ NÃO DEVE SER INTERESSEIRA A VERDADEIRA FÉ É
PORQUE DEUS QUER SEMPRE O MELHOR PARA NÓS
TENHO VIVIDO ISSO!
PORQUE NÃO É SO ISTO QUE BUSCAMOS
FÉ NÃO É PARA SE NEGOCIAR (TROCAR)
FÉ NÃO É NEGOCIADA
POIS VIVEMOS PARA SERVIR À DEUS

Alguns afirmam declaradamente acreditar na teologia da prosperidade. Alguns faziam distinções como “Não aceito como apresenta na mídia”, mas mantendo a crença na prosperidade como algo que é da ordem divina. Em outros relatos, como o de uma irmã que veio após o culto, com o questionário em mãos dizendo “esta pergunta está errada”, e continuando, “eu concordo com a prosperidade, desde que a pessoa tenha alcançado maturidade espiritual”. Os diferentes grupos se mostram em uma relação complexa, onde os símbolos e discursos são representados e configurados dentro de um processo inter-relacional. De repente estamos diante de uma tentativa de justificar o seu modo de vida, considerando o perfil social e econômico de grande parte das pessoas da igreja. Aqui aparece no discurso pregado na igreja um diálogo entre tradição protestante e as formas pentecostais de crença sobre elementos como “vitória”, “bênçãos”, “prosperidade”, onde estes símbolos são resignificados de acordo com o contexto social da igreja. Ocorre um trânsito onde são resignificados elementos da matriz pentecostal na experiência religiosa deste grupo.

Nos diferentes cultos, no momento do dízimo e ofertas o pastor pede que as pessoas se dirijam ao altar com as mãos no coração para serem abençoadas. Seguem pela lateral do templo, e com as mãos no peito e caminham em direção ao altar. No caminho, antes de chegar a uma urna onde são depositadas as ofertas (gazofilácio), os pastores auxiliares ungem com óleo a cabeça dos fiéis. Isto acontece mais no “culto do avivamento” e no “culto da libertação” (quinta-feira), mas algumas foi visto também no culto das 11h. O ato de ungir as pessoas na oferta cria uma situação onde a pessoa que não pode ou não deseja ir dar o dinheiro, apesar do apelo do pastor dizendo que “mesmo não tendo dízimo venha receber a unção, você pode estar ofertando sua vida”¹³⁷, em que ela acaba se sentindo fora de um elo no ritual, neste movimento de ir em direção ao altar, receber o óleo e em seguida dar a oferta. Conclusões mais apressadas diriam que é o mesmo que fazer uma barganha: Você recebe o óleo, a bênção mágica e oferta seu dinheiro em uma troca. Pode até ser que sim. Mas isto não é mais importante do que o que o discurso sobre “prosperidade saudável”, que de certa forma oferece uma blindagem a estes fiéis que retira o sentido de “barganha com Deus”, mostrando a resistência que possuem em serem associados a outros grupos neopentecostais como a IURD. E nesta forma de reutilização de uma prática simbólica aparece o elemento distintivo que revela o desejo de não ser identificado com os grupos neopentecostais, ou como afirma o

¹³⁷ Diário de campo, outubro de 2012.

pastor Bernardo Alves, os que entraram na “pentecostalização ”¹³⁸: aqueles que segundo esse discurso aderiram à religiosidade do mercado. Por exemplo, essa fala de um dos pastores no momento da oferta.

O evangelho segue em frente porque você permanece fiel, a missão depende de você (...) Fidelidade ao Senhor é o caminho. Se você quer ser abençoado, cumpra os votos... Antes do momento de intercessão vamos cumprir nossos votos ao Senhor. Deus não resiste ao fiel no dízimo (...). Certa vez um amigo que veio para o RJ e tinha o sonho de pagar R\$ 100.000 de Imposto de Renda. Eu respondi a ele: Meu sonho é pagar R\$ 2.000 de dízimo...se você honrou Deus e ele vai te honrar. (...) Pede ao Senhor que venha essa prosperidade sadia, que possamos aumentar nossa intimidade contigo, que elas nunca te afastem de Ti ... Eu quero proclamar a prosperidade de Deus na tua vida.¹³⁹

O elemento da missão retoma a tradição metodista, o que pode ser visto na constante referência das ofertas e dízimos como forma de “abençoar a missão da igreja”. São constantes as referências nos cultos que relatam, como uma prestação de contas, sobre quantias enviadas pela Catedral para ajudar obras sociais da Igreja Metodista e igrejas pequenas do interior que passam dificuldades financeiras. O fiel que oferta está colaborando com a missão, com a “construção do Reino de Deus”. Ou seja, a prosperidade pode ser “saudável”, desde que você esteja inserido no “projeto divino”. E essa inserção é cômoda, no sentido de que você se sente “fazendo a obra de Deus”, com um tipo de comprometimento pessoal como faziam os missionários desde o século XIX. Um executivo ou um médico podem assim se sentir inseridos no “projeto missionário” sem sair de casa, apenas contribuindo. Uma prática religiosa que não requer os sacrifícios dos pioneiros metodistas que eram recebidos à pedrada no século XIX, ou como o caso da família da irmã Nádia, cuja história familiar no interior de Minas Gerais, na década de 1940, trazendo a memória do conflito com os católicos e que causou a fuga de sua família por terem se convertido ao metodismo. É uma religiosidade moderna onde é possível ser um cristão exemplar contribuindo, como quem paga uma espécie de mensalidade revestida de simbolismo sagrado. Tudo legitimado a partir das mensagens pregadas que falam de uma “espiritualidade salutar”, deste “avivamento saudável” que “produz frutos condizentes com a vontade divina”. Mesmo nos cultos mais “avivados” percebe-se um esforço em medir o tom das palavras. Ou seja, fazem-se algumas concessões, mas tenta-se manter parte da tradição, elemento que os distingue das outras “igrejas que mercantilizam a fé” e que não os identifica com as “igrejas mercadológicas”. Quando o pastor

¹³⁸ Entrevista, janeiro de 2013.

¹³⁹ Diário de campo, outubro de 2012.

Bernardo Alves se referiu sobre a pentecostalização do meio evangélico, ele deixa bem claro que está sendo contrário às igrejas neopentecostais, como a IURD, o pastor Valdomiro entre outros.

E: Entao essa “pentecostalização” seria uma adesão a esses elementos da teologia da prosperidade?

P: Essencialmente a teologia da prosperidade que congrega dentro de seu grande guarda chuva vários outros movimentos(...) movimento de igreja em crescimento mais fácil, enfim, vários movimentos que propõem crescimento fácil, que vende a ideia de que Deus pode ser comprado pelo dizimo. Isso está muito inserido dentro do próprio neopentecostalismo, mas a gente esta vivendo uma nova fase, o neopentecostalismo, que eu chamaria entao de pentecostalização, então, desse pressuposto eu entendo que o movimento evangélico brasileiro está sofrendo com essa pentecostalização. As igrejas pentecostais estão sofrendo isso por que elas estão abrindo mão da sua teologia tradicional, da pregação de salvação no reino futuro, para salvação aqui e agora, imediata, uma relação com Deus onde as suas necessidades nao só espirituais, mas basicamente materiais, estão sendo supridas aqui agora. As igrejas protestantes históricas, pela ausência de espaço de discussão teórica, estão apagadas na mídia, quase nao se pronunciam e na ânsia de crescer, na minha concepção, algumas das igrejas históricas estão adentrando pelo o caminho fácil da pentecostalização e elas estão fazendo uma simbiose. Elas mantêm um pouco a sua estrutura tradicional, o rótulo tradicional, mas o discurso dos ministros é um discurso muito parecido com o encontrado nesses movimentos pentecostalizados ou que receberam um fluxo da pentecostalização. Acho que isso advém do mesmo decrescimento, ela não consegue dar uma resposta, há um barateamento na formação pastoral tambem dessas igrejas, vários cursos e pólos estão sendo criados por aí, a própria influência externa chega até ela, rádio, televisão. Então, as igrejas tradicionais ou históricas para mim, nao conseguem dar conta nem conseguem apontar um caminho alternativo dentro desses (...) Dessas igrejas tem alguns movimentos sérios que tem discutido na igreja, e tentado propor um caminho alternativo, mas a gente não tem a mídia a nosso favor, nem o poder econômico. Quem nao aparece nao mídia não existe, essa é a realidade.¹⁴⁰

O fato de a igreja aderir a um discurso pregando a prosperidade pode estar representando uma mudança e abandono da “tradição metodista”? Se tradição enquanto elemento cultural for entendida como um dado objetivado, sim, mas se for olhada na perspectiva de que a cultura é sempre inventada e reinventada (WAGNER, 2010) de acordo com as dinâmicas relacionais entre os agentes, é possível este fenômeno tenha relação com mudanças que estão em processo no campo religioso. Ao mesmo instante que ocorre certo afrouxamento institucional das igrejas históricas, na Cathedral é possível que esteja acontecendo um processo imbricado de práticas que surgem da necessidade da igreja de estar em diálogo com cenário religioso atual. Este esforço está em conjugar a credibilidade institucional da igreja e a tentativa de diálogo com as outras formas religiosas presentes no campo marcado pela crise da modernidade, onde as instituições tradicionais passam pelo desafio de recompor sua memória diante deste processo (HERVIEU-LÉGER, 2008: 8).

¹⁴⁰ Entrevista com Pastor Bernardo Alves, janeiro de 2013.

5.1. Análise dos sermões: Resignificação do discurso da prosperidade através da atribuição ética e moral na relação fiéis dos fiéis com Deus.

Os sermões são bem variados. Como já foi dito, nos cultos da manhã (8h e 11h) e na capela histórica (17h), geralmente abordam temas mais teológicos e doutrinários. Nos cultos das 19h e de quinta-feira (libertação), os sermões são mais apelativos, adotam chavões e a postura do pregador geralmente é mais despojada de elementos teóricos, fazendo poucas referências teológicas e evitando questões doutrinárias. Claro que isto depende muito do pregador e do contexto. Em alguns momentos a igreja faz seu papel de se identificar com sua tradição metodista. Não são esquecidas as datas como o aniversário da Reforma Protestante em 31 de outubro. Neste dia o sermão tinha como tema: “O justo vive pela certeza que Deus o ama”.

Lutero foi aliançado, se encontrava com o Senhor e isso gerou inquietação na Igreja. A Igreja estava distante da vontade de Deus. No século XVI a religião era papista ... nada contra o papa hoje gente! (...) A minha vida é controlada por este livro, a palavra de Deus... na época de Lutero, outros textos eram sagrados como a Bíblia, e a salvação por obras e pagamentos.(...) Há um preço alto quando fazemos a vontade de Deus (...) É fundamental manusear as escrituras, não perca o hábito.¹⁴¹

Aqui exaltou a sobriedade da “sã doutrina” fazendo uma ponte com a “religiosidade saudável” que é vivida na Catedral. Este é um termo comum nos meios tradicionais, onde a expressão “sã” ganha uma força revelando que sua doutrina é saudável diante das outras doutrinas pregadas pelas igrejas “não históricas”. Neste sentido a áurea histórica atrelada à imagem da Catedral confere legitimidade que possibilita no campo religioso o uso da teologia da prosperidade tornando-a legítima que é feito pelo poder de sua tradição histórica. Fala-se de sã doutrina fazendo alusão a uma mensagem que segue as doutrinas bíblicas, no sentido de estarem retomando os princípios esquecidos da Reforma do século XVI. No texto falou da referência à fidelidade dos apóstolos, citando São Paulo e sua preocupação com a pureza da “palavra de Deus”. Concluindo, alertou que “a ânsia por números leva as pessoas a pregarem coisas que não são verdadeiras”. Citou exemplos como o caso “da venda de meias unidas por R\$ 150,00”. Contextualizando a mensagem com a venda das indulgências, argumentando contra as igrejas que pregam a prosperidade.

Toda a vez que a igreja briga por perder espaço ela tende a diluir a mensagem... Tem cara de evangelho, mas não tem o gosto da mensagem de Jesus. (...) cuidado com a ânsia pelo poder... no I e II século a igreja enfrentou desafios enormes, como os

¹⁴¹ Diário de campo, outubro de 2012.

gnósticos seguidores de Marcião e depois os arianos... prega o evangelho do Senhor Jesus. Hoje Satanás diria para Jesus: eu posso te levar para a rede globo, para as rádios, autoridades do país, mas temos que fazer acordo...” e a Catedral ? Tem rádio, sites, chama personalidades que vão na Globo para cantar em seus cultos? Não são os holofotes e as belas músicas... quem leva a aceitar a Jesus é o Espírito Santo. Se a gente quer ser relevante para a sociedade, é assumir a posição contrária... O escândalo das igrejas é porque elas não foram transformadas pelo Espírito Santo. ¹⁴²

Continuando, aborda o tema das eleições municipais mostrando outros aspectos que são recriminados nas igrejas que aderiram ao “mercado religioso”, que é a relação problemática entre religião, política e o Estado.

Não quero acordo com político porque eu tenho aliança com Deus... [Aplausos e euforia da igreja nesta hora]. No altar tem uma bandeira nacional, a bandeira do Estado, mas antes de ser brasileiro eu sou servo de Deus. É preciso ser profeta e corrigir as autoridades! Quer conversar? Vem no meu gabinete.. O meu Deus manda em tudo, Faraó não pode se opor à vontade de Deus! Algumas igrejas são levadas pela aparência, pelo estilo... isso não salva! Paulo pregava sem músicos. Eu não preciso de jogo de marketing e da propaganda! Você quer chegar na glória de Deus ou na mesa dos presidentes? ¹⁴³

O discurso conquista o público que respondem aplaudindo em massa. Ao mesmo tempo com todo esse cuidado com a imagem política, alguns candidatos foram visitar a igreja durante o culto. O pastor justificou a presença dizendo que eram “candidatos metodistas”, ou como ele disse “é gente nossa” ¹⁴⁴. Mais uma vez aparece o discurso onde é possível destacar o respeito das doutrinas da Igreja, que “segundo os Cânones não permite que candidatos falem no templo em período de eleição”. A partir do levantamento feito a nas mensagens impressas nos boletins dominicais, é possível perceber a partir dos temas abordados a preocupação em manter um discurso ético que revela a preservação de aspectos da tradição histórica assim como o diálogo com a sociedade.

Tabela 11

¹⁴² Diário de campo, outubro de 2012.

¹⁴³ Diário de campo, outubro de 2012.

¹⁴⁴ Diário de campo, outubro de 2012.

Temas abordados nas pastorais do Boletim Dominical			
Data	Título	Autor	Trecho
01/04/12	"Domingo de Ramos: Bendito é o Rei que vem em nome do Senhor" - Lc. 19.38	Rever. Sérgio Ovídio	"Nesse domingo de Ramos, tomemos o caminho certo. Jesus entrou na nossa vida para nos colocar no caminho certo! Sabe quem está entrando em Jerusalém? Jesus! Aquele que pode mudar todas as coisas! Aquele que, com seu exemplo, faz-nos corajosos. Aquele que, com seu comportamento, faz-nos humildes. Aquele que, com sua vida, ensina-nos a sonhar com boas mudanças!".
08/07/12	"A Igreja e o combate à fome"	Comissão do Projeto Sustent'Habilidade da Catedral	"A fome e o desperdício de alimentos são dois dos maiores problemas que o Brasil e o mundo enfrentam. Segundo o último relatório Mundial sobre a Fome, realizado pela ONU, estima-se que existem no mundo mais de 800 milhões de pessoas subnutridas(...). No antigo testamento, enquanto o povo marchava em direção à terra prometida, Deus enviava o maná dos céus. Já no Novo Testamento, Jesus fez milagres com pães e peixes, o que revela uma preocupação do Senhor com nosso bem-estar físico."
15/07/12	"Preservação do meio ambiente: Nossa missão".	Comissão do Projeto Sustent'Habilidade da Catedral	"Lembre-se: a melhor forma de ajudar é reduzir a velocidade do consumo, pois assim geramos menos lixo! Não vamos danificar a linda CRIAÇÃO do Senhor. A nossa missão é curá-la e cuidar dela."
29/07/12	"Quem é Jesus para você?"	Rever. Sérgio Ovídio	"Pescadores são chamados para ser discípulos de Jesus, enquanto não há nenhum doutor nem escriba no grupo dos doze; Zelotes, alguns deles estão no grupo de Jesus junto com Levi, o publicano. Estas atitudes bem concretas de Jesus representam um perigo muito grande para o sistema religioso que vivemos atualmente".
19/08/12	"Chamar bem ao mal"	Adaptado por Pastor Filipe de Mesquita	"Isso era, então, como hoje, a voz dos que ao mal chamam bem. Por falar nisso, grupos do movimento homossexual estão usando indevidamente uma palavras de Jesus - Amai-vos uns aos outros - para defenderem sua filosofia de vida e costumes. A igreja precisa orar muito, de amar muito, estar atenta ao que se passa no mundo e perseverar na fé, no discipulado, e na ética de Jesus Cristo".
26/08/12	"Então, eles, no mesmo instante, deixando o barco e seu pai, o seguiram". Mt. 4,22	Rever. Sérgio Ovídio	"Nesses versículos conseguimos observar três coisas: Onde Jesus começou a agir; Quem ele chamou para ajudá-lo; Principalmente o que ele fazia. Quando pensamos em um projeto devemos pensar como Jesus: Onde? Quem? O que fazer? Jesus começa sua missão por onde não esperamos: Começa pela periferia do povo de Deus"
02/09/12	"Caminho seguro para a Igreja". 1 Jo 1.5-6	Rever. Marco Antônio de Oliveira	"Quando uma igreja completa mais um ano de existência, como é o caso da Catedral, é saudável que la se empenhe em fazer uma avaliação de sua caminhada missionária (...). O que percebemos é que na busca do crescimento do dia para a noite, algumas igrejas e seus respectivos líderes estão reformulando toda a sua estrutura eclesial, culto, e forma administrativa, fundamentados tão-somente nos instrumentos de marketing moderno das grandes empresas dominadoras do mercado, nas concepções discutíveis de certas elaborações aparentemente vindas da psicologia, da lógica do mercado, que apregoa a busca de resultado acima de tudo e todos".
09/09/12	"Ensino de Jesus". Lc. 6.8	Rever. Sérgio Ovídio	"Há muitas pessoas que sofrem por um problema, sentem-se diminuídas e desprezadas. Não resolvemos fugindo e entrando em uma caverna. A solução não está no ocultamento, mas no enfrentamento da dificuldade".
07/10/12	"Para uma boa leitura da Bíblia". Sl. 119,105	Rever. Sérgio Ovídio	"Lembre-se sempre! Você deve ler o texto bíblico da mesma maneira como ele foi escrito, inspirado pelo Espírito Santo e certo de que é Deus é Quem conduz a sua vida. Pois, ao ler o texto bíblico, você pode ter a certeza de que Deus está lhe falando algo, dando a direção e apresentando uma saída".
21/10/12	"Não consigo falar de Jesus na minha família". Mc. 6.1-6	Rever. Sérgio Ovídio	"Atualmente conhecemos muitas pessoas que precisam de Jesus. Temos clareza que deveriam ser as primeiras a aceitarem a Boa Nova, elas se recusam a aceitá-la. (...) O preconceito impede. Jesus, mesmo querendo, não pôde fazer nada. Ele ficou admirado da falta de fé deles. E você?"

Este esquema foi elaborado a partir dos boletins dominicais que são distribuídos nos cultos. O primeiro tema marca um dos primeiros cultos assistidos, fala sobre o "Domingo de

Ramos”, data tradicional do calendário cristão, e termina no último com uma reflexão sobre evangelização da família. Os temas abordados mostram mensagens com temáticas bem variadas, mas todas concentradas na ética puritana e na moral pietista. Presentes na tradição protestante metodista Alguns temas fazem referência A assuntos como “família”, “bem e mal”, “Bíblia” e “evangelização”. Outros surgem revelando o diálogo da igreja com a sociedade, através de reflexões sobre meio-ambiente, pobreza e gênero. Em todos os casos o assunto circula em torno do da evangelização, observância dos costumes, família, experiência pessoal com Jesus, todos elementos comuns da “reta doutrina” protestante e do pietismo comuns aos históricos e pentecostais em geral.

Além do discurso contra as igrejas que fazem comércio da fé, a Catedral assume uma postura que não nega as mudanças no campo religioso. Ela não abre mão de estar presente neste mercado. No entanto, ela tem o seu jeito de se fazer presente. Através do setor que cuida da imagem institucional (o ministério de comunicação), ela mantém um site atualizado com fotos e vídeos, além de propagandas na porta com faixas e anúncios nas ruas ao redor. No período do mês de aniversário observei faixas com os nomes dos cantores na frente para a rua. Contradição? Criticar as outras igrejas enquanto ele convida artistas e faz uma programação super atrativa? Ao mesmo tempo em que as mensagens assumem este tom crítico, a igreja por outro lado oferece eventos que fazem uso da mídia e mostram o diálogo entre a tradição e a modernidade religiosa do campo evangélico atual. Na imagem a seguir consta o anúncio ocorrido no mês de aniversário da igreja, comemorando seus 134 anos em novembro de 2012.

Imagem 5



A imagem acima mostra como a igreja procura estar em diálogo com elementos da cultura contemporânea. Atualmente o universo gospel tornou-se um espaço onde os elementos religiosos circulam através das mensagens das músicas e seus produtos como Cd's, DVD's, shows e também em eventos como a "marcha para Jesus", assim como em encontros de rádios evangélicas, personalidades políticas e midiáticas. Tudo isso gira em torno de uma experiência religiosa comum que se dá na celebração, nos cultos de "louvor e adoração", onde o "louvor" se tornou o lugar central de uma religiosidade centrada na experiência emocional, o que a torna mais importante do que o lado intelectual sempre tão caro ao protestantismo histórico. Outro elemento importante é entrada dessa religiosidade e sua facilidade em circular em espaços antes rejeitados pelos protestantismo histórico e sua "reta doutrina", fortemente ascética e negadora de atividades seculares, assim como o pentecostalismo clássico e sua busca pela santidade do coração, que nega o prazer do mundo e coloca suas energias na felicidade supramundana.

5.2. A experiência religiosa: Uma análise dos diferentes discursos sobre a identidade religiosa dos fiéis.

Irmã Nádia veio do interior de Minas Gerais. Seu pai se converteu na Igreja Metodista em meio a um processo foi bem conturbado. Fumava, bebia muito e era um homem radical "pela posição política dele" como ela mesma afirmou. Até que ele recebeu o convite, foi a um culto e se converteu. Caso típico feito o protestantismo em geral. Jogou fora seus dois maços de cigarro que estavam no bolso durante o apelo feito pelo pastor na igreja metodista. Vieram para o Rio de Janeiro por motivos ligados à perseguição religiosa sofrida após a conversão da família ao metodismo. Eles viviam no interior de Minas, década de 1940, marcado pela rivalidade entre católicos e protestantes. Segundo ela, as pessoas não gostavam dos "bodes".

Ele no dia seguinte eu vou lá naquele lugar outra vez e ele foi sozinho, e quando o pastor fez o apelo... A conversão dele foi muito parecida, quem conhece a conversão de Paulo (da Bíblia), foi bem parecida. Naquele momento ele tinha dois maços de cigarro e deixou no altar, ele nunca mais bebeu, nunca mais fumou. Agora, papai era muito radical pela posição política dele. Ele chegou no dia seguinte, ele já chegou tarde da noite, não falou nada. No dia seguinte nós tinha a parede, era cheia de santo, a vovó era muito católica, ele arrancou tudo jogou aquilo fora, quebrou tudo. E ele tentou escrever uma carta de amor para mamãe... Pronto ai foi o pingo, mamãe disse: Enlouqueceu. Falou pra mãe dele que morava aqui: Vou ter que voltar pra Minas por que essa carta tem alguma coisa de errado. Ele chegou lá, era uma outra pessoa e a cidade toda contra ele. Foi uma situação muito difícil dentro de casa. Ai ele falou: Ah, isso é do diabo. Ah, se a igreja católica não conseguiu endireitar o

Antonio como essa do diabo conseguiu modificar? Ele é um outro homem, ele batia muito na gente, ele tinha meu irmão, o menor, tinha uns quatro anos, o caçula, o outro, ele amarrava na mesa, certo, e batia muito. Quando ele resolvia bater na turma batia até nas empregada. Todo mundo apanhava. Ele já era outra pessoa, o evangelho transformou meu pai em outra criatura de tal maneira que levou a mamãe para ir à igreja¹⁴⁵.

Um relato que traz elementos interessantes. Aqui encontramos duas experiências importantes da matriz protestante histórica do metodismo. Uma delas é a identidade elaborada a partir da perspectiva da negação do catolicismo, da ascese protestante que rejeita o mundo. O protestantismo que veio e se inseriu queria ser aquilo que o católico não era. Bebida, cigarro, festas, elementos rejeitados a partir da conversão. Ao mesmo tempo, uma experiência de afirmação, ou seja, a pessoa que se converte passa a ser uma “nova criatura”, aderindo aos novos valores éticos que direcionam sua ação no mundo. Se analisarmos a ênfase na observância de uma experiência religiosa que até aceita símbolos como a prosperidade material, as manifestações do Espírito Santo, mas, contudo, insiste em sustentar junto com esses elementos a prática de uma religião que tem como princípio ser uma religião de reserva ética como tão importante quanto a experiência de êxtase do emocionalismo religioso. Algumas destas pessoas possuem um lastro de identidade histórica com a igreja, e ao mesmo tempo concordam com essas mudanças. A história de vida destas conversas ao metodismo, como o caso da Cláudia tanto quanto o de Nádia, antigas no metodismo e na da Catedral, assim como o Pastor Wilson que confere validade ao bispo Valdomiro e suas curas mostra isso. As mudanças litúrgicas, como a ênfase em elementos carismáticos e os louvores convivem com experiências religiosas de pessoas que viveram o protestantismo tradicional. Essas identidades diferentes acabam entrando em diálogo na igreja. Um exemplo é Dona Márcia que foi professora e hoje é aluna da Classe de Bíblia, e passou por uma igreja pentecostal antes de se tornar membro da Catedral.

Eu conheci uma igreja na estrada Recreio dos Bandeirantes, uma igrejainha, foi criada numa borracharia, meus vizinhos eram membros de lá e sempre participava de aniversário lá. Uma vez ou outra ia lá e gostava. Eu fui católica, vim de uma raiz muito forte católica e comecei a cantar, participar e tudo, mas não levantava a mão pra aceitar Jesus. Ai eu tava sentada no banco, alguém me cutucava e falava: Nao vai levantar à mão para aceitar Jesus? Eu falei: Engraçado, pra aceitar Jesus eu tenho que levantar a mao? Mal de mim se nao fosse Jesus na minha vida. Comecei a conhecer pessoas, me identificar e recebi convite pra assistir um culto nos espigões da Barra com as irmãs dessa igreja. Não sei te explicar, coloquei os pés no apartamento e comecei a chorar copiosamente, a chorar mesmo, de me acabar, e fiquei naquela angústia, na ansiedade pra fazerem o apelo porque eu queria me entregar. Ali aceitei Jesus. Estava tao perturbada aquele dia que nem sabia que era dia do meu aniversario. Eu fazia 63 anos. Então aí eu me entreguei, entao ali

¹⁴⁵ Entrevista com Nádia, dezembro de 2012.

comecei. E esses cultos eram sempre feitos por uma professora de Bonsucesso, carregava multidões e tivemos problemas com vizinho, com policia, entrava armada porque virava a noite tinha que esperar o dia raiar pra ir pra casa porque era tao envolvente o espirito que não via nem passar a noite.¹⁴⁶

Aqui temos o relato de uma experiência de conversão que envolve mudanças de vida, com experiências que são atravessadas por uma grande carga de emocionalidade. O caso de Márcia e sua passagem pelo catolicismo, assim como a narrativa da conversão do pai de Nádia no interior de Minas, marcado pela ruptura forte com catolicismo no interior, apontam para uma experiência com o protestantismo que é anterior a essa transição que vem ocorrendo no metodismo. Como em outras igrejas históricas diante do avanço de uma experiência religiosa mais carismática, nestes relatos vemos uma experiência religiosa centrada na conversão pessoal, na aceitação de Jesus como único salvador e com isso, uma mudança que leva à rejeição dos valores católicos. Sobre esses cultos, tanto Nádia quanto Márcia mostram uma visão bem desencantada sobre o fenômeno dos cultos, que segundo elas, são como uma “forma de trabalhar” encontrada pelo pastor.

E: E as igrejas pentecostais, a metodista ta influenciando, acha está mudando?

M: O problema é o seguinte, cada pastor tem a sua forma de trabalhar, aqui nunca teve movimento pentecostal, mas esse pastor Bernardo Alves de vez em quando da uns lances de pentecostal, mas a igreja nao aceita muito, mas acho uma benção, as coisas daqui tem igrejas que dão possibilidade de testemunho e levantar mais a força, a fé das pessoas, mas acho isso uma coisa muito particular minha por Deus nao me meto em direção de igreja não.. (Márcia)¹⁴⁷

Nádia tem uma trajetória muito mais antiga no metodismo brasileiro, tendo sido atuante na representação da igreja no âmbito nacional, em conselhos e eventos. Conhece os as discussões internas de cúpula do metodismo brasileiro e traz uma leitura bem clara sobre os cultos e essas mudanças ocorridas na Cathedral.

E: Já que a senhora tem toda essa experiência, eu tenho uma duvida, por exemplo, à noite o culto a noite é bem cheio, a igreja tem quatro cultos mais, um tradicional, outro mais..

N: Tem um culto 8:30 que o pastor soube conduzir, e isso atraiu muita gente que tem aquelas senhorinhas que gosta bem da liturgia calminho, ele faz tudo direitinho. Ai depois vão pra escola dominical e vão embora por que querem fazer o almoço delas, que almoçam meio dia. E aqui o culto fica ate uma da tarde, mas tem outros que gosta mais animados, ai ele põem, mas nao exagerado, tem coral, grupo de louvor, uma pregação maior, prolongada, que vai de 11h até 13h da tarde, que o pessoal gosta. Tem esse grupo. E tem o outro grupo que gosta da noite, mas não tarde, ele fez o culto das 17h na capela e tem o de (...) tambem e tem a oportunidade de tomar ceia quem não tomou no primeiro domingo vai tomar no segundo as 17

¹⁴⁶ Entrevista com Márcia, dezembro de 2012.

¹⁴⁷ Entrevista com Márcia, novembro de 2012.

horas, você entendeu? Ele tentou agradar gregos e troianos e os da 19h, cheguei a falar com ele, por que não deixou os outros três, tem muito barulho, não, tem os jovens...

E: As pessoas reclamam?

N: Reclamavam, a velhinha queria vir no das 19h para reclamar do barulho. Tem três cultos você quer vir só nos das 19h para reclamar comigo! Vem no das 5h, no das 8:30h no das 11h, o das 19h é mais livre, só com louvor, ai toca bateria levanta, a mão, mas é o culto jovem, fica cheio por que atrai os jovens. A gente precisa de uma igreja de jovem e isso nao tinha antigamente.

E: E isso começou com pastor Marcos?

N: Começou o avivamento da igreja, vou te contar uma coisa. A gente fala igreja pentecostal, mas o pentecostal começou com a igreja de Wesley, aí a gente contou a historia do Wesley diversificada. O movimento partiu de Wesley, mas quando foi pros Estados Unidos, ele modificou e trouxe para o Brasil, então quem ficou pentecostal foi a Assembleia de Deus e a Metodista ... tem Metodista que não sabe que Wesley era assim, você entendeu? A metodista no inicio quando conheci nao tinha o Espirito Santo, tirou isso, a terceira pessoa da Trindade, bico calado. Eu fui conhecer o Espirito Santo em outras denominações.¹⁴⁸

Em entrevista Nádia contou que teve contato com a experiência pentecostal participando em outras igrejas no início dos anos 1990, que foi mais ou menos a época em que veio para a Catedral. Tanto ela quanto Márcia tiveram uma experiência pentecostal. Podemos pensar que já havia um trânsito dessa religiosidade mais pentecostal, anterior aos cultos avivados (o culto do avivamento de 19h e o culto de libertação na quinta-feira) que mostra uma das formas que essa matriz carismática pode ter refletido na Catedral. Segundo Nádia a “renovação” teve início antes do Pastor Bernardo Alves, com um pastor metodista que veio da Baixada Fluminense, chamava-se pastor Aires.

N: Aires teve uma morte tão trágica, ele era advogado, se aposentou e pode ficar em tempo integral e o bispo mandou ele pra cá. Quando ele veio com essas idéias e começou a modificar, mas num lugar muito tradicional. Ele sofreu muito para implantar uma coisa diferente. Implantou ministério de oração, vigilia, fazia, fez culto de quinta, abriu a igreja com culto as quinta, com cura e libertação. Aí que começou a igreja, vindo as diferenças, mas ele foi muito pressionado aqui...

E: Que periodo?

N: Em 1990 ele veio pra cá, acho que 1989 ou 1990, fez sete anos, o Aires na década de 1990 que a igreja começou a modificar. A Catedral, porque muitas igrejas se você for ao interior, na Baixada, na Região do Lagos(..) A metodista não é nada igual a essa, é tudo diferente, tem igreja que batiza por imersão (...) é diferente Zona Sul é muito diferente, não pode comparar o evangelho da Zona Sul com o do interior, há posturas , hábitos, costumes que são muito diferentes. Agora, tem lugares por aí que continuam capengas, como Mina Gerais não aceitou a renovação(...) não aceitou avivamento, Minas, Rio Grande do Sul, Parque de São Paulo, tem igrejas muito tradicionais que tocam até harpa, e culto de papel. Sabe o que é? É aquela liturgia que você fala e outro repete e você nao agüenta (...) Leitura daqui pra lá, de lá pra cá, e harpa, nao pode fazer barulho, harpa toca baixinho, fiquei cinco anos em São Paulo com esse culto de papel com violino harpa e piano.¹⁴⁹

¹⁴⁸ Entrevista com Nádia, dezembro de 2012.

¹⁴⁹ Idem.

É complicado se basear em alguns depoimentos para afirmações tão amplas. Não há como ter certeza de que seja possível estabelecer algum tipo de limite entre o ser mais carismático como sinônimo de menor pertencimento institucional, ou se com passar do tempo o carisma foi se institucionalizando. Apesar de certo número de pessoas na Catedral aceitarem os dons do Espírito Santo, assim como negarem a teologia da prosperidade, talvez esteja apontando para a complexidade das mudanças ocorridas e um discurso que busque uma relação de diálogo e resignificação/reinvenção cultural entre esses elementos da tradição metodista e dos movimentos carismáticos do protestantismo tendo como objetivo da instituição inserir a igreja no campo religioso moderno.

E: A senhora acha que essa rejeição ao avivamento o metodismo tem na história dele esse movimento pentecostal e nunca divulgaram senhora acha que tem relação com influência do movimento ecumênico igreja envolvida com questões políticas sociais
 N: não a igreja metodista veio com muito envolvimento social os Estados Unidos quando trouxe pra cá mudou de maneira nenhuma essa coisa de avivamento pra cá quem pegou isso foi assembleia de Deus (...) agora no passado que eu acompanhei os 100 anos da igreja assembleia que começou em Belém foi bem divulgado os cultos eu vi na televisão eu gosto de presenciar e nós temos 134 então nós viemos 34 anos e depois eles pegaram o avivamento que nós não pegamos eu tenho um livro que (...) uma pessoa da assembleia de Deus que escreveu rangel se falar em movimento pentecostal ela cita primeiro quem? Wesley no movimento pentecostal tá lá uma pessoa da assembleia de Deus o movimento pentecostal se inicia com John Wesley (...) o mundo é minha casa ele pregava onde lá em Minas ele (...) social ele se voltou pra isso os problemas sociais da Inglaterra ele lutou contra isso tudo e a igreja não aceitou a maneira dele entendeu então a igreja metodista quando você soube que fez um racha na igreja metodista (...) foi por causa do movimento pentecostal houve um racha, saída de grandes pastores saindo da igreja metodista.¹⁵⁰

A ideia de uma “pentecostalização” traz algumas implicações no que se refere aos agentes sociais e as interações desses agentes no campo, onde ocorrem disputas entre grupos tradicionais, outros ligados ao carisma pentecostal, assim como de uma liderança da igreja que deseja incorporar esses diferentes interesses em disputa. No entanto, não é possível definir que ocorra uma “fraqueza institucional” em se tratando deste caso específico. Esta organização dos cultos e das reuniões específicas para os diferentes fiéis parte de um projeto institucional da igreja. Projeto este que, apesar de preservar espaço para todos os grupos não agrada todos. Na Catedral vemos outro tipo de movimento, que engloba certa tensão com os grupos mais tradicionais tendo em vista a crescente presença do movimento carismático e a adesão comunitária da igreja ao projeto de “renovação”.

E: Sobre os diferentes cultos sempre foi assim?

¹⁵⁰ Entrevista com Nádia, dezembro de 2012.

P: Não a catedral historicamente sempre foi muito tradicional, de uns anos para cá ela começou a se renovar e esses anos, com minha presença, a gente começou a idealizar um projeto onde ela se renova mais, se abre para um diálogo com a sociedade e passa a ser consciente que caso ela não faça algumas concessões nessa modernidade. Ela tende a diminuir e pode deixar de existir, então a gente entende que como nosso rebanho tem múltiplas tendências, os seres humanos são múltiplos, não dá pra partir da ideia de que um culto só e de um modelo com uma tipologia litúrgica, vai atender toda demanda desse ser humano temos pessoa de classe A, B, C e D e essa mudança possibilitou isso, então a gente procura ter culto que atendam essas classes ou desdobramentos entre A, B, C, D e E. Então esses cultos pretendem atender essas necessidades espirituais ou formas de adoração. O conteúdo é sempre o mesmo, mas a forma de pregar, o modelo que difere, mas a teologia é a mesma. Mesmo no culto da vitória tem uma pregação que toca um pouco em auto-ajuda para dizer que a pessoa pode ir mais longe, mas sem baratear. Não há nem teologia da prosperidade. É um culto onde a esperança é muito presente, e faz isso aparecer num linguajar mais comum, aí sim, o culto das 11h tem um linguajar mais sofisticado na pregação, e no culto das 19h basicamente jovens, então não usa um pregação tão sofisticada, essa é uma coisa interessante.¹⁵¹

E essa mediação, esse esforço por legitimar estas transformações ocorridas nos cultos e no estilo da igreja encontra eco nas demais pessoas.

E: senhora acha que esse pentecostal do Wesley é igual aos pentecostais que a gente tem por que agente tem muito pentecostal hoje...

N: Pentecostal moderno que é do Silas Malafaia, é um pentecostal moderno, agora, aquele pentecostal do início, não é isso, não é o exterior que salva a pessoa, é o interior. Deus fala isso, não tem isso que roupa comprida, não poder botar brinco, não poder cortar cabelo, tem que usar manga comprida. Vê que essa ideia tá acabando, com isso, não é o exterior e eles se voltaram para o exterior da pessoa, eles pegaram na íntegra tudo que Paulo falou no contexto em Coríntios, que a mulher tem que andar de véu, não pode cortar cabelo (...) Se a mulher não falar na igreja, não tinha igreja hoje! (...) e naquele contexto você quando lê um texto tem que ler o contexto que foi falado aquilo, senão você vai pirar. Não pode falar: *Não é assim mulher*. Não pode falar que mulher tem que ser submissa, não é assim, mudou tudo hoje com a tecnologia moderna, mudou tudo. Mulher tem que trabalhar fora, lutar junto com marido pra criar os filhos. Como é que pode? Não é isso que agente quer, e a base do movimento pentecostal que é um movimento que fala sobre o Espírito Santo.¹⁵²

A fala da entrevistada mostra como ela se entende inserida no campo religioso. O “pentecostal moderno” é o que pode ser entendido aqui como as igrejas da mídia, os artistas evangélicos e pastores que se tornam personalidades, como o Silas Malafaia. Esta identificação feita pela entrevistada mostra que há uma mudança, vista pelos próprios fiéis sobre o campo evangélico atual que está se modernizando, assumindo elementos da cultura contemporânea, dialogando com a música, a moda, política e transformações sociais profundas que marcam o tempo atual. Estes aspectos se referem principalmente aos jovens que acabam sendo a ponte do diálogo entre a tradição histórica e a modernidade religiosa.

¹⁵¹ Entrevista com Pastor Bernardo Alves, janeiro de 2013.

¹⁵² Entrevista com Nádia, dezembro de 2012.

6. A JUVENTUDE E AS MUDANÇAS NA CATEDRAL: A CONQUISTA DO ESPAÇO ATRAVÉS DA SACRALIZAÇÃO DA CULTURA CONTEMPORÂNEA.

Um outro ponto da análise é talvez o que podemos destacar como a ponta do iceberg na mudança dos cultos que é a presença dos jovens. As igrejas históricas que não dão espaço para o louvor e para a musicalidade atual dificilmente vão atrair um número de jovens. Assim como uma igreja com regras muito rígidas, com usos e costumes morais que não dialogam com as questões atuais do mundo moderno, dificilmente conseguem atrair esta parcela da sociedade. Como podemos ver nos relatos a seguir, de alguns jovens que pude entrevistar.

A jovem Valeryane, 30 anos, tem dez anos como membro da Catedral e um cargo de liderança na juventude. Contou ter se convertido na Assembléia de Deus em Minas Gerais, sua cidade natal. Acredita nos dons do Espírito Santo, mas têm algumas críticas, acha que tem muito emocionalismo por aí. Faz uma crítica bem precisa ao movimento gospel.

V: Gosto de cantores antigo tem um amigo que dia que tenho uma alma velha, porque eu não ouço nem radio evangelica. Deve tre uns seis anos. Acho que a musica gospel entrou nesse meio comercial e tem um monte de coisa que para mim não agrega, talvez um termo pesado para falar, mas muita coisa que não presta, um monte de bobeira, um monte de palhaçada que dá impressão que fazem a música só pra vender disco. Assim, gosto muito das antigas, Aline Barros no inicio da carreira, primeiros cds de Vencedores por Cristo. Entao, assim, tem um cantor hoje que gosto muito, Jéferson Borges, tem umas letras muito boas, muito bem feitas que eu sinto uma inspiração de Deus no que canta, nao é uma música tipo chocolate quente que anda tocando por ai, palhaçada ridícula.¹⁵³

Apesar de termos visto que a mudança no discurso de cunho mais carismático e renovado atinge diferentes grupos, com os jovens em especial encontramos com maior força essa necessidade de abertura da igreja para estes elementos da modernidade religiosa que mesclam símbolos do pentecostalismo adequando-os a uma religiosidade mais fluída. Ocorrem concessões em relação a algumas liberdades concernentes às identidades na sociedade contemporânea.

Nesses tempos em que a influência do protestantismo no campo religioso brasileiro atinge (numa perspectiva histórica) um patamar inédito, a compreensão da relação entre protestantismo e mundo moderno passa a ser uma prioridade em termos teóricos. Nos últimos anos, tornou-se comum ver nessa expansão protestante, ou, antes, no *great awakening* evangélico e pentecostal, uma “ameaça” a valores e princípios especificamente modernos. A fim de saber até onde tais temores se justificam ou não, impõe-se a tarefa prévia de identificar algumas das linhas de força que atravessam a história do protestantismo. (DA MATTA, 2008, p. 236).

¹⁵³ Entrevista com Vera, dezembro de 2012.

Os jovens trazem a tensão. É um grupo que está diante do desafio de ser jovem em meio a um bairro de Zona Sul onde precisam se inserir no estilo de vida da cidade trazendo ao mesmo tempo os valores do mundo evangélico. Como ser evangélico nos moldes tradicionais, negando o mundo em um contexto onde não é possível o isolamento e o distanciamento dos elementos da cultura contemporânea, como a vida social, emprego e a convivência constante com outros meios culturais que está além dos muros da igreja?

Estes jovens possuem origens distintas, como o caso de Jonas, metodista, vindo de Angola. Mostra não ter problemas com o pentecostalismo, mas reclama que a Catedral dá pouca abertura para discussão de questões da atualidade. Ele destaca como ponto positivo as mudanças ocorridas nos cultos.

J: A catedral, acho que por ser a primeira, é muito conservadora. Eu consigo enxergar, lembro minha igreja em Angola até 2000, bater palma cantando era como se chama?

E: Proibido?Escândalo?

J: Escândalo. Usar atabaque em Angola um país africano! (...) mas isso não é dos americanos não é dos ingleses? (...) música clássica em Angola também é assim (...) essa força de mudança vem a partir dos jovens e encronta alguma oposição isso é normal.

E: São gerações diferentes...

J: Só que também não vou aceitar viver aquele tempo, quero viver meu tempo, mas dentro da igreja é o jovem que tem que se divertir (...) Ai já fala 'não faça isso', e quando sai eu vou fazer. Ah, então vou fazer, mesmo escondido, vou fazer (...) Então devemos discutir, vamos falar qual os temas que afugentam que inquietam, vamos falar sobre candomblé, umbanda, sobre judaísmo, temos que conhecer quanto mais nossos jovens conhecer.¹⁵⁴

Outros jovens trazem essa perspectiva de mudança e da pluralidade da igreja.

R: Eu, por exemplo, fui batizado na igreja da Glória no Largo do Machado, e não precisei ser rebatizado. Eu nasci né, e meus pais eram católicos e fui batizado lá. Era o padre Jonas que considerava um sacerdote e agora passei a vê-lo, ele é um sacerdote e me batizou(...) isso já é um habito ecumênico, mas isso é um lado bem pessoal, agora passei a ter um encantamento, nem me aprofundi, mas o que já vi do budismo achei bem interessante passei a respeitar outras religiões ao ponto de querer até visitar esse lugares... a cultura oriental, religião oriental, me identifico bastante, a coisa do hinduísmo, do budismo em si, até o ateísmo, passei a ver pontos coerentes, a ciência... desde criança fui muito ligado. Mas eu tenho minha coisa da igreja e ainda me identifico muito com igreja metodista.¹⁵⁵

O retiro de jovens da Catedral no ano passado foi o momento que ajudou compreender a tensão instaurada nessa “renovação” da qual falam as pessoas. Na viagem para

¹⁵⁴ Entrevista com Jonas, novembro de 2012.

¹⁵⁵ Entrevista com Roberto, dezembro de 2012.

o local do evento na Região Serrana, duas meninas vão conversando sobre diversos assuntos. Uma delas é pastora metodista, jovem, formada pelo Bennett. Militante do movimento ecumênico, feminista e engajada em projetos sociais. Conversava com outra jovem que é estudante medicina. Ambas discutiam assuntos como racismo e o papel da mulher negra na sociedade. Até que a conversa começou a se direcionar em relação a alguns movimentos que ocorrem hoje na Igreja Metodista em geral. Falavam de forma crítica de um artista gospel chamado de Tales Roberto, onde diziam que ele era uma versão gospel da música “ai se eu te pego”, ou um “ai se eu te pego gospel”¹⁵⁶. Aqui aparece o aspecto da presença de uma “essência” e de uma espiritualidade considerada saudável, que não quer ser identificada com o “mercado religioso”, mostrando sua rejeição.

No mesmo sentido foi o relato de Luis Fernando, membro da Catedral, recém retornado à igreja. Criado na Assembléia de Deus por anos. Após adolescência foi para a Nova Vida por meio de amigos. Justificou a escolha dizendo que a Nova Vida era menos rigorosa que a Assembléia de Deus. Ele disse que no começo “curtiu”, mas com o tempo achou tudo muito show, “parecia um circo”. Segundo ele afirmou, na Catedral encontrou algo mais “tranquilo”¹⁵⁷, onde as pessoas não ficam “fazendo aquela pressão” sem cobrança para conversão. Em meio à conversa perguntou se eu não tinha mais músicas evangélicas para ele copiar e pediu para carregar seu MP4 no meu computador. Aproveitou e pediu para copiar músicas “que não fossem do mundo”. Eu falei que “só tinha música do mundo” e rimos. Conversamos sobre essas coisas. Ele perguntou se eu tinha muitas amizades do mundo, como era isso. Eu falei que sim. Depois, olhando seu MP4 que estava no meu computador, achei músicas seculares, muitas de funk e hip hop. Mais um caso de um jovem que não encontraria lugar, devido à sua condição cultural em uma igreja mais rígida como a Assembléia de Deus com suas proibições, ou mais tradicional como uma Igreja histórica muito litúrgica. Essa juventude está à procura de uma igreja que dê credibilidade a eles, para se afirmarem como crentes na sociedade, sem serem vistos pela visão caricata presente sobre os evangélicos, chamados de “crentes”. A figura do pastor Bernardo Alves, com sua formação acadêmica e sua postura de mediador entre as diferentes esferas religiosas provoca certa admiração de todos.

¹⁵⁶ Diário de campo, outubro de 2012.

¹⁵⁷ Diário de campo, outubro de 2012.

Estes jovens possuem uma visão bem clara do projeto da Catedral. Tanto que nas entrevistas foram bem honestos em dizer que percebiam esses cultos diferentes como uma estratégia para garantir o público.

E: Dentro disso, dentro dessa visão, da importância dessas igrejas, você acha que a igreja metodista... Como está em relação a essas igrejas, no caso da Catedral você acha que esta sendo influenciada por esses movimentos ou não?

J: Acho que sim, um exemplo, aqui na Catedral agente tem quase três igrejas, uma pro culto de quinta-feira à noite que é uma igreja assim, digamos, mais fervorosas, tem curas, libertações tem essa faceta, até um pouco parecida com a assembléia, é um culto diferente...

E: ...tem umas senhoras bem parecidas com da assembléia de deus...

J: ...é, é... bate o pé no chão, grita né, é diferente. Domingo de manhã já é uma outra assim bem tradicional, com coral e a noite é contemporânea mesmo, voltada pros jovens, mais animada com palavra diferente, acho que é uma estratégia da igreja de atrair diferentes tipos de pessoas e mostrar que a igreja não ta alheia à sociedade as evoluções sociais, acho que acompanha junto, não acompanha os mesmos passos, mas de uma forma ela ta atenta ao que acontece na sociedade...¹⁵⁸

No retiro o pastor Júnior iniciou com uma fala explicando que “o retiro surgiu quando a política se misturou com a Igreja. A igreja primitiva os monges se retiravam das coisas do mundo”¹⁵⁹. Seguiu na abertura do no retiro com um culto, pedindo a público: “Dê as mãos ao irmão, se você entrelaçar as mãos, em um gesto simbólico, você está preenchendo as lacunas da vida da pessoa...”¹⁶⁰. As músicas e linguagem que falam o tempo todo de questões envolvendo sentimentos, tocam na afetividade, bem ao estilo do culto do avivamento. Neste momento estávamos todos sentados em círculo, luz de velas e de mãos dadas enquanto o pastor foi pregando com lanterna apenas. Falou do primeiro amor, tema do encontro, dizendo: “A criança que você era teria orgulho da pessoa que você é hoje?”, perguntou. Alertou aos jovens sobre o uso do celular e sobre “Não perder a chance de voltar ao primeiro amor”. O tom do retiro foi enfatizar essa religião da emocionalidade, através de cultos bem livres, com muitas músicas e dinâmicos. Predomina uma fala pastoral que está preocupada em dar conta dos dilemas atuais, onde a solução para os problemas emocionais e espirituais: “Pessoas pode estar aqui atormentadas, com vícios.. frias, sem intimidade com Deus, sem sua devocional”.

Em um dos intervalos pude presenciar uma conversa informal do pastor Júnior com um grupo pequeno. Perguntavam a ele sobre o consumo de bebidas e a participação de

¹⁵⁸ Entrevista com Joana, novembro de 2012.

¹⁵⁹ Diário de campo, outubro de 2012.

¹⁶⁰ Idem.

peças da igreja em festas “do mundo”, como são chamadas no meio evangélico. Detalhe importante é que para estes jovens em particular, é comum freqüentar casas noturnas na Lapa e na Zona Sul. Contudo, há sempre um resguardo e uma justificativa de que podem estar ali para “fazer a diferença”. Dizia o pastor que “para ser crente não precisa ser chato. Ir às festas e lugares seculares não inibe a salvação”¹⁶¹.

Outra questão foi sobre sexo antes do casamento. Nesta hora ele me olhou e em tom de brincadeira pediu: “Cuidado com o que você está anotando neste caderninho hein rapaz!”. Considerando os dados e o tempo em que estive com os jovens, acredito que minha presença ali ou não, a sua resposta não seria diferente. No culto eles falam de uma “vida saudável”, de uma “prosperidade sadia”, ou seja, são pessoas com certo nível intelectual que possuem um lado carismático, como uma ascese piedosa e mística (WEBER, 1974). Sobre a sexualidade não foi diferente a resposta. Segundo ele o problema é “não ter comprometimento, zelo, cuidado. Não é só proibir... você faz um elo com a pessoa”, mostrando aqui o apelo da ética. Logo veio a pergunta sobre bebida alcoólica. Ele ficou se equilibrando, disse que tem que contemporizar as coisas, e fez uma fala tentando ser o mínimo moralista possível e evitando ao mesmo tempo não afirmar que não via problemas em beber: “Os olhos de Deus não estão sobre os nossos pecados, mas sobre nossas virtudes. Se fumar e beber fossem pecado... mas se você faz pelo Reino de Deus, Deus não vai te punir... Deus não é uma ciência que você pode colocar no laboratório”. Sua postura com o grupo é de tentar quebrar a imagem de que na igreja as pessoas “levam uma vida normal como as outras”.

Na parte da noite interessante aconteceu uma festa à fantasia. Durante a oficina de dança as meninas mostravam entusiasmo como a professora que dizia: “Quando vocês estiverem em uma **feira de crente que tenha samba evangélico** vocês já podem dançar”¹⁶². As músicas que tocavam tinham vários ritmos como forró, salsa, samba, todas com letras evangélicas. Na festa, Roberto veio me procurar para falar sobre a música. Disse que não gostava desse estilo de música gospel, onde tocam todos os ritmos com letras “falando de Jesus”. Disse que acha isso “uma hipocrisia, pois as pessoas dançam da mesma forma, então, porque não poderia ser música secular?”. O mesmo conversava com a pastora Andréia, que me confessou achar aquilo uma esquizofrenia. Disse que era melhor fazer isso na Lapa. Mas

¹⁶¹ Idem.

¹⁶² Diário de campo, outubro de 2012, grifos do autor.

concorda que há uma repressão na Igreja, e as mulheres acabam sendo mais reprimidas por conta do corpo.

Na festa assim como nos cultos com a participação dos jovens, a questão do corpo e a sua expressão estão presentes o tempo todo. Não só do corpo, mas de uma ruptura causada com as formas estabelecidas pela história do protestantismo, da mudança de uma religiosidade tradicional que visava negar o corpo, e agora, ela transubstancia essa negação através da sacralização dos gestos antes proibidos. Não tem como proibir hoje um jovem de dançar. Então, que eles dançam para Jesus, pensam eles. As letras dos louvores são extremamente eróticas, assim como as festas, mas dentro dessa perspectiva onde tudo o que é do mundo se torna sagrado. É uma possibilidade pensar que, assim como na Idade Média, a igreja hoje está ressacralizando alguns contextos sociais que foram de certa forma, tirados da esfera do religioso. Por exemplo, a música e o lazer é um deles. As pessoas não rompem mais com o mundo, no que diz respeito à música e a festa/lazer. Agora, é possível dançar um samba sem ser do mundo. Se converter e continuar sendo metaleiro sem problemas. Na pista tocava funk (sempre gospel, como todos os outros estilos).

A religiosidade dos momentos de louvor gospel, assim como as diversas formas de êxtase carismático, traz consigo a dimensão do humano de uma sensibilidade dos gestos, mais corpórea, que aparece e encontra neste terreno carismático um espaço fértil para sua reprodução. Como afirma Geertz “o efeito alentador do cântico (como a doença mais comum é a tuberculose, na maioria dos casos ele é apenas alentador) reside, na verdade, em sua capacidade de dar à pessoa atingida um vocabulário nos termos do qual ele apreende a natureza de sua desgraça e relata-a ao mundo mais amplo” (GEERTZ, 1974: 121). O efeito festivo do louvor e o discurso que incorpora elementos como os estilos musicais contemporâneos, levam a perguntar o que a modernidade está fazendo com o protestantismo histórico hoje e o que ele está fazendo com ela.

7. TENSÕES EM CAMPO: A IDENTIDADE METODISTA ATUAL E OS CONFLITOS COM A RELIGIOSIDADE INTELECTUAL.

Após ter lido o questionário, Ana retornou com um ar indagador. Dirigiu-se a mim e disse: “Olha, não me leve a mal, mas essa sua pergunta aqui é questionável. Eu acredito na prosperidade e aí? Mas falo de uma prosperidade desde que você tem maturidade espiritual!”¹⁶³. Outra reação foi de Elida. Inicialmente um pouco hostil, veio com convicção dizendo que a minha pesquisa tinha alguns erros. Não concordava com as perguntas dizendo que não podia responder ao questionário. Exclamava inquieta: “eu sou carismática sim, acredito em Deus e nos dons do Espírito, mas isso aí que tem hoje é neurose”¹⁶⁴. Esposa de pastor metodista e psicóloga, quando muito jovem acompanhou sua irmã em São Paulo no ABC em uma visita à Congregação Cristã. Disse que ficou assustada com o que viu. Ela foi criada na igreja metodista, quando mais tarde teve contato com o caso da Dona Olívia, que, segundo ela, foi “a primeira mãe de santo convertida ao evangelho, antes mesmo da Universal”¹⁶⁵. Lembrou que Dona Olívia disse, certa vez, que quando olhava para os pentecostais via algo parecido com o que acontecia nos terreiros. Elida disse que comparando o que ela observa atualmente nesses movimentos carismáticos e as imagens de quando era jovem, acha tudo hoje muito mais exagerado e absurdo. Disse que não concorda e acha tudo forçado. Não vem aos cultos de quinta e acha que a igreja está indo por um caminho complicado.

Outro incômodo causado pelas perguntas do questionário veio à tona com João sobre a questão do Espírito Santo e a teologia da prosperidade. Justificava suas críticas anconrando-se em sua formação em teologia e direito. Também acredita no movimento do Espírito, assumiu-se como carismático e disse crer que Deus pode curar as pessoas de câncer e AIDS. Ele mesmo afirmou ter presenciado curas e milagres e não questiona que Deus possa fazê-los. Ao mesmo tempo concordou com Elida (os dois ficaram conversando horas comigo após um dos cultos) e disse ser estar e inconformado com o que está acontecendo na Catedral. Para ele a Catedral não passa por uma renovação carismática e sim outra coisa que “tem a ver com o mercado”. Recentemente Silas Malafaia participou de um programa de entrevista. Em um trecho falando sobre a prosperidade hoje:

¹⁶³ Diário de campo, dez 2012.

¹⁶⁴ A entrevistada referia-se aos movimentos pentecostais diante da pergunta feita no questionário. Idem.

¹⁶⁵ Diário de campo, dezembro de 2012

Existe o besteiro da teologia da prosperidade e existe a prosperidade da Bíblia. Não se trata dessa prosperidade do tipo vem pra Deus que você vai ficar rico. Agora, a prosperidade está em toda a Bíblia. O cerne da prosperidade é uma coisa que a Bíblia mostra que a pessoa pode ser próspera.. A Bíblia diz que a prosperidade é obedecer as leis de Deus. Tem um Salmo que é o 112 que diz assim: Bem aventurado o homem que teme ao Senhor e obedece aos seus mandamentos, a sua geração será poderosa, a sua descendência será grande, fazenda e riqueza haverá na sua casa. Se um pastor falar que prosperidade é só dinheiro, está enganando... Se você tem paz na tua casa, tem paz no seu coração, possui equilíbrio emocional, não vive endividado, isso é prosperidade. Deus trabalha com uma lei de recompensa o tempo todo.¹⁶⁶

Como foi visto, o pastor Silas Malafaia é um entre os nomes citados nas respostas sobre personalidades do cenário evangélico brasileiro. Na sua entrevista há uma proximidade com o discurso utilizado na Catedral quando falavam de uma “prosperidade saudável”. Ficou claro que não se identificam com as igrejas neopentecostais, assim como o pastor Malafaia também aponta em sua entrevista. Reforçam o argumento de que há uma tensão em relação aos neopentecostais. Na Catedral podemos identificar um esforço de uma busca institucional da igreja por um diálogo ou caminho encontrado através da organização dos cultos, atendendo ao perfil social dos frequentadores. Porém, é preciso destacar aqui que este equilíbrio organizacional não está isento de tensões, visto que existem algumas vozes discordantes que rejeitam essa proposta. Existem as pessoas mais antigas, que vivem saudosas de um “metodismo histórico”, no qual a Catedral Metodista é um símbolo desta tradição. Para estes grupos apegados a tradição histórica a igreja estaria se degenerando ao aderir a estes formatos de culto mais populares. Outros criticam a presença de um tipo de religiosidade evangélica que tem sido difundida nas igrejas a partir dos anos 1990 com a “explosão gospel”. Relatos como o de Ana, Elida e João mostram um pouco esse aspecto. A Catedral parece ter sido o último reduto do metodismo tradicional, com elementos históricos ainda presentes no cenário carioca. Outra igreja metodista que continua bem tradicional é a igreja de Vila Isabel.

V: Eu acho isso, estou na Catedral e dez anos que estou na Igreja Metodista. Por trabalhar na liderança dos jovens conheço muito outras igrejas e outras regiões, e nossa igreja, por ser institucional, depende muito de que pastor esta na igreja. No momento, assim, nossa igreja teve épocas que foi mais tradicional. **pelo pastor ser mais tradicional, quando entrei na igreja do Catete era mais tradicional.** O pastor Cláudio tem outra visão, então pode vir um pastor mais tradicional e a igreja vai mudar de novo. **A igreja acaba acompanhando muito o movimento do pastor, de como é, depende muito.** Tem uma igreja que pra mim é a de Vila Isabel, é uma igreja extremamente tradicional, pois o pastor era tradicional. Mudou de pastor esse ano e você vai lá e a igreja já tá diferente, o pastor lá é mais avivado,

¹⁶⁶ Trecho da entrevista feita no programa “De frente com Gabi”, da Rede Globo, no dia 3/2/2013. Endereço eletrônico em: www.youtube.com

então você consegue ter essa... O pastor tem muito esse movimento. O Jardim Botânico esta mais tradicional, pois o pastor de Vila Isabel foi pra lá. **(que é ser avivado? Interessante...)**

E: o Jardim Botânico era mais avivado?

V: Era mais, era mais avivado, hoje voltou a uma linha mais tradicional. Depende muito do pastor que vai vir. O pastor Cláudio tem essa linha, o que vai vir pra cá no ano que vem não. Acho que vai mudar porque tem uma linha parecida do Marcelo, então, todas as mudanças que vi acontecer dependem do pastor e a igreja segue.¹⁶⁷

No caso da Catedral, podemos pensar que por ser uma igreja de Zona Sul, ela precisa dialogar com o trânsito cultural que atravessa semana após semana seus cultos. Precisa dar conta de pessoas centenárias que passaram por lá, nascidas no metodismo, assim como das acompanhantes destas pessoas que acabam se tornando membros da igreja após o falecimento de seus patrões. Como dona Creuza, uma senhora que conheci. Frequentava a Catedral por conta de sua patroa recentemente falecida, que era membro da igreja. Morreu aos cem anos. A acompanhante disse ter frequentado a Nova Vida de Botafogo, mas começou a se sentir melhor ali no Catete, pois prefere os horários dos cultos, que não atrapalham o seu gosto por assistir televisão domingo à noite. Estamos falando de uma igreja que tenta a todo custo, manter seus membros flexibilizando a oferta dos serviços religiosos. Mais tarde dona Nádia me revelou que na terça-feira tem até um culto de “cura e exorcismo”, feito por um pastor metodista de Queimados que vem fazer orações específicas sobre problemas das pessoas. A igreja possui uma dinâmica intensa, abrindo todos os dias para um tipo de reunião diferente. Pela manhã durante a manhã, ocorre uma reunião de oração (8h), o que possibilita às pessoas de diversas denominações evangélicas terem um momento para sua prática religiosa. Muitos porteiros, pedreiros, donas de casa aposentadas da localidade, enfim, uma gama de pessoas que entram por aqueles portões históricos.

N: Tem um pastor aqui que faz pra gente.

E: Quem?

N: Reverendo Altair, é de terça de 11:30 às 14:30 da tarde, no salão social. É individual, fica a pessoa ali, chega, tem livro, põem seu nome na ordem de chamada... Olha, quanta gente que precisa, tá oprimido, com problemas sérios, familiar, ele ora, faz libertação e muita gente endemoniada, você pensa, ah, só o pessoal ai de fora tem [demônio], que nada, deu brecha o demônio entra mesmo, o demônio está doido pra entrar na igreja, mas aqui dentro ele faz esse trabalho. Vem em média em cada terça feira, de 25 a 30 pessoas, toda terça. Tem gente que se recupera, tem gente que não é nem da igreja, a maioria não é, mas falam: Olha, vai lá no pastor Altair...

“E: Pastor Altair, ele é metodista?”

N: Reverendo Altair, ele é lá de Realengo se não me engano...

E: Ele vem para cá?

¹⁶⁷ Entrevista concedida em novembro de 2012. Grifos do autor.

N: Ele faz o trabalho aqui e outro dia no Jardim Botânico. Já é antigo na metodista, tem a igreja dele, mas vem **fazer esse trabalho (interessante esta expressão...)** aqui conosco, por que tem que ter dom pra isso. Também por que é cansativo. Teve uma ocasião muito mal, com problema cardíaco, pensamos até que ele ia morrer, teve muito mal, mas graças à Deus está aí de volta. Quanta gente é liberta, problemas de marido e mulher querendo separar vem e... Outro trabalho muito bom que o pastor Bernardo Alves fazia, ele reconciliou muita família aqui e com a saída dele tenho certeza de que muita gente vai sair entendeu.¹⁶⁸

Estaria a Catedral se tornando uma grande empresa de prestação de serviços religiosos? Considerando que a renovação carismática do Metodismo brasileiro ocorre desde a década de 1960, podemos afirmar que a Catedral está se pentecostalizando? Como foi analisado momento inicial as questões ideológicas em torno dos usos e apropriações estariam indicando uma “pentecostalização”. Foi visto que o pentecostalismo presente em outras comunidades metodistas é fruto das ondas de “renovação” e “avivamentos” que ocorrem no metodismo, assim como em outras igrejas históricas a partir da década de 1960. A Catedral, por estar situada na Zona Sul, passa por este momento histórico forte de mobilidade acelerada, de desenraizamento de identidades e expansão da mídia, porém, devemos questionar se estas transformações estão ou irão provocar o desaparecimento da identidade metodista. Ao mesmo tempo é questionável uma interpretação que parta do enfraquecimento institucional diante de uma exacerbada individualização da experiência religiosa pela modernidade. Um dos motivos que levam as pessoas para a Catedral é justamente o referencial simbólico de uma igreja tradicional, pela formação acadêmica dos pastores, seu discurso por uma “espiritualidade saudável”, que concilia o “lado espiritual” com uma dose de racionalidade em uma espécie de razão sensível. Ao mesmo tempo a igreja mantém um “serviço e libertação” com um pastor que possui “esse dom” para atender pessoas que não são da comunidade. Talvez estejamos diante de uma experiência de interações entre as relações e os agentes religiosos, se constituindo enquanto um espaço que engloba desde “os interesses mágicos à sistematização moral da religião”. (BOURDIEU, 1992, p. 84-85).

Ainda existem elementos tradicionais na igreja do Catete que convivem com as práticas religiosas que dão um tom mais pentecostal. Por um lado temos a Catedral sendo forçada pela modernidade a dar conta das diversas demandas religiosas. Poderíamos pensar em uma religiosidade peregrina, pois temos a presença de um trânsito religioso com pessoas oriundas de outras denominações, que passam por pentecostais, neopentecostais e algumas

¹⁶⁸ Entrevista com Nádia, dezembro de 2012.

poucas protestantes históricas. Estaria a modernidade forçando as portas centenárias da Catedral do Catete para aderir ao mercado religioso atual?

Para esse momento novo há também “novos movimentos religiosos”. Assim o “consumidor” (o rei do pedaço) poderá “livremente” exercer o seu direito de escolher o melhor “cardápio simbólico” para si, independente da tradição. Ou, para sermos mais coerentes com a hipótese aqui exposta, o consumidor poderá, a partir dos ingredientes oferecidos, ele mesmo montar o prato que lhe convém. Até agora ninguém questionou que, antes de ser colocado no “balcão”, **alguém**, obedecendo certas lógicas “ocultas”, fez a escolha, é claro, para “facilitar” a vida do “consumidor” religioso! (CAMPOS, 2004, p. 163).

É possível pontuar a questão a partir das motivações pessoais trazidas pela modernidade nestas mudanças ocorridas na Catedral: As pessoas querem estar atualizadas com as “últimas novidades da cidade”, deixando de ser uma igreja do passado. Enquanto um público em sua maior parte oriundo da classe média, possui uma afinidade com a linguagem do movimento gospel assim como uma forma de ser evangélico sem ser discriminado como “ignorante” ou “alienado”. O culto do avivamento nos diz o tempo todo: “Venha ser feliz sendo crente! Venha viver seus sonhos, realizar seus desejos, aqui não vamos te proibir ou fazer de você uma pessoa antiquada”. O tempo todo o visor de LCD passando as letras das músicas, e cada letra trazendo uma imagem no fundo, com pessoas felizes, crianças sorrindo, imagens que acionam o nosso imaginário assim como são feitas nas propagandas da mídia.

Não aderem abertamente a “linguagem carregada” do exorcismo-cura-libertação das “neopentecostais”. Estas práticas ficam de forma subterrânea no porão da Catedral (a reunião citada anteriormente ocorre no salão social que fica no subsolo do templo). Estes momentos em que há maior ênfase com práticas pentecostais acontecem isolados dos grupos mais tradicionais: No culto de quinta-feira ou em reuniões durante a semana, como essas sessões de libertação. Em linhas gerais, a igreja acaba preferindo um pentecostalismo não tão aguerrido, buscando ocupar o seu espaço no campo religioso oferecendo essa “religiosidade salutar”. Uma espécie de psicologização em que se tem uma menor ênfase na personificação do mal na figura do diabo, para uma religiosidade que fala do “drama da vida”, da “solidão”, da “perda dos sonhos”, com tipo de rótulo psicológico que referenda seu discurso que é comum até mesmo na literatura “gospel” atual. São as mensagens “adocicadas” da música gospel que pregam uma vida de sonhos, onde tudo é possível em que a vida se torna uma grande “Disneylândia”. Ela deixa de ser tradicional quando se afasta dos hinos e temas tradicionais e sua mensagem de “salvação”, “arrependimento” e “negação do mundo”, bem ao estilo da ética pietista do metodismo. No passado havia uma repulsa moral do mundo. Hoje se

presencia uma aproximação da religiosidade na busca pelo do bem-estar e daquilo que o mundo pode oferecer, sacralizando e se apropriando destes espaços. O afastamento moral permanece, mas sem a perda do aprazível. Uma das formas de conjugar essa relação entre o moralismo evangélico e a fruição do mundo está na forma como a experiência religiosa se apresenta, utilizando uma linguagem moderna, de uma igreja que se propõe a ser aberta aos novos movimentos culturais, que investe em tecnologia e na imagem institucional, fazendo uso das diferentes formas midiáticas. A mensagem dos louvores assume uma linguagem mais sensual, fala dos sentimentos, onde tudo na vida passa pelo coração, mas veja, coração este que não segue seus desejos apenas. Esses desejos sempre devem ser conduzidos pela orientação divina. Falam de renovação e de encontro do “sentido da vida”, esperanças e respostas para problemas sentimentais presentes em nossa sociedade. Problemas como a crise familiar, questões amorosas, todos são traduzidos ali no rito do culto, nas mensagens, orações e nos louvores. E isto tem ocorrido em outras igrejas, como a IURD tem demonstrado certa atualização deste discurso, basta ver suas publicações que falam de problemas emocionais, crise da família e depressão (ver anexos). A diferença está na forma como são tratados os problemas. Na Catedral, dependendo do culto, o problema pode ser “do diabo”, se for no culto de libertação ou “da falta de fidelidade ao verdadeiro evangelho”, caso esteja no culto do avivamento. São as múltiplas formas de religiosidade que conferem “mecanismos múltiplos de identidade” que se configuram através do pertencimento a uma instituição (LEHMANN, 2012:225). A diferença é que na IURD o estilo de culto é sempre o mesmo, enquanto na Catedral há uma organização mais eficiente onde os cultos possuem uma afinidade com o perfil social de seus frequentadores.

Mas apesar de ser parte de um “mercado religioso”, a abordagem aqui aponta uma tensão onde as pessoas aderem aos cultos não apenas como a um produto do mercado, mas de forma afetiva. Na Catedral ocorre o envolvimento das pessoas a partir de uma religiosidade que promete um bem estar ou qualidade de vida. Não obstante, esta situação instável das instituições religiosas atuais, diante deste cenário onde tudo se torna mercadoria, é preciso de um certo cuidado, pois quando falamos da experiência religiosa não se está falando simplesmente de um mercado. A adesão religiosa está inserida no processo de elaboração da cosmovisão religiosa. Como diria Geertz (1974), os símbolos sagrados induzem nos seres humanos algumas disposições que fazem da experiência religiosa uma experiência mesmo, diferenciada da prática religiosa, constituindo assim uma tensão qualitativa entre os fenômenos sociais (GEERTZ, 1974, p. 113). A experiência religiosa da Catedral se dá tensão

entre a tradição religiosa e a religiosidade como experiência, que tem como fonte os afetos humanos e sua necessidade de dar conta do mundo em que vive. As causas que levam as pessoas à Catedral passam por herança religiosa familiar, assim como por decisões pessoais de pessoas que viveram traumas com igrejas no passado, e encontram no jeito de ser da Catedral, com seu formato “moderno” de cultos diferentes, onde não se tem, em certa medida, uma rigidez moral tão acentuada e uma mensagem que promove o viver em paz sua crença religiosa.

Este lugar de paz, essa religiosidade que estabelece um diálogo com a atual matriz pentecostal, possui uma relação com o lugar do sonho e da afirmação de uma vida com esperança que é pregada nos cultos da Catedral. Ali a religiosidade é um lugar dos anseios sociais que se manifestam de forma mítica, na narrativa, no incentivo à realização dos sonhos pessoais, de um “Deus que cuida do seu coração” como parte de uma história narrada em sua própria história pessoal (BURDICK, 1999, p. 56). A grande questão aqui é pensar de que forma esta religiosidade é uma experiência que tem como fonte um carisma pessoal, sendo parte de um esforço humano de compreender e dar conta da realidade, passando assim pela forma de agenciamento dos indivíduos, ou se esta liberdade de escolha não está inserida em uma religião que se tornou pasteurizada e instrumentalizada pela democracia do consumo moderno. Tudo isto deve ser pensado no contexto atual que parte desta realidade unidimensional (MARCUSE, 1967) do ser humano contemporâneo, de uma vida onde as escolhas e sonhos já nascem fabricados, como desejos de crianças encaixotados nos desenhos da Walt Disney, assim como os desejos dos adultos de uma vida de bem-estar já pré-fabricados nas capas de revistas sobre moda, beleza e sexo.

A Catedral preserva esta tradição tendo como princípio o objetivo de ser uma comunidade que está imbuída em seu projeto de pluralizar as práticas religiosas, para atender aos diferentes grupos que ali frequenta. Foi visto que no culto da manhã alguns elementos históricos são mantidos em decorrência de uma parcela da comunidade ligada à identidade mais histórica do metodismo. Os jovens vieram de outras denominações, já cresceram acostumados com essa maleabilidade institucional. Roberto teve o pai convertido na universal e depois se mudou para o Catete. Atualmente namora uma jovem médica de origem presbiteriana que veio de outra cidade. Joana veio do subúrbio de uma família de batistas. A única questão para eles é adequar alguns pequenos detalhes da prática religiosa à sua visão de

mundo. E os que não se adequam, vão sendo incorporados na lógica moderna da capacidade de relativização dos costumes tendo como objetivo um algo maior: “Viver bem e feliz”.

Há uma linha muito frágil entre essa “fraqueza institucional”, que pode estar ligada a um discurso que remete a uma parcela do protestantismo intelectual que, como João e Elida, sentem saudades do “metodismo histórico” e se sentem excluídas na igreja atualmente. Identificar nestas narrativas, elementos que colocam em questão as relações entre a religiosidade protestante tradicional diante das mudanças causadas pela modernidade no campo religioso evangélico brasileiro, é um desafio que precisa ser encarado e que não está esgotado nesta pesquisa.

Assim, a igreja passa por um processo de mudanças ligadas ao seu contexto social e que tenta estar dialogando com dinâmica do campo religioso atual, marcado pela necessidade de abri-se diante das diferenças no contexto das questões de intolerância religiosa na atualidade. A igreja procura neste processo estar em diálogo com a modernidade que tudo pulveriza em elementos que são facilmente permutados entre os diferentes grupos. Há de se desconfiar que na Catedral estamos diante de uma experiência de “renovação carismática”, ou um tipo de “avivamento” como foi o movimento metodista iniciado por Wesley e nos primeiros sopros do pentecostalismo na América Latina. A naturalidade com que as pessoas lidam com elementos que em outras épocas seriam motivos de verdadeiras guerras santas, como o caso do batismo infantil, ou os dons do Espírito Santo e até mesmo a flexibilização da opinião sobre a prosperidade, elementos que vão sendo inseridos em um discurso que quer dar conta de evitar as tensões. Seria a Catedral como um paciente em estado vegetativo? Ele possui todos os recursos que a medicina pode oferecer. Deitado em seu leito, não sente a mínima dor. Ele olha para o lado de fora da janela, avista uma criança descalça brincando na terra. Sentada suja de barro, passa a mão na boca, nos olhos, correndo o risco de pegar inúmeras bactérias. Seu rosto traz um sorriso livre e espontâneo enquanto cria seus mundos imaginários na areia. Fica a pergunta sobre que tipo de sociedade é possível quando se perde a capacidade de viver, quando os conflitos são relativizados. Qual o tipo de sociedade é possível quando esse estado de felicidade vegetativa, que nega a tensão, que tenta organizar as diferenças, que tudo negocia sob o imperativo da inclusão das diferenças? Estaria este tipo de religiosidade refletindo o que dilema trazido pela modernidade?

Ninguém sabe ainda quem no futuro vai viver sob essa crosta e, se ao cabo desse desenvolvimento monstro não de surgir profetas inteiramente novos, ou um vigoroso renascer de velhas idéias e antigos ideais, ou – se nem uma coisa nem outra – o que

vai restar não será uma petrificação chinesa [ou melhor: mecanizada], arrematada com uma espécie convulsiva de auto-suficiência. Então para os ‘últimos homens’ desse desenvolvimento cultural, bem poderia tornar-se verdade as palavras: ‘Especialistas sem espírito, gozadores sem coração: esse Nada imagina ter chegado a um grau de humanidade nunca antes alcançado. (WEBER, 2004, p. 166)

São questões que abrem espaço para outros temas sobre o fenômeno religioso atual. A necessidade de uma igreja que se modifica, legitimando sua prática com um discurso que tende a aliviar as tensões, aponta o caminho onde a resposta ao impasse entre ser “pentecostal” ou “tradicional” está atravessada por um jogo de disputas onde os diferentes agentes estão o tempo todo negociando e reconfigurando seus discursos. Sobre a Catedral parece pairar, não um “sopro carismático” do Espírito ou de um movimento social que quer romper com a tradição, mas a lógica da racionalidade que através de uma pluralidade moderna, está apontando para uma relação entre a religião e a lógica da sociedade atual que pretende a inclusão em massa, essa insistente demanda da democracia do presente que insiste em um projeto de inclusão total das diferenças.

Sem a simplificação de que a Catedral esteja aderindo ao mercado religioso, e nem negar as reações dos diversos grupos dentro da igreja. Existe vida pulsando naquele espaço religioso. Não apenas dos cultos avivados, mas nas tensões e arranjos encontrados nas diferentes identidades que constituem aquele campo religioso. Existem pessoas resistindo e disputando espaços. Contudo, é preciso destacar que estas transformações vão normalizando práticas que antes passavam pelo registro do absurdo e do escândalo, como as manifestações de êxtase e outros elementos circunscritos a cosmovisão pentecostal, que antes eram problema para as igrejas históricas.

Pode-se pensar que na Catedral há uma experiência religiosa que dialoga com os diversos elementos do campo religioso evangélico, a partir de uma prática institucional que traz elementos da cosmovisão pentecostal que não abandona elementos da tradição metodista. O discurso religioso deste grupo se identifica assim com os valores da sociedade atual. Ocorre do ponto de vista institucional uma grande força organizadora da experiência religiosa e tensões com as diferentes experiências religiosas que atravessam este pequeno grupo. Não é possível dizer se tal transformação pode ser considerada “carismática” como os intelectuais protestantes dizem sobre o movimento. É possível que estejamos diante de um fenômeno religioso que traz influências da modernidade onde até mesmo a experiência carismática está inserida na lógica da inclusão e da pluralidade.

8. CONCLUSÃO

Esta dissertação teve como objetivo tentar compreender as mudanças ocorridas no protestantismo histórico atual podem ou não indicar um processo de “*pentecostalização*”. Embora essa fosse uma questão mais ampla que norteou o trabalho, ele foi feito a partir de um estudo de caso em um templo de uma denominação histórica no Rio de Janeiro. Apesar de a pesquisa de campo ter seus limites, acredito que os dados e reflexões feitas aqui nesta pesquisa possam contribuir para a compreensão do fenômeno religioso atual, em particular, sobre o protestantismo histórico e as mudanças ocorridas no atual cenário religioso.

Após a análise dos dados e as reflexões deste estudo de caso, é possível supor que o processo de pentecostalização das igrejas históricas constitui algo além da simples adesão de práticas pentecostais. As análises feitas a partir da pesquisa de campo na Catedral do Catete, indicam a complexidade das mudanças do campo religioso, envolvendo a ação dos agentes religiosos, indivíduos, instituição e fatores externos que revelaram mais do que uma simples adesão a elementos e práticas pentecostais. Os resultados apontam para possíveis mudanças na identidade religiosa das igrejas históricas, que podem ocorrer em torno de uma resignificação e diálogo com as práticas presentes no campo evangélico atual que ainda contam com uma grande influência da religiosidade pentecostal. Assim, é possível apontar algumas conclusões e outras questões que podem ser discutidas a partir deste quadro.

Não apenas um patrimônio histórico e marco inicial do metodismo, a Catedral atravessa até este instante um contexto onde se encontram diferentes estilos de cultos, que vão do mais tradicional aos cultos de libertação e avivamento, bem ao estilo das igrejas evangélicas de linha pentecostal. São cultos com uma liturgia mais livre, pregações simples e uma grande ênfase na música, o chamado “ministério de louvor”. Estes cultos distintos revelaram a pluralidade do cenário religioso atual, onde a igreja passa por um processo de resignificação de sua identidade, que “empurra as religiões a liberar-se do aparato *hard* de suas mensagens e escolher a *soft* do diálogo, da linguagem das emoções e dos afetos” (PACE, 1997, p. 38). O que dizer então sobre este fenômeno da “*pentecostalização*” a partir da Catedral do Catete e ao protestantismo histórico atual?

Em primeiro lugar foi visto que a “*pentecostalização*” à qual se referem os intelectuais e lideranças ligadas ao protestantismo histórico, é vista como um processo em que a religiosidade mágica/encantada do pentecostalismo pode representar uma degeneração da

tradição histórica. Neste sentido, a pluralidade que afeta as identidades religiosas no mundo contemporâneo constituem uma ameaça a estas instituições. Uma análise apressada da Catedral afirmaria que ela incorporou em suas práticas religiosas elementos do pentecostalismo e neopentecostalismo a fim de sobreviver no cenário evangélico. Estariam assim os históricos aderindo ao pentecostalismo como saída para seu estado de “mumificação” institucional, conforme observou Pierre Sanchis (FERNANDES, et. al., 1998, p. 151). Seria uma tentativa institucional de conseguir sobreviver no cenário religioso. Os diferentes cultos são assim, a forma encontrada de organizar as diferentes práticas religiosas, mantendo-se na estrutura institucional. No entanto, a hipótese de que a pentecostalização seja um reflexo da destradicionalização da experiência religiosa precisa ser repensada. Conforme foi demonstrado, não se tratam de indivíduos que vivem uma religiosidade “bricolada” como se refere Hervieur-Léger (2008), com sua colagem de práticas de diferentes matrizes religiosas. Observou-se que os entrevistados têm claramente uma identidade cristã evangélica, que comporta a particularidade da sua identidade histórica (no caso, metodistas) e no entanto, esta identidade se mostra inserida em um arcabouço maior, no caso, a identidade evangélica atual. Esta identidade se dá a partir do reconhecimento de elementos comuns, como como a ênfase na salvação pessoal, a aceitação das experiências carismáticas como a crença nos dons do Espírito Santo e os cultos com características pentecostais e influenciados pelo movimento *gospel*. Contudo, estes elementos que originalmente surgiram no mundo pentecostal, são resignificados no contexto das igrejas históricas, como o caso da Catedral, onde o a presença destes elementos não gera um cisma/ruptura, como ocorrido nos anos 1960, e também não se configuram como um processo degenerativo, pois segundo os relatos e dados da pesquisa, os agentes não se vêem como perdendo sua identidade, mas sim como se a igreja estivesse acompanhando as mudanças ocorridas no cenário religioso. A definição do próprio reverendo Bernardo Alves, assim como o discurso de alguns entrevistados mostraram não haver problemas, tendo em vista que a igreja precisa, segundo eles mesmo, “se atualizar”. Claro, é preciso destacar que esta voz não é unívoca, pois foi visto que este posicionamento da igreja gera tensões com grupos mais tradicionais, que ainda resistem à proposta institucional da Catedral, com os cultos temáticos, convites de cantores *gospel* nos cultos e as reformulações litúrgicas. Foi visto que o cristianismo é uma religião que tende a abranger sob um teto comum diferentes formas de crenças. Apesar dos esforços para manter a ortodoxia, é característica do cristianismo ser uma religião plural, que assim como é a tendência das religiões ocidentais que visa incorporar elementos mágicos no processo de institucionalização (BOURDIEU, 1992; LEHMANN, 2012).

Os dados apontaram sim, um certo trânsito religioso entre as diferentes denominações. Contudo, estas mudanças não representam rupturas. Alguns dos fiéis entrevistados inclusive se identificavam como evangélicos, antes de fazerem referência a certa tradição denominacional. A mudança entre igrejas se manteve dentro do universo evangélico. Pode-se dizer que as motivações que levavam às mudanças para a Catedral estão mais ligadas à adesão de o estilo dos cultos, assim como o discurso diferenciado, que dialogam com a simbologia pentecostal mas mantendo elementos éticos da tradição. Com isso, um dos apontamentos iniciais é que este fenômeno da pentecostalização é uma categoria acusativa dos estabelecidos dentro de uma tradição histórica. Na verdade, pode-se pensar que esta experiência religiosa está indicando o surgimento de uma “macro-identidade evangélica”, conforme destacaram recentemente alguns autores (MARIZ & GRACINO JÚNIOR, s/d). Sendo assim, a pesquisa aponta que o fenômeno chamado “*pentecostalização*” pode indicar um processo mais amplo, que compreende as mudanças ocorridas não apenas na Catedral, ou em outras igrejas que possam estar passando por transformações semelhantes. Pode-se afirmar que na Catedral há um esforço de resignificar os elementos da matriz pentecostal que emergem através do fluxo identitário religioso que percorre seu interior, reinventando-os à luz de sua tradição. Conforme o próprio pastor Bernardo Alves afirmou, que a Catedral através destas mudanças vem tentando dialogar com a “modernidade religiosa”, no entanto, sem fazer parte dessa “*pentecostalização*”. O pastor mostra-se crítico, assim como os intelectuais, indicando não concordar com o que diz ser a “mercantilização da fé” pelas igrejas neopentecostais. Ao mesmo tempo, diz que não há como não assumir algumas mudanças, principalmente no campo litúrgico, como o caso dos cultos avivados e das campanhas de libertação. Porém não se pode reduzir este fenômeno a uma simples instrumentalização institucional.

O caso da presença da teologia da prosperidade é um exemplo disso. A maior parte dos entrevistados mostraram-se bastante críticos. No entanto, não rejeitavam a ideia de prosperidade. Da mesma forma nos “Cultos de Libertação” onde o incentivo da prosperidade é acompanhado pelo discurso ético criticando a mercantilização, apontando para o que foi chamado de “prosperidade saudável”. Nesta ótica ocorre a aceitação da prosperidade, desde que seja “saudável”. Ou seja, uma resignificação ancorada em uma fundamentação ética que a igreja oferece aos seus fiéis. Algo como do tipo “aqui podemos ser pentecostais, avivados, prósperos e agradar à Deus”. No discurso nativo, a Catedral realiza um “mix” de elementos da modernidade religiosa sem perder a sua essência, em linguagem dos agentes, que é a de oferecer uma “boa teologia” e referenciais ético-morais. Este cenário remete uma outra

perspectiva contrária a dos intelectuais protestantes e sua crítica à “*pentecostalização*” das igrejas.

Esta “*pentecostalização*” como foi problematizada pelos intelectuais protestantes, revelou na verdade a disputa de identidades em torno de grupos de lideranças e acadêmicos ligados à igreja que se vêem ameaçados diante da “invasão gospel”. Este preconceito se dá a partir da dinâmica entre religiosidade intelectual e a emocionalidade do pentecostalismo, que aparece na ênfase do culto de adoração que é centrado na experiência do louvor comunitário. No entanto, a análise mostrou um quadro diferente, rompendo com essa distinção entre religiosidade mágica e intelectualizada. Os dados mostraram que a Catedral é uma igreja com pessoas que possuem com formação intelectual. Mesmo a amostra não tendo representatividade quantitativa, os dados apresentaram indícios de que ali se encontram experiências religiosas de pessoas que possuem uma formação intelectual e ao mesmo tempo se mostram abertas e praticantes de uma religiosidade encantada. Porém, no caso dos membros da Catedral, não chega a ser uma religiosidade pentecostal “*strictu senso*”, mas sim, uma espécie de pentecostalismo “à metodista”, com uma grande ênfase no emocionalismo, na experiência pessoal com Jesus e a crença nos dons do Espírito Santo. Mas mesmo estes elementos pentecostais surgiam no discurso de uma “religiosidade saudável”, que insiste em mostrar que o fato de serem carismáticos não significa que se identificam com grupos como a IURD. Negam a teologia da prosperidade “como acontece por aí”, no entanto, assumem a possibilidade de serem prósperos. Uma prosperidade resignificada no contexto da Catedral.

Como afirmou o bispo Paulo Ayres em seu artigo (citado), de que hoje a gente é somente evangélico, este quadro implica tensões no campo religioso. Foi visto assim que estas mudanças trazem a insatisfação de uma liderança da igreja diante da “desvalorização” da tradição metodista por parte de seus fiéis e uma ameaça de que estes valores confessionais estariam se diluindo no “somente evangélico”. Por um lado esse ponto de vista revela as disputas entre os discursos religiosos que sempre estão sendo negociados e agenciados pelos diferentes grupos sociais de acordo com seus interesses: O trabalho religioso daqueles que produzem o discurso, os sacerdotes, oficiais, instituições, interessados “pelo monopólio da gestão dos bens de salvação” (BOURDIEU, 2007, p. 32) e por outro, aquilo que os fiéis fazem em sua religiosidade cotidiana que nem sempre estão sob a vigilância ou controle institucional. Assim é visto este conflito de identidades presentes através do esforço dos segmentos tradicionais da igreja que desejam manter a tradição. Isto leva à permanência dos

cultos tradicionais pela manhã.

As mudanças atuais ocorridas nas igrejas protestantes históricas podem estar relacionadas a tendência apontada neste cenário. Segundo lideranças da Catedral Metodista, não há como enfrentar o cenário religioso brasileiro hoje sem fazer algumas concessões. Falar de tradição histórica, de identidade metodista é algo complicado. Segundo esse discurso as mudanças são inevitáveis. A Catedral convive com um fluxo muito grande de pessoas de perfis sociais distintos. Por conta dessa transitoriedade dos fiéis, a Catedral não insiste em uma filiação institucional no rol de membros da igreja. Ao mesmo tempo as pessoas criam laços e acabam sendo fidelizadas à instituição, que no final, acaba atendendo as diferenças identitárias do campo religioso.

O cenário evangélico atual precisa ser considerado como fator que influenciou estas mudanças. Um dos casos observados na Catedral é a presença da música que é um elemento simbólico importante no campo evangélico. Conforme observou Magali Cunha (2012) em entrevista à revista ¹⁶⁹ eletrônica IHU On-line, a “cultural gospel” no atual cenário religioso é o “jeito de ser evangélico” (CUNHA, 2012), o que segundo ela é o motivo em que “os grupos religiosos tradicionais têm muita dificuldade de acompanhar as transformações socioculturais”. No entanto o caso da Catedral aponta em outra direção. A igreja tem conseguido dialogar com a cultura gospel, isso se deve principalmente ao arranjo entre ao relacionamento entre a liderança, que inclui os pastores e o grupo jovem, que contam com um pastor e com outros leigos que constituem o “ministério de louvor”. E estas mudanças não estão restritas apenas no universo da Catedral. Como mostrou a história recente do metodismo, há um esforço institucional em mudar o perfil da igreja. Algumas pesquisas recentes feitas por pastores que fizeram pesquisas no campo das Ciências da Religião estão mostrando tentativas de compreender e dar um sentido a estas mudanças. Estes estudos destacam os documentos e as mudanças históricas no metodismo brasileiro a partir dos anos 1970/80. A partir deste período a Igreja Metodista adota um discurso inclusivo, que busca conciliar as diferentes identidades a partir de uma proposta institucional. A aceitação dos “dons e ministérios” mostrou ser um fator importante, que possibilitou uma legitimação institucional destes elementos do pentecostalismo, como o “louvor gospel” que aparece na

¹⁶⁹ Entrevista publicada em setembro de 2012 concedida à Revista IHU On-line. Endereço eletrônico da entrevista é: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/513140-pentecostais-e-a-busca-de-satisfacao-individual-entrevista-com-magali-do-nascimento-cunha> [acessado em dezembro de 2012].

forma do “ministério de louvor”. A identidade assumiu uma imagem plural, e assim não há ruptura, algo bem parecido como a Igreja Católica.

Sendo assim, não se pode dizer que ocorre uma “*pentecostalização*” no sentido degenerativo dos intelectuais. Há uma nova religiosidade surgindo no cenário evangélico, que encontra em torno de elementos e práticas litúrgicas comuns, como o momento de louvor e mantendo algumas crenças que são comuns tanto no metodismo quanto no pentecostalismo, a saber, a doutrina arminiana da salvação alcançada por méritos decorrentes da busca pela santidade. Outro elemento é a ênfase em uma experiência religiosa marcada pela emocionalidade, e na experiência subjetiva de conversão e de momentos de efusão religiosa e manifestações do Espírito, comuns no metodismo e pentecostalismo, assim como a crença nos dons do Espírito. A diferença é que na Catedral não ocorre o condicionamento dado no campo pentecostal, onde para ser “cheio do Espírito” é imprescindível a glossolalia. Na Catedral encontram-se tais práticas, porém, não são determinantes, isto se deve à compreensão metodista do que é “ser cheio do Espírito”. Ser “cheio do Espírito” na Catedral é buscar uma religiosidade que incorpora todos estes elementos à luz de uma matriz ética que é atribuída a sua condição de igreja histórica.

É possível que estas transformações estejam ocorrendo como consequência das motivações religiosas do mundo contemporâneo. Os cultos “avivados”, as mensagens pregadas nos sermões e nas letras das músicas apontam para uma experiência religiosa que prega o bem estar e a qualidade de vida, onde a espiritualidade ganha um contorno novo. Apesar de manter-se ainda sob a sua matriz pietista e puritana, o metodismo na Catedral aponta para uma vivência religiosa que permite a fruição e aceitação do mundo, desde que ele seja revisitado dentro do seu universo de valores religiosos. Interessante observar Riobaldo falando sobre os metodistas, “... quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles” (ROSA, 1994, p. 15). O conflito de identidades entre os grupos intelectuais preocupados em preservar sua “herança histórica” e a efusão religiosa que atravessa as instituições, assim como o esforço institucional das igrejas em dar conta das transformações do campo religioso, levam a necessidade de rever as categorias que são utilizadas para compreender o fenômeno religioso atual. É preciso buscar novos referenciais analíticos que possam romper com categorias cristalizadas. Esta pesquisa mostrou que as igrejas históricas estão mudando, ao mesmo tempo, sem perder elementos de sua tradição. O preconceito revelado na categoria de

pentecostalização utilizada pelos intelectuais requer novos olhares, não só para as igrejas históricas como para os pentecostais em geral. A acusação de religiosidade mágica diante da supremacia intelectual dos históricos não funciona na Catedral, que contam com pastores com doutorado em teologia e com uma comunidade de pessoas com um perfil social que não condiz com a relação que identifica a magia com as classes menos favorecidas.

Talvez o cansaço da racionalidade moderna possa estar trazendo à cena a efusão de diferentes práticas religiosas configuradas a partir da presença de elementos encantados, da relação emocional-afetiva presente na linguagem das músicas que enfatiza a experiência sem negar o conhecimento intelectual, assim como a importância de referenciais institucionais o que leva a permanência destes grupos na igreja. É preciso que o cientista social seja um atento observador e que tenha sensibilidade de perceber as mudanças ocorridas no campo.

Este campo pode também ser visto como se fosse um conjunto de mares, de profundezas variadas, onde navegam inúmeras embarcações. Podemos nos restringir às superfícies; mas podemos também explorar a profundidade das águas, ou seja, empreender uma arqueologia marítima, vislumbrando nas águas escuras os restos dos naufragos. E lá, talvez, começaremos a ver que aquelas embarcações na superfície não navegam só à procura de um raio de sol, mas também em busca de tesouros e cemitérios submersos. (BURDICK, 1999, p. 63)

Desta forma esta pesquisa pode trazer uma pequena contribuição para análises que procurem outros olhares sobre o campo religioso e suas transformações tão dinâmicas e que não se esgotam nesta análise. A análise da experiência religiosa da Catedral indica algumas pistas que podem ajudar a repensar o campo religioso atual. É preciso estar disposto ao esforço de ir além das categorias até agora utilizadas para delimitar as identidades religiosas sobre o campo evangélico brasileiro, não abandonando-as, mas, buscando atualizar seu sentido e romper com cristalizações que acabam gerando preconceitos como os que são impostos sobre os pentecostais. Talvez este seja um anúncio de que o protestantismo histórico da Catedral esteja atento aos “ventos do espírito” da mudança. Neste sentido as palavras de Chesterton (2008) são pertinentes, ao afirmar que “a imaginação não gera a insanidade. O que gera a insanidade é exatamente a razão” (CHESTERTON, 2008, p. 37).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem (org). De Dentro do Furacão: Richard Shaull e os primórdios da Teologia da Libertação. SP: Ed. Sagarana; CEDI; CLAI: Progr. Ec. De Pós-Grad. Em Ciências da Reli., 1985.

_____, Deus morreu! Viva Deus! *Tempo e presença*, Rio de Janeiro: Tempo e Presença editora, 1972.

_____, Rubem, Protestantismo e repressão, São Paulo: Ed. Ática, 1979.

ANTONIAZZI, Alberto et al. Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do Pentecostalismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

ARAÚJO. João Dias. Inquisição sem fogueiras, 2ª. Edição, Instituto Superior de Estudos da Religião, RJ, 1982.

BARRERA RIVERA, Paulo. A reinvenção de uma tradição no protestantismo brasileiro: a Igreja Evangélica: Brasileira entre a Bíblia e a Palavra de Deus. *Revista USP*, São Paulo, n.67, p. 78-99, set/nov 2005

BENDIX, Reinhard. Max Weber : um perfil intelectual. Brasília : Editora Universidade de Brasília, 1986.

BERGER, Peter L. A dessecularização do mundo: uma visão global. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, Vol. 21, n.º 1, p. 9-25, abr 2001.

_____, Peter L. O Dossel Sagrado: elementos para uma sociologia da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina; CRESPO, Samira. O mal à brasileira. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997.

BLOCH, Ernst. Thomaz Müntzer: teólogo da revolução. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1973.

BOBSIN, Oneide. Tendências religiosas e transversalidade Oneide Bobsin. Disponível em: http://www.pentecostalid.4t.com/articulos_2/art-031.html [acessado dez 2012]

BONINO, José Miguez. Rostos do protestantismo latino-americano. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BUNDY, David, The ecumenical quest of pentecostalism, *Cyberjournal for pentecostal-charismatic research*, 1999. Endereço eletrônico em: <http://www.pctii.org/cyberj/cyberj5/bundy.html>

BURDICK, John. Tortura e redenção. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, Vol. 20, n.º

1, p. 55-64, abr 1999.

BURKE, Peter. *Cultura popular na idade moderna: Europa 1500-1800*, São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CAMPOS, Leonildo Silveira. A identidade protestante e a hegemonia pentecostal no cenário religioso brasileiro. *Tempo e Presença Digital*, Rio de Janeiro, ano II, n. 6, jan 2008.

Disponível em:

http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=117&cod_boletim=7&tipo=Artigo

[acessado em jan 2011]

_____. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, n. 67, p. 100-105, set/nov 2005.

_____. Evangélicos, pentecostais e carismáticos na mídia radifônica televisiva. *Revista USP*, São Paulo, n.61, p. 146-163, março/maio 2004.

_____. O discurso acadêmico de Rubem Alves sobre "protestantismo" e "repressão": algumas observações 30 anos depois. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v.28, n.2, p. 102-137, 2008

_____. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo. 1997.

_____. Why historic churches are declining and pentecostal churches are growing in Brazil: a sociological perspective, In.: GUTIERREZ, Benjamin F.; SMITH, Dennis A., *In the power of the spirit: the pentecostal challenge to historic churches in Latin America*. Arkansas City, KS: AIRPRAL/ CELEP, 1996

_____. Pentecostalismo e Protestantismo “Histórico” no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças. *Horizonte*, 2011.

CAMURÇA, Marcelo. Da “boa” e da “má” vontade para com a religião nos cientistas sociais da religião brasileiros. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, Vol. 21, n.º 1, p. 9-25, abr 2001.

CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação). *Alternativas dos desesperados: Como se pode ler o pentecostalismo autônomo*. Rio de Janeiro, 1991.

CESAR, Waldo. *Para uma sociologia do protestantismo brasileiro*, Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1973.

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência. Aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CHAVES, Odilon Massolar. Avivamento e o compromisso social metodista na Inglaterra, no século XVIII: Uma busca de subsídios para a identidade do metodismo brasileiro no 3º milênio, Tese de Doutorado em Ciências da Religião, UMESP, São Bernardo do Campo, São Paulo, 2002.

CIPRIANI, Roberto. Manual de sociologia da religião. São Paulo: Paulus, 2007.

COLÉGIO EPISCOPAL, Igreja Metodista. Pastoral Sobre a Doutrina do Espírito Santo, e o Movimento Carismático, São Bernardo do Campo, Ed. Imprensa Metodista, 1980. Disponível em <http://www.metodista.org.br/conteudo.xhtml?c=4497>].

CROSSAN, John Dominic. O nascimento do cristianismo: o que aconteceu nos anos em que se seguiram à execução de Jesus. São Paulo: Paulinas, 2004.

CUNHA, Magali Nascimento. Pentecostalismo e movimento ecumênico: divergências e aproximações. *Estudos de religião*. v. 25, n. 40, 33-51, jan./jun. 2011

_____, A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: MAUAD, 2007.

_____, Vinho novo em odres velhos: Um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário evangélico no Brasil. São Paulo, 2004, Tese de Doutorado. USP, Escola de Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação da

D'EPINAY, Christian Lalive. O refúgio das massas: estudo sociológico do protestantismo chileno. Rio de Janeiro: Ed. Paz & Terra, 1970.

DA MATA, Sérgio, Religião e modernidade em Ernst Troeltsch. *Tempo Social, Revista USP*, São Paulo, v. 20, n. 2. nov 2008.

DE SOUZA, José Carlos. Duncan Alexander Reily (1924-2004): Missionário, Pastor, Historiador e Mestre. *Revista de educação do COGEIME*. São Paulo, ano. 13. n. 25, p. 105-107, dez 2004.

DECOL, René D. Mudança religiosa no Brasil: Uma visão demográfica. *Revista Brasileira de Estudos da População*. Brasília, 16, n. 1/2, jan/dez, 1999

DIAS, Zwinglio M. O movimento ecumênico: história e significado. *Numen Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*, 1(1), p. 127-163, jul-dez, 1998.

DIAS, Zwinglio Mota; TEIXEIRA, Faustino. Ecumenismo e diálogo inter-religioso: A arte do possível. Aparecida/SP: Editora Santuário, 2008, p.

DOMINGUES, Jorge. Tempo da colheita: O crescimento das igrejas evangélica no Rio de Janeiro. Dissertação. RJ, Rio de Janeiro, UFRJ, IFCS. 1995

DOS SANTOS, Valter Borges. Pentecostalização do protestantismo histórico brasileiro:

Estudos das Práticas Pastorais da Igreja Metodista Wesleyana. *Trabalho apresentado no GT Evangélicos no Brasil: cultura e espaço público, Anais do Simpósio da ABHR*, São Luiz, MA, v. 13, 2012. Disponível em:

<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/viewFile/699/600>

DREHER, Martin N. Fundamentalismo. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

DUNSTAN, J. Leslie. Protestantismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1964.

DURKHEIM, É. As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes: 2003.

ÉPOCA, Revista. Os novos Evangélicos. 2010.

FERNANDES, Rubem César et. al. Novo nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na política, Rio de Janeiro: Mauad, 1998

FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe; WILSON, Derek. Reforma: o cristianismo e o mundo 1500-2000. Rio de Janeiro: Record, 1997.

FEUERBACH, L. A essência do cristianismo. Campinas, SP: Papirus, 1988.

FIGUEREDO, Valdemar. “A pentecostalização da fé”. 2012. Endereço eletrônico em: <http://www.cristianismohoje.com.br/colunas/valdemar-figueredo> [acesso em jan 2013]

FRESTON, Paul. Between Pentecostalism and the crisis of denominationalism: the future of the future historic churches in Brazil. In.: GUTIERREZ, Benjamin F.; SMITH, Dennis A., In the power of the spirit: the pentecostal challenge to historic churches in Latin America. Arkansas City, KS: AIRPRAL/ CELEP, 1996

_____. Neo-pentecostalismo in Brazil: Problems of definition and the struggle for hegemony. Archives de Sciences Sociales des Religions, Paris-FRA. 105, p. 145-162, jan/mar 1999.

_____. Protestantes e política no Brasil: Da constituinte ao impeachment. Tese de Doutorado em Ciências Humanas, Unicamp, Campinas-SP, 1993

FRY, Peter. Para inglês ver: Identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

GARCIA, Cláudio . Evangelização: Desafios em tempos de mudanças: análise pastoral da evangelização nos anos 80 na Igreja Metodista. Dissertação Ciências da Religião – UMESP, São Paulo, 1995.

GEERTZ, C. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. Nova Luz sobre antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GIUMBELI, Emerson. A vontade do saber: terminologias e classificações sobre o

protestantismo brasileiro. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, Vol. 21, n.º 1, p. 9-25, abr 2001.

HAHN, Carl Joseph. História do culto protestante no Brasil. São Paulo: ASTE, 1989.

HEITZENRATER, Richard P. Wesley e o povo chamado metodista. São Bernardo do Campo: EDITEO; Rio de Janeiro: IMB, 1996.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. 1997. Representam os Surtos Emocionais Contemporâneos o Fim da Secularização ou o Fim da Religião?, *Religião & Sociedade*, v. 18, n. 1, p. 31-47, 1997.

_____. O peregrino e o convertido: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2008.

HOBBSAWM, E. “A Ideologia religiosa”. In.: A Era das Revoluções. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, pp. 239-254.

_____. “As seitas operárias”. in.: Rebeldes e primitivos, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970, pp.159-188.

_____. Sobre história. São Paulo: Companhia das Letras, 1998:

HOLLENWEGNER, Walter, Raízes do pentecostalismo, *Concilium*, n. 265, mar 1996

HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico, Teologia e revolução: a radicalização teológico-política de Richard Shaull, *Estudos de Religião*, São Paulo, v. 26, n. 43, p. 55-75, 2012

KIDDER, Daniel P. Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do Norte do Brasil: compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980.

KLAIBER, Walter; MARQUARDT, Manfred. Viver a graça de Deus. São Bernardo do Campo, São Paulo: Editeo. 1999

LEHMANN, David. Esperança e religião. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 26, n. 75, p. 219-236, mai/ago 2012

LÉONARD, Émile G. O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social. São Paulo: ASTE, 2002.

LÖWY, Michael. A guerra dos deuses: religião e política na América Latina. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MAFRA, Clara. Os evangélicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____, Na Posse da Palavra: Religião, conversão e liberdade pessoal em dois contextos nacionais, Lisboa, Imprensa de Ciências, Sociais, 2002, 260 páginas.

MAFRA, Clara; ALMEIDA, Ronaldo (orgs.). Religiões e cidades: Rio de Janeiro e São Paulo. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

LUZ, Marcelo Ricardo, Análise da prática social do movimento carismático na Igreja Metodista no Rio de Janeiro nas décadas de 80 e 90, à luz da Teologia Prática. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, PUC, 2003.

MARCUSE, Herbert. Ideologia da sociedade industrial. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967.

MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil, São Paulo: Loyola, 1999.

MARIZ, Cecília & MACHADO, Maria das Dores. Weber e o neopentecostalismo. *Revista Caminhos*, Goiânia-GO, v. 3, n. 2, p. 253-274, 2005.

MARIZ, Cecília L. A religião e o enfrentamento da pobreza no Brasil. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Portugal, n. 33, p. 12-24, Out de 1991.

_____. Instituições tradicionais e movimentos emergentes. Artigo não publicado

_____. Mundo moderno, ciência e secularização. In.: FALCÃO, Eliane Brígida (org.), Fazer ciência, pensar a cultura: Estudos sobre a ciência e a religião. 1^a. ed. Rio de Janeiro: CCS/UFRJ, 2006, p. 97-128.

_____. Os demônios e os pentecostais no Brasil. in. BIRMAN, Patrícia, O mal à brasileira, BIRMAN, Patrícia; NOVAES, Regina; CRESPO, Samira. O mal à brasileira. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997, p. 45-61.

_____. Teologia da batalha espiritual: uma revisão bibliográfica. *BIB*, Rio de Janeiro, 1^o. semestre, n. 47, p. 33-49, jan, fev, mar 1999.

_____. Perspectivas sociológicas sobre o pentecostalismo e o neopentecostalismo. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, Ano III, n. 13, p. 37-53, Out/Dez 1995.

_____. A religião e o enfrentamento da pobreza. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 33, outubro, 1991.

MARTIN, David. Tongues of fire: Tongues of fire the explosion of protestantism in Latin America. Oxford: Blackwell, 1990.

MATOS, Paulo Ayres, As igrejas pentecostais e o metodismo no caldo pós-moderno, 2004.

Disponível em:

<http://ead2.est.edu.br/www3/bci/images/pdfs/as%20igrejas%20neopentencostais%20e%20o%20metodismo%20no%20caldo%20religioso%20posmoderno.pdf>

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Protestantismo e republicanismo. *Revista USP*, São Paulo, n.59, p. 144-163, setembro/novembro 2003

_____. A experiência religiosa e a institucionalização da religião, *Estudos*

avançados, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 29-46, set/dez 2004.

_____. De novo o sagrado selvagem: variações. *Estudos de Religião*, Ano XXI, n. 32, p. 22-33, jan/jun 2007

_____. O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

_____. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *Revista USP*, São Paulo, n.67, p. 48-67, set/nov 2005

_____. Protestantes, pentecostais & ecumênicos: o campo religioso e seus personagens. São Bernardo do Campo: UMESP, 2008.

_____. República e pluralidade religiosa no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n.59, p. 144-163, set/nov 2003

MENDONÇA, Antônio Gouvêa; FILHO, Prócoro Velasques, Introdução ao protestantismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MENDONÇA, De novo o sagrado selvagem: Variações. *Estudos de Religião*, Ano XXI, n. 32, 22-33, jan/jun 2007

_____. O movimento ecumênico no século XX: algumas observações sobre suas origens e contradições. *Tempo e Presença Digital*, Rio de Janeiro, ano III, n. 12, set 2008.

Disponível em:
http://www.koinonia.org.br/tpdigital/detalhes.asp?cod_artigo=236&cod_boletim=13&tipo=Artigo
o

_____. O protestantismo no Brasil: Um caso de religião e cultura. *Revista USP*, São Paulo, n.74, p. 160-173, junho/agosto 2007.

MEUNIER, Bernard. O nascimento dos dogmas cristãos. São Paulo: Ed. Loyola, 2005.

NASCIMENTO, Amós, John Wesley, o Iluminismo e a educação metodista na Inglaterra. *Revista de Educação do COGEIME*, São Paulo, ano 12, n. 22, p. 89-104, junho 2003.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Nem jardim encantado, nem clube dos intelectuais encantados. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, vol 20, n. 59, p. 23-36, out 2005.

NETO, Luiz Longuini. O novo rosto da missão: os movimentos ecumênico e evangelical no protestantismo latino-americano. Viçosa: Ultimato, 2002.

NIEBUHR, Richard Niebuhr. As origens sociais das denominações cristãs. São Paulo: Editora ASTE, 1992.

NOVAES, Regina. Pentecostalismo, política, mídia e favela. In.: VALLA, Victor Vicent (org.) *Religião e cultura popular*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto (orgs.). *Globalização e religião*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

PAUL FRESTON, Neo-pentecostalism in Brazil: Problems of definition and the struggle for hegemony. in.: *Archives de Sciences Sociales des Religions*, 105, jan-mar 1999, p. 145-162)

PIERUCCI, Antônio Flávio. “Bye bye, Brasil”: O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. *Estudos avançados*, São Paulo, v.18, n. 52, p. 17-28, set/dez 2004.

_____. Religião como solvente: uma aula. *Novos estudos*, São Paulo, n. 75, p.11-127, jul 2006.

_____. Sociologia da Religião: Área impuramente acadêmica. In.: MICELI, Sérgio (org.). *O que ler na ciência social brasileira*. São Paulo: Editora Sumaré; ANPOCS; Brasília, DF: CAPES, 1999.

RAMALHO, Jether Pereira. *Prática educativa e sociedade: um estudo de sociologia da educação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1976.

REILY, Alexander Duncan. *História documental do protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 2003.

_____. *Metodismo Brasileiro e Wesleyano: reflexões históricas sobre a autonomia*. São Bernardo do Campo, SP: Imprensa Metodista, 1984.

RIBEIRO, Antonio Carlos, *Ecumenismo: perspectiva eclesiológica. Das grandes rupturas ao debate ecumênico atual*. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 9, n. 20, p. 127-152, jan./mar. 2011

RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto, *O protestantismo brasileiro: objeto em estudo*. *Revista USP*, São Paulo, n.73, p. 117-129, março/maio 2007.

RIBEIRO, *O protestantismo brasileiro: objeto em estudo*, *Revista USP*, São Paulo, n.73, p. 117-129, mar/mai 2007,

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1985.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 1994.

SAHLINS, M. O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: Porque a cultura não é um objeto em via de extinção. *Maná - Estudos de Antropologia Social*. Vol. 3, n. 1, 41-73, abril de 1997.

SANCHIS, Pierre (org.). *Fiéis & cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

_____. *As religiões dos brasileiros*. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 28-43,

ago 1997.

SEPÚLVEDA, Juan. Theological characteristics of na indigenous pentecostalism: The case of Chile. In.: . In.: GUTIERREZ, Benjamin F.; SMITH, Dennis A., In the power of the spirit: the pentecostal challenge to historic churches in Latin America. Arkansas City, KS: AIRPRAL/ CELEP, 1996

SHAULL, R. Surpreendido pela graça: memórias de um teólogo. Estado Unidos, América Latina, Brasil. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2003.

SMIDERLE, Carlos Gustavo Sarmet Moreira. Entre Babel e Pentecostes: cosmologia evangélica no Brasil contemporâneo. *Relig. soc.* [online]. 2011, vol.31, n.2, pp. 78-104. ISSN 0100-8587.

SMILDE, David. Razão para crer: agência cultural no movimento evangélico latino-americano, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

SOARES, Luiz Carlos. A Albion revisitada: ciência, religião, ilustração e comercialização do lazer na Inglaterra do século XVIII. Rio de Janeiro: 7Letras, FAPERJ, 2007.

SOUZA, José Carlos, Duncan Alexander Reily (1924-2004): Missionário, Pastor, Historiador e Mestre, *Revista de Educação do Cogeime*, Ano 13, n. 25, dezembro / 2004. <http://www.cogeime.org.br/revista/memoria25.pdf>

SPENER, P. J., Pia Desideria: Mudança para o Futuro, Encontrão Editora & Instituto Ecumênico Pós-Graduação em Ciências da Religião, Curitiba/São Bernardo do Campo, 1996.

STEIL, Carlos Alberto. Pluralismo, modernidade e tradição transformações do campo religioso. *Ciencias Sociales y Religión/ Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, año 3, n. 3, p. 115-129, oct. 2001

TEIXEIRA, Faustino (org.). Sociologia da religião: enfoques teóricos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (orgs.). As religiões no Brasil: continuidades e rupturas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

TILLICH, Paul. A era protestante, São Bernardo do Campo, Ciências da Religião, 1992.

TROELTSCH, Ernst. The Social Teaching Of The Christian Churches, 1992.

VIEIRA, David Gueiros. O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil. Brasília: Editra Universidade de Brasília, 1980.

WAGNER, Roy. A invenção da cultura. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WEBER, M. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

_____. Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

_____. Economia e Sociedade: fundamentos de sociologia compreensiva. vol 1. 4 ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2000, 2009 (reimpressão)

_____. Ensaio de sociologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1974.

ANEXO-A

1. Entrevistas

CLÁUDIA. Entrevista concedida a CARLOS HENRIQUE. Rio de Janeiro, 11 nov. 2012. som formato mp3 (47 min 57seg)

E: Como que a senhora veio para a Catedral? Fale um pouco da historia da senhora com a igreja metodista...

A: aqui do catete?

E :é aqui do catete

A: eu vim do interior do Espirito Santo, certo? Em 1963, mas eu freqüentei durante muito tempo a igreja metodista de Coelho Neto, depois de Coelho Neto eu me casei e fui pra, Copacabana e a igreja mais próxima que minha mãe encontrou para eu cantar no coral, era aqui, então eu comecei a frequentar aqui em 1975, foi quando eu me casei, mas como eu me casei. Infelizmente antes de me casar, o marido aceitava [a igreja] tudo bem, ia comigo a igreja e sabia que eu cantava sabia e que eu tocava violão, então antes de casar té tudo ótimo, assim que casou ele cortou...

E: caramba!

A: que ele conhecia minha mãe, minha mãe era muito ativa na igreja, minha mãe participava de tudo, era professora de escola musical, cantava no coral e ele achava que ela era fanática, então ele não queria que... Não aceitava isso entendeu? Não aceitava isso... Deus sabe o que faz! Mas em 1981, depois que meus filhos nasceram eu tive um probleminha com minha sogra, motivo de criança né, eu então passei um período sem ir lá, então aos domingos que a gente tinha livre, a gente ia à igreja, ai comecei a ver, ai já não dava pra cortar mais entendeu? Ai quando eu vim, fui recebida aqui pelo pastor, eu esqueço o nome dele, ai meu Deus! Morreu há pouco tempo... esqueci o nome dele!

E: foi aquele pastor bem idoso?

A: é,um moreno...

E: Pastor Juraci?

A: Juraci!

E: pastor Juraci, eu conheci ele...

A: Juraci, foi ele que me recebeu como membro daqui...

E: ele foi pastor daqui da igreja?

A: é, morreu faz pouco tempo...

E: é, eu conheci

A: E eu fiquei frequentando aqui entendeu, aos domingos, ai quando tudo se acalmou com a minha família e eu não sai entendeu?

E: entedi

A: e eu to vindo ate hoje! (risos)

E: (risos)

A: Já fiz parte do coral um periodo mas..com a dificuldade que tem de transporte onde eu moro, não dá...

E: a senhora mora longe?

A: eu moro no Leblon e a condução aqui é muito ruim, à noite é horrível...

E: é a noite...

A: então pra vira um ensaio do coral não tem como..

E: Entendi. Ai a senhora acha mais tranquilo a parte da manhã?

A: é, então eu contribuo assim cantado quando me chamam... quando me convidam eu toco violão de ouvido

E:(risos)

A: não sei, não sei uma nota

E: mas violao a gente aprende...

A: pra ir aprendendo distribuindo cd, distribuo grátis, já tenho evangelizado muita gente com esse cd, que eu sou contra a venda de cd!

E: a senhora não gosta?

A: eu acho que se pode fazer alguma coisa, tira xerox grava bota musica.. você nem pode gravar..

E: distribui?

A: hoje em dia tem o recurso no computador!

E: verdade

A: eu só consegui gravar 6 musicas, 6 hinos mas eu complemento...

E: humm entendi

A: ...mas que eu completo com algumas alguns hinos bem assim tocantes e tem feito muita coisa esse cd que eu tenho gravado sabia?

E: e a senhora distribui?

A: distribuo, outro dia eu recebi um email no celular que ia tocar na radio nova (...) na internet, lá em Curitiba

E: legal..

A: alguém ganhou meu cd ...

E: as musicas...

A: aí toda quinta feira, falaram ate o que ia cantar, eu fiquei feliz falei puxa eu não estou ganhando dinheiro, mas eu to ganhando almas, porque quantas pessoas precisam(...) pessoas terríveis pessoas más, que hoje estão na igreja pessoas que usavam crack, hoje estão na igreja, você vê a pessoa, a maldade da pessoa, é um impacto tão... E eu não fui pregar pra ele eu tava ouvindo tocando no computador do meu filho ,(...) isso não faz parte da entrevista (...) então eu acho que mercadejar a palavra de Deus quando você canta fala a voz do Senhor. Eu canto em lugares bem simples bem estilo aquelas igrejinhas (...) não aparece um cantor, se vai é pobre e não tem para pagar, então não aparece ninguém, eu vou, toco, canto.

E: risos

A: então eu vou para abrilhantar entendeu? O culto é para o Senhor sabe? Eu não vou lá pra cantar pra me aparecer, pra aparecer , pra arranjar dinheiro, para isso, pra arranjar dinheiro para aquilo, eu acho que quando você canta para louvar ao Senhor Ele te dá muito mais do que aquilo que ganharia para vender a palavra do Senhor, você ganha mas não leva...

E: nossa

A: eu acho que é muito facil tirar um xerox, comprar uma caixinha, comprar um cd, meu filho já fez as contas, já sai quase 1000 cds, foi para África, toca lá em Rondônia...

E: nossa

A: mas, mas, só aquelas três musiquinhas ,o restante eu ponho o pai nosso que é cantado pelo coral que é a coisa mais maravilhosa, não tô fazendo propaganda do meu cd não (risos)

E: não, não, pode falar...

A: eu só dou pra quem não é cristão. Para alguns eu dou, assim, porque querem o *Pai Nosso* cantado pelo coral, que é a coisa mais linda que eu nunca vi na minha vida

E:(...)

A: se quiser,dou...e mais o quê?

E: ah, então, a entrevista...

A: o pastor inclusive tem!

E: que legal não, ótimo, ótimo, adorei, inclusive a outra pergunta que vou fazer tem a ver com isso. A senhora já disse que frequenta o culto de manhã que acha mais fácil o transporte ...

A: e uma outra coisa eu não sou a favor muito dessas baterias na igreja...

E: a então isso que eu queria perguntar, o que acha desses cultos diferentes?

A: eu sou um pouco radical, eu cresci numa igreja eu tinha 5 anos, eu já frequentava o (...) Eu cresci numa igreja que a pregação era uma hora, uma hora e meia , inclusive a igreja católica tava vazia, os católicos estavam todos na missa, vinham para frente da igreja, era uma briga com o padre, porque a pregação do pastor, ele pregava a salvação era uma hora e meia, que ele prendia as pessoas de tal maneira que ninguém dava um pio a igreja lotada e a rua lotada.

E: isso na cidade natal?

A: na cidade

E: da senhora

A: é, divisa de Minas com Espírito Santo.

E: a tá

A: lá tem sempre, sempre teve essa disputa de padre com pastor porque os pastores daquela época, eles realmente pregavam, eles não tinham papelzinho, eles não tinham anotação, eles liam o texto durante uma hora uma hora e meia e ninguém ia embora ninguém sai da igreja pra nada. Hoje em dia a pregação é 15 minutos, você não vê conteúdo, é muito difícil ver conteúdo numa pregação, hoje em dia que toca a gente que é cristão, nós que somos cristãos. Olha isso, nós que somos cristãos, o verdadeiro cristão, consegue perceber quando uma pregação é inspirada por Deus e quando ela é fora de (...) ou quando você acorda de manhã, vamos abrir aqui, fazer anotação, entendeu? Para falar de Cristo (..) um pastor estuda teologia quantos anos?

E: 4, 5 anos

A: aham, ele tá bem preparado, eu sim se eu for falar ou fazer... eu vou fazer anotações porque não tenho memória, não tenho isso tudo, não tenho continuidade da leitura e do preparo que eles tem, inclusive eu não oro em voz alta. Eu não oro em voz alta. Eu tenho um problema serio, não oro em voz alta, não que eu tenha vergonha de orar em voz alta, que desde criancinha no estudo bíblico a professora sempre falava pra gente, pra gente não falar muitas coisas porque ela dizia assim: O diabo sabe o que você fala, mas não sabe o que você pensa. Então, como criança vocês tem que pensar muito antes de falar as coisas, que ele saber o que você está falando e aquilo, fui crescendo, teve uma época que eu toquei na rádio Copacabana e pediam que eu orasse(risos), eu frequentava a sociedade de jovens de Coelho Neto, não conseguia orar em voz alta, aquilo pra

mim, eu sentia frustrada entendeu? Até que um pastor virou pra mim e falou: Você vai treinando e eu falei: Para falar com Deus não se treina pastor, eu falo com Deus em silêncio, não tem que treinar pra falar com Deus, e eu não, eu tenho essa deficiência como cristã, de não orar em voz alta (risos). E isso me frustra às vezes, porque as pessoas oram por mim, eu digo em silêncio, um impacto, assim com as pessoas, mas as pessoas que não são cristãs entendem perfeitamente quando eu dou uma bíblia de presente, sempre dou um cd, uma bíblia, um apanhado...

E: O quê?

A: Um apanhado? De Genesis ao Apocalipse que conta historia da bíblia para aquela pessoa, principiante da leitura da bíblia, porque ele pega a bíblia e começa, lê Gênesis, Êxodo, aquilo enjoado, ele não consegue se achar na bíblia, então o que eu faço, eu começo pelo arco-íris que tem muito cristão que não sabe nem o sentido do arco-íris.

E: Esse apanhado a senhora escreve?

A: Tudo escrito todo escrito

E: Digitado?

A: Na mão.

E: Na própria bíblia que a senhora faz?

A: Não, é num papel a parte eu levo a bíblia, dou um cd, dou a bíblia com dedicatória às vezes mando gravar o nome quando a pessoa é muito, muito radical em termos de cristianismo, ou de evangelho, eu sempre coloco, peço o nome dele e gravo, mando gravar na bíblia, escrevo a dedicatória no final e escrevo um versículo olha (...) você não tem noção, tem pessoas aqui da igreja que não entravam naquele portão, é uma da irmãs convertidas e ela não suportava nem falar com os irmãos da igreja.

E: E ela frequenta a igreja?

A: Eu mandei fazer uma, mas ela falou assim, ela não fala, ela não suporta porque todo mundo aqui detesta nossa senhora, eu pode deixar, não tive intenção de evangelizá-la porque não adianta evangelizar aquela pessoa, não é você não faz nada, eu apenas me ofereci para levar ela ali, tomar uma água de coco, era carnaval, pessoal tava no retiro, a igreja não tinha nada, eu vim aqui dei, de cara na porta. Parece que foi Deus que mandou. Aí conversei com ela e ela falou “você é diferente, você é diferente, está tanto tempo aqui e ainda não começou a malhar Nossa Senhora. E porque eu vou malhar nossa senhora? Ela é mãe de Jesus, ela foi escolhida por Deus, falei pra ela assim “Nossa Senhora foi o meio de ligação de Deus na terra, foi por intermédio dela que Deus veio à terra, aí eu comecei, bom, vou pegar ela (...) aí comecei a fazer aquele apanhado todo, ta-tá-tá, quando chegou em Nossa Senhora, passei aquela caneta bem brilhante, chamar bem atenção onde a família de Jesus onde ele diz, quando falam assim: “Jesus estão ai fora suas irmãs seus irmãos e sua mãe”, aí ele responde “a minha mãe e meus irmãos e minhas irmãs é todo aquele que faz a vontade do meu pai que esta no céu”. Esse pedaço impactou, outra qual foi o primeiro milagre de Jesus o casamento, o quando a mãe dele falou assim “Jesus o vinho acabou ele disse, “mulher o que tenho eu contigo?”, ele poderia ter falado mãe o que tenho eu contigo, ele falou mulher o que tenho o eu contigo, então Maria nós consideramos sim, ela teve a gestação, deu a luz, mas foi um elo de ligação de Deus na terra era a única maneira de ele vir como homem e Jesus nunca deu poder a Maria de fazer nenhum milagre, ele nem citava Maria nos milagres dele e porque que nós não temos nenhuma menção de foto, nem de traço, nem de cor de Jesus, nem de Maria, nem dos apóstolos para que não ficasse para nós nada que nós pudéssemos copiar e fazer uma imagem adorada, mesmo assim o povo faz entendeu!

E: sim

A: então essas coisas como evangelização eu acho que eu procuro fazer meu trabalho, não esperar ninguém eu gasto bastante do meu salário da minha mesada que não é muito, em bíblias, procuro comprar letras grandes, procuro comprar atualizada, não essa corrigida que não concordo, também a palavra de Deus ela é única, ela hoje, você não tem que corrigir, eu acho que o mundo tem que copiar a igreja, não a igreja copiar o mundo, porque o que tem na igreja ela ta copiando, o mundo a igreja ta deixando de ser a igreja de cristo eles estão trazendo tudo no mundo pra dentro da igreja

E: então a bateria no culto por exemplo e coisa do mundo...

A: eu acho porque Deus gosta de coisa suave, ele mesmo diz pode ser de corda, mas que seja suave, tempo de Cristo não tinha bateria, ninguém fazia batuque, então é uma coisa que atrapalha, é uma coisa barulhenta pra Deus, ta num lugar, num lugar santo, tem que estar suave, tem que ser solene e bateria não é batuque solene, se culto para Deus é solene, onde é que tá a solenidade? Só tá a solenidade, mas de solene mesmo não tem nada, eu sou contra, não acho que as pessoas que gostam não criticam.

E: acha que elas estão erradas?

A: não, não acho que elas estão erradas porque cada um dá conta de si mesmo à Deus, como eu posso está errada também...

E:entendi

A: mas como não posso julgar as pessoas, eu não critico quem gosta como eu não participo, como não participo de nada lá fora, por exemplo tem um show num sei aonde, eu não vou.

E:mesmo se for um show de artista evangélico?

A: gospel eu não vou!

E: se for gospel?

A: não, não aceito gospel! Gospel eu acho que é uma coisa comercial para ganhar dinheiro, tanto que as pessoas no mundo não são convertidas, eles aproveitam a oportunidade, eles não tem mais (...) eles vem pro evangelho, pro gospel, porque ali eles sabem que vão faturar, porque todo mundo conta, eles usam a palavra evangelho pra poder faturar. Antigamente no meu tempo de jovem, quando a pessoa falava “eu sou evangélica”, podia confiar, colocavam ouro na sua frente, hoje, você fala “eu sou evangélico” e falam “você sai daqui, não quero saber, você não trabalha comigo”, porque a palavra evangélica ta tão desmoralizada que hoje você vê políticos evangélicos desonesto, você vê na sua vida atual pessoas que se chegam de evangélico pra poder dar o golpe em você, então o evangelho ta muito, mas o cristão não ta não, a pessoa fala assim “você é evangélico?”, “sou não”, “você é o quê?”, [ela responde], “eu sou cristão”. Não, mas o cristão é isso, não, tem o evangélico e tem o cristão. O evangélico segue o homem, o pastor da igreja, segue a doutrina, segue o gospel, segue tudo. O cristão segue a Cristo, ele elimina pastor ele elimina qualquer coisa, ele lê a bíblia, ele vê quando a pregação é inspirada por Deus, ele vem a igreja, ele louva quando é um louvor, eu acho como hoje você vê de manha, você vê que é o melhor culto. Você sente o Espírito Santo na igreja. Você vê, 11 horas é um terror, já trouxe amigas minhas aqui para frequentar para ver, não passaram aqui da porta

E: nem de 11 horas?

A: Não voltaram. Deus me livre! Isso é um terror, parece aquela (...) pessoal que pula, “aleluia” “aleluia”, não, não, isso ai não...

E: então a pergunta que ia fazer é que eu to aproveitando essas personalidades evangélicas, então, a senhora não gosta de nenhuma, esses pastores famosos que estão na mídia, na televisão, algum cantor, tem algum deles que goste?

A: eu me identifiquei muito com o Bernardo Alves.

E: Bernardo Alves?

A: É, ele é da Assembléia

E: Assembléia...

A: ele canta muitos hinos tocantes

E: a acho que sei quem é ele, é antigo

A: a é não, não é principiante não, então os cds dele são todos muito tradicionais, então você sente que toca no coração.

E: eram as músicas assim e da harpa cristã, hinos tradicionais

A: eu tenho todos dele!

E: ah, eu conheço ele.

A: é, também o Jota Neto

E: ah sim, o Jota Neto é conhecido, não está conhecido agora, mas quem conhece à mais tempo de igreja...

A: eu gosto do cd que ele gravou, a pessoa dele não importa, importa a mensagem que o cd passa.

E: Então, aproveitando, em relação ao movimento pentecostal a senhora...

A: Eu sou contra! A igreja pentecostal pra mim é uma igreja muita fabricada, muito escandalosa, muito chamativa que Deus não precisa de subterfúgio pra ninguém segui-lo, ele apenas quer um exemplo certo, o testemunho como pessoa. Às vezes eu to de boca fechada sem pular, ate sem saber cantar, e você prega o evangelho, com o seu comportamento, com seu olhar, sua maneira de ser, maneira de tratar...

E: entendi, e a Assembléia de Deus é pentecostal...

A: a Assembléia de Deus, acho que já foi, ela é pentecostal, a assembléia de Deus é.. como se chama essas empresas tipo Mcdonald?

E: fast food

A: não, não

E: franquias?

A: a assembléia de Deus virou franquias (...) isso eu falo pra qualquer um...

E: isso aqui a entrevista é restrita...

A: mas eu não tenho problema, não tenho problema de enfrentar uma testemunha de jeová, um bispo Macedo entendeu? Eu não tenho problema, eu acho o seguinte, eu sigo a Cristo, as pessoas tem que respeitar, não vem pregar o evangelho pra mim (..) de Cristo eu sigo a Cristo, prega a quem não segue a Cristo entendeu?

E: entendi

A: você não pode querer confundir o cristão com gente... com fariseu, a mesma coisa pregar o evangelho pra você e você é cristão, agora se você que tá frequentando igreja pentecostal, tá precisando porque eles não pregam a salvação, pregam as riquezas terrenas entendeu? Vantagem em tudo pregam saúde, que o cristão não é obrigado a viver eternamente com saúde,

cristão não tem que ter riqueza, porque o cristão é o que mais sofre você sabia?

E: é?

A: para Deus agente vive num mundo de aflições, se Cristo filho de Deus sofreu tanto porque nós que somos

cristãos não vamos sofrer? O inimigo ta constantemente 24 horas ao teu lado te aperreando, tá atentando, fazendo coisas, fazendo você tropeçar, entendeu ? Então os mais perseguidos, paz você tem interior, na sua vida diária, dificilmente você tem paz eu sim porque eu to passando por um período assim sabe, internamente com Deus to em paz, mas nossas vidas diárias a gente não tem. Você ta sempre encontrando alguém que o inimigo botou na sua frente pra te perturbar, pra te contestar sabe, pra bater de frente, pra te provocar, pra ver que reação você vai ter e às vezes você não tá preparado e joga toda coisa do mundo em cima dele.

E: A senhora falou da prosperidade, quinta feira aqui na catedral tem um culto...

A: não venho

E: da libertação, que tem campanha, tem

A: sou contra passar oleozinho na testa, Cristo já aboliu tudo isso

E: a campanha das semanas

A: sou contra isso é pentecostal sou contra...

E: A senhora acha que as igrejas históricas tradicionais no caso da Catedral aqui...

A: a igreja é, o conteúdo não..

E: é o que?

A: não é não, não é não, não é tradicional...

E: elas estão pentecotalizando?

A: tá,ta, tá infiltrado, você vê de muita coisa, outra coisa, eu tava sentada gosto, muito de ouvir a oração a pregação porque se você não ouve a oração você não sabe nem o que ta pedindo, se você não ouve a pregação, você não consegue (...) já é tão difícil entender a palavra, você já tem uma pessoa tem que pregar explicar pra você, imagina uma pessoa gritando do seu lado, aleluia , aleluia, batendo a cabeça, no banco, ta passando mal? Lá fora que é a pentecostal, é mais adiante, não é aqui não, que não perturbe o meu culto, pare de gritar, sai de perto de mim, eu tenho esse direito. Se Paulo estivesse aqui tava botando muita pessoa pra fora, eu sou muita seguidora de Paulo, ele é o apóstolo mais importante depois de Cristo vem Paulo, quem lê Paulo, cara, não se conformeis (...) e nós temos que saber identificar aquelas pessoas que são os dos nossos e que na são do nosso meio, meu pai era, meu pai era presbítero, meu pai era pastor, minha mãe era professora da escola dominical, zeladora da igreja muitos anos...

E: todos metodistas?

A: todas metodistas, 96 anos entendeu? E fui criada em um contexto de evangelho muito sério, não é essa bagunça que é hoje não, porque esse homem com essa gaita lá na África acha que vai converter o Fidel Castro, tem que juntar dinheiro pra ir pra lá, tem tanta gente aqui precisando ouvir o evangelho aqui, eu não me conformo com isso, vender aquilo ali, comprar aquilo, comprar a passagem pra passear, porque ele não vai no computador, já me chamaram na rádio pra gravar sabia? o senhor mesmo da rádio falou “vou mandar você fazer isso”, falei não vou...

E: pra gravar pra vender?

A: mas não vou mesmo, posso entrar em gravadora falar: ah! Vai pagar? Entro, faço bonitinho mas vou dar tudo, continuar tirando xerox, você continuar comprando, vendendo no camelô, vou continuar colocando musica, hinos que acho impactante, certo, pra tocar o coração das pessoas, mas não vou ganhar dinheiro, o dinheiro pra mim é dinheiro amaldiçoado. O dinheiro quando ganha com a palavra de Deus, mesma coisa você vender bíblia, tudo bem, nós cristãos temos que vender bíblias, mas os não cristãos não, nós temos que comprar e dar de presente, mas também (...) aqui pessoa começam, aqui tem pessoas católicas, procura saber ali estão com a bíblia com dedicatória, com cartãozinho, eu dou um cheque de dia de (...) uma benção no cheque

E: cheque de dia dos...

A: eu ponho um cheque dentro da bíblia (...)

E: mas um cheque mesmo?

A: não um cheque, uma folha de cheque ...

E: uma folha cheque?

A: eu mesmo tiro xerox, eu mesmo plastifico e dou como marcador bíblico, então aquele cheque

E: o que tem nesse cheque?

A: depois eu te mostro então, esse cheque é uma preciosidade pras pessoas que não são cristãos, tem na classe bíblica se você for lá tem varias pessoas que chegaram, mas ninguém procura

E: e a classe da irmã Júlia?

A: ninguém procura, eu acho que cristão tem que procurar você de ônibus, a igreja(..) então a primeira coisa é minha preocupação, eu tenho que dar a ela a ferramenta da nossa igreja, a ferramenta de Cristo, então no domingo seguinte venho com a bíblia, com o papel, com o vidrinho de perfume e faço esse é o perfume de Cristo, pequenininho tem ateu aqui ainda, tem que provar, tem que provar. A irmã achou que meu marido tá ficando meio maluco por causa disso, mas não é não, a gente tem que procurar mostrar pra pessoa que pra Deus a coisa é muito mais simples

E: olha

A: as vezes quando a pessoa fala com nome, botou a linha, botou o nome do perfume de Cristo...um cheque

desse

E: sim

A: o apanhado não ta aqui

E: posso tirar uma foto depois?

A: pode

E: achei bom

A: e olha isso faz um efeito, no não cristão, eu fiquei 6 meses no sul você não tem noção, meu filho, “mãe fiquei aqui três anos achava que não tinha ninguém como amigo a senhora chegou tenho mais de 20 amigos como pode?”. Tanta gente era domingo lá em casa, um churrasco, uma precariedade tremenda, só pra ouvir tocar violão, só pra ouvir cd, e nós saímos, ele gravou o cd no computador dele, fomos tirar xerox, comprar cd, comprar bíblia, ai pediram cantor cristão.

E: ele era metodista?

A: não era, ele conheceu Cristo lá, isso que digo pra você, mandei uma bíblia pra ela, noiva dele ia casar, como ele não tinha ainda caixa postal, ela que recebia só que ela não passava pra ele. Mandei uma bíblia de presente com dedicatória, tanto quando ele recebeu chorou muito, “mãe que presente maravilhoso eu não sabia”(…) então terminaram, parece que Deus já tinha me mandado pra lá ele falou mãe um dia tava tão deprimido que me ajoelhei e falei Deus manda um anjo pra mim, mãe você é o anjo que Deus mandou. Cheguei num dia, no dia seguinte, ele terminou o noivado eu falei, Bruna, mandei isso pra você minha filha seis meses, quanto tempo. Ele, que isso? Adriana que trouxe botou ai, quando abri era a bíblia com meu cd então isso tocou, isso, ele vem trabalhado cd comprando cd gravando tirando xerox toda pessoa que ia trabalhar lá na obra (...) [trecho ficou meio confuso, falou muito rápido]

E: risos

A: o posseiro nunca passou um mês. Sabe quanto tempo ele durou pra furar meu poço e o posso não furava? Janeiro, fevereiro, abril, março, maio, junho, seis meses e poço não furava esse homem era um terror e eu não sabia...

E: ficava enrolando

A: não...ferrou, não conseguia chegar eu tinha um outro poço que quando comprou a terra tava combinada

E: isso lá no sul

A: lá no sul e não podia ser usado (...) ele, falei não senhora, eu dou uma olhada lá que não e possível ai fui fazer exame da água como deve se defeito, checkou, não tinha nada, lá ele falou, restauro o poço pra senhora ia viajar quatro de julho, de 31 de julho ele refez o poço sem água na casa, o outro ele não conseguiu puxar nada, e homem, a senhora mudou a minha vida da minha família e dos meus filhos, ficava na minha casa não passava da minha janela, um copo ele não pega, me chamava de vizinha, ele, vizinha me da um copo da água? Ele, dona Asila, a senhora pode ficar tranqüila qualquer um quem tocar na senhora qualquer um de nós vai comprar briga.

E: esse era quem o matador? O violento...

A: o violento ele matava mesmo..

E: ai ele conheceu a senhora ganhou presente

A: ai comecei a conversar com ele, ai ele falou tava com câncer, ai eu disse, você não ta com câncer, ai ele, como a senhora sabe? ai eu falei, pela sua fisionomia, se tivesse câncer não pegava uma maquina tão pesada entendeu? Eu falei assim, eu acho que o senhor, você acredita eu Deus? Acredito. Mas com foi que pode, já foi no medico, quais sintomas? Ai passei remédios caseiros, ele foi melhorando, entendeu? Então, ele começou...Com é que se diz, a procurar mais a falar com Deus, o diabo tomava conta da vila dele (...) diabo quando baixa nele assim, mas eu nunca preguei o evangelho pra ele, fazia pergunta pra mim, e eu respondia, e ele ficava sentado embaixo da janela e ouvindo os hinos o “servo de jericó” então (...) e ate hoje se eu ligar pra lá, ele ta furando um poço, o carro ta com a porta aberta e o cd ta tocando aquilo e todo dia agora, eu boto o cd pra tocar quem quiser copia eu posso emprestar um...

E: risos

A: todo mundo quer um

E: ta criando uma rede missionária

A: é, mas eu não me vanglorio disso não eu acho o seguinte que Deus escolhe uns caminhos tão, sabe tão perrengue sabe tão difícil você não conhece ninguém eu tinha medo de avião de cai do avião muita fê quando eu sentei no avião, pensei eu estava sentada no sofá da minha casa e voltei de lá deixei grandes amigos eles tomam conta de lá comam conta dela igual um cachorro toma conta da sua casa entendeu um corta grama outro limpa o pessoal da segurança e evangélico tambem todos eles tomam conta os vizinhos então eu não preciso ta lá.

E: então uma ultima pergunta só pra fechar a entrevista

A: pela relação tinha mais pergunta

E: não, tudo bem, tudo bem, eu vou fazendo aqui, está interessante.

E: a igreja metodista em 2011, a denominação se desligou do movimento ecumênico, do ecumenismo, deixou de ser ecumênica que teve oficialmente. Então se desligou de movimentos ecumênicos, parou de participar. O que a senhora acha disso? Da relação com a igreja com ecumenismo?

A: eu concordo, você não pode misturar e a mesma coisa, você sendo uma pessoa exemplo ser um traficante e você um cristão e você ta sempre ali com o traficante convivendo com ele como e que você vai demonstrar pras pessoas que você e (...) e tudo igual vira todo mundo a mesma coisa.

E: nem com católico?

A: nem com católico entendeu porque você não vai conseguir reverter o quadro do catolicismo cheio de imagem, aquela igreja você não vai limpar a igreja de imagem você não vai converter um católico nem um pastor, assim, ou você vai a igreja católica lá fazer o sinal da cruz tomar hóstia e depois você vem aqui tomar a santa ceia, misturou tudo virou tudo a mesma coisa...Cristo e diferente, Cristo foram lá no meio de Jesus os pecadores pra salvar você ate pode ir, mas quando você vai pregar, como foi o caso daquele mecânico quando o pastor o padre por conveniência disse assim, o irmão, você não quer ir lá pregar na minha igreja porque na sua igreja todo mundo da o dizimo, na minha ninguém da o dizimo, porque eu preciso terminar aquela obra que eu prometi pra minha mãe que não ia trocar de roupa ate terminar a obra da igreja, e eu não to agüentando mais vou, ficar sem roupa só que eu acho que ele falou brincando porque ele levou o carro dele pra concerta no domingo muito cedo, o mecânico aparece com a bíblia e baixo do braço quando o padre o viu lá falou, ou o que você ta fazendo, assim, ué, você me convidou pra pregar ele ficou numa situação muito difícil avisou os fieis que ele ia pregar e ele sentou no ultimo banco, o padre quando o mecânico acabou de pregar ele perguntou assim, que aceita Jesus no coração e o padre foi o primeiro a levantar a mão. Quando o Padre foi lá na frente todo mundo foi atrás e hoje ele prega esse mesmo irmão quanta gente eu ia levar pro inferno comigo quase 200 fieis

E: e onde foi isso?

A: foi em Minas Gerais meu porteiro conhece o padre

E: e mesmo

A: é tenho o cd dele

E: do padre

A: e do padre ele pregou aqui desse padre ele e casado com evangélica

E: ele e aqui da igreja?

A: não ele agora roda pelo mundo pregando o testemunho dele que é muito bom

E: você tem o testemunho o cd dele?

A: tenho

E: a eu queria depois uma copia, interessante isso nunca tinha ouvido uma historia dessa

A: ele teve aqui no Rio levou uns bandidos lá pra com ele pra lá que ele fazia esse trabalho aí foi procurar uma igreja que pudesse acolher tinha uma irmã que ficou viúva e escreveu uma carta pra Deus que ela queria outro companheiro só que quando o padre pediu ajuda igreja, ela que deu abrigo pra esses dois, ele achava que tava respirando sós, que na mesma casa ele começou a sentir atração por ela, por ele e ela, foi ler a carta ele pediu um alto, ele ate descreve, um alto moreno de olhos verdes, depois vêm uma baixinho careca gordinha narigudo e ele a sentada no primeiro banco isso que eu digo isso e impacto..

E: e ele deu testemunho aqui na igreja

A: deu ele deu testemunho agora vendeu monte de livro isso, ai e, ok, ele ta fazendo eu acho que a igreja devia participar, eu participei, meu carro ta dando muito problema, ta velho eu não posso comprar outro não tenho dinheiro, eu posso dar, mas constantemente não se me peitar vez eu não dou as igrejas tem um dizimo o que acha que ta fazendo um trabalho bonito, ta com o testemunho dele, que eu não sou muito de achar que pregar o evangelho só com testemunho é muito...Você sair viajar, eu com meu testemunho eu prego evangelho, o testemunho aqui sumiu, certo, você não acompanha, você não acompanha a vida particular, a casa onde eu moro, testemunho assim, inclusive, se me chamar pra dar testemunho lá não frente eu não vou dar, testemunho não salva ninguém nem prega o evangelho, testemunho é apelação é uma coisa de comoção, aconteceu com fulano vai acontecer comigo, não é assim, o que aconteceu comigo não vai acontecer contigo não vai acontecer com ela.

E: com certeza

A: depende da sua intimidade com Deus, ser cristão e muito mais difícil que ser evangélico porque Cristo, não pregava essas coisas você pode ver na bíblia os milagres que Cristo fez, não foram centenas nem milhares foram? Poucos, mas ele deixou ali a marca dele, Cristo podia ter feito um monte, esse povo faz mais milagre do que Cristo.

(risos)

A: eu sou mais poderosa que Cristo, mas Deus que deu eles curam cristo não usava o suor dele ele usou me lembro que eu usei a saliva mesma coisa que ele tinha que fazendo bem to vendo mais ou menos ai fez a segunda vez, pra ele enxergar novamente, Cristo mostrou que ele podia sentir só gostinho, hoje em dia a pessoa só com suor com a toalinha, com a meia, com a gravata, já ta fazendo milagre, por isso que bíblia disse, Cristo disse o seguinte, quando estivesse próximo do filho do homem e surgiram muitas seitas curaram cegos aleijados ressuscitarão mortos em meu nome, mas não sou eu por que o que ele tinha que fazer o (.) já fez hoje nos temos que crer que tem poder, mas Cristo não vai hoje a eu vou ressuscitar ali pra eles crerem eu posso em nome de Jesus, ele ainda fala que Deus deu poder ele, único que tem o poder pra alguma coisa era Paulo, e assim mesmo muito restrito Paulo falava mesmo que eu falasse a língua dos anjos que Paulo não falava a língua dos anjos hoje

tem um monte de gente. Falando. , línguas estranhas ai que eles copiam ate eu falo línguas estranha línguas estranhas faladas por mim e diabo que ta falando porque ele ta infiltrado não igreja ele ta no coral, porque ele e um dos maiores músicos do que ele o faz vende bastante o meu cd se eu gravar não vou vender um (risos) falei de mais né?

E: não muito pelo o contrario eu só tenho uma perguntar se não for atrasar

A: não pode falar

E: em relação à igreja em questões sociais

A: eu acho que ainda ta muito fraco, ta um pouco fraco, os espiritas fazem muitos mais porque eles acham que vão ganhar o paraíso o céu fazendo caridade, então faça caridade a bessa, eles suprem a falta, não à deficiência da igreja evangélica, entao eu acho que a instituição evangélica é pouca fiscalizada, eu mesmo sou falha, mas por problemas pessoas eu tenho um marido que tem problema de convulsões ele agora ta com a coluna quebrada, eu gostaria de ajudar mais, exemplo, num asilo com as crianças, mas ajudo de outra maneira, mando fralda, mando dinheiro pro hospital e a maneira que posso ajudar, mas eu gostaria que fizesse cabelo faço unha. Não essas pessoas. Você tem que se sobrepor a elas, mas eu não tenho esse horário disponível, mas Deus sabe entendeu (.), mas tem muitas outras pessoas que não são disponíveis poderiam estar lá e não estão às vezes estão na praia tomando sol no shopping, o cristão tão por ai usufruindo as coisas do mundo e tanta gente num lugar desse precisando de um carinho de uma atenção gente ta cego não pode lê.

E: pega alguém só pra lê

A: lê a bíblia você vai lá nos ceguinhos, tem um monte de filhos um monte de católico, lê pros ceguinho tem tanto velhinho o que não enxerga mais precisando de alguém que vá lá ler a bíblia, eu me lembro que minha mãe já não enxergava muito bem, a gente tinha que ler pra ela, então, acho que a deficiência, e levamos a fazer cesta básica, vamos ajudar os pobres, os pobres da nossa igreja, que ninguém procura saber nem conversar saber onde mora, o que tem, o que não tem, não adianta fazer cesta básica, à pessoa aparece na porta e oportunismo ele não vem aqui ouvir a palavra, ele vem pra levar o que comer, ele vem pra levar o que comer e depois que levou, vai tomar café na esquina vai comprar um cigarro

E: e questões políticas aproveitando

A: não aceito não aceito política dentro da igreja, não aceito indução como ta acontecendo aqui na nossa, eu acho isso, assim, degradante pra igreja, não tem que se envolver na política, igreja e pra pregar salvação, o templo foi feito pra ouvir a palavra de Deus, não foi feito pra induzir a você a votar em a B no C no D e nem falar de político, Deus proíbe você ate de falar mal do presidente, falar mal do nosso superior, quem e o pastor que pode garantir que hoje no nosso pais, quem é um político sério quem nos garante? Que me apontar um (...) uma pessoa limpa de um caráter sabe sem igual posso sem tirar um fio de cabelo.

ROBERTO e DÉBORA. Entrevista concedida a CARLOS HENRIQUE. Catedral do Catete, 19 nov 2012. som formato mp3 (19min 54seg)

E: Não quero atrapalhar vocês, então, a entrevista vai ser gravada, tem total sigilo etc.. Contem como vocês vieram parar na Catedral, como vieram pro metodismo, em particular a experiência de com a catedral metodista.

R: eu já venho de igreja evangélica antes do metodismo, eu morava na rua, eu nasci e cresci na rua da igreja da catedral e meu pai ficou evangélico, eu tinha uns seis anos de idade, ele já ouvia muito tempo, eu com seis anos de idade, em 1987, eu lembro da igreja universal da mesma rua...

E: Se converteu na universal seu pai?

R: Passou um tempo, assim 1995 ele já tinha passado algumas igrejas, ai 1995/96 ele entra pra metodista, ele redescobre a igreja ali, tanto tempo ali ele, mas, a igreja tranqüila, muito tradicional e pra onde ele ia ate aquele ... eu segui em 1998, eu lembro, indo lá em 1998 primeira vez era bem diferente de hoje, me tornei membro mesmo dela 2005...

E: Diferente?

R: O estilo, o culto principalmente, o culto, principalmente o culto à noite de domingo era um culto, bem, lembro do culto bem vazio, a igreja não era tão rica como hoje, assim no sentido de esses aparatos né?

E: Estrutura material?

R: era uma igreja bem tradicional mesmo, teclado, bíblia, hinário, os louvores mais contemporâneos, mas bem tímida, bem tranqüilo isso. Tudo à noite comparando como é o culto hoje, o culto da manhã sempre foi o estilo, não mudou o foco, era sempre o culto da manha ate hoje, ai começou a tomar uma outra...

E: a partir de 95...

R: ...1998 que eu lembro, mas assim, meados de 2002, 2003, o culto da noite ficou mais atrativo, principalmente para uma ala mais jovem eu lembro isso... Teve essa mudança, não sei, acompanhando talvez a linha de outras igrejas do mesmo período, acho que ela decidiu não, não ficar pra trás e ai assim incorporou mais um estilo mais jovem, mais nova, e ficou esse estilo com pessoas da igreja mesmo, ai organizou ministérios de louvor e tudo...

E: Bacana, e você Dani?

D: Eu e minha família eram metodistas, sou de Minas, Juiz de Fora, não sou daqui do Rio, nascida na minha

igreja metodista, fui de lá ate os 20 anos, participava de lá, nessa época passei pra presbiteriana de lá também, ai fiquei, eu to com 29, ate hoje sou de lá da presbiteriana. Ai vim pro Rio em 2009 pra fazer residência médica. Só que eu sempre tive questão de igreja, ai vim pra cá procurando igreja para freqüentar, o fato do plantão sempre ficava alguns finais de semanas aqui, não ia para casa, ai estava procurando, fui em várias, fui na comunidade presbiteriana, fui na Catedral Presbiteriana, mas assim, era meio diferente do que estava acostumada, uma coisa meio formal, uma coisa que não estava querendo muito, mas frequentei nessa época a catedral metodista, ano passado, mas isso foi mas pro final mesmo de 2010 que comecei a freqüentar um pouquinho mais aqui, começando a conhecer mais o pessoal, acabei indo pra SP fazer uma especialização. Lá, no ano passado, fiquei lá, ai lá frequentava a presbiteriana tambem que era próxima a e acabei voltando esse ano fevereiro. Voltei pro RJ em fevereiro, em março e a partir dessa época, abril, que estou frequentando a catedral mesmo porque é próxima de casa, moro na Senador é bem próxima e porque realmente é uma igreja que me identifico um pouco, tem uma história, e já conheço a metodista um pouco pela proximidade...

E: comodidade e porque você já conhecia o ambiente?

D: já conhecia algumas pessoas, conheci o R. em 2010 também né...

E: ...Continuando vocês estão satisfeitos com a proposta de igreja da Catedral, pretendem mudar...

R: ... já me marcou em 1998, apesar de já ter ido... Eu sou muito ligado essa coisa, assim, de hinos de louvor, me marca, a música me marca, o hino de louvor que tava tocando esse dia e eu gostei da forma dali, eu gostei. Uma coisa que me encantou, já tive algumas esperanças né, com a igreja, assim mesmo, de percepção, coisa que me desanimaram de frequentar...

E: pode dar exemplo?

R: exemplo, assim, talvez cobrar muito das pessoas, ver uma alienação das pessoas, isso me desanimou, tambem uma fase da vida, ai você acaba sei lá, você acaba cobrando demais das coisas, ficando mais alerta, aí... aí eu achei isso uma certa alienação que me desanimou um pouco, uma época que diminuí bastante o ritmo de freqüentar a igreja, não saí, mas diminuí bastante o ritmo de frequentar mas. Então senti a necessidade de voltar a frequentar e era nela [Catedral do Catete], aí eu vi o ministério de louvor, já estava tocando violão e decidi, puxa, eu quero tocar violão em alguma corporação, um conjunto, um grupo, mas não quero que seja fora da igreja... Então fui e comecei a analisar, eu gostava, gosto do grupo de louvor, e comecei a ver uma certa possibilidade de entrar e vi uma certa burocracia e isso me tornou de forma negativa...

E: exigência?

R: É, requisitos que eu vi, puxa, mas igreja, e ai, por exemplo, ate uma frieza das pessoas de eu chegar e falar esse desejo, e uma frieza que já é o primeiro impacto, e a outra, [dizia o grupo de louvor]: “Ah você vai ter que participar disso primeiro, como ouvinte, ate chegar efetivamente a tocar...”

E: você já tocava antes?

R: tocava violão normal, ai queria tocar na igreja porque eu gostava do grupo da igreja e queria participar daquele grupo, ia desenvolver mais alem da amizade, seriam boas pessoas, no fundo no fundo, queria estar inserido no grupo e senti uma certa dificuldade... consegui entrei.

E: mas teve que cumprir um ritual...

R: cumpri uns requisitos, mas eu passei a olhar e ver que não era totalmente errados, para você chegar a um nível de excelência eu acho que tem alguém (...não da pra fugir eu acho que Deus e assim, eu acho que tem coisa que tem que ser amenizada, tem coisa que há hipocrisias por exemplo, participar da escola dominical é um requisito pra participar do ministério. Daí você vê pessoas que eram do ministério e não participando. Você vê, puxa, ai vem a primeira ideia: injustiça. E isso aconteceu, teve um momento que não suportei algumas coisas, ai sai, continuei na igreja fazendo outras coisas. Esse ano acho que temos que dar chance pra certas coisas, eu acredito na mudança, as coisas mudam, tenho esperança, fui convidado de novo para voltar e aceitei voltar paro o ministério de louvor. Eu tambem mudei, acho que sempre tem que ter isso ai esperança...

E: Então, pretendem mudar, tem algo que se identifica muito com a catedral... podia ate para aproveitar e perguntar qual culto que mais frequenta e porque?

D: não, assim, nunca tive uma identificação tanta com a catedral, eu me identifico com a prebisteriana mesmo, já a minha mudança que tive da metodista para prebisteriana foi de estudar a bíblia mesmo, conhecer pra mim, isso eu cresci bastante na presbiteriana... A minha visão pode ser um pouco radical para o conceito, mas acho que tem ainda muito chavão ainda sabe, coisas que penso realmente diferente, mas, não me limito de participar e ficar junto por pensar diferente. Assim, eles acrescentam muito na minha vida, as mensagens dos pastores, procuro estar aberta a escutar mas não me limito a aceitar aquilo e verdade e pronto, ate dificuldade minha pra me tornar membro de lá..

E: pensa em fazer isso?

D: talvez futuramente, é porque penso que tem muita questão de liderança e você está submetido a liderança e você tem que pensar a que liderança você se submete, eu estou ali e é uma experiência com as pessoas que estão ali. Eu tenho coisas a acrescentar e procuro estar aberta para uma visão, assim, talvez preconceituosa que tenho das coisas, vão sendo quebradas, as coisas não são 100 % lógicas, espirituais, tem outra dimensão, eu acho que até o momento estou satisfeita, tem muita coisa que tem que mudar realmente e acho que o pensamento das

peessoas tem que mudar, mas coisa que sempre soube que a metodista é aberta a opções desde essa época que cresci, eles tem essa coisa de pensar e deixar pensar e um ambiente que podemos estar junto e, sei lá...

E: o que acham desses cultos domingos? Eles tem quatro cultos diferentes.

R: eu me identificaria com qualquer culto... O espaço da igreja deve ser puramente para contemplação, meditação e nesse sentido talvez o culto mais calmo e mais tranquilo para mim talvez seja até melhor que tem o foco no estudo da palavra, que tem um foco que estude que trate as necessidades, que faça estudo mesmo, de um conteúdo... De conhecimento mesmo acho muito valido então, independe do horário, pode ate ter quatro cultos mesmo, geralmente os que vou são o de 11h e das 19h, mas porque realmente participo dos da 19h da catedral só acho que é o culto que mexe com duas coisas. Tem momento de estudo, ele dá espaço pra você também, mas ele não tem um momento muito calmo, acho que poderia ter momentos mais assim.

E: que é o culto de avivamento?

R: é de avivamento, tem essa ideia, acho que está muito ligado a um... Acho que deveria ter um momento tranquilo, mais calmo para você refletir, uma coisa que vê no culto das 17h da 8h e das 11h e 19h você já começa com louvor, já tem o louvor, já meio assustado, fico meio assustado, então, momento de tranquilidade e antes as pessoas já entram já tem que chegar bem antes. Eu to sentido falta disso, de um momento mais de reflexão, eu gosto do culto das sete, é um culto que tem animação nele acho que... mas eu não perco essas coisas da reflexão, da tranquilidade da meditação.

D: eu não gosto muito do culto da manha muito porque é um culto mais tranquilo, eu não gosto muito, acho que fico com sono e acabo não fico frequentando muito, eu gosto da escola dominical, quando dá chego antes. Eu gosto do da noite, das 19h, pode ser costume, hábito que acabei criando e outra coisa que frequento bastante são as células, gosto do espaço de trocar idéias, e, essa questão de reflexão que R. falou antes, sinto tanta falta no momento do culto porque tenho muito na minha vida, mas não tenho isso no culto das sete, tem o momento da mensagem, você pensa ali, aquilo fica pra refletir durante a semana, ai gosto mais desse culto, não sei se das pessoas que tem ali...

E: esse culto das sete tem nome de “culto do avivamento” e quinta-feira tem o “culto de libertação”, e a igreja tem essa característica que colocaram, de um culto mais calmo ao tradicional...

R: eu vejo que a igreja já mapeou os momentos de frequencias dos cultos, nada é feito aleatório e à toa, tudo histórico e estatístico, e é isso, o culto de quinta, tem muita gente que vem na quinta e não vem aos domingos, pessoas ate de fora da igreja, pessoas com uma linha de pensamento bem amplo, pentecostal...

E: Já veio ao culto quinta feira?

R: e um culto meio descaracterizado...

E: e uma campanha agora sete semanas...

R: meio descaracterizado do que o Senhor diz, o nome do culto já é contraditório, lembra muito a universal, tem muitos membros, libertação, tem muitas pessoas da igreja universal lá, e que se torna a igreja assembléia de deus, o estilo talvez uma estratégia que a igreja busca pra conciliar membros, pessoas da igreja para não terem choque muito forte com alinhamento de pensamento da igreja metodista, que é diferente. Então é mapeado o culto de manhã, tem muita gente idosa, pessoas antigas, acostumadas com aquele estilo, coral, exemplo, só canta de manhã. Não que os idosos não venham à noite, vem idosos, mas pessoas com pensamento diferente às vezes precisa a igreja não tem mais o que fazer, a vida dela, e vai, sente mesmo, anos antes, aquele mesmo ritmo... a igreja, ela faz o culto mesmo da manhã, não abre mão disso, mas para o publico mais idoso, mais tradicional. E o culto da noite é um culto mais para pessoas jovens... E já está aí, est amos mais de dez anos nesse estilo, nesse ritmo, tem dado resultado e vejo que a igreja vive disso, de resultado. O grupo de 17 horas, não sei para quê ele... Não sei.

D: para pessoas que querem sair de noite aos domingos...

R: porque o culto é na capela, e não tem grande publico e acontece lá não é, eu acho que foi uma certa alternativa, eles fazem a ceia para as pessoas que faltam no dia da ceia normal, no segundo ou no terceiro domingo, acontece a ceia lá. Nunca fui, o meu irmão, engraçado, meu irmão trabalha às vezes aos domingos, e ele passou a frequentar esse culto.

D: é legal essa alternativa

R: é mais alternativo

D: mas acho que a pergunta dele não e isso...

E: É isso mesmo. A próxima pergunta é se acham que com essas mudanças todas a igreja metodista está se pentecostalizando? Ou está se influenciando, reagindo a uma influencia do meio religioso que agente tem hoje...

R: Acho que não, porque a igreja cristã, ela procura ser, a estrutura de formação dela... Para se tornar pastor, mesmo na igreja mais distante, tem que ter passado por alguma dessas instituições de formação teológica...

D: acho que independente de formação de pastor...

(MUITO BARULHO NO LOCAL, NÃO DEU PARA IDENTIFICAR) 24:40 MIN.

R: depende, falando do lugar, eu acho que aqui a catedral não chega a esse nível, até por esse balanço, o culto da manhã, ele não mudou, e não abre mão disso. Tem muita gente tradicional na igreja que não quer mudar, tem muita gente que se falar em mudança elas reagem fortemente, não deixam de seguir certas idéias, cedem alguma

coisa, até as pessoas mais jovens não querem que mudem, eu sou um...

E: tem mais jovens que pensam...

R: a maioria assim...

E: que coisa, assim, pra ser bem prático, que elemento você não abriria mão?

R: por exemplo, uma coisa que já vi em igrejas pentecostais e neopentecostais, o momento de, fazer momento de oração no culto, meio que um apelo, e as pessoas terem momento de cair, apelo apelativo mesmo (...) respeito isso mas fico incomodado, a igreja metodista não tem...

D: a catedral não vejo isso, mas a gente está falando da catedral, mas tem metodistas...

R: há igrejas-chaves que ditam a tendência...

E: você acha isso?

R: as igrejas-chaves são Jardim Botânico, Vila Isabel, Copacabana, Catete... Não lembro mais outra

E: são daí, igrejas metropolitanas...

R: pode observar que elas seguem mesmo estilo, elas não fogem...

E: nas outras seguem esse culto?

R: ah, e a da Barra que é bem distante, as pessoas eu considero um pensamento bem liberal dentro do contexto igreja, eles não abrem mão das tradições, apesar de terem mentes bem abertas para algumas coisas, e, ou seja, eles não querem esse modelo pelo menos aqui nessa área, nesse lugar que a igreja (...) não há muito interesse nesse estilo, talvez na Baixada Fluminense tem diferença, a igreja metodista lá nesses lugares, as pessoas já seguem uma linha bem próximo do pentecostal. Em Realengo eu vejo esse pensamento, algumas comunidades, nas igrejas dessas áreas, não só por que é zona sul. Em Vila Isabel não é zona sul mas é tradicional.

D: até porque a igreja vai refletir o pensamento de quem está frequentando.

R: acho que não é bem por isso, comunidade, pessoas que frequentam de comunidade, aqui, gostam desse estilo e é comunidade...

D: então, mas é outra igreja, agente está comparando metodista em diversos lugares, na verdade agente tem que falar só da catedral (risos).

E: não, é aberta mas assim, quero saber, vocês acham que essas mudanças estariam causando, não que a igreja catedral estivesse se pentecostalizando, mas é uma mudança...

R: exemplo, esse culto da noite era diferente, eu lembro, ele recebeu influências...

D: eu não sei, eu sou bem recente na igreja, entrei ontem, como só acho que a metodista dentro das protestantes, ela não é a mais tradicional, ela se aproxima mais do pentecostalismo mesmo...

R: não, não é, mas olha só, a catedral, ela tem momentos de extrema, que não são as pessoas, não abre mão disso, tem que ser daquela forma, o primeiro culto da manhã de domingo é o mais tradicional de todos, tem só órgão, não tem nem o ministério de louvor lá na frente, não que seja uma regra, mas pode até ter um momento, mas não abre mão lá, e tem que ser daquela forma, até pessoas, que forem pregar tem que ser selecionadas para seguirem aquele ritmo, para não mudarem...

E: só para fechar, a questão por exemplo, a igreja metodista era ligada ao movimento ecumênico e se desligou faz pouco tempo dos órgãos ecumênicos. Como você entende essa relação do ecumênico com a igreja?

R: é uma questão muito pessoal, mesmo nunca consegui ver, não sei no passado...

E: foi recente, foi em 2008...

R: não consigo ver no ecumênico, tirando algumas pessoas pontuais, mas sempre vi ela ligada a igreja católica...

E: ligado a igreja católica?

R: não ligado, a católica, mas conversam bem, com a católica, igrejas cristãs, ela conversam bem, mas cristãs mesmo, ela tem um bom diálogo por exemplo, elas aceitam batismo da igreja católica

E: a Catedral aceita batismo da católica ainda?

R: eu, por exemplo, fui batizado na igreja da Glória no Largo do Machado, e não precisei ser rebatizado. Eu nasci né, e meus pais eram católicos e fui batizado lá. Era o padre Jonas que considerava um sacerdote e agora passei a vê-lo, ele é um sacerdote e me batizou(...) isso já é um hábito ecumênico, mas isso é um lado bem pessoal, agora passei a ter um encantamento, nem me aprofundi, mas o que já vi do budismo achei bem interessante passei a respeitar outras religiões ao ponto de querer até visitar esses lugares... a cultura oriental, religião oriental, me identifico bastante, a coisa do hinduísmo, do budismo em si, até o ateísmo, passei a ver pontos coerentes, a ciência... desde criança fui muito ligado. Mas eu tenho minha coisa da igreja e ainda me identifico muito com igreja metodista.

D: então, penso bem diferente, e um pouco, não sei um pouco ou bem... eu acho que o ecumenismo é para ser com igrejas cristãs mesmo, sabe, eu acho que, ecumenismo, e você tem uma união, uma ligação, enfim, com pessoas que acreditam no básico, que você acredita, as coisas bem compatíveis. Com outras religiões você tem que ter um diálogo, uma tolerância, mas não uma unidade, eu acho que eu realmente não sei como agora a igreja metodista está se posicionando(...) de que assim, as igrejas cristãs a gente fica com a essência, com o básico, e o que for diferente cada um fica na sua, mas manter o básico de que se acredita, essa coisa de ser cristão, eu entendo o ecumenismo como ecumenismo *crístocêntrico*, ecumenismo que vai (...) quem não é, claro, tem seu direito, a gente vai conversar, vai conviver, mas... Questão das pessoas, assim, se eu não compartilho com que

você acredita, com respeito...

R: Eu não acredito no que você faz, mas eu defendo até a morte o direito de você acreditar...

D: o budismo tem mais coisa de cristão né...

R: mas é uma coisa pessoal minha vejo alguns elementos que podem ser incorporados, vejo alguns pastores incorporando, não vai incorporar o budismo na igreja, mas algumas coisas tiveram interseção, e eu vejo que eu posso ter alguma nas minhas experiências sem perder e sem querer influenciar os outros, acho que tem que ser mantido, não estar gerando um incômodo desnecessário, um mal estar, eu não quero.

JÚLIA. Entrevista concedida a CARLOS HENRIQUE. Rio de Janeiro, 19 nov. 2012. som formato mp3 (19min 14seg)

E: A primeira pergunta, queria saber como e que a senhora veio parar na Catedral, ou como se tornou metodista? Nasceu metodista ou se converteu ao metodismo, se veio a outra igreja...

Z: eu nasci na igreja evangélica, meu pai era evangélico, meu pai com minha mãe e sempre eu gostei muito de estudar, quando, mesmo quando eu era jovem, adolescente, já era professora de criança, professora de adolescente aqui na igreja do Catete. Depois que eu mudei, me casei, vim trabalhar aqui na igreja do Catete, já tem mais de cinco anos, trabalhei com uma turma, nós tínhamos 40, 45 adolescentes, minha mãe lia para eles, permanecem na igreja até hoje (...) esse curso de bíblia para eles, aí como eu cheguei a dar esse curso de bíblia porque quando eu vim, quando me casei, meus filhos já eram maiores, eu resolvi fazer o curso de teologia, e fiz o curso de teologia no seminário aqui do César Darcoso Filho (atual Bennett) (...) e como eu já era professora, tinha facilidade de fazer as leituras e os resumos do trabalho, e sempre ganhava nota boa e o pastor, eu não queria ser pastora, queria continuar professora, comecei dar aulas e ele ficou enciumado porque eu tinha facilidade de escrever e quando tive representar também eu tive que era professora e ele(...) eles não gostavam muito de eu assistir a palestra deles, mas ué, eu to aqui para aprender, eu tenho que aprender com vocês, era muito interessante, então nós criamos assim, um ciclo que nós íamos a casa de outro para trocar idéias, fazia exercícios e estamos juntos até hoje (...) são meus amigos muito queridos também.

E: a senhora tem pastores que são metodistas ainda são pastores hoje né?

Z: são pastores hoje, então o que acontece, minha vida não era ganhar nada assim, dinheiro, graças a Deus eu não precisava disso, então mesmo, sendo ... mesmo sendo colegas deles, o professor, aquele professor não me lembro muito bem o nome de todos mas, um deles me pediu para dar aulas de português para os meus colegas, sabe porque eu tinha muita facilidade em escrever, de falar (...) [criticava que as pessoas não escreviam direito] ... coordenadas colocadas direita, pediam para eu ler mas é um absurdo, você não sabe escrever (risos), então, durante muito tempo dei aula de português e também estudava teologia, e nós ficamos muito amigos, acontece o seguinte, eu nunca tive pretensão de ser pastora, eu só queria ser professora, mas teve uma época que o bispo precisava capacitar pastores para igreja, porque eles não tinham oportunidade de fazer curso de teologia lá em São Paulo, mas eles queriam ser pastores, pastores ajudantes e tal, então ele me colocou na linha de frente para ensinar português e também teologia porque eu tinha feito o curso de teologia, ajuntou muitas coisas, livros da bíblia por exemplo, que ninguém nem queria estudar e tal, e para mim não tinha problema nenhum, meu marido ainda era vivo eu, eu precisava de livro tal, dicionário tal, ele comparava todos os livros, dicionários, tudo que precisava ele tinha.. Então, tenho muitas referências de chave bíblica, tudo eu tenho, mas não gosto de emprestar, se você quiser ler tem que ir lá na minha casa (risos!). Então se você quiser assim livro que às vezes não tem na biblioteca universitária, pode saber que eu tenho, então depois sobre o metodismo, também fizemos o curso e isso tem ajudado assim, na área regional principalmente trabalha primeiro com adolescente, depois com as mulheres, então elas gostam muito de sofrer e me convidam para falar para elas (risos!) se você quiser, gostar de sofrer, fala comigo porque não tenho pretensão de ser bispa, arcebispa, professor disso, professor daquilo, então eu falo com as mulheres no nível delas, eu sou esposa, sou mãe, então a gente sabe, mas muitas vezes as mulheres não são tratadas com o mesmo respeito que os homens, no modo geral. Então no mesmo momento que o bispo me pediu para fazer cursos de bíblia, sobre a bíblia com as pessoas que quisessem, isso era impressionante, como as mulheres eram a maioria ... , nem todas podiam fazer o curso de teologia, então, tenho essa alegria de ter compartilhado enquanto eu pude. Atualmente estou passando por uma fase muito difícil, porque eu sou professora titular nessa classe, eles chamam “classe de bíblia”, mas não tenho dado aula porque eu estou com problema de tontura, e os médicos não descobrem o que é, mas até esse ponto, até nisso Deus é maravilhoso, porque eu falei: “gente, não tenho condições de dar aula porque posso estar falando e cair”. Que horror, vai ser maior vexame, então eu vou ficar sempre quietinha lá e se precisar socorrer estou pronta, mas vocês tem que dar aula, as pessoas estudam para valer não é, então Deus sabe todas as coisas não é? Então Deus está preparando uma turma que além de saber a bíblia(...) [Há um grupo de alunas desta classe que se revezam dando aulas no momento] aprender um pouco sobre o que elas estão falando, mas nós estamos estudando Gálatas...

E: então estão estudando a bíblia desde o começo do ano? Porque estive e outras aulas e vi a senhora falando...

Z: desde o começo do ano, e agora nós vamos estudar Gálatas, eu estou dando esse tempo para ela enquanto

melhor para depois dar, eu estou anotando o seguinte, eu amo ler, não posso deixar nada ligado que esqueço o resto, mas notei o seguinte: quando leio muito tempo piora tontura, mas agora dia 23, vou buscar um ... de uma tomografia computadorizada da cabeça para saber se tem um problema... Então é isso aí, mas se eu puder ajudar em alguma coisa...

E: continuando, então a senhora sempre atuou muito com as mulheres na igreja na área de ensino...

Z: primeiro com adolescente depois com mulheres, agora em congresso quando é de homem e mulher também já falei várias vezes, então é isso que estou te falando, por isso que gosto de todos...

E: e a senhora sempre foi membro aqui da Catedral?

A: Não. Quando me casei eu era membro da igreja de Vila Isabel, depois fundou a da Tijuca e eles não tinham pessoas lá para ajudar, então passei a frequentar a igreja da Tijuca para ajudar a igreja e por isso até hoje elas não me deixam sair da sociedade de mulheres da Tijuca. Hoje mesmo vou almoçar e ir correndo para lá porque eu sou a única, acho que já te falei, a única sócia viva que começou a sociedade da Tijuca, todas as outras já morreram e por isso me puseram no museu (risos)

E: A senhora tem muitos anos de vida ainda com essa disposição que tem! Com certeza! Agora, sobre a Catedral e os cultos da igreja, qual culto a senhora se identifica mais? Qual a senhora mais frequenta? Por que a igreja no Domingo tem quatro cultos com características bem diferentes como eu já pude observar...

A: eu gosto muito do culto das 8:30, não só porque tem menos pessoas, mas acho que a gente tem que colaborar, mas como também tem mais espaço para o leigo falar, não é só pastor que fala, agora o culto das 11 horas, acho muito bonito porque é solene, um culto mais tradicional. O culto das 17h da capela, com pastor Felipe é muito bonito, mas não posso ficar vindo todos os cultos, e o culto das 19h horas eu não gosto, do culto da semana [quinta] das 19h, porque eles fazem uma barulhada (...) na hora de fazer uma oração, eles gritam e não é minha paraia, mais pentecostal, mas não reprovoo não, tudo bem, quer gritar, grita, mas não vou lá para ouvir grito não

E: contra o pentecostalismo a senhora não tem nenhuma restrição, so que não frequenta o culto?

A: não, é assim, por, exemplo, assim... vou trabalhar na área de capacitação, porque me senti bem no curso de teologia na área de ensino e capacitação sabe, então o que aconteceu, quando ensinavam como trabalhar com crianças, eu tenho todo o material, inclusive coisa nova sabe, tudo, aí eu ensinava para professoras como trabalhar com crianças. Depois passei como trabalhar com adolescente, que era uma turminha braba, depois eu tinha nessa igreja, quando trabalhei nessa igreja, era quatro adolescentes, mas a gente fazia ida ao morro, fazia escola musical no morro, assim, não sei como que eu dava conta sabe? não sei, Mas Deus me ajudou e a maioria deles hoje são amigos e pastores da igreja, todos. Eu fazia questão de dar o curso de bíblia e eles amavam, depois falei assim, chega de trabalhar com adolescente, só vou trabalhar com as mulheres, se as mulheres pediam para falar tal e agora estou falando para os ancião(risos)(...)

E: então agora vou fazer uma pergunta bem direta, a senhora acha que a igreja metodista e a Catedral estão sendo influenciadas pelo pentecostalismo? Acha que está mudando?

A: Eu creio. Tem um culto durante a semana que eu acho que é pentecostal, acho que é quinta, não é que não goste do culto, não gosto da gritaria que tem acho que deus não e surdo não precisa gritar civilizar(...)então deixa gritar so que não venho tenho direito de não vir eu tenho a restrição assim eu acho que a pessoa tem que ter respeito por ouvido dos outros mas se estão a costumando a ouvir grito e não sentir nada mas eu fico desorientada de ouvir os outros gritando

E: em relação a personalidades evangélicas que aparecem, pessoas famosas do mundo evangélico, pastores, cantores, a senhora costuma assistir alguém, tem preferência por algum ou a senhora não gosta...

A: Não, quando vem um pastor, um missionário trazendo coisas novas eu amo saber como é que eles estão trabalhando naquela região, porque, quais os frutos que tem dado acho uma coisa boa, para reforçar a fé, a boa vontade dos outros também para participar da missão, às vezes uma pessoa que queria saber sentou para fazer, mas nunca teve o chamado(..)

E: uma outra pergunta, sobre o ecumenismo, a igreja metodista se desligou de alguns órgãos ecumênicos. O que a senhora acha disso?

A: eu acho um movimento excelente com uma ressalva, os grupos que fazem parte disso que tem que respeitar o que o outro pensa, e faz não e querer modificar aquele outro grupo, você pode conversar com a pessoas e falar abertamente o que você pensa, sem magoar a pessoa e sem julgar...

E: e outra perguntar, sobre o engajamento da igreja em questões sociais?

A: acho que a igreja metodista podia fazer mais sobre isso(...) fazer bíblia, trabalhar esse com mais afinco e mais firmeza, essas pessoas que muitas vezes estão passando, por exemplo, tem adultério na igreja e as vezes os pastores (..) uma ressalva, para não falar que eu acho que a igreja deveria ser mais autêntica nesse sentido, de denunciar o pecado, beber por exemplo, se você bebe e é problema seu, mas a medida que você bebe, fica bêbado e bate na mulher, já não é seu, então eu acho que a parte da igreja de ajudar órgãos assim está ótima e tal, mas ser mais categorica. Já ouvi assim, a igreja metodista(...),mas não é isso, não foi isso que Deus falou, se você ler os salmos direitinho, vai ver direitinho, ver que tem exceções, mas às vezes os pastores para não se queimarem, vão passando a mão...

E: as perguntas eram basicamente essas...

A: não está muito escandalizado não?

E: não foi um para fazer entrevistar a senhora, porque ja me deram a referênciã que a senhora tem um trabalho bom com o estudo bíblico e tem um prazer de uma conversa, na verdade essa entrevista é porque a senhora valoriza muito essa questão do ensino da bíblia, e acho que é uma coisa boa para minha pesquisa, porque não sei se é impressão minha, porque em relação aos jovens de hoje um interesse com o estudo. Hoje fiquei surpreso com um rapaz falando sobre a reforma... Como a senhora vê isso, a questão do ensino da bíblia, o estudo bíblico na igreja, porque esse movimento mais pentecostais se baseiam na música, essas coisas, mais um movimento mais emocional, de pouco desse lado do intelecto da fé, e a senhora como professora e com experiência queria que falasse um pouco disso...

A: eu acho que o estudo da palavra de Deus é fundamental, não só para aumentar a fé da pessoa, como dar mais a segurança que tem a respeito do que Jesus e por Jesus, é a figura central da bíblia, só que teve o antes e o depois, agora, quando você não estuda a bíblia, (...) para saber como nós pegamos aqui para estudar cada livro, cada livro nós paramos em Gálatas, porque precisava de dar essa aula para eles....

JOANA. Entrevista concedida a CARLOS HENRIQUE. Rio de Janeiro, 04 nov. 2012. som formato mp3 (22 min 49 seg)

E: A primeira pergunta é como você veio para Catedral metodista quanto tempo está aqui?

J: Eu vim para cá, para igreja quando me mudei, dezembro de 2008 e agente era da igreja batista lá na Vila da Penha, quando a gente mudou, a gente viu que não era possível ficar fazendo trajeto todo domingo, e a gente começou a buscar uma igreja perto, e aí minha mãe viu essa igreja aqui na esquina e falou: “eu acho que vou gostar dessa igreja, vamos fazer uma visita”, e aí um mês depois agente (...) Era época de férias e agente se identificou muito e foi ficando, ficando, e depois de nove meses agente se tornou membro, aí eu to aqui desde então desde 2008 vai fazer quatro anos.

E: Vocês escolheram a Catedral e se mudaram por causa da proposta da igreja, com o trabalho e questão da doutrina, você se identifica com isso, tem uma ligação? Você veio da igreja batista, o que conheço é um pouco diferente...

J: No início agente estranhou algumas práticas da doutrina né, por exemplo, a batista não fala em línguas, o batismo é diferente, aí você vai percebendo que não tem uma forma só de fazer uma coisa com o tempo agente vai aceitando.

E: Na igreja batista não se batiza criança?

J: não, não, é só depois até juvenil, depois que a pessoa tem um certo entendimento, e o que acontece aqui eles batizam criança, mas depois tem uma confirmação quando a pessoa já tem um certo discernimento para entender o que ela passou, então no final das coisas dá no mesmo, a gente nunca veio para cá com uma resistência à doutrina então acho que isso facilita o processo de adaptação... É... Eu nunca, embora seja da batista eu nunca foi contra falar em línguas, acho que é um dom, não é uma coisa que todo mundo tem todo mundo tenha que fazer

E: A batista era tradicional...

J: Tradicional, mas nunca fui reticente a isso não, então foi fácil também lidar com isso...

E: Das atividades da igreja, reuniões, etc, qual você mais participa e dentre os cultos que são diferentes, são quatro cultos, qual você frequenta e se identifica mais?

J: Dentro das reuniões a escola dominical, eu fazia parte da célula, mas agora não dá, não to morando aqui, e culto que me identifico é da noite, domingo à noite, é contemporâneo, mais animado...

E: Em relação ao mundo evangélico, da mídia, lideranças, artistas, você se identifica com alguma personalidade? Cantor, pastor...

J: não.

E: Se identificar assim, se gosta ou...

J: Eu gosto de ouvir assim, Silas Malafaia acho que tem uma palavra boa, mas nada que me prenda de assistir religiosamente.

E: E emendando sobre os movimentos pentecostais, você já falou da questão do Espírito Santo e como você vê hoje o movimento pentecostal, qual sua opinião, alguma crítica ou...

J: Crítica tenho várias né, mas assim, o que... [pausa rápida] deixa eu pensar... Eu acho, da igreja universal é mais complicado dizer porque tem prática que não concordo, uns elementos que buscaram com outras religiões que não são compatíveis com o cristianismo, vejo alguns sinais de idolatria, mas assim, não tem como descartar essa igreja porque muitas pessoas chegam até Jesus através da igreja, uma igreja radical mas faz um trabalho importante, também pro Reino de Deus. O primeiro contato com a pessoa, assim, mais necessitadas e precisam no momento de um radicalismo, as pessoas são diferentes, então tem pessoas que gostam de viver sob um julgo uma dominação, então tem pessoas que as igrejas vão satisfazer essa necessidade, a assembleia é mais rígida, algumas não pode cortar o cabelo, não pode andar de bicicleta, não sei nem se existe isso mais, não pode ter certas higiênes, cada um tem sua cabeça eu não me identifico com esse tipo de igreja, mas não descarto a qualidade dela, se elas estão anunciando o reino...

E: E o cara bebia para caramba, brigava com a família, aí o pastor da universal foi lá pregou, ele largou a bebida,

parou de brigar... então isso é válido...

J: E aí até por essa condição talvez seja melhor ficar numa igreja que seja extremamente proibido beber, tem que avaliar a situação...

E: Dentro disso, dentro dessa visão, da importância dessas igrejas, você acha que a igreja metodista... Como está em relação a essas igrejas, no caso da Catedral você acha que está sendo influenciada por esses movimentos ou não?

J: Acho que sim, um exemplo, aqui na Catedral agente tem quase três igrejas, uma pro culto de quinta-feira à noite que é uma igreja assim, digamos, mais fervorosas, tem curas, libertações tem essa faceta, até um pouco parecida com a assembleia, é um culto diferente...

E: ...tem umas senhoras bem parecidas com da assembleia de deus...

J: ...é, é... bate o pé no chão, grita né, é diferente. Domingo de manhã já é uma outra assim bem tradicional, com coral e a noite é contemporânea mesmo, voltada pros jovens, mais animada com palavra diferente, acho que é uma estratégia da igreja de atrair diferentes tipos de pessoas e mostrar que a igreja não tá alheia à sociedade as evoluções sociais, acho que acompanha junto, não acompanha os mesmos passos, mas de uma forma ela tá atenta ao que acontece na sociedade...

E: Você acha que isso tem relação com o local onde a Catedral está?

J: Sim, sim, aqui é um público diferente que não vai aceitar uma igreja evangélica tradicional, você não vai chegar para um jovem e falar “depois da igreja você não vai poder ir para praia”, não, aqui as pessoas já vem com biquíni, assistem o culto depois vão para a praia aproveitar então, acho que tem sim, é influenciada pelo meio você não pode ficar proibindo as pessoas de fazerem tudo no dia que a maioria tem de repouso...

E: Em relação, mudando um pouco o tema, as questões sociais e políticas e engajamento da igreja, acha que a igreja deve se envolver em debates de questões sociais, políticas, ou que a igreja deve só tratar de questões espirituais?

J: não, acho que tem que se envolver em questões sociais e se preocupar com o próximo é o segundo mandamento, amai o próximo como a ti mesmo”, tem que ter esse olhar para fora, pro exterior, se preocupar com questões sociais sim, com o que está acontecendo no mundo agora quando, a política, eu não acho que a igreja tem que favorecer um candidato ou apresentar um candidato, mandar cartas indicando, acho que por essa postura de estar a frente assim como líder pode influenciar as pessoas e acabar votando porque a igreja tá indicando mas acho que a igreja tem sim que se envolver, dar a cara à tapa, promover a justiça quando surgem algumas questões, exemplo, mensalão, aparecerão alguns políticos evangélicos, a igreja tem que dar uma resposta, não pode ficar calada, tentar negar um caso que tá evidente, óbvio, alguns casos agente sabe que aconteceu, então tem que falar, jogar as claras, aí tem que mostrar que não pode ser assim, ser oposto daquilo que a igreja prega, se não falar nada de uma forma fica até conivente, tem que falar, tem que se envolver sim. Agora em relação a apoiar um candidato não pode fazer isso...

E: ... e em relação ao movimento ecumênico, a igreja metodista se desligou a um tempo atrás, não sei se você sabe, da participação de órgãos ecumênicos que participam com a igreja católica. Como você vê isso, tinha essa informação?

J: Não, não .

E: E tem alguma informação do movimento ecumênico? Sobre a igreja participar juntos de atividades com a igreja católica, exemplo, como veria um pastor metodista fazendo uma celebração com um padre ou até de outras confissões, por exemplo, um ato em memória pela morte de morador de rua, um ato que vai ter uma celebração ecumênica e um pastor metodista fazendo parte da celebração... ou um pastor metodista ou representante, não precisa ser pastor, participando dos direitos sociais ou dos direitos humanos que você acha disso?

J: eu acho que tem que ter essa aproximação sim, para mostrar que a igreja está próxima ali, tá atenta e desde que não influencia a fé, a pessoa tá ali com convicção, não vai alterar em nada a divulgação de outros pensamentos, outras idéias religiosas, não vai influenciar, a pessoa tem que estar ali tem que estar ali com propósito firme na sua fé, tem que falar o que tem para falar e saber ouvir os outros, isso faz parte da convivência, agente tem que saber ouvir o outro, não só ficar focado na sua religião, não vai influenciar, não vai contaminar digamos assim, acho que é válido participar sim...

E: duas últimas perguntas juntas, uma delas é o consumo de bebidas alcoólicas, tabagismo e junto a isso pessoas da igreja frequentarem lugares de lazer fora da igreja, bares, festas, discotecas, como vê?

J: Não sou contra não, cada um tem sua própria consciência se aquilo não servir de condenação para pessoas, às vezes tem pessoa que se sentem mal e não volta e tem que respeitar, mas se não condena a pessoa, se a pessoa tá livre, não vai alterar a fé da pessoa, não tem problema nenhum ir, eu vou se não muda minha fé então...

E: a igreja no geral, as igrejas condenam, os evangélicos geralmente são contra por exemplo se você for visto num barzinho na Lapa, mesmo se você tá ali comemorando um aniversário de um familiar, as pessoas tendem a ter aquele preconceito, aquela história o crente não pode andar com as coisas do mundo, você vê como, está mudando isso?

J: ... tá mudando, as pessoas estão vendo que ser crente é muito mais que aparência, de não poder fazer isso ou aquilo, acho que agente tem que cuidar para não escandalizar os outros sabe, que vai estar num ambiente com

muitas pessoas, estão te vendo, pode evitar de beber, não vai te matar, acho que tudo depende da consciência da pessoa, acho que você tem que avaliar o meio que você está (...) tem nada a ver essa historia de luz não se misturar nas trevas, tem nada a ver ser luz só na luz, não tem diferença, mas acho que tem que avaliar a situação, a gente tem discernimento, tem que usar isso para saber, isso aí escandaliza, não vai, se vai evitar, se não via...

JONAS. Entrevista concedida a CARLOS HENRIQUE. Rio de Janeiro, 25 nov 2012. som formato mp3 (54 min 36 seg)

E: você é angolano, você não é brasileiro como veio parar na Catedral metodista? Como conheceu?

J: Nos era metodista e quando eu me mudei pra cá, eu vim a principio pra estudar numa empresa fui pra São Paulo, mas sofri um acidente de carro uma colisão de carro eu fui pra São Paulo, mas tinha que fazer a cirurgia aqui no Rio porque a empresa que faz a nossa gestão aqui brasileira né fica no Rio sua sede então vim pra qui fiquei num hotel em Copacabana então procurar um apartamento que aceitasse minha condição porque a principio me deslocava em cadeira de rodas estavam fazendo cirurgias constantes depois lá em Copacabana não andei (.) me senti muito só, pouco carinho companhia dos irmãos que isso que vejo um diferencial em relação à católica nas outras igrejas não posso falar então é isso eu senti falta disso (...) e fui orando e quando me mudei pro apartamento que achei um apartamento aqui no Marquês de Andantes quando mudei entrei lá logo que cheguei no dia que mudei entrei na internet encontrei (...) do Catete depois ai tinha a sede do (...) me dirigi lá encontrei menina até. Esqueci o nome dela tem igreja x a do catete muita igreja metodista ai disse não, vou conhece do catete vim conheci e fiquei de 2009 desde 2009 e foi uma benção orava sempre a Deus encontra uma igreja pra cultivar, ainda que não fosse, metodista, mas sentia essa falta ainda que fosse presbiteriana, mas sentia falta que estivesse próxima e (...).

E: a legal então dentro da pergunta continuando você está satisfeito com a catedral com a proposta que desenvolve hoje ou pretende mudar? Apesar de não ser brasileiro você mora aqui pretende permanecer e seguir tua vida aqui ta satisfeito com a proposta da catedral se não está qual aspecto? A doutrina algo que não se identifique, uma coisa que se identifique muito, outra que não e se isso faz você querer mudar ou não?

J: da igreja?

E: da igreja da catedral

J: É tem essa questão cultural e também do pouco local acredito que a igreja metodista do catete tem suas particularidades assim como a de Macaé, mas acho que no caso da catedral metodista uma coisa admiro que acho louvável é o trabalho com missionária campanha (...) projetos de missões acho muito interessante (.) e acho que as coisas que eu não concordo muita que já não concordava em angola e um pouquinho como dizer não sei se é também a protestante só lá a questão de não se discutir as outras religiões dentro da igreja quero com isso dizer o que nós como igreja não estarmos preocupados apenas em formar apenas um membro, mas um bom cidadão pra sociedade assim como Deus.() é livre arbitrio a igreja também as pessoas não fazem porque a igreja obrigou, mas porque querem, exemplo outras religiões ou outras dominações umbanda, candomblé, judaísmo, budismo isso não se fala na igreja como se fosse um tabu então é preciso alguém que entenda falar sobre candomblé ele nao vai evangelizar to falando mais na questão dos jovens trazer alguém pra falar candomblé, judaísmo discutir aqui numa noite de jovens somos cristãos sempre digo, leio um pouco de cada religião conheço um pouco e respeito, mas não me torna não me convence nem me faz deixar de ser cristão porque acredito no cristianismo então acho isso aqui falta, muito fechado para as mudanças que a sociedade tem experimentado a questão da homossexualidade tem que discutir dentro da igreja questão do aborto tem que discutir e dizer nos com base na bíblia discordamos, mas tem que discutir isso porque nos temos profissionais da saúde que vão encontrar no dia-a-dia profissional esses problemas e saber se. Comportar. Como profissional de saúde, porque ela a igreja diz que homossexualidade senão conhecer o que e isso na minha pratica profissional vou ter dificuldade de me relacionar então vou querer excluir então eu são essas eu acho que tem coisas que a igreja tem que discutir não só a do catete, mas de angola estão muito fechado, mas acabamos por perder membros não perder, mas membros saindo e onde não há visão povo perece não seria força de sabedoria de nossos líderes que pensam (.) da igreja e importante ele ver agora a sociedade que estou envolvida e darem soluções mais eficazes do que excluir se fechar eu me pergunto é uma questão que quero deixa aberto sobre a igreja se fechar em vários assuntos à igreja deve discutir porque a igreja está dentro da sociedade não está lá em cima não, santa lá em cima não igreja feita por homens mulheres que são pais, filho, esposas, profissionais e a igreja não ajudar o membro a refletir sobre esses problemas como eles lá vão conseguir levar a vida numa boa?

E: sobre questão de assuntos que igreja não discuti falou da questão do homossexualismo, que a igreja não discuti.

J: homossexualidade, homossexualismo era como uma doença.

E: perfeito então a homossexualidade não só, mas outras questões em relação a essas novas formas de relacionamento que agente vive em relação à sexualidade humana relações humanas questões como ficar esses relacionamentos contemporâneos essas coisas mais fluidas soltas moderna como vê a igreja se posicionando e como você se posiciona?

J: igreja continua fechada e os jovens vão fazendo (...).

E: retomando a perguntar em relação as jovens de ficar como você veria isso e como vê a igreja se posicionando?

J: são meios assim podem ser um pouquinho contrário da igreja eu faço serviço social então minha discussão é sempre da liberdade acima de tudo garantir discutir sobre a liberdade do sujeito pelos seus direitos etc nessa questão a igreja continua fechada tem que se discutir porque eu a pessoa num ta nunca vou chegar numa pessoa adolescente e dizer você não pode ficar porque não pode tende a pessoa fazer o ser humano e assim Adão e Eva não era proibido tava tranquilo e quando foi proibido foi um toque pra eles cometerem o pecado então a igreja tem que conversar com adolescente e mostrar a importância tem que ter um relacionamento sério ,explicar a pessoa tem que saber olha se você se envolver em relação sem compromisso pode acontecer isso aquilo não é bom pra você tem que procurar uma pessoa que te conhece ficar se trocando ficando, ficando, ficando, essas ações no futuro podem cair pra você sujar sua imagem a pessoa tem que saber isso não porque a igreja proibiu

E: outra questão estamos numa igreja da zona sul em relação aos jovens vivendo na cidade grande com a bebida o tabagismo cigarro e aos jovens frequentarem lugares e lazer como bares restaurantes bares como vê isso?

J: eu sou a favor da liberdade penso assim na questão de jovens

E: não necessariamente jovens cristãos no geral

J: por exemplo, pessoas mais idosas viveram numa época diferente então pra eles isso ta errado, mas eu não acho da época nos estamos numa época diferente porque o que se nos ficarmos na época deles não vamos conseguir atingir passou uma reportagem de um pastor que ia pregar na boate não sei se na globo ou na banda ele chegava meia noite com a musica lá pegou microfone começou a pregar na igreja é fácil mas porque não vamos lá Jesus ia em lugares assim que pessoas não pensava que ele ia mas ele ia lá então os jovens(...)você vem ir na boate nesses lugares tem a questão de liderança se você fechar proibir a igreja não vai ver(...)não vai viver no cristianismo porque quer vai sentir pesado proibi isso aquilo as pessoas pensam que proibir é mais pesado mas ser livre e mais pesado você é obrigado a tomar decisões todo momento a todo tempo (...)nos devemos escolher a todo tempo com a sabedoria dele você pode ir no baile se escolher não beber não bebe mas você não pode dizer não vou no baile Você ta organizando uma festa exemplo ta bom você é cristão, mas seus amigos todos são cristãos?Não então eu acho que tem que até porque nos sabemos questão do álcool sempre discutia em angola no centro de evangelismo de pregação e quando ele sai pra evangelizar ele dizia isso sai (...) bebe e pecado eu gosto dessas coisas bem claro não vou mentir que beber é pecado não e na bíblia deus proíbe ,adverte e aconselha são três questões que temos que levar em conta proibição ta nos 10 mandamentos adverte cuidado com o vinho ela aconselha (...) não faz isso que pode acontecer isso ta em tudo bebida e questão da saúde tabagismo e questão da saúde pode ate reforçar dizendo nosso corpo e o templo do senhor ta aí, mas tem acima de tudo questão da saúde, mas invés de ficar debatendo com base Sá na doutrina (...) foi feito lá era uma determinada época num determinado contexto você vai lá numa igreja metodista acha que eles nao bebem?bebem

E: vodka

J: vodka é normal bebem, bebe lá no Canadá bebem, Alemanha você fala não a ideia da cerveja não são contextos diferentes, doutrina é você dizer a bíblia diz isso, a bíblia fez isso, então nos como igreja vamos estabelecer alguns limites para que nossos membros possam se direcionar nos caminhos que a bíblia disse, mas você tem que ter a capacidade (.) pra ir revendo isso senão fica lá atrás não podemos ficar presos não to falando da doutrina, mas ficar lá no tempo (.) quando foi feita a doutrina afinal de conta é passados os membros vão saindo é normal (.) tem que ter sabedoria e se adaptar ao momento o caso disse ao João batista quando pregava disse a raça de víbora era, mas duro, Jesus quando disse era mais brando, mas não dizia que João batista tava errado não

E: você acha que essa visão que você ta colocando em relação a catedral acha que acontece aqui que as pessoas tem esse olhar mais cuidadoso de não proibir, mas educar?

J: a catedral acho que por ser a primeira é muito conservadora,eu consigo enxergar lembro minha escola em angola até 2000 bater palma cantando era como se chama?

E: proibido?Escândalo?

J: escândalo usar tabaque em angola um país africano (.), mas isso não é dos americanos não é dos ingleses?(...) música clássica em angola também é assim (.) essa força de mudança vem a partir dos jovens em conta alguma oposição isso é normal

E: são gerações diferentes

J: só que também não vou aceitar viver aquele tempo quero viver meu tempo, mas dentro da igreja e o jovem tem que se divertir (.) aí já fala não faça isso quando sai eu vou fazer a então vou fazer mesmo escondido vou fazer (.) não estamos devemos discutir vamos falar qual os temas que afugentam que inquietam vamos falar sobre candomblé, umbanda ,sobre judaísmo temos que conhecer quanto mais nossos jovens conhecer (.) mais forte e firme lá no (...)

E: então essa questão de alguns anos atrás tocar alguns instrumentos não tradicionais eram um escândalo hoje aqui na catedral você tem quatro cultos diferentes e o de quinta o de libertação e domingo os quatro cultos do tradicional com música clássica ao culto mais contemporâneo mudou então hoje né?

J: mudou isso que disse, mas a mudança sempre vem de jovem lá em angola também mudou, usa tabaque, mas

tem coral, cantava não podia dançar (...) eu fico me perguntando assim,

E: vê isso como positivo?

J: muito positivo, mas voltando você sabe que jovens alguns jovens saírem tiveram ideia de bateria como oposição um ou outro saiu.

E: sabe quando começou na catedral esse culto mais contemporâneo?

J: não

E: desde que frequenta aqui é assim?

J: é, (...) um forte (.) uma forte oposição e eu entendo até muitos (.) por problemas de saúde aquele barulho e acho louvável essa questão de ter vários cultos em Angola não temos só temos ao domingo uma escola dominical e um culto isso aqui é uma inovação aquilo era outra época, mas a igreja continua com essa ideia de culto tradicionalismo só tem um culto se você faltar aquele não tem, aqui vem das 8h, 11h, das 17h e das 19h mais contemporâneo os jovens que quer a catedral metodista acho que ta muito a frente que muitas igrejas metodistas nessa questão de inovação isso temos que louvar a dedicação dos próprios pastores dos membros de trabalhar pra igreja.

E: você costuma frequentar outras atividades da catedral durante a semana?

J: freqüente a célula só

E: você costuma assistir rádio evangélica rádio gospel, vê algum programa na televisão.

J: eu assisto Silas Malafaia, musica vou confessar as rádios metodistas evangélicas são poucas que quebram esse paradigma de discutir temas atuais músicas em ouço no youtube, agora a igreja trazer temas que tão nos atingir vamos ser sinceros nas escolas não se discuti em casa nao se discuti na igreja tambem não discute confesso que é muito (...) a minha sorte foi que quando entrei na igreja adolescente não discutíamos sobre sexualidade (.) essa questão de relacionamento de sexualidade namoro casamento eu aprendi isso na adolescência, mas agora não se discuti isso acho que se na rádio se discutisse isso os jovens as pessoas estão carentes de ouvir isso os idosos tambem querem ouvir isso, mas temas sobre ele tem que ser pesquisado saúde prevenção qualidade de vida pra terceira idade eles querem ouvir tem que se colocar esses temas pros jovens nem que for esses temas atuais namoro, relacionamento, homossexualidade você tem colega homossexual você vai atender então tem que conhecer isso as Doenças na igreja parece que ,pode ter até, mas falasse pouco claro temos que ver as particularidades os limites de cada igreja

E: continuando ,você falou do Malafaia sobre os movimentos pentecostais você acredita nos dons do Espirito santo dons de língua?

J:acredito

E: e como você vê então essa presença do movimento pentecostal em relação a catedral acha que tem sido influenciada?Essas cultas jovens almas acha que tem relação?

J:neopentecostal?

E: e coloco no plural os tradicionais e neopentecostais se quiser separar

J: ta tudo interligado lá quando fomos ver a católica com protestantismo (...) igreja cristã na idade média saiu ficou a ortodoxa depois saiu protestantismo não sei quem disse isso disse isso Silas Malafaia nao sei que o problema de muitas dessas igrejas e porque lideres não ouvem seus membros aconteceu na igreja católica àqueles padres que discutiram porque não foram ouvidos então acontece à mesma coisa os devemos inovar não deixando a essência do cristianismo mexer na doutrina não na bíblia (.) as outras denominações que foram surgindo continuam com a bíblia, mas a doutrina mudou e (.) que, por exemplo, vi aqui essa doutrina foi feita naquela época então podemos inovar fazendo isso.Então quando você fala essas inovações é claro que a igreja universal surgiu forte e quando falamos forte quais foram os membros que foram lá as que estavam insatisfeitas de onde estavam então quando vejo que to aqui alguém critica baixinho né tipo ai ta muito longo ta num sei o que me convidam pra ir numa outra igreja universal mundial que é pessoa lá que sei lá que tocam o emocional da pessoa e o ser humano é muito irracional no dia-a-dia agimos mais com emoção do que razão que se fosse por razão nao faríamos, mas fazemos como você falou de relacionamento você falou por que ficar?Se fosse mais racional ,mas pela emoção você vai assim como tabagismo se fosse mais racional então acha o que tem essas mudanças da igreja inovar pra isso, mas começo a ver tambem uma competição do protestantismo pra angariação de membros então a igreja ta tentando inovar pra ganhar membro nao pra perder né, mas pra atraírem por que senão a pessoa nao vem na igreja por que ta a procura de deus eu nao vou a igreja a procura de deus tem pessoas que pensam assim pra se enganar vou a igreja pra comunhão eu me sinto acolhido comunhão de fê e andar na fê sozinho nao consigo (.), mas Deus ta em todo lugar por que se você vir na igreja (...) se um irmão entrar na igreja durante dois meses e ninguém conversar com ele, ele vai sair da igreja (...) perdeu a fê nao perdeu ele vai pra igreja que ele se sinta mais acolhido então protestantismo nessa questao e exatamente isso e acho que a catedral evolui percebeu e inovou (.), por exemplo, na nossa igreja nao se ora em línguas uma vez os jovens Fizeram uma noite de vigília convidaram um irmão da batista ele fez oração em línguas fez expulsão de demônios e foi suspenso (.) por que ser suspenso?Por causa de uma coisa aqui fala em cura em milagre parece que para no tempo expulsão de demônios parece que é coisa de outro mundo falar em língua nao pode então são coisas que variam de local pra local a catedral ta um pouquinho mais aberto, mas tem questões que ainda ta mais atrás

como discutir temas mais polêmicos então ta tudo com avivamento acho que a católica viveu isso vejo lá em Angola agora tem grupo de oração que nao tinha a própria igreja católica viveu avivamento padre Marcelo Rossi eu dou graças a deus por que é cristianismo essa questao é de doutrina ma só cristianismo

E: então sobre o ecumenismo como você vê essa relação das igrejas cristas e a saída da igreja metodista de órgãos ecumênicos, a metodista anunciou seu desligamento desses órgãos, como você vê isso?

J: eu discordo, (.) alguma mudança que tem que ser feita por dentro (*.) batalhar orar pedir a deus se nao estaríamos derrotados (.)

E: a igreja crista a diferença e doutrina por que a base e cristianismo

J: o cristianismo são os que acreditam em Jesus cristo como seu salvador são todos cristãos (...) quando teve a questao da igreja em são Paulo eu nao sou católico, mas fiquei ofendido como cristão são santos por que foram um exemplo de vida, e eu concordo por que tem pessoas que tomam como idolos9...() então ele acreditado numa coisa deposita a fé numa coisa que nao é deus (...) eu acho que a igreja católica nao se pronunciou (...) ia fazer barulho pra se pronuncia nao pode por que e cristão então acho que parece que a doutrina ta acima a principio dentro do cristianismo a doutrina parece que ta acima da essência do cristianismo que e Jesus salvador então colocamos doutrina acima e Jesus com o secundário agora temos que orar partir pra ação nao adianta se desligar de órgão

E: por que isso implica numa participação ecumênica em favor dos direitos humanos tem um padre um babalorixa um rabino e um pastor metodista no casa a igreja metodista institucionalista nao concorda

J: aquilo que te disse e medo de coisas que nao se discuti dentro da igreja por que diferente disse (...) você vê rabino discuti religião lá disso (...) e isso toma força fortalece a igreja por que quem acredita na católica (...) ainda vai preferir a católica quem acredita no metodismo vai continuar acreditando quem nao acredita e livre pra escolher (...) eu acho que o diferente e bom um rabino um budista um candomblecista um espírita um cristão católico ou metodista ou os dois (...) então acho que te a ver com o medo da igreja de discutir esses temas tem que discutir temas polêmicos que se nao for aqui vai discutir outro lugar ou ficar calado por que nao tem base (...) ai destrui o argumento da pessoa, mas aqui você fortalece então essa saída foi ruim por que e um órgão institucional (...) sem ter conflito isso nao existe então se puder tem que voltar nesse órgão e discutir esses temas se nao concordar falar nao concordamos o ecumenismo em angola é forte e funciona

E: com todas as igrejas ,católicas e pentecostais tem um conselho

J: todas tem um conselho e ele e supremo quando tem um problema ele é que fala

E: cada um de uma dominação e quando tem problema todos falam

J: discutir a questao do islamismo (...) e funciona tem dentro disso os jovens que eles que respondem

E: é "Cica"?

J: *Conselho das Igrejas Cristãs de Angola*, e tem cultos ecumênicos dias da paz de num sei o que e eles realizam no campo de futebol cantam igreja x e igreja x eu acho um barato e lá tambem ha quem discorde, mas acho isso o cristianismo ta se enfraquecendo por que tem muitas por que nao se valoriza a Jesus, mas a doutrina o que separa por que a doutrina foi pensada por uma pessoa em um dado momento histórico aqui na metodista numa batista prebisteriana e tantas outras, mas sempre tem as que vão discordar em um aspecto que vão perceber (.) tabaco tabagismo vamos liberar nao, mas tem que se discutir se nao vira tabu e tabu pra jovem é ruim então é um posicionamento, mas mesmo com essas questões adotar judaísmo budismo são princípios que tem coisas boas tem a ver com amor ao próximo fico muito triste quando a igreja crista se cala perante as injustiças sociais quando falamos seguir Jesus como salvador, mas olhamos injustiças e lhe damos como algo normal e o pior pecado que a igreja crista Cometem em todo mundo Jesus o que mais fez na terra foi lutar contra injustiça social do que evangelizar por que lutando (...) e eu vejo que a igreja nao na evangelização e deixou pra i luta contra injustiça social (...) por que nao se posiciona o estado pode nao fazer nada, mas dizer esse salário mínimo e complicado, mas tem que se posicionar dizer mesmo o que nao concorda tem questões (...) da homossexualidade tem questões que são valores, mas tenho que respeitar alem de ser homossexual e ser Humano e deus ama ele assim como me ama se eu ficar a excluir se eu atrair ele pelo amor e na igreja deus vai falar com ele e ele vai tomar sua decisão alcoólatra senão e dizer para por que quanto mais proibi mais o homem faz e minha posição e que a igreja tem que voltar no órgão (.) se posicionar mesmo que nao for levado avante se posicionar se nos estamos sem representação nesses órgãos, mas quando precisar eles representam a igreja crista (...) então você esta lá dentro e discutindo traçando Estratégia temos que pensar nao dificuldade vem a criatividade discutir como podemos faze para reverter a situação discutir na igreja traçar estratégias tem que ter lideres(...)mas se for votado contra por que nao podemos entender que e a vontade de deus?

E: agradeço você deu ótima colaboração quer dar alguma palavra final

J: queria agradecer a oportunidade gosto de discutir essas questões polemica sa igreja tem uma função importante na sociedade se fala Brasil ta mal Angola ta mal a igreja ta mal então fazemos hóquei oramos (.) a luz do mundo do céu da terra eu acho que a catedral trabalha muito (.) que sua inovação o culto a oração em língua esse avanço essa inovação e tem que ter por que isso mostra que a igreja ta acompanhando a sociedade se nao fica lá atrás com esses dogmas esses tabus vai fica rna Inglaterra nos estados unidos ,v(.) pode levar taipo, mas depois vão vir novos lideres ou os mesmo mudam de ideia e com oração e sabedoria consegue fazer essa

inovações e quanto à união as igrejas cristãs está distante, pois coloca doutrina acima do cristianismo então essa colocação de doutrina em cima de Cristo doutrina são idéias de homens (.) quanto a questão da metodista (.) nesse órgão e lá onde se discute

E: como esse "Cica" e Conic aqui centro nacional de igrejas cristãs

J: e lá onde se discute não se concorda com muitas coisas, mas apoiamos por que o Cica disse pastores discutiram e ganhou aquela ideia quando Cica diz algo posso discordar(..)então igreja metodista tem que voltar e a catedral tem que discutir esses temas mais polêmicos homossexualidade relacionamento ficar ,namoro por que ficar não sei mas(..)diferente pra nós namorados e o que aqui namoro e algo mais sério lá namoro e de toda fase ,por que namoro entendemos como uma fase de conhecimento do outro amizade at ficar sério quando você fala estamos a namorar essa fase de namoro e de conhecimento depois quando diz que vamos ter uma coisa mais sério vamos apresentar depois o (..)namoro pra nós juntamos ficar tudo,por isso lá não tem problema depois pode decidir não e voltar a mas ter relações sexuais e outra coisa e a doutrina proíbe então tem que se discutir pra quebrar esses tabus meus medos e o jovem se perder lá fora,aqui não se discute se proíbe a catedral tá avançado com trabalho Missionário só falta essas discussões polemicas (.)

MÁRCIA. Entrevista concedida a CARLOS HENRIQUE. Rio de Janeiro, 25 nov 2012. som formato mp3 (32min 30 seg)

E: queria ouvir a história da senhora de como veio pra catedral metodista. Foi primeira igreja evangélica?

M: Eu conheci uma igreja na estrada Recreio dos Bandeirantes, uma igrejazinha foi criada numa barracharia, meus vizinhos eram membros dela e sempre participava de aniversário lá. Uma vez ou outra ia lá e gostava. Eu fui católica, vim de uma raiz muito forte católica e comecei a cantar, participar e tudo, mas não levantava a mão pra aceitar Jesus. Ai eu tava sentada no banco, alguém me cutucava e falava: Não vai levantar a mão para aceitar Jesus? Eu falei: Engraçado, pra aceitar Jesus eu tenho que levantar a mão? Mal de mim se não fosse Jesus na minha vida. Comecei a conhecer pessoas, me identificar e recebi convite pra assistir um culto nos espigões da Barra com as irmãs dessa igreja e não sei te explicar, coloquei os pés no apartamento e comecei a chorar copiosamente, a chorar mesmo, de me acabar, e fiquei naquela angústia, na ansiedade pra fazerem o apelo porque eu queria me entregar. Ali aceitei Jesus estava tão perturbada aquele dia que nem sabia que era dia do meu aniversário, fazia 63 anos. Então ai eu me entreguei, então ali comecei e esses cultos eram sempre feito por uma professora de Bonsucesso, carregava multidões e tivemos problemas com vizinho, com polícia, entrava armada porque virava a noite tinha que esperar o dia raiar pra ir pra casa porque era tão envolvente o espírito que não via nem passar a noite. Depois eu tinha que ter uma igreja pra frequentar, então continuei nessa igreja e fui batizada dentro de pouco tempo. Depois fiquei lá, parece que três anos, não me lembro bem, depois me mudei pra Rio das Pedras em Jacarepaguá e lá fui para Assembleia de Deus fazer o trabalho de alfabetização de adultos que achei o trabalho mais dignificante que fiz, foi muito importante. Fiquei lá quatro anos mas me mudei para Zona Sul, me mudei lá para Ipanema, comecei aqui primeiro, não conhecia a igreja, procurei uma igreja para me agregar, passei aqui mas não sabia se era igreja. Um dia eu tava viajando de ônibus e tinha uma pessoa perguntando pra todo mundo onde tem uma igreja evangélica por aqui? Ninguém sabia me informar, católica todo mundo sabe mas evangélica é difícil. Uma moça dentro do ônibus disse "ah! Tem um culto maravilhoso no salão de cabeleireiro que é o Sebastião", e eu falei "É que dia?". Ela falou assim "quinta e domingo". Fiquei frequentando, mas procurando uma igreja. Um dia vim no Largo do Machado e conheci uma moça que frequenta aqui a igreja, e conversando com ela veio uma moça bateu meu ombro e eu tava de costas e falei assim: É com a senhora que quero falar a senhora é de Deus, quero falar. Eu disse, pois não, ela: Eu vim nessa igreja porque vão me dar sabonete, papel higiênico. Eu a ouvi, mas que igreja? Ela falou ali, ali. Eu falei com essa cabeluda, essa moça não está bem tem que atravessar esse sinal (...) vou atravessar ela que não tá bem e nisso que atravessassei ela caminhou pra aqui ai falei isso e igreja, era dia da reunião da terceira idade, ai comecei a conversar perguntar dia dos cultos, me informei e comecei a frequentar aqui. Então, estou muito feliz porque aqui pude fazer o trabalho da escola dominical, procuro ajudar a quem tem dúvida, não sou formada em nada só tenho a graça do Espírito Santo de Deus, só tô tocando a vida e agora infelizmente nessa dificuldade, eu já estou aliando meus trabalhos.

E: quanto ano tem aqui na catedral?

M: uns 14 ou 15 anos

E: qual o culto que mais frequenta?

M: depois que saí daqui fui pra Ipanema, continuei aqui sempre no culto de 8:45. Assisto até a mensagem terminar no culto das 11 horas, porque tenho problema de úlcera, não posso passar muito tempo da alimentação.

E: à noite a senhora não frequenta?

M: Ah frequento assim, eu não posso mais andar de ônibus, operei o joelho três vezes e não tenho mais força pra subir de ônibus, então como aposentado ganha pouco, táxi tá caro, então só venho domingo quando morava aqui. Sinto falta eu frequentava tudo, mas depois que mudei pra Ipanema eu continuei porque ai ainda podia andar de ônibus, mas depois que operei joelho, eu moro na Lagoa, não tem condições.

E: senhora frequenta outra durante a semana?

M: nao comecei a frequentar a Batista pra conhecer, porque é perto da minha casa, mas, gostei, mas nao me identifiquei, achei que tem situações que nao bateu comigo dentro das minhas possibilidade, a santa ceia uma vez ao mês e pela manha o outro e a noite, entao como nao saio a noite, pra eu frequentar e complicado mas de resto achei legal.

E: sobre as personalidades pastores cantores da tv a senhora gosta de algum, tem preferências, alguma critica?

M: a minha irmã é da igreja do pastor Silas Malafaia, eu assistia todos os dias, mas acho que ele grita muito, fala muita coisa desfazendo de outros e mesmo que o programa deles são antigos, e ele era careca e ta todo moderninho, ele agora nao grava programa novo, só antigo. O R R Soares assisto todo dia, agora cantor todos eles, a mensagem preferência por algum não...

E: e as igrejas pentecostais, a metodista ta influenciando, acha está mudando?

M: problema e o seguinte, cada pastor tem a sua forma de trabalhar, aqui nunca teve movimento pentecostal, mas esse pastor Bernardo Alves de vez em quando da uns lances de pentecostal, mas a igreja nao aceita muito, mas acho uma benção, as coisas daqui tem igrejas que dão possibilidade de testemunho e levantar mais a força, a fé das pessoas, mas acho isso uma coisa muito particular minha por Deus nao me meto em direção de igreja não...

E: A senhora conhece aqui um bom tempo, esse culto do avivamento das 19 horas que é um culto menos litúrgico, tem mais louvor, mais livre, ele tem há muito tempo que acontece?

m: não, acredito que foi criado pelo pastor MA, porque se existia nao sabia, mas tem o culto de 3h às sextas feiras, que e uma das alunas, Teresinha ne, entao agora sempre nesse culto da três que vim algumas vezes, ela da oportunidade das pessoas darem seus testemunhos, mas no geral... Logo que vim pra igreja (.) quando entrei era o pastor Ermir, ele dava oportunidade para as testemunhas nas vigalias que ate escutei tirando o resto aqui, se tem tambem nao vou falar pra você uma coisa que nao vi.

E: senhora esta satisfeita com a catedral?

M: estou porque to bem com deus, comigo e com deus, todo lugar que frequenta ser humano, nem cristo agradou a todos, quando sai da catolica pra evangelica senti uma coisa muito estranha que foi batizar criança. Criança participar da santa ceia, e eu nao concordo porque leio a biblia e diz batismo e arrependimento do pecado, o que criança pode ter feito pra se arrepender de pecado? A santa ceia virou uma coisa comum e nao especial, a primeira vez que vi uma criança participar da ceia fiquei horrorizada, era nova aqui, fiquei aterrorizada, tinha um avo com uma criança e quando ele pegou os elementos, pegou e dei pra criança, eu cutuquei (.) escuta criança aqui participa? Participa. Aquilo me chocou, depois do tempo penso o seguinte, tem muita coisa boa você aproveita as boas, o que não presta deixa pra la. Eu tenho essa teoria, o que não e bom deixa pra la, porque eu tinha a mania de querer fazer as pessoas entender o que tava errada, eu, eu era uma idiota, uma imbecil, nao e pra mim que a pessoa tem que prestar conta é pra deus. Entao agente fica mais simpática, porque à medida que você vai contra alguém você conquista antipatia. O que deus falou, podem me bater pode me matar (.) deus falou ta falado, eu nao sou influenciada.

E: uma coisa, como a senhora vê a remoção do pastor? Nao sei se e remoção, o que a senhora tiver para falar..

M: vou ser sincera, nao sou um membro que vive dentro de escritório de pastor, eu deixo ele agir se ele ta ali dentro, cumprido sua autoridade, deixa ali, mas voltando. Eu falei com o pastor Sergio agora que agente vai sentir muita falta, mas falei com ele, nao assino porque quem determinou isso foi uma autoridade alem do pastor, foi do bispo, se a gente não respeitar o bispo que comanda a primeira regioao, como pode? entao a gente ja conhece que a igreja metodista tem o habito de remanejar pastor, entao eu acho que ele foi muito infeliz, em ter exposto a igreja àquela situação. To sendo sincera, porque achei um absurdo, porque vai sair muita gente, ele vai sair desmoralizado, ninguem tem nada a ver com a historia de INPS dele, ninguem tem a ver com a atitude do bispo, inteligentíssimo, que ganhou de todas as religiões o titulo de melhor evangelizador, ele nao e autoridade só na primeira região, é mundial, então, nao vou assinar pra ir contra ele, nao vou assinar porque é contra o bispo, uma atitude que ele tomou porque sabe que ele ta fazendo, ele podia ter saído normalmente, se despedir, dizer que tinha que se afastar, agora dizendo que tem os projetos da igreja, o projeto pode fazer em qualquer lugar, nao só nessa, mas eu nao vou te dizer o motivo real ta, porque isso ai e um problema dele ele resolve nao tenho nada contra pastor nenhum logicamente (..) aquelas que não agradam mas nao compete. Você ta na igreja, nao ta te agradando, batendo seu coração, nao ta vendo a ação de deus, você nao sai, nao cria problema par as pessoas que crêem, que gostam. O ser humano, ninguem e perfeito cristo nao agradaram todo mundo, mas eu questiono muito, toco muito no problema de batismo para criança, ela tem que ter consciência do que ta fazendo, o dia que vi o avo dando os elementos pra criança, a criança, o que e isso (.) Não ta certo, não ta certo não, olha a palavra, todos o dia seu tenho um estudo de 13h30 às 14h, todo santo dia tenho que fazer liturgia da aula, nao me importa meu negocio é comigo (...) nao tiro a oportunidade de ninguem, se tiver quem faz melhor acho ótimo (.) por causa de muita queixa, inclusive eu operei joelho tres vezes (.) ai foi la pra baixo os idosos. Qual seu nome?

E: Carlos

M: que bom Carlos que você está buscando o entendimento das coisas...(..).

M: Guilhermino Cruz acho, da igreja presbiteriana (...) muito bacana, conheci em Copacabana, fui visitar e achei engraçados os homens vestidos de preto, você vê cada igreja, as coisas são tao diferentes, mas deus ta cuidando de tudo, sabe de tudo o que não tiver certo, se voltar atrás pra pedir perdão, se arrepender, deus concerta. Prefiro

viver com deus saber que vou morrer nao tenho inimigos, nao tenho esse negocio de antipatia, conhecer a pessoa nao vai com cara, nao tenho esse problema. Vejo a criação de deus. Deus fez e fez pessoa, então, andando errado nao e problema meu, ele que siga direitinho que deus quer, você é solteiro?

E: sou

M: ai tem mais tempo pra estudar. E trabalha em que?

E: sou professor dou aula em colégio publico e particular

M: que bom ne, que deus te abençoe, te encha de graça, sua vida, que possa fazer bem que dentro da classe de professores pode ajudar muita gente. Tava falando em Rio das Pedras tem uma favela e o trabalho mais significativo, olhando aqueles velhos, nao sabia ler nem escrever, gente orando, falou na minha cara que ia orar pra mim nao da aula porque aquilo era vaidade do pastor (...) vou orar pra você nao continuar. Falei: minha irmã, e tao bom você ler a bíblia, conhecer a palavra de deus, você acha que e vaidade do pastor, e tao bom uma pessoa pegar ler, quantos que quer ler como você e nao tem condição, olha, vou te falar uma coisa, eu fico emocionada com meu trabalho e nao fui indicada, teve reunia, o pastor pediu quem podia ajudar, quando cheguei vi que tinham começado e vi um desleixo, um desinteresse, era um casal professor, um e filho do pastor do Grajaú musico, tinha um coral e tal, assembleia de deus no Rio das Pedra(...) ai eu falei gostaria de ajudar, ela largou tudo comigo e foi embora, e tinha problema, tinha uma escura fortuna, ela ja era alfabetizada, um aluno foi me perguntar “irmã algarismo romano só escreve ate 100?”. “Nao meu filho, pode escrever milhões, ai é e que agente só vê ate 1000 ai eu falei cada tracinho desse vale 1000. A mulher virou bicho, disse que eu tava querendo aparecer, que tava fazendo errado que era um absurdo, que o fulano queria coisas que nao tinha nada a ver, o pastor tomava conta de tudo, nao comentava nem eu quando me despedi ele chorou, falou irmã você irmã, fez uma coisa que nunca consegui fazer, levar uma turma a alfabetizar. Eu sei o quanto você sofreu, eu tava dentro de tudo, mas você foi muito forte, por que por muito menos teriam desistido. Mas você foi ate o fim, procurei escola pra quem queria continuar (...) uma coisa aconteceu comigo naquela classe que ate hoje digo “deus e maravilhoso”. Teve uma casal que ele tocava sax, ele lia na frente a bíblia, quando eu cheguei na sala para dar aula, nao sabia quem tava na classe porque era na secretaria as inscrições. Quando cheguei vi aquele moço, cheguei, escuta meu filho o que ta fazendo aqui? Vim aprender a ler e Escrever. Ai eu disse, meu irmão, você lê a bíblia isso e pra quem nao sabe nada, você lê a bíblia, toca partitura. Mas eu nao sei irmã ler nem escrever, se você me mostrar as mesmas palavras na bíblia em outro lugar, nao sei. E nao sabia mesmo, nem o numero um, nem a letra A, vou falar com a mulher dele eles cantam tocam uma voz linda. Falei Madalena vem cá, seu marido nao sabe ler nem escrever? Ele ja teve varias professoras ja (...) ele nao consegue aprender. Ah! Não, não acredito, quando eu despedi, deixei ele ja escrevendo o nome dele e lendo corretamente, nao sabe como ele tem gratidão comigo, se eu passar no onibus faz sinal para falar comigo, ele desce do onibus para falar comigo que nao fiz mais que minha obrigação. Mas com outra se ele nao conseguiu Madalena, só to acreditando por que você e crista a e é fiel, porque e dificil. Então tem coisas que Deus mostra (...) tava na metade do ano, nao sabia desse culto (...) e toda igreja que eu vou me bota como professor, eu nao sei, nao sou formadas só tenho o primeiro grau e sou fanática pela bíblia.

E: você acredita no dom da língua e do espirito santo?

M: Na palavra de deus existe, mas hoje a gente questiona ser o que existe nas igrejas pentecostais envolvem muito (.) nessa área ai, se uma pessoa fala “deus mandou falar contigo”, eu nao acredito porque se ele quiser falar, ele fala comigo, então isso que deus mandou recado, to fora. Respeito tem gente seria, fiel, mas se conta aos dedos. Primeiro que você nao e conhecedor da (...) ah, tem pessoas que tem perturbação mental, vê coisas (.), mas acredito agora se deus quer falar comigo nao vai mandar recado, e só você ta atento ele vai te fala com lições, pensamentos que não se apagam, ele vai te falar exclusivamente pela palavra, nao falha mesmo. É muito complicado isso, nao pode deixar (...) a palavra é muito, eu acho que ultimamente pecador somos todos nos, mas muita gente querendo aceitar deus, ja da o perdao porque sabe que somos falhos, mas tem uns que brincam com a verdade, com deus, entao tenho medo para mim nao pecar mais(...)

BERNARDO ALVES. Entrevista concedida a CARLOS HENRIQUE. Rio de Janeiro, 03 jan. 2013. som formato mp3 (22 min 40 s)

E: A primeira pergunestá é como vê hoje as igrejas historicas? Estão se pentecostalizando? E como é a Catedral dentro disso?

P: Primeira coisa é conceituar o que eu entendo como pentecostalizacao. O pessoal faz uma confusão achando que pentecostalizacao é o mesmo que o movimento pentecostál, então, essa distinção é imporestante esestabelecer. A gente entende a pentecostálizacao é um movimento muito mais diluido do que o proprio movimento pentecostál, que é uma cisão da igreja tradicional, do movimento pentecostal, veio o pentecostálismo. A gente entende então que esse movimento (...) esestá passando por esse momento de pentecostalizacao que é a adesao ao movimento da teologia da prosperidade, basicamente e à adesao desse movimento que a gente entende, a partir dessa adesão a fê passou a ser produto, uma mercadoria, isso que a gente entende por pentecostalizacao. Na minha avaliacao o movimento evangélico sofre um fluxo muito forte da

pentecostalização.

E: Então essa pentecostalização seria uma adesão a esses elementos da teologia da prosperidade?

P: Essencialmente a teologia da prosperidade que congrega dentro de seu grande guarda-chuva vários outros movimentos(...) movimento de igreja em crescimento mais fácil, enfim, vários movimentos que propõem crescimento fácil, que vende a ideia que Deus pode ser comparado pelo dizimo, isso está muito inserido dentro do próprio neopentecostalismo, mas a gente está vivendo uma nova fase do neopentecostalismo que eu chamaria então de pentecostalização, então, desse pressuposto eu entendo que o movimento evangélico brasileiro está sofrendo com essa pentecostalização. As igrejas pentecostais estão sofrendo isso por que elas estão abrindo mão da sua teologia tradicional da pregação de salvação no reino futuro para salvação aqui agora, imediata, uma relação com Deus onde as suas necessidades não só espirituais, mas basicamente materiais, estão sendo supridas aqui agora. As igrejas protestantes históricas, pela ausência de espaço de discussão teórica, estão apagadas na mídia, quase não se pronunciam e na ânsia de crescer, na minha concepção, algumas das igrejas históricas estão adentrando pelo caminho fácil (...) da pentecostalização e elas estão fazendo um simbiose, elas mantêm um pouco a sua estrutura tradicional, o rótulo tradicional, mas o discurso dos ministros é um discurso muito parecido com o encontrado nesses movimentos pentecostalizados, ou que receberam um fluxo da pentecostalização, acho que isso advém do mesmo decréscimo, ela não consegue dar uma resposta, há um barateamento na formação pastoral dessas igrejas, vários cursos e pólos estão sendo criados por aí, a própria influência externa chega até ela, rádio, televisão, então as igrejas tradicionais ou históricas pra mim não conseguem dar conta, nem conseguem apontar um caminho alternativo há dentro desses (...) dessas igrejas alguns movimentos sérios, que tem discutido na igreja e tem tentado propor um caminho alternativo, mas a gente não tem a mídia a nosso favor, nem o poder econômico. Não aparece na mídia, não existe, essa é a realidade.

E: E a Catedral?

P: Eu digo que não há uma influência da pentecostalização na catedral. A catedral passa por uma renovação pastoral - passava até então - uma proposta de uma igreja mais contextualizada, mais aberta, mais inclusiva, mais acolhedora, uma igreja aberta para esses novos horizontes, novas necessidades desse ser humano que está aí, surgindo, esse é um outro lado, isso não é pentecostalização, isso é fugir daquele tradicionalismo (...) que não se abre, não atende essa demanda moderna. Então ela se propõe a dialogar com essa modernidade nesse movimento pós-moderno e entende que o caminho é um caminho fácil, um caminho construído à várias mãos. Então a igreja tem que sim estar com seus pares, com a sociedade, para ver alternativas para esse movimento pentecostal com facilidade extrema... não sei se ficou claro.

E: Ficou. Por que a igreja metodista, o pouco que pude achar da história da igreja metodista, ela foi marcada por várias rupturas. Na década de 1930 teve a chamada irmandade ortodoxa, e em romperam em 1967 teve a igreja wesleyana que foi o movimento de avivamento...

P: Pentecostal mesmo...

E: Isso com o dom do Espírito Santo e tudo mais, E hoje a igreja metodista do Brasil na qual a catedral está inserida, ela não tem nenhum plano de renovação institucional?

P: O metodismo brasileiro assim como o movimento evangélico brasileiro passa por um grande impasse. A presença de pentecostalização no evangélico é muito forte, é tão forte, então ele entra através de encontros pequenos que acontecem, que nossos pastores não acabam indo, lá esses leigos que vão, esse movimento recebe essa informação e acabam levando para sua comunidade, então é muito difícil hoje ter em sua igreja local livre desse... é muito difícil o movimento metodista tem procurado propor um caminho alternativo, mais saudável, de acordo com a *teologia social* de acordo com a herança, mas para mim está meio perdida, a ânsia pelo crescimento tem levado(...) pelos caminhos fáceis, hoje você não tem uma face, você tem várias o que é o metodismo brasileiro? Tem o metodismo dos documentos, muito bonito, uma teologia bem centrada, tem o metodismo da wesleyana, muito bem centrado, e tem os metodismos regionais, que diferem do metodismo proposto no documento, e tem o metodismo localizado na região (...) tem distrito, igreja local, então você não tem uma face, (...) do que é o metodismo proposto pelo Wesley. Acho que a gente vive a mesma crise da católica tradicional, a igreja pastoral elas divergem(...)

E: Que aí pode encontrar igreja totalmente tradicionais até igrejas que aderem?

P: (...) São muito poucos, grande parte de nossas igrejas não tem corais, não tem o culto com 5 ou 6 partes(...) metodistas tem algumas marcas importantes da presença pastoral, se esqueceram da celebração da ceia, se tornou só um momento(...) ênfase demais na simbologia como sacramento, isso acaba existindo e parece que não está se percebendo outro detalhe negativo, nós temos uma marca institucional, e essa marca já está no altar, uma confusão, entra marca institucional e elementos sacramentais dos símbolos religiosos...

E: Sobre os diferentes cultos, sempre foi assim?

P: Não. A catedral historicamente sempre foi muito tradicional, de uns anos para cá ela começou a se renovar, e esses anos com minha presença, a gente começou a idealizar um projeto onde ela se renova, mas se abre a um diálogo com a sociedade, e passa a ser consciente que, caso ela não faça algumas concessões nessa modernidade, ela tende a diminuir e pode deixar de existir. Então a gente entende que como nosso rebanho tem múltiplas tendências, os seres humanos são múltiplos, não dá para partir da ideia de que um culto só e de um modelo com

uma tipologia litúrgica vai atender toda demanda desse ser humano, temos pessoas de classe a, b, c, d, e, essa (...) possibilitou isso então a gente procura ter culto que atenda essas classes ou desdobramentos entre a e b, b e c, d e e, então, esses cultos pretendem atender essas necessidades espirituais ou formas de adoração. O conteúdo é sempre o mesmo, a forma de pregar, o modelo que difere, mas a teologia é a mesma, mesmo no culto da vitória, tem um pregação, mas toca um pouco de auto-ajuda para dizer que a pessoa pode ir mais longe, mas sem baratear, não há (...) nem teologia da prosperidade, é um culto onde a esperança é muito presente, faz isso aparecer num linguajar mais comum, aí sim, o culto das 11h tem um linguajar mais sofisticado na pregação. No culto das 19h, basicamente jovens, então não usa um pregação tão sofisticada, essa é uma coisa interessante...

E: Como o senhor vê esse conteúdo wesleyano? Estava lendo até hoje, uma tese de um professor, o Odilon Chaves, que ele fez um trabalho interessante, uma crítica de setores mais engajados (...) do protestantismo histórico que rejeita qualquer tipo de pentecostalismo, que acusam de alienação, e parece que o metodismo tem um equilíbrio, o evangelio social e ao mesmo tempo uma piedade cristã, enfim, como é esse discurso?

P: Para gente compreender a teologia metodista tem que buscar as fontes que Wesley bebeu, as fontes que ele deu não são pentecostal, por que este é um advento do século XX. Wesley é do séc. XVIII, quando você vai buscar as fontes você vê 5 ou 6 autores anglicanos e de descendência puritana, então você vai perceber uma força de elementos puritanos muito forte (...) Wesley bebe na fonte não só do anglicanismo, mas do (petismo) alemão é que ele bebe, muito oriundo desse contexto do pietismo alemão, só acontece por que antes ele era virado nos místicos orientais da igreja, ele leu os místicos, ele gostava de um místico espanhol que fugiu o nome dele, daqui a pouquinho vem, ele leu (...) então ele tem essa presença (...) a influência da reforma também é muito grande em Wesley, a gente vê várias fontes, e aí, dessas fontes nasce o movimento com a capacidade de dialogar muito maior para o século XVIII (...) aí consegue dialogar com o trabalhador da mina que queria uma celebração mais emocional, que o anglicanismo não oferecia, nem a igreja batista, o metodismo agregara isso, onde instrumentos musicais de seus próprios membros podia estar participando da pregação leiga, a presença da mulher, a organização metodista era mais flexível, e vai influenciar o movimento sindical da época, uma igreja mais participativa. Wesley nunca foi um ditador, então ele fazia conferências que eram anuais, onde todos os líderes participavam e conversavam sobre o futuro da igreja, futuro do movimento, ele nunca pensou em igreja, então ver aquilo como movimento, ele tinha uma flexibilidade que eles não tinham de se (...) a realidade. Então Wesley rejeitou a fuga da verdade a se aproximar do pietismo devido a essas outras heranças que citei, hoje, minha experiência com Deus deve me levar necessariamente ao encontro com o ser humano (...) então o metodismo oferece uma saída para os descambos da pentecostalização, ele oferece. Ele influenciou em algum momento mundial. Agora bom destacar o movimento pentecostal brasileiro é de origem batista, não wesleyana, quando você vê momento pentecostal no Chile tem influência wesleyana muito grande...

E: Ele surgiu na igreja metodista no Chile?

P: Movimento pentecostal, por que a igreja pentecostal nasce de uma cisão com a igreja metodista tradicional. Hoje é significativamente maior do que ela era, mas tem todos elementos wesleyanos, batiza criança, um comprometimento social muito grande..

E: Isso é um grande conflito com pentecostal tradicional que é o batismo de criança...

P: e a participação na política, apesar que o pentecostalismo hoje o “neo”, já não tem mais esse pudor que o velho tinha(...)

E: Uma última questão, queria perguntar se poderia me falar da saída da igreja do movimento ecumênico, por que a gente tem uma intencionalidade protestante que é contrária a renovação ...

P: Diria que na minha avaliação hoje significa deixar de existir ponto de vista histórico...

E: Você acha que tem uma relação da igreja metodista no geral com movimento ecumênico, tem relação com desligação do movimento ecumênico?

P: Na minha avaliação sim, na minha tese eu discuto essa saída da igreja metodista do movimento ecumênico, da decisão de 2007, final da minha tese, já na minha introdução, levanto uma questão que é o resurgimento forte do fundamentalismo, quando a gente fala de pentecostalização a gente fala que só tem lugar pior que é um resurgimento do fundamentalismo, aí o fundamentalismo tradicional, pentecostal e não pentecostal, o fundamentalismo é transversal. O surgimento não só na América Latina não só no movimento protestante, no movimento católico, uma das marcas do fundamentalismo é defender seu próprio gueto, eu me fecho no meu gueto, então essa busca pela denominação, essa busca por entender que eu tenho a verdade impossibilita o diálogo, então há na igreja no Brasil hoje crescimento muito grande do fundamentalismo, e esse fluxo é responsável pela igreja sair desse movimento ecumênico uma decisão (...) é algo que não aconteceu de imediato, já há três concílios gerais, isso tem vindo à tona desde quando a igreja decidiu participar do especial no Conic chamado grupos descontentes radicais (...) mas não só, há muito (...) tradicionais chama de ecumênico, isso não é uma coisa só dos chamados avivados, entanto e que no último concílio você vai perceber que (...) maioria não é um grupo formado só de avivados, formados por muito metodistas (...) uma união de forças para derrubar essa questão do ecumenismo, eu digo que isso tudo é uma igreja que não quer conversar, não quer dialogar, e isso vai se virar contra a igreja até as igrejas novas (...) começaram a dizer não, e igreja que entendemos com igreja, quando eu me coloco nessa postura, me coloco na velha postura de quem criticava e dizia que não quer a igreja,

então é claro que os reformadores estabeleceram o que identifica uma igreja cristã verdadeira(..)celebrar a santa ceia com dignidade e ordem(...)mas eu não tenho esse direito, na minha avaliação protestante, de definir, de conceituar quem é cristão e quem não é, e quem é evangélico, quem não, algumas igrejas evangélicas estão advogando para ter esse direito, chamada associação evangélica, associação de pastores a princípios (...) eu aceito você, não aceito a denominação dele, ter aquela postura de Jesus quando foi questionado pelos discípulos, alguém que prega no seu nome batiza no seu nome(...) quem é por nós não pode ser contra nós e aqueles discípulos que não eram seguidores de Jesus e usavam o nome dele (...) celebra o mesmo Deus da salvação através de Jesus. Como tenho a condição de dizer se são evangélicas ou não? Só por que elas são diferentes da maioria dos evangélicos? Há alguns princípios que vão definir o que é evangelho e que não, e uns princípios reformadores, questão da palavra, aceitação de Jesus Cristo como senhor, salvador, a questão da não existência do sacerdote(...) o sacramento para nós é um meio de, graça não deve ser adorado, então, elementos importantes, o que é uma igreja evangélica ou não, mas isso é muito difícil de determinar, eu diria que algumas igrejas chamadas evangélicas hoje são (...) elas são mais católicas do que evangélicas, são cristãs, mas são mais católicas.

E: certo...

P: A catedral viveu um momento bom, não sei o que vai ser a partir de agora, mas a gente procurou ser um *oásis* ideológico em meio essa(...) toda, não somos tradicionais, não sou tradicional, eu me considero um pastor do momento do avivamento(...)

E: se vê então como pastor wesleyano no movimento do Wesley?

P: e quando eu afirmo isso, estou levantando uma suspeita(..) até é uma outra história(...) uns autores até um autor católico discute isso, esqueci o nome dele(...)o bispo(...)essa questão do que é o metodismo brasileiro entenda que hoje há espaço para discutir (...)

E: é uma ausência geral e de repente é o que faz falta...

P: Ai o movimento católico na minha avaliação, ainda está uns anos luz à nossa frente, por que me parece que o movimento católico tem um espaço para isso(...) no movimento evangélico tem um movimento muito bom, movimento que chamaria de evangelical, unindo igrejas pentecostais clássicas, tradicionais e históricas e algumas não pentecostais, pastores de várias fontes e tem encontros nacionais importantes (...)

E:(...) é uma discussão muito grande...

P: para entender o movimento evangélico brasileiro(...)

VERA. Entrevista concedida a CARLOS HENRIQUE. Rio de Janeiro, 02 dez. 2012. som formato mp3 (15min 01 seg)

E: Primeira coisa, quanto tempo está na catedral e como você veio para cá? Sempre foi metodista, cresceu na igreja?

V: Estou na catedral há 10 anos, cresci na igreja, mas na Assembléia de Deus em Minas, quando vim para o Rio fui na Batista, mas eu morava aqui perto, ai um dia eu estava passando aqui em frente, eu achava que aqui era uma Igreja Católica, ai ouvi um louvor que conhecia e entrei para ver e fiquei.

E: você está satisfeita com a proposta da igreja, pensa em mudar, como se sente hoje frequentando a igreja, o que mais te atrai? O que não atrai?

V: Não penso em mudar, tem problema como todas outras igrejas, tenho coisas que satisfazem outras não, mas não penso em mudar, gosto da igreja metodista, (...) acho exatamente por isso, por ser tradicional é com regras, com valores, não é uma igreja que cada um faz o que quer e acabou, tem regras tem um conjunto de regras...

E: Sobre os cultos aos domingos, são quatro diferentes, você costuma frequentar todos? Se frequenta porque, ou se tem preferência por algum culto...

V: Às vezes fico no da manhã por causa da escola dominical, e às vezes no das 11h, às vezes vou embora. Venho mais no da noite mesmo, domingo à noite, eu gosto muito do da manhã, do estilo do culto da manhã, mas normalmente estou com sono então vou para casa dormir, então venho no da noite, pois como trabalho com jovens, os jovens estão à noite então to sempre no da noite...

E: Costuma assistir ou frequenta outra igreja durante a semana, eventualmente?

V: Não, não. Em geral não gosto desses programas de culto, não gosto, não vou à outras igrejas, tenho amigos de outras igrejas, às vezes convidam, mas final de semana muito difícil, por trabalhar com jovens, tenho que estar aqui domingo à noite, às vezes por uma eventualidade, ou às vezes durante a semana tem uma programação em outra igreja que um amigo me chamou, eu vou mas é uma coisa muito esporádica.

E: você gosta de alguma personalidade do mundo evangélico, um pastor, um ator, alguém que acompanhe tem algum nome que vem a mente não necessariamente metodista?

V: Gosto de cantores antigos, tem um amigo que dizia que tenho uma alma velha, porque eu não ouço nem rádio evangélica, deve ter uns seis anos, porque acho que a música gospel entrou nesse meio comercial e tem um monte de coisas que para mim não agrega, talvez um termo pesado para falar, mas muita coisa que não presta, um monte de bobeira, um monte de palhaçada, que dá a impressão que fazem a música só para vender disco,

assim gosto muito das antigas... *Aline Barros* no início da carreira, primeiros cds de *Vencedores por Cristo*. Entao, assim a galera, bem um cantor hoje que gosto muito, *Jéferson Borges*, tem umas letras muito boas, muito bem feitas que eu sinto uma inspiração de Deus no que canta, não é uma música tipo *chocolate quente* que anda tocando por ai, palhaçada ridícula...

E: a musica nova da *Aline Barros* que toca a noite "Ressucita-me" né? Da *Aline Barros* que toca a noite, sempre o grupo toca no culto aquela "mestre preciso de um milagre" nova saiu agora...

V: Deve ser, como não ouvi na igreja deve ser nova, às vezes vem cantor na igreja, nem sei uma musica que ta falando...

E: Já que estava falando de músicas, as músicas novas tem muito a ver com o movimento pentecostal. Você acredita nos dons do Espírito Santo, de falar línguas estranhas que vê por aí e acha que isso pode influenciar alguma mudança na catedral em relação ao culto?

V: Sim, influencia. Acredito nos dons do Espírito e não acredito em frisar um dom né, os dons do Espírito não e só em línguas, tem mais dons, esse dom do Espírito é dado as pessoas para usarem, mas não para usar aleatoriamente, esses dons do Espírito são para edificação, se não vai edificar ninguém não e dom do Espírito é emoção. Não consigo ver como uma coisa concreta agente e muito emocional, você ouve uma música que se emociona, vai chorar, vai ser levada, tem que saber fazer essa diferenciação. Muitos não conseguem, ja vi gente falar em língua coisa séria, "Deus me mandou falar isso", às vezes é serio e o cara fala um monte de abobrinha de besteira para mim, e uma coisa negativa para mim, se não gerar fruto não tem propósito.

E: Você sacha que a igreja esta se pentecostalizando, mudando o perfil com isso, como vê isso? Porque na catedral tem culto de quinta chamada de libertação e a noite no domingo o culto do avivamento...

V: Eu acho isso, esoto na Catedral, dez anos que estou na igreja metodista. Por trabalhar na liderança dos jovens conheço muito outras igrejas e outras regiões, e nossa igreja por ser institucional depende muito de que pastor esta na igreja no momento, assim, nossa igreja teve épocas que foi mais tradicional por o pastor ser mais tradicional, quando entrei na igreja do catete era mais tradicional. O pastor Cláudio tem outra visão, entao pode vir um pastor mais tradicional e a igreja vai mudar de novo, a igreja acaba acompanhando muito o movimento do pastor de como e depende muito. Tem uma igreja que, para mim e a de Vila Isabel, é uma igreja extremamente tradicional, pois o pastor era tradicional. Mudou de pastor esse ano e você vai la a igreja ja ta diferença o pastor lá é mais avivado, então você consegue ter essa, o pastor tem muito esse movimento e o Jardim Botânico, esta mais tradicional, pois o pastor de Vila Isabel foi para lá.

E: o Jardim Botânico era mais avivado?

V: Era mais, era mais avivado, hoje voltou a uma linha mais tradicional, depende muito do pastor que vai vir, o pastor Cláudio tem essa linha, o que vai vir para cá no ano que vem não, acho que vai mudar porque tem uma linha parecida do Marcelo, entao todas as mudanças que vi acontecer depende do pastor a igreja segue.

E: O período que esta aqui é o periodo que começou essa mudança. O culto a noite era vazio ai mudou?

V: Por ter vindo um pastor jovem, o Sérgio, acabou tendo essa mudança..

E: Outra coisa, o que acha do movimento ecumênico e a relação com a igreja metodista?

V: hoje a metodista não é mais considerada ecumênica, não é mais ecumênica, eu acho, o ecumenismo tem que ser visto com muito cuidado, acho legal, interessante mas ser feito com cuidado para não ter interpretações erradas. Eu particularmente não tenho problemas se a igreja também não se deixar perder, para igreja não virar uma bagunça, você não sabe se ta entrando na evangelica na catolica, acho que o ecumenismo faz aprender a conviver bem com outras religiões, e cristianismo é também saber conviver bem com todo mundo sem apontar o dedo "você vai por inferno", julgamento cabe a deus a gente tem isso eu falo para minha mãe, a gente vai se surpreender muito no céu por ter agente que agente não imaginaria que estaria la e no inferno que agente não imaginava que entrai la entao deixa esse julgamento para deus.

E: e a igreja com organizações sociais?

V: tem que se envolver, uma igreja que não se envolve com movimentos sociais, para mim, igreja que não se envolve em organização social, não ta cumprindo mandamentos de Jesus, o amor ao próximo tem que ter essa responsabilidade social, ela em que olhar para fora não vier só dentro dessas quatro paredes, tem muito mundo, muita gente la fora precisado de amor de deus, mais do que falar é mostrar, e às vezes e com um parato de comida com emprego, incentivando e a estudar, e a igreja tem sim que ter relacionamento social e viver para fora.

NÁDIA. Entrevista concedida a CARLOS HENRIQUE. Rio de Janeiro, 13 nov 2012. som formato mp3 (37 min)

E: Como a senhora veio para catedral, pode ser para igreja metodisestá e para catedral metodisestá

N: A historia nossa da entrada da igreja metodisestá é uma historia até boniestá. Nós eramos meninos, papai era ferroviario, de MG, tinha 6 filhos e criava uma sobrinha e ele mudava muito de cidade, e a ultima cidade que ele foi trabalhar chamada Volestá (?) Grande, nasceu meu irmão, o unico de Volestá (?) Grande, e lá nasceu meu irmão ele ainda era pequeno, mamãe precisou fazer um traestamento, minha vó ficava tomando conestá do meu

irmão, e meu pai era um homem que tinha uma cerestá posição por que quem é chefe de esestação num lugar pequeno sempre tem um destque. Eles davam moradia, a família da mamãe tinha dinheiro, naquela ocasião morava no Estrela Dalva católicos. A família da minha mãe era muito católica, tinha freiras madrinhas nossas eram todas freiras, levava a gente a igreja, eu me lembro era pequena papai (...) tinha uma vida meio atrapalhada. Papai bebia, fumava, jogava e estãmbem tinha os casos dele que agente depois ficou sabendo dos casos, casaram muito novos, mamãe botou 16 anos para casar mas tinha 15 e ele 21, gente jovem, tinha carro naquela ocasião quando começou, por que minha avó morava naquele tempo com Ribeiro Juqueira, dono daqueles bancos grandes de MG, tinha uma situação invejavel e meu avô era fazendeiro. Mamãe foi criada em colegio interno, apredeu tudo em colegio interno, mas vivia so para família, mas meu pai não era mole (...) Papai sempre foi politico, nós tivemos como se chama (...) mas um dia um amigo dele da esestação convidou para ir num culto na igreja metodisestá, tinha criado uma igreja metodisestá lá, aí ele sempre quando ouvia o hino ele falava com minha avó “olha dona os bodes tão canestãdo”, por que la eles tinham um preconceito muito grande, eram no inicio de 1947. Quando foi 1948 esse rapaz convidou para ir lá num culto, ele falou “ah, vamos lá que a gente vai acabar com esse negocio”, lá era lugar dos bode, e ele foi nesse proposito, sentou no ultimo banco junto com uma amigo ouviu a pregaçao e não fez nada. Ele gostou, tocou alguma coisa nele aí como era uma série de conferência (...) ele disse no dia seguinte “eu vou la naquele lugar outra vez”, aí o rapaz “a eu não, eu não vou naquilo não”. E ele foi sozinho e quando o pastor fez o apelo (...) A conversao dele foi muito parecida, quem conhece a conversao de Paulo foi bem parecida, naquele momento ele tinha dois maços de cigarro e deixou no alestar, ele nunca mais bebeu, nunca mais fumou, agora papai era muito radical. Pela posição politica dele ele chegou, no dia seguinte, ele ja chegou estarde da noite não falou nada. No dia seguinte nos tinha a parede era cheia de santo, a vovó era muito católica, ele arrancou tudo jogou aquilo fora quebrou tudo e ele tentou escrever uma carestá de amor para mamãe... Pronto, aí foi o pingo! Mamãe disse “enlouqueceu”. Falou para mãe dele que morava aqui, vou ter que volestar para Minas por que essa carestá tem allguma coisa de errado, que chegou la de uma outra pessoa e a cidade toda contra ele, aí foi uma situação muito dificil dentro de casa, aí ela falou “ah, isso é do diabo, a se a igreja [católica] não conseguiu endireiestar o Antonio, como essa do diabo conseguiu modificar?”. Ele é um outro homem, ele batia muito na gente ele tinha meu irmão o menor tinha uns 4 anos, o não, o caçula, o outro ele amarrava ele na mesa certo e batia muito, quado ele resolvia bater na turma batia ate nas empregada, todo mundo apanhava, e ele ja era outra pessoa. O evangelho transformou meu pai em outra criatura de estál maneira que levou a mamãe ir a igreja, “então eu vou lá, se Jesus Cristo não conseguiu fazer nada com ele, como é que o diabo ele falava demonio conseguiu tocar?”(..) não bebia mais de alambique (...) passando vexame com os amigos dele ficar servindo cachaça aquela época não era cerveja não, então mamãe foi para igreja, ela teve o momento dela mas aí (...) aí eu me lembro que eu era pequena, fomos um dia no trabalho na outra cidade pegamos um caminhao aí a carga de um homem que era metodisestá estãmbem da cidade Estrela Dalva e a perseguição foi tão grande que jogaram uma bomba dentro do caminhao. Meu tio irmão da minha mãe era delegado dessa cidade, aí criou um caso, meu tio falou “se pegou alguma das minhas sobrinhas eu mato vocês”, ele era violento, mas não pegou, pegou uma outra menina la estorou a perna. Vimos que não tinha condição de ficar lá, mamãe volestá ao RJ e aqui que mamãe era muito saída, conseguiu transferencia do meu pai aqui pro Rio, tinha que sair de la, o colegio não aceitou mais minha irma nem a outra ja esestáva em fase de escola, como ia ficar minha irma ja estáva com 12 anos a repercussao foi muito grande, então a gente que tinha la toda uma estrutura, de família, de local, eu morava numa casa de sitio que tinha fruestás, um rio no final que agente pescava, perdemos aquilo tudo e viemos com uma mao na frente outra atras sem movel sem nada morar na casa da minha avó, arrumou um local para (...) ficarmos ali, e começamos a frequenestar a igreja metodisestá de Vila Isabel. Ficamos um tempo, aí depois não teve condição de ficar por que papai foi transferido para esestação de Ramos, fomos morar em Ramos aí a luestá Ramos moravamos no barracão, todo mundo junto, foi um tempo muito dificil da nossa vida, a começar para mamãe arrumar frequesia por que era costureira, quando melhoramos um pouquinho papai foi tranferido para Bras de Pina e lá a casa era muito boa, passamos uma temporada ali pela igreja metodisestá aí a vida foi melhorando. Dali mudamos para Bonsucesso, Olaria, sempre frequenestãdo a igreja metodisestá e o ultimo lugar que moramos no suburbio foi na Penha mesmo, ficamos muitos anos alia, na minha juventude eu passei na igreja metodisestá da Penha, fui muito atuante, fazia muito estarbalho social, ia aos presidios, visiestação aos hospiestáis, pregaçao nos morros, fomos muito participantes a igreja, tinha grupo de teatro então fomos sempre muito atuantes na igreja metodisestá e foi melhorando. Os filhos crescendo cada um pegando seu rumo, estudando, trabalhando, estudando e trabalhando, e os anos foram passando, viemos em 1971, comprei meu primeiro aparelstamento e sempre moramos de aluguel, na Deodoro da Silva e mudamos para la em frente a igreja metodisestá de Vila Isabel onde fiquei por volestá de 25 anos(..) Ocupei todos os cargos que tinha na igreja metodisestá de enquanto isso, era a pastoral, tesoureira, administradora da igreja. Mudamos um ponto de pregaçao (...) Eu minha irma a outra a Marlene, a mais velha, a Marlene casou com um homem que foi pastor, que já foi pastor daqui, reverendo Danestás, então familia muito grande fomos crescendo fazendo faculdade quando eu em 1960

E(..)

N: Casado com a Marlene, ele veio de Recife, foi morar na Penha com a familia dele conheceu minha irma na

igreja metodisestá da Penha e casaram em 6 meses, a família dele toda da igreja estábem(...)então continuamos na igreja nos fomos criados na igreja trabalhando na igreja, muito atuante na igreja metodisestá, ja fiz parte dos conselhos das instituições metodisestá por ultimo fiz parte do (...) e um orgao que dirige todas as igrejas metodisestás do Brasil inteiro (...) delegada de duas vezs do conselho geral, certo, então a gente sempre trabalhou muito na igreja, o trabalho do reverendo Marcos, tem 5 anos que eu estou administrando a igreja ele tem 6 anos, o primeiro ano foi a Rose, depois passou para mim, ate hoje tenho que ficar, meu mandato termina no fim do ano, aí a idade estábem ja cansou, o sistema da igreja metodisestá de itinerante tem algumas coisas com passar do tempo, que as coisas vão modernizando e a modernidade não entrou na igreja eu acho uma pena...

E: que modernidade por exemplo?

N: A igreja não tem um plano que dê salario pastoral, então você tá numa igreja dessa de 10 mil reais e se transfere daqui para ganhar 2, 3 [mil], eu não concordo, se tivesse um plano de carreira pro pastor tinha que ter uma estrutura, e isso não conseguiram formar na igreja metodisestá. Começa na igreja como aspirante pastor né, como seminarisestá, aí você fica numa igreja seu nome é aprovado faz a faculdade depois passa por diversos testes até ser nomeado como pastor, fica dois anos como aspirante trabalhando na supervisao de outro pastor, de outro presbitero, que e um grau mais elevado como Cláudio , Sergio, mas até chegar lá demora, aí você vem calgando as nomeações numa igreja pequena e vai subindo como numa empresa, começa como auxiliar e vai subindo na igreja, vai melhorando de igreja e tudo, então, eu acho que essas coisas na minha cabeça. Você não pode volesstar de cavalo para burro você está no topo, de repente, leva um tombo, caí, começa tudo de novo, não concordo, como metodisestá eu não sou contra itinerancia, mas tem que ter um criterio essa igreja que está mandando fulando tem suporte financeiro que pague mais ou menos de acordo com aquilo? como está a familia de fulano? Você tem que saber dessas coisas, hoje fiquei sabendo de um pastor que ano passado, ele esestáva na igreja metodisestá central de Niterói, morava em Icaraí, era professor da Uerj, tem dois filhos estudando. Mandaram ele para Quissamã, é brincadeira! E para dar um desconto no cara, a familia não pode acompanhar, como ele ia na meestáde do ano tirar um filho, uma filha da escola? Cláudio está saíndo daqui para Iguaba, a filha teve que trancar matricula na Uerj, então, quando a gente reclama de uma situação dessa, fala que a gente é rebelde, está fazendo rebelião, não é por aí! A gente fala para abrir os olhos das pessoas, não dá para mudar a vida de uma pessoa de repente. Eu falo por que sempre trabalhei em empresa grande, empresa publica, não faz, fulano manda para cá... Eu era do BNH, mas tinha gente de Manaus, Belem, Naestál, gente pedia “vou mudar para aquela cidade”, pede para transferir, é diferente... agora está numa capiéstál, manda para o interior, é muito difícil, ainda não viram isso, a mente da direção não tiveram essa visao...

E: A direção da Catedral?

J: Não, os bispos, por que acima dos pastores tem um bispo e junto com os demais bispos, mas junto com eles tem um setor que se chama COGEIME, então, é a cabeça pensante da igreja metodisestá ate hoje e eles ainda não conseguiram ter essa visão, uma visão de modificar (...) ele foi muito tempo secreestario (...) a Sede Regional, ele fez, ele é economisestá, conestádor, administrador e advogado, ele fez um plano de carreira, mas nunca foi aprovado nunca fizeram, nunca discutiram o plano de carreira [fazava do pastor Danestás, mas o trecho ficou meio truncado].

E: A senhora acha que há uma *espiritualização*, deixando de lado esses pontos materiais, acha que as pessoas não enxergam isso, a senhora tem essa visao?

N: A pessoa não tem uma visão do todo da igreja, quando você tem uma trajetoria no lugar e se interessa pelo lugar, é igual a teatro, os bastidores, o que acontece nos bastidores, o expecestádor não vê o que está acontecendo, atrás da cortina, a cortina às vezes está pegando fogo(...) chegou atrasado perdeu papel, tem muito imprevisto...

E: Você acha que as pessoas não vem essas coisas por que acham que essas decisoes são tomadas em nome de Deus?

N: Em nome de Deus o bispo orou e mandou que ele fosse para lá [falava do então Pastor da Catedral, Bernardo Alves, que esestáva sendo renomeado para outra igreja em Iguaba].

E: Como é que é isso?

N: As decisões são assim, se reúnem o conselho e o secretário do distrito, cada distrito estánto de igreja, tem um secretário que supervisiona os padores, é o “SD” (superintendente distriestál) o Faleiro que é o pastor de Boestáfogo, então junestá e vê quais dificuldades tem a igreja, eles escuestám a igreja, quando chega de 2 em 2 anos vem um formulario, a igreja é dirigida pelo conselho e pela “clam” (conselho da igreja, conselho missionário local), e um grupo de líderes, coordenação missionaria da igreja local. Então a “clam” se reúne no intermédio do ciclo e pode tomar decisões, então vem esse formulario para liderancia da igreja tomar conhecimento e avaliar a caminhada do pastor pelos dois anos. Faz várias pergunestás, se a igreja cresceu, como está, faz isso, faz aquilo, sim, não, não, sim, fez isso, aquilo... a clam faz a conclusao, se deve permanecer ou não, aí ela pega esse relatório, o pastor convoca o concílio e quem (...) o outro pastor que vem nomeado pelo SD, aí ele vem dirigir, o pastor se retira e ele dirige o concilio, a gente fica à vonestáde para meter o malho ou falar bem se quer ficar com ele ou não, aí como a igreja do Catete, exemplo daqui, todo mundo deu noestá 10 para todos (...) aí, vem o outro, escuestá tudo que a secreestaria da clam, que é da igreja, lê o relatório, fala ali, o

pastor perguntará se a igreja concorda com tudo ali, quer continuar, se quer fazer voto secreto ou por aclamação, deixa bem à vontade a igreja responde por aclamação, então os favoráveis levantam a mão, aí vê lá o não, quem não quer votar, mas quando chega nessa hora todo mundo quis, bateu palma, mas de repente no meio de novembro o homem [pastor Cláudio] operou, a confusão tá formada, sem concílio sem nada (...) está indo embora para Iguaba, não concordamos aí na hora (...) por que nunca mandou fora da época, por que tirar o cara daqui para mandar para Iguaba?

E: Se ele for votado positivamente pode continuar aqui mesmo esgotando o prazo?

N: Pode, renovam, geralmente o bispo não deixa ficar muito velho, a gente achava que ele ficava só até o fim do ano, por que 7 anos é um tempo razoável, por que todos que vinham aqui ficava 1 ano 2 anos, é igual ao governo, não dá para parar quando você toma pé da situação é mandado embora...

E: Já que a senhora,...uma dúvida, à noite, assim, o foco e essas mudanças, o culto à noite é bem cheio, a igreja tem 4 cultos, mais tradicional mais...

N: Tem um culto 8:30 que o pastor soube conduzir, e isso atraiu muita gente, que tem aquelas senhorinhas que gostam bem da liturgia calminha, ele faz tudo direitinho... aí depois vão para escola dominical e vão embora, por que querem fazer o almoço delas, que almoçam meio dia, e aqui o culto fica até uma da tarde, mas tem outros que gostam dos mais animados, aí ele põe o das 11h, mas não exagerado, tem coral, grupo de louvor uma pregação maior prolongada, que vai de 11h à 13h da tarde, que pessoal gostam... tem esse grupo, tem o outro grupo que gostam da noite, mas não tarde, ele fez o culto das 17h na capela tem o de 19h (...) também e tem a oportunidade de tomar ceia quem não tomou no primeiro domingo, vai tomar no segundo as 17h... você entendeu? Ele tentou agradecer gregos e troianos e os da 19h, cheguei a falar com ele, por que não deixou os outros três, tem muito barulho não tem os jovens

E: As pessoas reclamam?

N: Reclamavam, a velhinha queria vir no das 19h para reclamar do barulho, tem 3 cultos você quer vir só nos das 19 para reclamar comigo? Vem das 5h, no das 8:30, nos das 11h, o das 19 é mais livre, só com o louvor, aí toca bateria, levantam a mão, mas é o culto jovem, fica cheio por que atrai o jovens, precisa de uma igreja de jovem e isso não tinha antigamente...

E: E isso começou com pastor Marcos?

N: Começou o avivamento da igreja, vou te contar uma coisa, a gente fala igreja pentecostal (...) mas isso começou com a igreja de Wesley, a gente contou a história do Wesley diversificada, o movimento partiu de Wesley mas quando foi para os Estados Unidos ele modificou e trouxe para o Brasil, então, quem ficou pentecostal foi a Assembleia de Deus e a metodista óh! Tem metodista que não sabe que Wesley era assim você entendeu? A metodista no início, quando conheci não falava do (...) Espírito Santo, tirou isso, a terceira pessoa da trindade bico calado, eu fui conhecer o Espírito Santo em outras denominações...

E: Que denominações?

N: Quando eu era de Vila Isabel comecei a ouvir algo a respeito (...) me convidaram para um chá muito chique, fiquei maravilhada, comecei a frequentar aquela época, anos 1990 (?), mamãe morreu em 87, 88, mais ou menos, não sei de lá, aí ouvi batismo de Espírito Santo, um movimento mesmo diferente, e ficava sonhando com isso e igreja de Vila Isabel não falava isso, e comecei a procurar outras igrejas, ia na Adonep com Paulo Victor, na Adonep de Boestáfogo durante a semana, durante domingo voltava para Vila Isabel, mamãe morreu, papai estava muito sozinho, na Catedral, aí vim para cá e a Tereza, mas nós ficamos doidas, sabe, mas eu ainda ficava me fortalecendo nos cultos de lá, vigília monástica, no monte, gostava desse movimento, fui me envolvendo até que chegou um pastor aqui teve uma trajetória linda nessa igreja...

E: Aires?

N: Aires teve uma morte tão trágica, ele era advogado, se aposentou e pode ficar em tempo integral, e o bispo mandou ele para cá quando ele veio com essas ideias, e começou a modificar mas num lugar muito tradicional, ele sofreu muito para implantar uma coisa diferente, implantou ministério de oração, vigília, fazia, fez culto de quinquênica, abriu a igreja com culto as quinquênica, cura e libertação, aí que começou a igreja, indo as diferenças mas ele foi muito pressionado aqui...

E: Em períodos de?

N: Anos 90, ele veio para cá, acho que 89 ou 90, fez 7 anos, o Aires, na década de 90 que a igreja começou a modificar a Catedral, que muitas igrejas, se você for no interior, na Baixada, na Região do Lages (...) Metodista nada igual a essa não, tudo diferente, tem igreja que batiza por imersão, metodista (...) que eles aceitam isso, mas aqui é diferente, Zona Sul é muito diferente, não pode comparar o evangélico da Zona Sul com o do interior, as posturas, hábitos, costumes é muito diferente, agora, tem regiões por aí que continua capenga, como Minas Gerais que não aceitou o avivamento (...) não aceitou avivamento, Minas, Rio Grande do Sul, Parque de São Paulo, tem igrejas muito tradicionais que tocam até harpa e culto de papel... sabe o que é aquela liturgia que você fala e outro repete e você não aguentará (...) para lá, e para daqui para lá, e harpa, não pode fazer barulho, harpa toca baixinho, fiquei 5 anos em SP, esse culto de papel com violino, harpa e piano...

E: A senhora acha que essa rejeição ao avivamento, o metodismo tem na história dele esse movimento pentecostal, e nunca divulgaram, a senhora acha que tem relação com influência do movimento ecumênico

com a igreja envolvida com questões políticas e sociais...

N: Não, a igreja metodista veio com muito envolvimento social dos EUA, quando trouxe para cá e mudou maneira nenhuma, essa coisa de avivamento para cá, quem pegou isso foi Assembléia de Deus (...) agora no passado que eu acompanhei os 100 anos da igreja Assembléia, que começou em Belém, foi bem divulgado os cultos, eu vi na televisão, eu gosto de presenciar, e nós temos 134 anos, então nós viemos 34 anos e depois eles pegaram o avivamento que nós não pegamos, eu tenho um livro que (...) uma pessoa da Assembléia de Deus que escreveu, Rangel, se falar em movimento pentecostal ela está primeiro quem? Wesley. No movimento pentecostal tá lá, uma pessoa da Assembleia de Deus, o movimento pentecostal se inicia com John Wesley (...) “o mundo é minha casa” ele pregava, onde, lá em Minas ele (...) social ele se voltou para isso, os problemas sociais da Inglaterra, ele lutou contra isso tudo e a igreja não aceitou a maneira dele entendeu? Então a igreja metodista, quando você soube que fez um racha na igreja metodista (...) foi por causa do movimento pentecostal houve um racha de grandes pastores saindo da igreja metodista...

E: E o nome igreja wesleyana por que eles queriam retomar

N: A ideia. As ideias, tudo de Wesley, por isso que a igreja wesleyana, esse racha foi tremendo, naquela ocasião, e ela cresceu, outro ramo da igreja metodista que saiu daqui, mas não sei que época foi, a Igreja do Nazareno, a origem da igreja metodista nazareno, mas não sei que época que foi, mas dessa da igreja wesleyana eu já era da igreja metodista, eu tinha (?) anos, foi em 1967, mais ou menos 67, 68...

E: A senhora acha que esse pentecostal do Wesley é igual aos pentecostais que a gente tem, por que a gente tem muito pentecostal hoje...

N: Pentecostal moderno, que é do Silas Malafa, é um pentecostal moderno, agora, aquele pentecostal do início não é isso, não é o exterior que salva a pessoa, é o interior, Deus fala isso, não tem isso que roupa comprida, não pode boestar brinco, não pode corestar cabelo, tem que usar manga comprida, veja que essa ideia está acabando com isso, não é o exterior, e eles se voltaram para o exterior da pessoa, eles pegaram na integra tudo que Paulo falou no contexto em Coríntios, que a mulher tem que andar de véu, não pode corestar cabelo (...) se a mulher não fala na igreja não tinha igreja! (...) é a naquele contexto você quando lê um texto tem que ler o contexto que foi falado aquilo, senão você vai pirar, não pode falar, não é assim, mulher não pode falar, mulher tem que ser submissa, não é assim! Mudou tudo, hoje com a tecnologia moderna mudou tudo, mulher tem que trabalhar fora, luestar junto com marido para criar os filhos, como é que pode não é isso que agente quer, é a base do movimento pentecostal, que é um movimento que fala sobre o Espírito Santo (...) interpretar aquilo quando o Espírito Santo desceu (...) por que não desceu antes por que Jesus estava presente (...) ele falou “aguarde aí, aguarde por que descerá sobre vós o Espírito Santo”.

E: aí falaram em línguas?...

N: Falaram em línguas, aí cada um entende uma coisa ...

E: A senhora acredita no dom de línguas?

N: Acredito por que é bíblico, mas não é o mais importante, quando se lê a carta de Paulo ele diz assim, entre todos os dons, falar em língua, fazer isso, fazer aquilo, se não tiver amor, é o ponto chave do cristianismo. A essência do cristianismo é o amor, senão tiver, não adianta, você pode fazer tudo profetizar, ensinar, fazer e acontecer, senão tiver amor, tudo isso não vale nada. Ele fala que a essência do cristianismo é amor por que lá em João 3.16 diz “Deus amou o mundo de esta maneira que deu seu primogênito”, então, Deus amou primeiro, e ele resume os dez mandamentos em dois tópicos, amar Deus acima de todas as coisas e amar ao próximo como a si mesmo, então, eu não vim para revogar as leis dos profetas a de Moisés, não eu quero que cumpara. Ele foi mais duro com o cumprimento na lei do que os judeus, naquela época, por que os judeus ficaram presos aos 10 mandamentos, não adulteraram, aí pega uma mulher em adultério. Quando pega adultério, ela adultera sozinha ? (...) Ele ficou, e aí, como fica essa situação? E está lá escrevendo, e a mulher no chão, que levaram para ele julgar. Aí continua escrevendo, na lei, se alguém não tiver pecado atire a primeira pedra, e continua escrevendo, daqui a um pouco ele levanta o olho não tinha mais ninguém, foram embora. Então eu falei “pode ir, vá e não peques mais”, então não levaram o homem. Como pegaram a mulher em adultério e levaram só a mulher? Não é sozinho, faz à dois, agora, ele foi muito mais no sentido da lei (...) ele disse assim se alguém olhar para o (...) já pecou na intenção do olhar (...) eu preferia entrar no Reino do Céu sem um olho do que ficar com os dois em pecados, Jesus foi muito (...) ele amava as pessoas, ele deu oportunidade para pessoa certo da pessoa se reconciliar, está chegando o reino dos céus, e reclamava com aqueles fariseus, com doutores da lei né, aí ele encontra aquele doutor da lei que sabia tudo de lei (...) procurar de noite, aí o que que eu faço? Ele olhou para ele e disse “tem que nascer de novo”, nascer de novo, do ventre da minha mãe? Não, nascer da água e do Espírito, é isso que é importante, e a água e ele disse “eu sou a água da vida”, quem beber dessa água nunca mais terá sede, não sede comum, é o Espírito Santo que ele deixou conosco (...) Pedro foi outro homem, a partir da descida do Espírito Santo ele passava na porta todo dia para ir ao templo, tinha um homem senado aleijado há 38 anos, quando veio na descida do Espírito no dia seguinte, ele passou na porta, olhou, aquele homem pediu uma esmola, ele disse “olha não tenho ouro nem prata, mas o que tenho é poder”, pegou a mão dele e disse “em nome Jesus levanta e anda”. Ele pegou levantou e andou. Ele tinha poder agora que desceu sobre, ele fez uma pregação e se converteram 3000 pessoas em uma noite, um dia lá, 3000 ele foi curando, a sombra

de Pedro curava as pessoas, ele não tinha mais tempo de nada, levava aos doentes para visiestar um lenço, alguma coisa, ele abençoava. Você vê gente fazendo isso, ridículo, isso não pode acontecer. O que aconteceu com Pedro, o que aconteceu com Paulo, eles tinham poder não de dinheiro, de mando, mas do Espírito Santo, autoridade, autoridade espiritual, é o que falestá hoje em dia, olhar para uma pessoa e expulsar o demonio e a pessoa ficar curada. Eu não recrimino a Universal, ali não, eles tão fazendo o que Deus tá mandando (...)em meu nome de Jesus (...) fareis (...) o que pisar (...) em serpentes, expulsar demonios. Então ele falou isso a toa? “Farão coisas maiores do que fiz”, então, maiores, fico pensando, ele ressuscitou Lázaro depois de 4 dias, então foi aí que os judeus acreditou que tinha alguma coisa. Foi a goestá dagua para os judeus maestar Jesus, a ressurreição de Lázaro, ele estáva mal ficou esperando na outra cidade deixa passar, aí no quarto dia ele foi lá (...) ele dorme, aí fala para Marestá, “Marestá, Marestá, fiquei para a glória de Deus, me mostra onde ele tá”, aí os judeus, tudo junto com ela, está cheirando mal. Para ele não interessa que está cheirando mal, agora, uma coisa que ele fez, mandou fazer por que não ia fazer, ele ia resuciestar Lázaro, mas o impecilio foi tirar a pedra, mandou tirar a pedra, tira aí a pedra, quando tiraram a pedra ele falou “Lázaro saí para fora” (...)saí para fora e ele saíu(...) o homem não pode fazer isso, pode resuciestar, (...) desamarra ele por que eles amarraram(...) fazer isso assim em público é loucura para quem faz, então hoje em dia eu recrimino esse pessoal não, Deus vai usar as pessoas da maneira que quer, conforme quer, não é religião que salva, religião não salva ninguém, que é batisestá, presbiteriana, metodisestá, da assembléia e outras que não falam nem que é igreja é seiestá, mas está cumprindo a ordem, por que Deus quando precisou não tinha ninguém para falar (...) qual o nome do homem que estáva lá, não falava nada, a mula falou para o cara por que Deus viu que não tinha ninguém para falar, quem quer da maneira que quer, como quer, aí por isso que saímos de um lugar para criar outra coisa, ele precisa voltar, todo mundo tem que ter ouvido falar de Jesus para ele poder voltar, então ele usa qualquer pessoa de uma maneira ou de outra para falar de maneira diferente coisas (...)tem gente que está na igreja do catete que veio da Universal, tem muitá gente dessa daqui ou de outro bairro, foram aceitaram Jesus na Univesal, depois vê que não precisa ficar ali, o método é um pouco diferente, não tem aquele estudo continuo da biblia como tem aqui, tem muita gente da igreja evangelica que vem para cá só, ulto, culto, você escuta, mas não tem diálogo, quando você está no culto é uma comunicação unilateral, você so escuta, você não pode interromper o pregador para tirar sua duvida, na escola dominical não, a comnicação e bilateral, eu não to entendendo esse texto, esse pedaço aqui, como e que é? Como é que não? Então você tem um esclarecimento desse texto, então, eu fui aprendendo dessa maneira, então eu estudo muito minha biblioteca... por que sou professora de escola dominical de mulheres, então a gente não pode passar vergonha de perguntar um negócio e não saber responder, mas a igreja metodista está modificando, em alguns lugares foram modificando, foram fazendo outras igrejas metodistas, tipo, você ir num lugar bem diferente da Catedral você vê coisas que aqui agente não vê, ate gostaria de fazer, mas aqui não faz, como liberdade de Espirito de orar por outro para descida do Espirito, eu aprendi isso muito, muito mesmo (... Adonep), eles tinham um capitulo aqui no Flamengo agente se reunia naquele Hotel Florida, tinha umas convenções lá e tudo tinha um momento, de cura, de libertação, nós temos um trabalho de libertação aqui você sabia?

E: Aqui na igreja?

N: Tem um pastor aqui que faz para gente...

E: Quem?

N: Reverendo Altair, é terça, de 11:30 às 14:30 da tarde, no salao social, é individual. Fica a pessoa ali, chega, tem um livro, põe seu nome na ordem de chamada, ele olha... Quanta gente que precisa, tá oprimido, com problemas sérios, familiar, ele ora e faz libertação e muita gente endemoniada, você pensa que só o pessoal aí de fora tem? Que nada! Deu brexa o demônio entra mesmo, demônio está doido para entrar na igreja, mas aqui dentro ele faz esse trabalho, vem em media terça-feira umas 25 ou 30 pessoas, toda terça. Tem gente que se recupera, tem gente que não é nem da igreja, a maioria não é, mas falam “olha vái la no pastor Altair”

E: Pastor Altair, ele é metodista?

N: Reverendo Altair, ele é la de Realengo se não me engano...

E: aí ele vem para cá...

N: Ele faz o trabalho aqui e outro dia no Jardim Botânico, já é antigo na metodista, tem a igreja dele mas vem fazer esse trabalho aqui conosco, por que tem que ter dom para isso, por que é cansativo, teve uma ocasio muito mal com problemas cardiacos, pensamos até que ele ia morrer, teve muito mal, mas graças à Deus está aí de volta com a gente e liberta problema de marido e mulhers querendo separar vem, é outro trabalho muito bom que o pastor Cláudio fazia, ele reconciliou muita família aqui e com a saída dele tenho certeza de que muita gente vai sair entendeu? Estava firmado gente nova dentro da igreja, que ainda não concorda, não tem essa visão que ja tenho, a gente tentou fazer um diálogo com o bispo, mas não quis, primeira vez nunca reclamamos de pastor que ele tenha mandado ir embora, mas no seu tempo, no concílio nunca aconteceu isso a gente esperava o segundo ano do pastor que a gente tinha projetos aí em andamento para fazer ...

E:não tem como reverter?

N: Ele não quis voltar atrás entrou de licença, não quis ter diálogo entendeu? Então teve um conflito muito grande, ele está saindo num conflito muito grande, eu acho que o momento foi errado, a gente tem que fazer as

coisas no momento certo, a gente dá uma notícia você saindo hospital é duro, ele [o pastor Marco] quase morreu, pensei que ele não ia resistir, aí começou o organismo não querendo reagir a cirurgia(...)

E: Foi o coração?

N: Hérnia que ele tirou colocou aquela tela, enchia daquele líquido ele ia lá duas vezes por semana, tirava um litro e meio de líquido, ele ficou fragilizado, não podia ficar nem em pé, nesse tumulto todo, até hoje ele pensa “ah tem hora que penso que não é verdade, de repente estava tão bem, vou aí para uma igreja sozinho”, tem três pastores ajudante, para funcionar uma igreja não tem nada a ver com ele até outros métodos, não são iguais, Região dos Lagos é muito diferente, eu sei por que tenho um *Apart Hotel* lá que eu vou e eles lá tem hábitos, tem um culto à noite, um culto grande que enche entendeu? Que começa e não tem hora de acabar, então é muito difícil, então umas coisas a igreja metodista precisava rever. Essa estrutura, como funciona, como pode alguém está ganhando um determinando salário, e a família, como é que fica nisso? Muitos filhos de pastor não são da igreja, não são eu sei por que na minha família tem (...) os filhos já estavam com idade, tem filho já estão voltando para igreja, mas quando jovem, tudo pularam fora por que viam aquilo, o pai já não está mais aí, pula para outra, para outra, jovem não entende, é a idade e nós precisamos compreender, os jovens por que os jovens são nosso futuro, daqui a pouco essa geração morre e como fica a igreja? Tem que parar para pensar na igreja do amanhã, como fica se você não preparar os jovens para isso, por que essas igrejas estão crescendo muito, essa comunidade, outras igrejas por que já começam a preparar os jovens, envolver os jovens na igreja para ela prosseguir, senão não vai prosseguir, aqui tem uma liderança jovem muito boa, grande turma, quatro universitários, né, a Zona Sul tem muita atração noturna durante a semana, barzinhos, boate né, tem muita coisa que atrai os jovens, tem internet, todo mundo com celular com equipamento moderno. Com tudo hoje em dia não pode enganar ninguém, por que a comunicação você fez aquilo lá, abre na mesma hora. Você viu o lance daquele homem que foi consertar o carro da ponte rio niteroi? Que tristeza. Que não encontraram o corpo dele, hoje a gente vê direitinho(...) todo mundo inteiro viu aquela cena. Acho que na mesma hora que acontece aconteceu um negócio aquilo lá todo mundo sabe (...) antigamente demorava muito, a gente tomar conhecimento em alguma coisa hoje em dia não podem mesmo por que tem gente (...) tudo que passa no mundo inteiro na mesma hora quem está fazendo o que quem está falando, o que não é brincadeira, agora calcula você, o evangelho de Paulo naquele tempo, não pode, você tem que falar na atualidade de hoje, senão vão pensar que é doido, você tem que interpretar e trazer na modernidade de hoje os pecados são os mesmos(...) é verdade, são os mesmos esses negócios de matar, começou lá com Caím matando Abel, primeiro homicídio não é? E hoje descobre isso não viu

E: A igreja acaba sendo influenciada...

N: Influenciada pela modernidade e tem que acompanhar a evolução eu vejo pelos meus sobrinhos(...)

E: Culto de papel nem pensar

N:(...) os católicos serem renovados, vai assistir uma missa na igreja de Copacabana, bem moderna, tem um sermão bom, até essa daqui tem perto do Largo do Machado a pouco tempo fui num culto...

E: Não tem mais culto de papel...

N: Tem, mas não é mais daquele tempo, aquele é demais, a pessoa está lendo, dormindo, é verdade, olha eu vejo

E: culto de papel...

N: Botou aquilo na cabeça e sai no automático, como Jesus falou, “não useis de vãs repetições”, você está aqui com o pensamento longe, falando aqui, eu falo que é missa de corpo presente, eu fui professora cinco anos na Amaro Calvalcante [escola estadual próxima]. Ficava olhando aluno e falava “você está igual a missa de corpo presente, o corpo está e o pensamento ôh, thcum”. Você está aqui, mas a cabeça agente sente(...) está resolvendo vários problemas. Missa de corpo presente, então não vale missa de corpo presente, só para o difunto, não está vendo nada mais e para os presentes não, para ele o corpo que está ali mas é uma realidade que às vezes a gente não para para pensar. Não sabe, você sente que a pessoa não está presente? E: missa de corpo presente..

LONGUINI, Entrevista concedida a CARLOS HENRIQUE, 3 de ago, 2011 (19 min. 8s.)

Entrevistador: Vou colocar isso mais perto... Bom, então a primeira questão é: o crescimento das Igrejas Históricas está relacionado ao processo de pentecostalização das comunidades?

Luis: Num certo sentido sim. O processo de pentecostalização das Igrejas Históricas se deu no final de 1960 para a década de 70. Isso dentro das Igrejas Históricas que chegou com o movimento carismático. Isso aconteceu em todas as Igrejas Históricas praticamente. Nesse primeiro momento, de 60 a 70. O que aconteceu? Houve uma divisão. Todas as Igrejas passaram por divisões. Então você teve na Igreja Independente, que foi a primeira, começou no Paraná, etc e tal. Você teve um racha, uma divisão. Surgiu a Igreja Presbiteriana Renovada. Na Igreja Batista você teve a mesma coisa. A partir do movimento em Belo Horizonte com Eneias Tonine e a partir daí uma Igreja Batista Renovada e uma outra Convenção, a Convenção Nacional. E isso foi acontecendo com todas as Igrejas Históricas. Muito tardiamente isso aconteceu na Igreja Evangélica de composição luterana. Que é coisa agora da década de 90 dentro do movimento carismático bastante disfarçado com o nome de Encontrão muito mais evangélico. Enfim, tô falando isso por causa da pergunta. Então, numa primeira parte você tem divisões. O surgimento de Igrejas, todas elas, mantendo o mesmo nome e colocando o nome Renovada,

Carismática, etc e tal. Hoje, especialmente a partir da década de 80, com o fenômeno do Neo-pentecostalismo, as Igrejas Históricas foram meio que obrigadas a acomodar nos seus seios, acomodar no seu meio esses movimentos carismáticos. E isso causou o que? Causou, sem dúvida nenhuma, a pentecostalização das Igrejas Históricas. Tive um grande professor, Sociólogo da Religião, professor Antonio Gouveia de Mendonça, que dizia de maneira muito clara: o Protestantismo Histórico vai acabar. O que vai permanecer é, são as Igrejas Neo-pentecostais e o Pentecostalismo como forma religiosa. Preste atenção, essa frase dele, nós conversamos muitas vezes e tal, não quer dizer que a Igreja Histórica vá acabar, vá deixar de existir a Igreja Presbiteriana, a Meto... não, nada disso. O que vai acontecer é que a religiosidade do Protestantismo Histórico se tornará, se tornará uma religiosidade carismática ou pentecostal. E é o que nós temos vendo hoje. É o que nós temos vendo hoje já. Quer dizer, dificilmente você vê uma Igreja Histórica nos moldes, né, de culto, etc e tal, tradicional como é a Igreja Histórica. A pergunta que se poderia fazer é essa: mas isso é bom ou ruim? Não sei, isso é uma questão de valores. É uma questão exatamente que precisa avaliar. Então, quando as Igrejas do Protestantismo Histórico ou do Protestantismo de Missão quando elas conseguiram assimilar essa nova religiosidade, vamos dizer, aceitar essa religiosidade pentecostal, elas começaram a crescer. Onde é que isso se manifesta? De maneira muito forte, a primeira manifestação disso, nos cultos, na liturgia. Então, dificilmente você vê uma Igreja Histórica hoje que tem uma liturgia mais de acordo com os parâmetros históricos. Nem sei se deveria ter. Tô falando só por uma constatação. Então hoje o culto o que é que é? É o louvor, é o louvorzão, é o ministério profético, é o louvor profético. Enfim, é aquilo tudo que você pode ... inclusive nosso irmão Cleiton é um *expert* no mistério do louvor profético. Você pode chamar ele pra dar um testemunho pra professora que ele vai poder falar sobre...

Entrevistador: boa idéia, boa idéia.

Luis: depois você vai editar essa merda aqui?

Entrevistador: vou, vou (risos)

Luis: Tá bom?

Entrevistador: Tá ótimo, tá ótimo. E aí, continuando nessa mesma linha, a relação... como que é essa relação então? Desses, digamos assim, núcleos né, de carismáticos e pentecostais, né, e as Igrejas Históricas. A relação, né, o povo ali, a comunidade de fé com essa religiosidade pentecostal e a Instituição, né?

Luis: acho até que respondi um pouquinho na primeira, mas existem outras nuances que eu queria enfatizar. Então historicamente você tem uma primeira fase que foi de rompimento. As Igrejas ... Uma segunda fase que eu chamaria de assimilação. Houve uma espécie de diálogo de compreensão. Mas hoje o que acontece, eu acho que essa relação é extremamente problemática porque em alguns casos ainda é muito tensa. É muito tensa. E, o que mais a gente percebe hoje, devido a uma fruição muito grande da concepção eclesiológica do Protestantismo Histórico, que as pessoas acham que a reforma protestante deixou de lado a questão da eclesiologia, enfim, cada um faz o que quer ... O que mais a gente percebe hoje é o seguinte: de repente na Igreja, você percebe, levanta-se um grupo de louvor, começam a trabalhar um líder, e no momento em que há uma discordância esse grupo vai e forma outra Igreja. Então você tem a cada mês, a cada momento Igrejas surgindo aqui e ali e ... por questões puramente litúrgicas, questões de doutrina pentecostal, questão de usos e costumes, basicamente isso. Isso aí tá forjando o surgimento de novas Igrejas. Se você ... eu brinco sempre com meus alunos, eu digo: gente, no Brasil hoje é mais fácil você abrir uma Igreja do que abrir um boteco. Tenta abrir uma empresa no Brasil. Você vai passar por algumas agruras. Igreja você abre em dois dias, com duas pessoas. Estatuto social, etc. Então é uma coisa muito simples, nesse sentido. Não acho que as Igrejas do Protestantismo Histórico conseguiram se relacionar bem com o Pentecostalismo. Algumas escreveram pastorais, algumas escreveram orientações, algumas tiveram uma assimilação mais forte. Não acho. Por exemplo no caso da Igreja Presbiteriana do Brasil, que eu acho que é a mais radical nesse sentido, não quer diálogo, não tem assimilação, proíbe palma nas liturgias, proíbe coreografia etc e tal, mas é em nível muito superficial. Ou seja, a Igreja toda já tá muito carismática. Só o presidente do Supremo Concílio é que não sabe. Então tem que ficar quietinho. Agora, oficialmente a Igreja rejeita isso. Você tem por um lado a Igreja Metodista. A Igreja Metodista já é o contrário. A Igreja Metodista já é toda carismática. Ela pegou certas regiões que assumiu uma postura muito forte. Enfim, eu acho que são essas as relações que acontecem.

Entrevistador: Bom aí você já até adiantou a terceira questão (risos) que seria em relação, por exemplo, os dons de línguas e as profecias, isso então, isso é problemático?

Luis: É problemático. Mas não acho que tenha muito a ver com essa coisa não. Vou explicar. Por exemplo, vamos imaginar ... vamos pegar a concepção da Igreja Presbiteriana do Brasil que é a que eu mais conheço. Então, a confissão de fé de *Westminster* que é a confissão de fé aceita pela Igreja Presbiteriana do Brasil, pela Igreja Presbiteriana Independente e etc, como sistema básico de doutrina, diz de maneira categórica que os dons, os dons extraordinários, os sinais, etc. e tal cessaram no novo testamento. Que isso não tem mais manifestação hoje. Se você for pegar ao pé da letra, então, ponto final. Só que eu duvido. Você pode fazer uma pesquisa em todas as Igrejas Presbiterianas e perguntar membro por membro se a pessoa crê no dom de línguas, na manifestação de línguas hoje, na manifestação do milagre. Você vai ver que absolutamente todo mundo crê em tudo. Crê em tudo. Por que? Porque uma coisa é aquilo que a Igreja estabelece como doutrina. Outra coisa é aquilo que a Igreja pensa que ensina para seus fiéis e outra coisa é a vivência, a prática religiosa. E a pergunta

que a gente tem que fazer: porque que acontece isso? Claro, há uma dissonância, há uma distensão nessa relação. E eu tenho uma explicação muito simples, muito simples, pra isso. Eu costumo dizer também aos meus alunos assim: eu como pastor falo com a minha Igreja 1 hora no Domingo de manhã, 1 hora no Domingo a tarde, 1 hora no culto de quinta feira. 3 horas na semana. 3 horas na semana. E eles estão ouvindo os programas e vendo na televisão 24 horas por dia praticamente, ou 12 horas por dia. Na televisão eles escutam o que? Vêm o que? RR Soares, Igreja Universal, Igreja do Poder de Deus, etc e tal. Toda doutrinação que eles recebem, na realidade é uma doutrinação neo-pentecostal. As rádios evangélicas, as músicas evangélicas, ou seja tudo, tudo, tudo que o cristão ouve diariamente não tem nada a ver com a proposta doutrinária do Protestantismo Histórico. Então isso aí causa tensão muito forte.

Entrevistador: e em relação ao ecumenismo, as Igrejas Históricas, no caso a IPB né, porque o crescimento do pentecostalismo nas Igrejas tá relacionado ao afastamento do movimento ecumênico dessas Igrejas Históricas. No caso da IPB, por exemplo, como é que ela trata do ecumenismo hoje?

Luis: Sim e não. Por que isso aí é também um problema também histórico. Vamos lá. O movimento ecumênico surge exatamente a partir da confluência das chamadas Igrejas Históricas. Todas elas. Metodista, Presbiteriana, Anglicana, Luterana, né? Mesmo a Luterana do Missouri, Congregacionais. Todas, todas. No mundo todo. Inclusive, por exemplo, um aspecto que os metodistas deveriam saber, na ata de fundação do Conselho Mundial de Igrejas, do Brasil estão as Igrejas Metodistas e Presbiteriana. A IPB do Brasil e a Metodista. Só que depois, historicamente, isso foi provocando um distanciamento. Por que? Por causa do movimento fundamentalista, o primeiro afastamento que teve foi da Igreja Presbiteriana do Brasil que deixou a participação no Conselho Mundial de Igrejas, alegando que o Conselho Mundial de Igrejas era liberal, era comunista, era, enfim uma série ... era herético etc e tal. Isso tudo aconteceu basicamente até a década de 60 a70. Depois houve um outro fenômeno. A partir da década de 70, especialmente começou no Brasil uma Igreja liderada por um grande líder pentecostal chamado Manoel de Melo, a Igreja Deus é Amor ... não: Brasil para Cristo. Ele se filiou ao Conselho Mundial de Igrejas. Foi uma das primeiras Igrejas Pentecostais da América Latina. No rastro de muitas Igrejas Pentecostais africanas que também já estavam vinculadas ao Conselho Mundial de Igrejas. Isso começou então a quebrar um certo paradigma. Depois, na América Latina, em 1982, quando houve a Organização do CLAI, Conselho Latino Americano de Igrejas, se não me engano, na ocasião, numa média de 100 ou 95 Igrejas, parece-me que 12 ou 15 eram Igrejas Pentecostais que estavam já filiadas ao que seria o representante do Conselho Ecumênico, vamos dizer, em nível latino americano. Então isso quebrou um pouco aquele paradigma antigo. Não consigo ver, Carlinhos, o crescimento, o avanço do pentecostalismo nas Igrejas Históricas com essa dimensão do afastamento do ecumenismo. Nem sei se isso é uma coisa compreensível. Eu acho que tá ligado mais a outros fatores, né, outros fatores. Como por exemplo, a postura conservadora diante da vida ... Eu hoje apontaria ... o problema hoje das Igrejas especialmente da Igreja Presbiteriana, Metodista ... nem sei se hoje a briga é contra o ecumenismo. Hoje o Neo-pentecostalismo estão tudo muito preocupado com a Maçonaria. É uma briga danada com a Maçonaria. Eles acham que a Maçonaria é do demônio etc e tal. Sempre arrumam, né, elementos e coisas pra brigar nesse sentido. Hoje não sei.

Entrevistador: mas também é uma briga antiga com a Maçonaria.

Luis: É uma briga antiga porque em 1903 houve a divisão da Igreja Presbiteriana Independente com a Igreja Presbiteriana do Brasil, então essa briga já veio de lá. Hoje ressuscita o tema em outros níveis. Mas o núcleo central é a mesma coisa. O Eduardo Carlos Pereira dizia “não pode haver compatibilidade entre Cristianismo e Maçonaria. Eles tão dizendo isso de uma outra maneira. O Eduardo Carlos Pereira usava uma maneira bonita de dizer. Eles hoje dizem que é coisa do demônio, né?”

Entrevistador: influenciados pela fala pentecostal ...

Luis: isso, exatamente. Aí é influência pentecostal, sem dúvida.

Entrevistador: então é só uma dúvida: então essa influência pentecostal veio depois. No caso, em relação a Maçonaria, em relação ao próprio ecumenismo, isso não é uma coisa que se originou na (Toca o telefone - barulhos)

Luis (no telefone): pronto. Oi Gabriela, tudo bem? Pois é, não consegui ainda, porque hoje de manhã eu dei aula a manhã toda. Tô chegando no escritório agora. Mas eu vou ver isso aí. Eu te ligo dentro de 1 hora, tá?

Entrevistador: tá cochilando ... cochilou

Luis: É, eles ficam aí dormindo, o tempo todo meio Zen. Gente vai desculpando...

Entrevistador: Não, então, na sua opinião não há uma relação entre a pentecostalização dessas Igrejas e o afastamento do movimento ecumênico. Isso não é o ...

Luis: Eu acho que não. Não consegui ver essa relação. Mesmo porque, como eu te disse, historicamente os pentecostais acabam por entrar no movimento ecumênico. Não, por exemplo, a Assembléia de Deus, mas... Só que é a Assembléia de Deus no Brasil. A assembléia de Deus na América Central, pô, os caras liberaram um batalhão de tomada do Palácio do Somoza. O batalhão que tomou, na revolução nicaragüense, o Palácio Central, era um batalhão praticamente todo de soldados da Assembléia de Deus. O comandante, que eu conheci, Andre Castro Garcia era pastor da Assembléia de Deus, na revolução sandinista. Pô, vai ser pentecostal bom assim lá longe, né?

(Risos)

Luis: Então, isso é um negócio fantástico. O pessoal não sabe como é que é o pentecostalismo. Os pentecostais, por exemplo, do norte dos Estados Unidos. Os pentecostais negros, bicho, são fantásticos. Os próprios Batistas dos Estados Unidos. É uma mentalidade completamente diferente. Os Batistas do norte são revolucionários, nos Estados Unidos. Enfim, então você tem outro tipo de pentecostalismo. Historicamente você tem, né, essa visão muito diferente. E eles sempre tiveram participação no movimento ecumênico.

Entrevistador: Entendi. Bom, uma última pergunta seria ... que eu até deixei pro final ... é em relação à Igreja Cristã Maranata. Ela é uma dissidência da IPB ou ...?

Luis: A Igreja Cristã Maranata eu não sei dizer pra você, assim, bem concretamente. Eu acho que é. Vou explicar pra você a origem. A Maranata ... a primeira Maranata ... a Maranata surgiu em Goiânia, com um pastor, se eu não me engano, chamado Paulo ... acho que é Paulo de Carvalho. Foi a primeira dissidência. Ele era da Igreja Presbiteriana. Sem dúvida. E saiu e formou a Igreja Maranata. Assim como todas as Igrejas do Neo-pentecostalismo, basicamente, saíram de alguma Igreja Histórica e vice-versa. O próprio Mendonça faz uma análise onde classifica o protestantismo brasileiro através de todas essas correntes, né, Protestantismo de Imigração, Protestantismo de Missão, Pentecostalismo autônomo, Pentecostalismo clássico, o Neo-pentecostalismo. Paul Fletcher classifica de outra maneira, mostrando a questão das ondas. Enfim, cada um tem uma maneira, mas no fundo quase que essa classificação é a mesma. Como se houvesse, então, uma dissidência e uma fosse surgindo da outra. O Neo-pentecostalismo, vamos dizer assim, esse Neo-pentecostalismo recente, que vem desde a Igreja Universal, a Mundial do Reino de Deus, a Igreja Internacional da Graça ... todos eles saíram de Igrejas também, quer dizer, uma dissidência da Nova Vida que já tá entre uma interseção, entre o Pentecostalismo e Neo-pentecostalismo, Igrejas Pentecostais autônomas, diferentes, etc e tal. Então você tem várias Igrejas que surgiram da Igreja Presbiteriana, da Igreja Presbiteriana do Brasil. Ou outras, né. Como eu falei, essas divisões ... historicamente as divisões aconteceram basicamente na década de 30, em 1930 e na década de 60 a 70 em diante. Trinta era a briga por autonomia. As Igrejas lutavam por autonomia, houve uma dissensão na Igreja Metodista. A própria Igreja Presbiteriana Independente que começou em 1903 representa a autonomia. A autonomia de quem? A autonomia das Igrejas mães norte americanas. Esse foi o primeiro ciclo de divisão. A luta pela autonomia das Igrejas. Depois tem as divisões carismáticas, que acontece inclusive na Igreja Católica, diga-se de passagem. Né? O movimento carismático é muito forte. Enfim, e aí você tem em alguns casos, que é o caso da Igreja Presbiteriana na década de 70, divisão por questões ideológicas, perseguição política, o caso maior é a IPU, enfim... né? E vai por aí fora.

Entrevistador: Perfeito. Obrigado aí pela colaboração.

ANEXO B - Questionário de Pesquisa – UERJ / Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais – 2012

Idade: _____ Gênero _____	Est. Civil: _____ Raça ou Etnia: _____ Profissão: _____
Escolaridade:	() Fundamental (Antiga 8ª. Série), () Ensino Médio, () Graduação, () Grad. Incompleto () Pós-graduação
Bairro onde reside:	
Qual o culto que mais freqüenta aos domingos?	() 8:30, () 11:00, () 17:00, () 19:00 Costuma frequentar sempre o mesmo culto? Sim () Não ()
A escolha do horário do culto é motivada:	() pela conveniência do horário, pois não conseguiria vir em outro horário. () por se identificar mais com o perfil do culto. () outro motivo. QUAL?
Quanto tempo é freqüentador da Catedral Metodista?	() 40 anos e mais () de 20 a menos de 40 anos () de 10 anos e menos de 20 () de 5 a menos de 10 anos () de 2 a menos de 5 () de 1 a menos de 2 anos () Menos de 1 ano
Tem familiar como membro da Catedral?	() Sim () Não QUEM (pai, mãe, namorado/conjuge)? _____ Se sim, quantos? Apenas 1 () de 2 a 5 () Mais de 5
Veio transferido de outra Igreja Metodista?	() Sim () Não Outra Igreja? Qual?
Costuma freqüentar outras denominações?	() Sim () Não Se sim, qual?
Acredita ser possível ainda hoje receber dons do Espírito Santo como ocorreu em Pentecostes com os apóstolos? (línguas, profecia, revelações)	() Sim () Não
Concorda com as igrejas que pregam a fé como forma de ter prosperidade material e financeira (teologia da prosperidade)?	() Sim () Não Por que? _____
Costuma ouvir rádios evangélicas e/ou assiste programas evangélicos na TV (Cultos na TV)?	() Sim, sempre. () Eventualmente. () Sim, mas ouço outras rádios e/ou TV seculares () Nunca Se sim, pode citar um?
Compra CD,s ou DVD,s de artistas evangélicos, ou usa a internet acessando sites de conteúdo evangélico?	() Sim, sempre. () Eventualmente. () Sim, mas ouço outras rádios seculares (Com programação não-evangélica)
Cite no máximo três cantores evangélicos que mais gosta.	
Sobre a música no culto, prefere os hinos tradicionais ou as músicas dos artistas EVANGÉLICOS atuais?	() Tradicionais () Músicas atuais () Os dois
Você aprova/gosta do uso de projetor?	() Sim () Não Por que? _____
Você acha que o uso do projetor de textos incentiva as pessoas a não levarem a Bíblia para os cultos?	() Sim () Não
O que te motiva a freqüentar a Catedral metodista?	() Facilidade de acesso. () O convívio com as pessoas, presença de amigos e familiares. () Se identifica com os cultos da Catedral.
Costuma freqüentar a Escola Dominical?	() Sim, sempre () Eventualmente () Nunca
Veio na semana passada?	() Sim () Não
Costuma freqüentar o culto de quinta-feira?	() Sim, sempre. () Eventualmente. () Nunca.
Veio na semana passada?	() Sim () Não
Participa de eventos da Igreja Metodista, como congressos, encontros e festividades fora da Catedral?	() Sim, sempre. () Eventualmente. () Nunca.

Qual foi a última vez que foi?

CATEDRAL METODISTA DO RIO DE JANEIRO
Domingo de Ceia e Consagração dos dizimos
“134 anos testemunhando os grandes feitos de Deus”

- I. ADORAÇÃO
 1. PRELUDIO - ÓRGÃO
 2. LOUVOR DE ADORAÇÃO (1)
 3. SAUDAÇÃO PASTORAL
 4. ORAÇÃO DE INVOCACÃO
 5. CORAL TABERNACULO (11 HORAS)
 6. LETURA BÍBLICA: Sl 100 (8h45) - Sl 96 (11h)
 7. CANTICO: 133 - HE (8h45) - 68 - HE (11h)
- II. CONFISSÃO
 1. CONVITE À CONFISSÃO - I Pe 2.1-5
 2. CORAL TABERNACULO (11 HORAS)
 3. MOMENTO DE REFLEXÃO PESSOAL - ÓRGÃO
 4. ORAÇÃO E PROCLAMAÇÃO DO PERDÃO -
- III. LOUVOR
 1. LOUVOR (8:45 - HE: 387)
 2. SAUDAÇÃO AOS VISITANTES
 3. PASTORAIS
 4. LOUVORES AO SENHOR (1) - 11 HORAS
 5. PROCESSUAL DE OFERTÓRIO - MARCHA DA FIDELIDADE NOS DIZIMOS
 - 5.1. Intercessão pelos dizimistas, mantenedores da igreja e seus familiares - Sl 126.2-3
 - 5.2. Louvor (1)
 - 5.3. Marcha da Fidelidade - Entrega dos Dizimos ao Senhor
 - 5.4. Consagração do Ofertório
 6. ATO FORMAL DE AGRADECIMENTO A DEUS PELA EXISTÊNCIA DA CATEDRAL
 7. MOMENTO DE AÇÃO DE GRAÇAS
 8. CORAL TABERNACULO
- IV. EDIFICAÇÃO
 1. PREGAÇÃO: Rev. Sérgio Ovídio / Bispo Paulo Lockmann
- V. DEDICAÇÃO e INTERCESSÃO
 1. CELEBRAÇÃO DA SANTA CEIA
 - 1.1. Cântico: 36 - HE (8h45 e 11:00)
 - 1.2. Ritual de Consagração da Ceia do Senhor
 - 1.3. Distribuição dos Elementos
 2. CELEBRAÇÃO DO PAI NOSSO (ORAÇÃO DOMINICAL)
 3. DOXOLOGIA: 498
 4. BENÇÃO APOSTOLICA
 5. POSLUDIO



Ano CXXXIII - Rio de Janeiro - 02 de dezembro de 2012

Meu Reino não é deste mundo? (João 18,33-37)

Edmilson Schiavo e Tito Bohn Cass

Para Jesus, a morte se mostrava iminente. Talvez lhe restasse apenas uma saída: fazer o jogo do poder, oferecido por Pilatos. Isso significaria abandonar o projeto que tinha assumido e proposto a seu grupo de seguidores e seguidores. A conversa é tensa e Jesus pouco fala. O mundo de Pilatos não é o seu. É assim que a comunidade joanina nos descreve o confronto entre dois projetos: o "mundo" e o "Reino". Ao ser indagado, Jesus assume a sua realidade. Mas esclarece: "Meu Reino não é como os reinos deste mundo" (João 18,36). Na história da interpretação dos textos joaninos, com certeza essa é uma das frases que mais serviu para manipular a proposta de Jesus. Muitos a interpretaram como a afirmação de que a missão de Jesus foi "salvar almas para depois da morte" e não salvar vidas. Seu Reino foi jogado apenas para o céu (o pós-morte), como se Jesus não tivesse dito em sua oração: "venha o teu reino, seja realizada na terra a tua vontade, como é realizada nos céus" (Mateus 6,10).

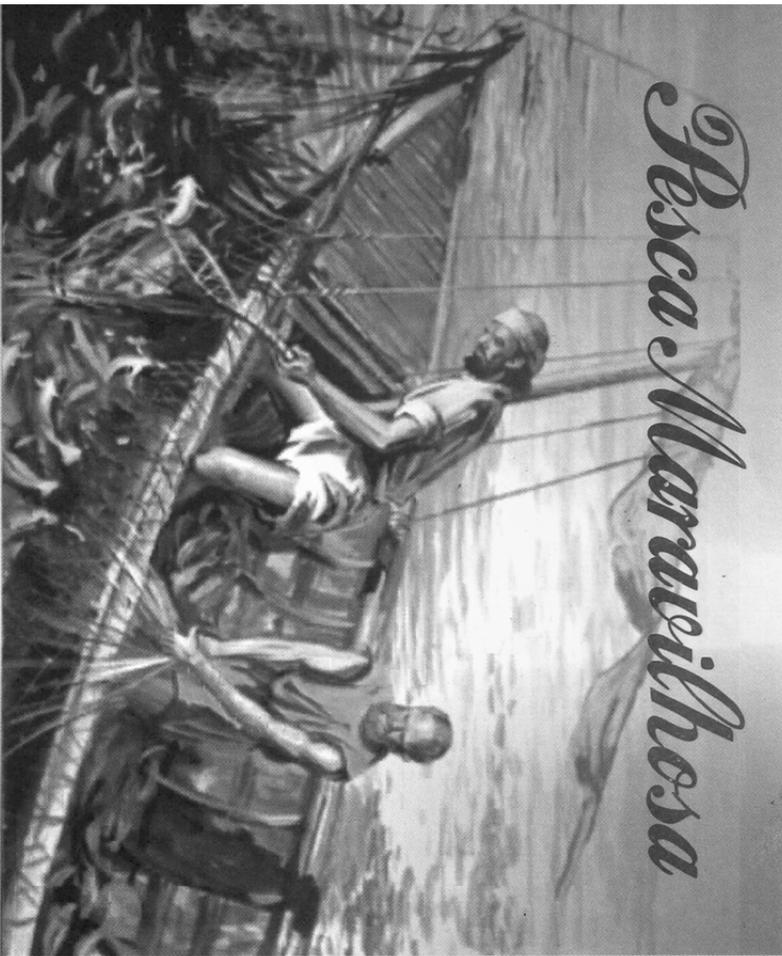
Meu Reino não é como os reinos deste mundo

Nos escritos joaninos, o termo *mundo* significa tudo o que se opõe ao projeto de Deus. Tudo aquilo que destrói a Igreja. Ora, as comunidades joaninas sabiam muito bem como era o mundo de Pilatos, representante do Império Romano na Judeia. O *mundo* do Império impunha seu poder pela força das armas e pelas negociações e artimanhas, entre relações desleais, corruptas e corruptoras. A proposta de Jesus é outra, seu Reino não compactua com este mundo. O Reino de Jesus se apóia no poder serviço (João 13), que não busca prestígio, mas que doa sua vida até a morte na cruz para que a vida aconteça em plenitude (João 10,10).

Jesus é rei, mas de outro projeto político

Muitas vezes, a frase em questão também é utilizada para justificar a postura de gente que afirma que "política e religião não se misturam". No intuito de justificar seu comportamento religioso teoricamente apolítico, pessoas e grupos também "espiritualizam" a leitura do movimento de Jesus: enquanto "rei espiritual" dos judeus, o Mestre almejava anunciar uma mensagem de paz totalmente espiritual e religiosa. Infelizmente, não raras vezes, líderes religiosos deturpam a mensagem de Jesus, articulando como montar seu projeto, com o argumento de ser isso espiritual, vivem atrelamentos vergonhosos com políticos, líderes religiosos e empresários.

ANEXO D - Carnê da Campanha "Pesca Maravilhosa" em outubro de 2012.



Pesca Maravilhosa

1ª PEDIDO

2ª PEDIDO

3ª PEDIDO

4ª PEDIDO

5ª PEDIDO

6ª PEDIDO

7ª PEDIDO

"Respondeu-lhe Simão: Mestre, havendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos, mas, sobre a tua palavra, lançarei as redes".
(Lucas 5:5)